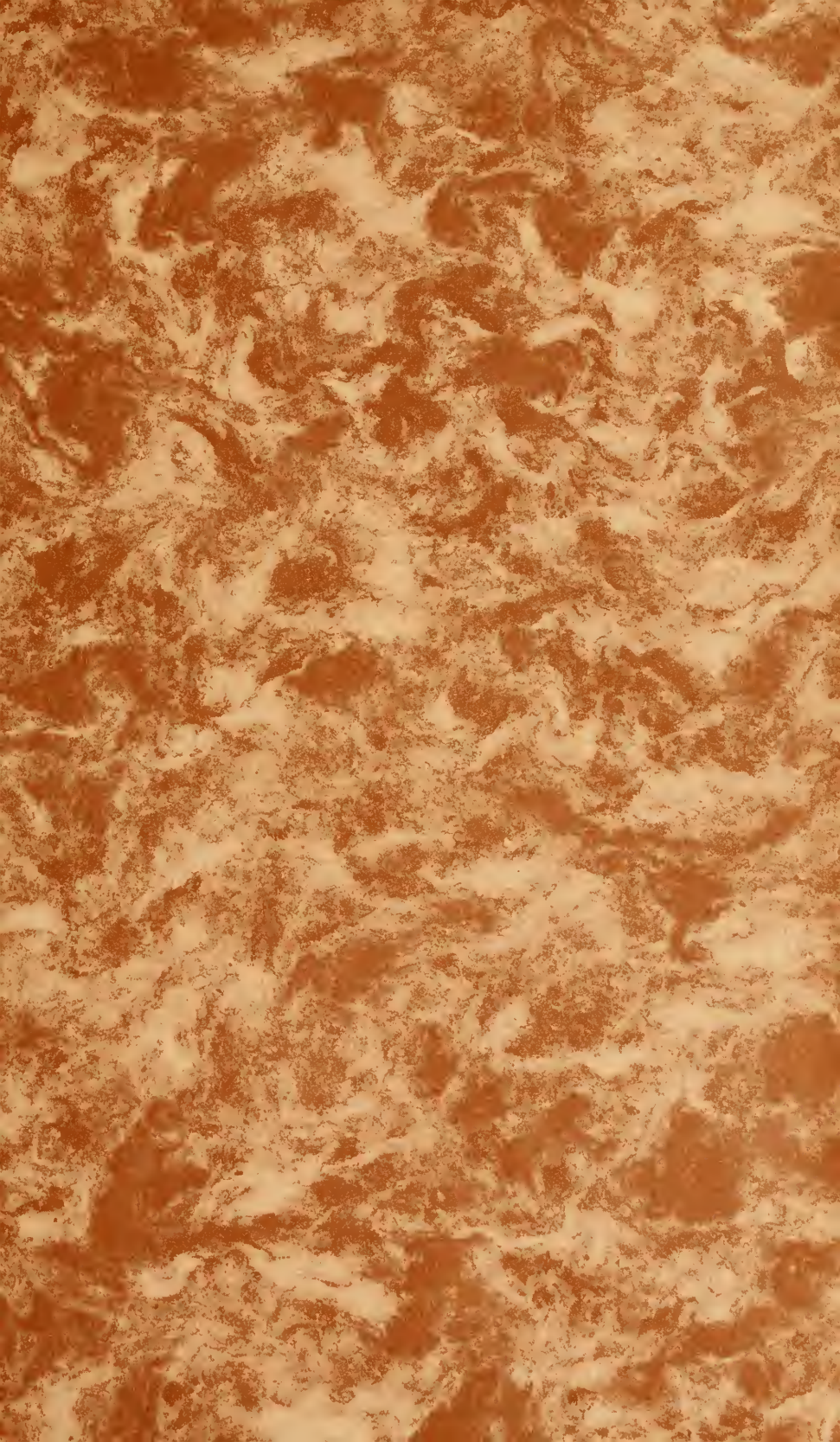


THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

NOVOS TESTEMUNHOS DA CIVILIZAÇÃO NEOLITHICA.

ACQUIZIÇÕES DO MUSEU MUNICIPAL DE ELVAS.

SALACIA.

ANTIGUIDADES DOS ARREDORES DE SETUBAL.

BIBLIOGRAPHIA EPIGRAPHICA PORTUGUESA.

XORCA DE OURO.

NOTÍCIAS DO MUSEU ARCHEOLOGICO DE FARO.

MEDALHAS DO CONDE DA RIBEIRA-GRANDE.

ESTÁTUAS DE GUERREIROS LUSITANOS.

Este fasciculo vae illustrado com 8 estampas.

O ARCHEOLOGO
PORTUGUÊS

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

REDACTOR — J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. II

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

COLLABORADORES D'ESTE VOLUME

- A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO: pag. 55.
ALBINO PEREIRA LOPO: 287.
A. MESQUITA DE FIGUEIREDO: 54, 162.
ANTONIO DE VASCONCELLOS: 273.
A. P. DE MIRANDA MONTENEGRO: 229.
A. DOS SANTOS ROCHA: 65, 106, 154, 226.
C. DA CAMARA MANUEL: 95, 113, 221, 302.
CESAR PIRES: 229, 278.
DAVID LOPES: 204.
F. ALVES PEREIRA: 319.
G. DE ALMEIDA SANTOS: 289.
HENRIQUE BOTELHO: 81, 264, 298, 299.
J. LEITE DE VASCONCELLOS: 1, 2, 17, 28, 29, 54, 58, 80, 86, 92, 104,
112, 116, 134, 142, 158, 161, 166, 168, 172, 174, 175, 192, 225,
230, 231, 237, 241, 243, 245, 248 (bis), 267, 272, 280, 282, 284,
285 (bis), 290, 295, 299, 301, 320, 321.
J. M. PEREIRA BOTTO: 25, 152, 167, 296.
JOAQUIM CORREIA BAPTISTA: 5, 143.
JOAQUIM DE VASCONCELLOS: 33
L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA: 269.
MÁRQUES DA COSTA: 10.
MARTINS CAPELLA: 97.
MAXIMIANO APOLLINARIO: 210.
M. DE MATOS SILVA: 239.
OLIVEIRA GUIMARÃES: 83.
PAULO CHOFFAT: 301.
P. BELCHIOR DA CRUZ: 234, 292.
PEDRO A. DE AZEVEDO: 62, 89, 136, 177, 252, 305.
SOUSA VITERBO: 11, 49, 145, 193.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

JANEIRO DE 1896

N.º 1

Novos testemunhos da civilização neolithica

Em Setembro de 1895 estive no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar, onde o Sr. P.^o Raphael Rodrigues teve a amabilidade de me mostrar algumas das antas neolithicas que elle e o Sr. P.^o José Brenha haviam explorado. D'estas antas fallou já o primeiro n-*O Archeologo Português*, I, 36 e 346.

Ao mesmo tempo que o Sr. P.^o Raphael Rodrigues me mostrou as antas, mostrou-me tambem todos os objectos que possuia, lá encontrados, e que despertam realmente interesse e curiosidade. Se uns são ignuaes ou semelhantes aos que apparecem frequentemente nas antas, nas grutas, nos castros, e mesmo nos campos, como machados, martellos, etc., outros são originaes, e por ora não conhecidos ainda na prehistoria do nosso país, pois consistem em figuras de pedra que representam animaes. D'estas figuras me occupo no vol. I das minhas *Religiões da Lusitania*, que está para sahir do prelo; por isso limito-me a dizer aqui que taes figuras symbolisavam, no meu entender, idolos ou feitiços que se collocavam junto dos mortos para os defenderem do mal: effectivamente os povos antigos (e ainda hoje os selvagens fazem o mesmo) depositavam nas sepulturas todos aquelles objectos que podiam servir ao morto na outra vida, a qual, segundo a crença, pouco ou nada differia d'esta.

O Sr. P.^o Raphael Rodrigues levou a sua amabilidade a offerer-me, para o Museu Ethnographico, alguns d'esses objectos, e ainda outros, que serão indicados na secção destinada a relatar as «Acquisições do Museu».

Depois que voltei a Lisboa, em Outubro, tive occasião de dar ao Ex.^{mo} Ministro da Justiça, o Sr. Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, conhecimento dos descobrimentos realizados em Trás-os-Montes pelos Rev.^{dos} Rodrigues e Brenha. S. Ex.^a, a quem os assum-

ptos scientificos merecem toda a sympathia, pois é d'elles illustre cultor, empenhou-se em que o Museu Ethnographico fosse ainda enriquecido com mais alguns d'aquelles objectos, e de facto obteve que o Rev.^{do} Raphael Rodrigues, com quem mantem relações de amizade, lhe remetteste outros, que logo fez o obsequio de me entregar, e de que publicarei a respectiva relação n-*O Archeologo*, juntamente com a dos primeiros.

Debaixo de qualquer aspecto que consideremos os referidos objectos, reconheceremos a sua importancia scientifica. Quanto á arte, mostram uma feição, que ainda não tinha sido observada, de modo preciso e absolutamente certo, no periodo neolithico, — a aptidão para representar na esculptura a figura animal. Quanto á religião, revelam um novo elemento, qual é a existencia de idolos ou feitiços no quadro das ideias sobrenaturaes dos nossos avós. E de nenhuma d'estas noções se póde com verdade dizer que não esclareça um pouco a história de um grupo dos velhos habitadores do norte de Portugal.

Receba de novo S. Ex.^a o Sr. Conselheiro Antonio de Azevedo, e S. Rev.^a o Sr. P.^o Raphael Rodrigues, os meus sinceros agradecimentos. Como director do Museu Ethnographico, não devo, ao dar aos leitores a boa notícia d'esta acquisição, deixar de me congratular por ver que ha mais uma vez quem não duvida, em beneficio de um estabelecimento público, de character scientifico, privar-se de objectos seus, em que particularmente põe gôsto, — e que a archeologia portuguesa vae achando protecção nas altas personagens que superintendem nas cousas do Estado.

J. L. DE V.

Acquisições do Museu Municipal de Elvas

Dando conta de uma sessão da Ex.^{ma} Camara Municipal de Elvas, diz *O Elvense*, de 19 de Dezembro corrente, que ella tomou a seguinte deliberação:

«— Que, pela verba n.^o 1, capitulo 19.^o, titulo 1.^o, do orçamento geral do municipio, se adquirissem, pela quantia de 13,5400 réis, para o Museu archeologico e historico, estabelecido junto da Bibliotheca municipal d'esta cidade, os seguintes objectos prehistoricos e romanos ultimamente recolhidos, por effeito de várias explorações a que se procedeu neste concelho de Elvas, em outros concelhos da provincia do Alemtejo, e ainda na Extremadura hespanhola:

1) Um *pondus* de barro vermelho, igual ao da figura 5.^a do n.º 4 d-*O Archeologo Português*: — encontrado nas circumvizinhanças da villa de Campo-Maior;

2) Uma panella de barro grosseiro, partida na parte superior, com vestigios de haver tido asa, e com indicios do uso da roda de oleiro: — encontrada numa sepultura romana, de alvenaria ordinaria, em a herdade de Alfaroia, freguesia de S. Pedro, do concelho de Elvas. Na sepultura, que estava coberta por tres pedras, e sem inscripção funeraria, não havia mais do que a panella e terra;

3) Uma placa de ardosia, de faces planas, com dois orificios de suspensão e ornamentada numa das faces: — encontrada, por virtude de exploração, numa anta que existe na propriedade denominada *Acenha de la Borrega*, provincia de Cáceres (Hispanha);

4) Um vaso de barro alvadio, bojudo e de gargalo estreito, com indicios do uso da roda de oleiro, partido num dos lados, mas conservando-se quatro dos fragmentos: — achado, por meio de exploração, numa sepultura romana, na herdade de *La Mayorca*, provincia de Caceres (Hispanha);

5) Uma fusaiola de barro, igual á de n.º 24 da figura 2.^a do n.º 6 d-*O Archeologo Português*: — encontrada nos arredores de Campo-Maior, em propriedade de Manuel Marrafa;

6) Cinco fragmentos de uma amphora. Os principaes fragmentos são os da tampa ou operculo, e o do fundo. O fragmento do fundo está perfeitamente conservado, e é igual ao fragmento n.º 19 da figura 2.^a do n.º 6 d-*O Archeologo Português*. A amphora appareceu, por virtude de exploração, na herdade de Valle de Monteiros, a 5 kilometros de distancia da villa de Arronches, no sitio denominado *Covas Mouriscas* e *Pedras Molares*, e continha limalha de ferro. A cavidade em que se achou a amphora estava coberta por uma pedra e com uma sigla;

7) Um bom exemplar de vaso de barro grosseiro, sem ornamentações, a não ser uma mamilla, e com indicios de haver tido outra a distancia de dois centimetros d'aquella. Apresenta evidentes vestigios de haver sido exposto ao fogo. Igual ao de figura n.º 2, do n.º 5 d-*O Archeologo Português*: — encontrado, por meio de exploração, numa anta em Porto da Espada;

8) Um fragmento de ponta de faca, de silex, que mede cinco centimetros: — encontrado numa anta, que existe na propriedade denominada *Acenha de la Borrega*, provincia de Caceres (Hispanha);

9) Um bom exemplar de ardosia com fórma de peixe: — encontrado nos arredores de Villa Boim, concelho de Elvas;

10) Fragmento (o gargalo) de um *unguentarium* de vidro esverdeado. — O *unguentarium* foi encontrado inteiro numa sepultura romana, em a herdade dos Mosteiros, concelho de Arronches. A pedra da sepultura não tinha inscripção. Dentro da sepultura foi tambem encontrada uma grande porção de cinza negra;

11) Dois fragmentos, um de vaso, outro de ladrilho, romanos, encontrados numa sepultura cineraria, de alvenaria ordinaria e muito endurecida, descoberta na herdade de Villa Cova, freguesia de Santa Eulalia, concelho de Elvas. A sepultura foi explorada até á profundidade de 2 e $\frac{1}{2}$ metros, nada se encontrando, alem dos dois fragmentos apontados e de cinza;

12) Cinco pequenos objectos de pedra com fórma de contas, e um d'elles com fórma de um grão de bico; varios fragmentos (oito) de ceramica antiga, notando-se, nalguns d'estes, vestigios de industria prehistorica e de industria romana: — encontrados, por meio de exploração, numa anta situada na propriedade denominada *Acenha de la Borrega*, provincia de Cáceres (Hispanha);

13) Um pedaço de escumalha de ferro, achado na referida propriedade;

14) Dois pequenos pedaços de bordos de um vaso de barro saguntino: — encontrado a 5 kilometros da villa de Arronches, na herdade de Valle de Monteiros;

15) Duas *fusaiolas* de barro, — encontradas, por virtude de exploração, na *Herdade de la Mayorca*, provincia de Cáceres (Hispanha);

16) Tres pedaços de barro branco, com indicios de haverem tido qualquer applicação. Diz-se que faziam parte de diferentes «balas», encontradas, em número de umas 50, no Porto das Aguas Claras, provincia de Caceres (Hispanha). (Pelouros?). Tres outros pedaços mais pequenos, tambem ali encontrados. Um pequeno objecto (oval) de pedra, perfurado, mas sem que o furo passe ao lado contrario; — o furo tem dois centimetros de profundidade e o objecto tem dois e meio centimetros de comprimento. Informam que este objecto estava dentro de uma das *balas* maiores, ou pelouros;

17) Um fragmento de ponta de faca, de pedra polida, medindo cinco centimetros: — encontrado, por meio de exploração, numa anta situada na *Herdade de la Mayorca*, provincia de Cáceres (Hispanha); e

18) Uma pequena lamina de cobre, com ornamentos numa das faces, e argola para suspensão: — achada dentro das muralhas da villa de Arronches, nas ruinas do Castello».

*

A Ex.^{ma} Camara de Elvas merece todo o louvor pela sua justa e patriótica deliberação. É só depois de se organizarem assim, a pouco e pouco, museus locais, que se poderá conhecer completamente a archeologia, e portanto a historia antiga, do nosso país.

Entre os factos mencionados na noticia transcrita, merece especial attenção o de se terem encontrado numa anta em Cáceres (Hispanha) placas prehistoricas de schisto ornamentadas. O apparecimento de taes objectos fóra de Portugal é novo; com excepção de uns objectos semelhantes, mas de nenhum modo iguaes, que se conheciam provenientes de outros países, não havia ainda apparecido alem da fronteira placa nenhuma como a nossa. Em verdade, como Cáceres fica numa provincia que confina com Portugal, e pertencia á antiga Lusitania, o facto não tem nada de extraordinario; mas, em todo o caso, é novo,—e mais valor adquire por isso a aquisição que acaba de se fazer para o Museu Municipal elvense.

J. L. DE V.

Salacia

A historia da vetusta *Alcacere* ou Alcacer-do-Sal, que foi durante muito tempo e por varios escriptores considerada como a antiga *Salacia*, parece achar-se ainda a respeito de tão honrosa procedencia envolta em trevas, que só aturados estudos e proficientes pesquisas poderão desvendar.

O sabio Dr. E. Hübner, nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, diz que ainda é opinativo se a Salacia estava situada em Alcacer, ou em Santa Margarida do Sado, e nota que a distancia marcada pelo *Itinerario* entre Salacia e Evora não confere nem para Alcacer, nem para aquella freguesia, ainda que nesta se encontraram várias inscrições romanas.

Ao espirito do menos culto observador, desejoso comtudo de saber, duas dúvidas se offerecem desde logo.

Lembro em primeiro logar o facto de apparecerem em Santa Margarida inscrições referentes ao municipio *Salaciensis*, e em segundo, posto que menos importante, o da discordancia na distancia marcada no *Itinerario*.

Muito succintamente vou expôr algumas razões que *não excluem a possibilidade* de que a Salacia estivesse situada no aro de Alcacer, e antes poderão, acompanhadas de futuros esclarecimentos e bem ordenadas pesquisas, comprovar que a sua existencia foi precisamente ali, no aro da actual villa.

*

Santa Margarida do Sado é uma freguesia pouco importante do concelho de Ferreira do Alentejo, situada numa pequena elevação, e a uns cem metros do rio Sado, em cuja margem direita fica.

Fui ali em 1894, aguilhoado pela leitura do eminente sabio a que me referi, e verifiquei a existencia de duas pedras que eram a base de columnas ou monumentos romanos, havendo uma terceira pedra, onde se vian uns caracteres muito safados, mas talvez legiveis ainda para os epigraphistas; e alem d'isso alguns metros de pavimento de formigão ou betonilha (construcção feita com cal, pouca areia, pedacitos de tijolos e de seixos), pedaços de telha — a tegula e o imbrice — e tijolos de grandes dimensões e bastante grossos.

Junto da porta da igreja, pequeno edificio sem gosto architectonico, existiam duas sepulturas doliars, medindo uma d'ellas seis palmos e outra cinco. Esta ultima é quasi igual a uma que já está no Museu Municipal de Alcacer.

Existiu sem dúvida ali uma povoação da epocha romana, e foi tambem decerto estação pre-romana, poisque frequentemente, por aquelles campos, apparecem machados, martellos, polidores e outros objectos caracteristicos dos tempos prehistoricos.

Não ha, porém, vestigios de grandes edificios, nem de muralhas, canalizações, etc., e não deve attribuir-se essa falta ao facto de terem servido os seus materiaes para novas construcções, porque não as ha ali, nem a muitas legoas em redor. A povoação de Santa Margarida compõe-se de dezoito a vinte casas, terreas, algumas edificadas sobre o pavimento romano, que ainda se conserva, como já disse.

Não succede outro tanto em Alcacer, onde posteriormente ao dominio romano se construíram conventos, igrejas, bons edificios particulares, todos repletos de finos marmores, de fustes de columnas, etc., factos verificados pelo redactor do *Archeologo Português*, no n.º 3.º

São do Dr. João de Sousa Caria, nas suas *Imagens conceituosas*, 1731, os seguintes versos:

Josuino pinta em verso já prostados
Os palacios de Alcacer sublimados.

Tinha sem dúvida a fallada povoação romana, quiçá pertencente ao municipio Salaciense, mais importancia do que outras que existiram na mesma margem direita do Sado, mas acho pouco, muito pouco mesmo, para uma cidade que, como a Salacia, *gozou do privilegio de municipio do antigo Lacio, que era uma dignidade pela qual ficaram seus moradores iguaes aos mesmos habitantes de Roma*; diz tambem Plinio na *Natur. Hist.*, IV, 116: «SALACIA cognominata URBS IMPERATORIA».

Eu conheço vestigios de epochas romanas, em quasi toda a margem direita do rio Sado, e ainda em outros seus confluentes.

Abaixo de Santa Margarida, na herdade da Miranda (?), freguesia de S. Mamede do Sado, encontrei eu alicerces de uma edificacção, e junto d'elles muitos fragmentos de tegulas e de tijolos, e ainda um peso, igual aos muitos aqui encontrados.

E ainda na direcção de Alcacer, na Quinta de Cima, freguesia de S. Romão, que confina com aquella de S. Mamede, apparecem os mesmos vestigios, e pedaços de amphoras.

Na herdade de Porto de Carro, da mesma freguesia de S. Romão, ainda os mesmos vestigios, e d'ali veiu para o Museu Municipal, offerecida pelo Sr. Joaquim A. dos Reis Cordeiro, uma bella telha de rebordo, a mais perfeita que ainda vi, e que mede 0^m,581 de comprimento, 0^m,425 de largura, e de espessura no rebordo 0^m,050, e no centro 0^m,025.

E mais abaixo ainda, a quatro kilometros de Alcacer, no sitio da Barrosinha, existem alicerces, e muitos pedaços das falladas typicas telhas e tijolos, em sitio tão elevado que foi preferido pelo proprietario da respectiva herdade para eira; e a uns quatro metros do rio, na mesma margem direita, ainda se encontram inconfundiveis vestigios de um forno, estando a descoberto um pedaço de pavimento feito de formigão. Neste local julgo facil extrahir algumas telhas e amphoras completas, desde que se faça uma methodica exploracção.

Outro tanto succederá no sitio da Xarroqueira, a cinco kilometros a jusante de Alcacer e ainda na mesma margem, onde se vêem muitos fragmentos de amphoras e de tijolos. Parece que houve ahi, como na Barrosinha, varios fornos.

A avaliar pela grande quantidade de pedaços que em ambos os pretensos fornos se encontram, bem notaveis deveriam ser aquelles estabelecimentos de industria ceramica.

*

Não sei qual é a distancia marcada pelo *Itinerario* entre Alcacer e Evora, para poder dizer sobre a differença de doze milhas a mais para Alcacer notada pelo referido homem de sciencia; é certo que essa distancia pôde variar conforme se calcular pelas estradas actuaes, pelas antigas, ou ainda por uma que seguisse uma recta de Evora a Alcacer.

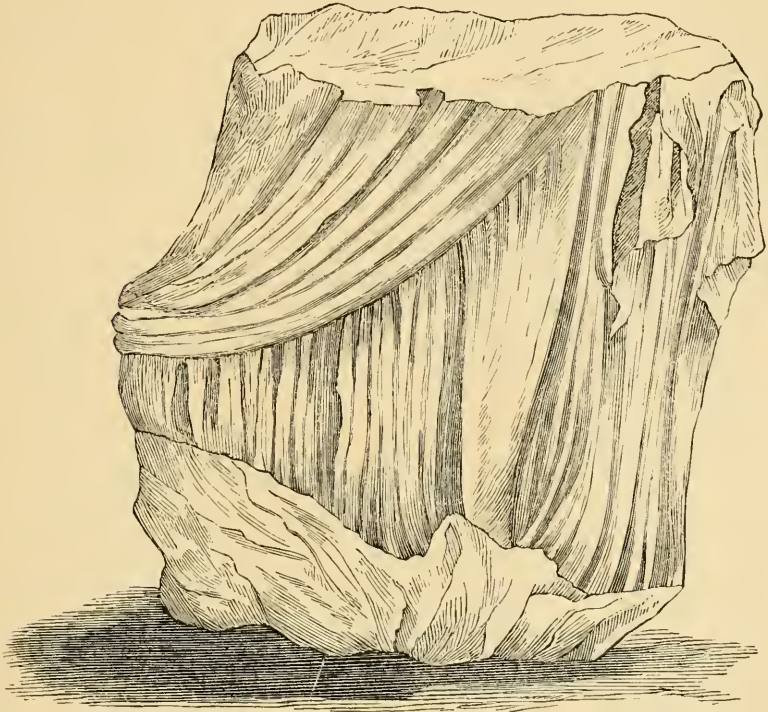
Numa obra relativamente moderna, o *Diccionario* do P.^o Cardoso, dá-se Alcacer distante de Torrão cinco leguas, quando pela actual estrada real essa distancia é de trinta e sete kilometros.



De resto o Sr. Hübner o diz, e com elle outros reputados escriptores, esta questão do *Itinerario* está ainda por precisar, o que não será muito facil.

Que existiam estradas de Salacia (se era aqui no aro de Alcacer), para Evora e para Beja não ha que duvidar, parece-me. Na antiga estrada de Alcacer a Evora, e no sitio denominado «Casa Branca», ainda existem uns duzentos metros de calçada, feita com grandes pedaços de basalto; e na mesma herdade, e proximo do monte, encontra-se uma pedra-marmore, de secção quadrangular, terminando esphericamente e tendo na parte espherica, em relevo, tres cordões. Falla-se ainda muito na antiga estrada de Alcacer a Beja, — a estrada militar, diz-se geralmente. Nesta estrada ainda se encontram diversos troços de calçada de basalto, e eu vi um d'esses pedaços na herdade da Quinta de Cima. Esta estrada serviria para diversos casaes disse-

minados pela margem direita do Sado, cujos vestígios deixei em parte apontados, bem como da outra, a de Evora, se serviriam identicos povoadores das margens de alguns confluentes do Sado, que os houve, alguns, como nos Castellejos, já reconhecidos pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, e outros attestados por importantes restos de edificações na herdade de S. Braz que extrema com a ribeira de Sítimos.



*

Na aro de Alcacer, e na eminencia, em cuja encosta assenta, quasi em amphiteatro, a actual villa, encontram-se, numa extensão não inferior a dois kilometros (tenho tomado nota de diversos sitios para futuras apreciações), grandes vestígios de edificações, muitas moedas romanas — e tal é a quantidade das moedas que, tendo saído d'aqui ha muitos annos boa porção, em poucos meses de existencia que conta o Museu Municipal, possui elle já cêrca de 200 — e em determinados sitios encontram-se á superficie da terra pedaços de barro saguntino e de mosaicos.

Tem sido já publicadas inscripções romanas aqui encontradas, e quem sabe quão preciosos documentos d'este genero servem de alicerces a miserandas casas!

Ha pouco entrou para o Museu, por deposito do meu ex.^{mo} amigo Faria Gentil, uma cabeça de estatua romana, de bello marmore, que ainda não ha muitos annos foi vista numa das paredes da egreja de S. Vicente.

A belleza esculptural do objecto de que fallo, pode verificar-se, dando-se á estampa a photographia que remetto ao redactor d'*O Archeologo*.

Tambem entrou mais para o Museu, alem de uma pedra com uma inscripção romana, ainda não decifrada, por estarem safadas algumas letras, parte de uma estatua de marmore, cujo desenho, para ser publicado, egualmente remetto.

É de prever que com estes e outros achados, verdadeiros padrões locais, e com um estudo de reconhecimento feito por pessoa competente, possam dissipar as duvidas algo offensivas do fulgor historico da vetusta Alcacer, ou então que se lhe *descubra* outro nome para designar a nobre e opulenta povoação, cujos vestigios aqui estão patentés.

Alcacer-do-Sal.

JOAQUIM CORREIA BAPTISTA.

Antiguidades dos arredores de Setubal

1. Povoação romana de Alferrar

Tres kilometros a NW. de Setubal fica o sítio de Alferrar, onde se vêem as ruinas dos dois conventos de S. Paulo e Santo Antonio dos Capuchos. É tambem ahi, e no local chamado Arca d'Agua, que tem origem as aguas que são conduzidas por aqueducto a Setubal.

Quem pelo caminho, que de Setubal conduz a Alferrar, chegar ao lagar que era dos freires de S. Tiago de Palmella, e se dirigir para a Arca d'Agua, notará nas paredes da trincheira do caminho, principalmente do lado direito, grande numero de destroços de habitações, taes como tijolos, telhas de extraordinaria grossura, e argamassa igual á que fórma as cetarias de Cetobriga, e a que chamam *opus signinum*. No principio do caminho que conduz á quinta de S. Romão ha ainda alicerces bem visiveis, nalguns dos quaes foi mettida

aquella argamassa (*opus signinum*). Dentro da dita quinta, e proximo da pequena elevação de terreno, onde foi a capella de S. Romão, vêem-se os restos de paredes de casas, numa das quaes se observa ainda o pavimento formado da dita argamassa. Este pavimento é em tudo igual aos que tenho visto do tempo dos Romanos, e sobre os quaes estes costumavam formar bellissimos mosaicos, como o que achei em 1872 no sítio de Martim Gil, proximo a Leiria, e do qual foi tirado o fragmento que hoje se acha no Museu do Carmo, em Lisboa.

No referido sítio da Arca d'Agua está servindo actualmente de resguardo ao cunhal de uma pobre casa de campo o pilar de uma columna de marmore, que poderá ser coeva dos restos da habitação de que acabo de fallar; no mesmo caso estará um pedaço de marmore lavrado, que se encontra num campo vizinho.

Creio que estes vestigios, que se estendem por uma encosta, numa extensão de meio kilometro pouco mais ou menos, pertencem a uma pequena povoação romana.

MÁRQUES DA COSTA.

Bibliographia epigraphica portuguesa

De ha muito que os estudiosos lamentam a falta de uma obra aonde estejam reunidas as inscripções portugesas, subsidio indispensavel para qualquer trabalho de investigação historica.

Antonio Joaquim Moreira formou uma collecção de 10 volumes, que se conserva manuscrita na Academia Real das Sciencias, e onde foi lançando as inscripções de toda a natureza, que encontrou nos livros, de que obteve cópia, ou de que fez leitura directa. Comprehende tambem as inscripções romanas. Esta obra, convenientemente joeirada, poderia servir de nucleo ou base para um corpo de inscripções portugesas. É possivel que muitas das que ali estão registadas já se tenham perdido. Em todo o caso a publicação não deveria ser feita sem se cotejarem as cópias com os originaes, todas as vezes que tal confronto fôsse possivel. A obra de Moreira está feita sem systema: póde-se dizer uma serie de apontamentos, a que falta a devida classificação. Qual seria o plano que mais conviria adoptar? O chronologico ou o topographico? Quer-nos parecer que seria mais vantajoso adoptar-se a ordem regional, inserindo-se todavia no fim tabellas variadas, por onde o leitor ficasse sabendo rapidamente a epocha, a natu-

reza, e o character artistico, paleographico e historico das inscripções, que lhe conviesse consultar¹.

O trabalho não deveria limitar-se ao continente portuguez, mas ás ilhas e a todas ás nossas possessões, ás existentes e ás que já fizeram parte do nosso extenso dominio ultramarino. Respectivamente á India, as explorações de Rivara pouco deixam a desejar, embora existam lacunas que preencher. Com relação a parte da Africa, já se incumbiu d'essa tarefa o Sr. Joaquim José Lapa. O Brasil deve dar uma colheita abundante e preciosa, e seria bom interessar nesta empresa os nossos compatriotas americanos.

O resto da Europa forneceria tambem uma contribuição razoavel, sobretudo a Hespanha. O Sr. Frascarelli já nos proporcionou o que havia em Roma, mas as outras cidades de Italia certamente que não serão de todo pobres. Na Flandres abundam os elementos, como se pôde ver pelo livro do Sr. Van der Busch, *Flandre et Portugal*. Na França não faltam as inscripções commemorativas de nomes e cousas portuguezas.

O recenseamento não houvera de cingir-se ás inscripções lapidares, mas houvera de abranger todos os ramos. Uma especialidade que tem sido pouco explorada é a das inscripções em objectos de arte e de culto. Os subsidios valiosissimos que se poderiam colher d'esta provincia avaliam-se facilmente pelo que se encontra no *Catalogo da exposição de arte ornamental* realizada em Lisboa em 1882. Os sinos, os relogios, os orgãos, os instrumentos de musica, os livros illuminados, qualquer artefacto emfim, deve ser analysado sob este ponto de vista. Assim o exigem a archeologia e a historia da arte.

Algumas obras conhecemos que já contem elementos preciosos para uma collecção epigraphica. O *Agiologio Lusitano*, por exemplo, está neste caso. Algumas chronicas religiosas são tambem ricas nesta materia. O *Antiquario Conimbricense*, as *Dissertações Chronologicas*, o *Catalogo* do museu do Instituto, a *Descripção das moedas*, do sr. Teixeira de Aragão, a *Lisboa antiga*, do sr. visconde de Castilho, muitas descripções de terras e monumentos, fornecem da mesma sorte materiaes de consideravel valor.

¹ Borges de Figueiredo em nota a um artigo seu, *Miscellanea epigraphica*, *Inscripção de Perosello*, publicado a pag. 83 do vol. iv da *Revista Archeologica*, faz uma critica, que nos parece demasiado severa, á obra de Moreira, que, quaesquer que sejam os seus defeitos, não deixa de representar um empreendimento valiosissimo.

Das obras consagradas especialmente ao assumpto vamos agora apresentar uma lista, que não é por certo completa, mas que poderá servir de ponto de referencia para mais desenvolvida monographia. Eis aqui a relação das que nos occorrem neste momento :

1. PATRICIO (P.^o Francisco José). — *Flora latina inscriptionum urbis portucalensis a F. J. Patricio collecta*. Porto, typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1893. 8.^o gr. de 26 paginas.

São incripções em latim respectivas ao periodo da nacionalidade portugueza: incripções romanas diz o collecter que não existem no Porto.

2. CUNHA RIVARA (J. H. da). — *Inscripções lapidares da India portuguesa transcriptas por J. H. da Cunha Rivara*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1894. 8.^o de 157 paginas.

Foram publicadas postumas pelo sr. Gabriel Pereira, que as antecede de um pequeno prologo, no *Boletim da Sociedade de Geographia*, 13.^a serie, n.^o 8, tendo-se feito depois tiragem em separado.

Comprehende as incripções de Goa.

3. CUNHA RIVARA (J. H. da). — *Inscripções de Diu trasladadas das proprias em Janeiro de 1859 por J. H. da Cunha Rivara*. Nova Goa, Imprensa Nacional, 1865. 4.^o peq. de 60 paginas, mais 1 inn. de errata.

4. CUNHA RIVARA (J. H. da). — *Inscripções portuguezas existentes em Cochim no anno de 1863*. No vol. II do *Chronista de Tissuary*, Nova Goa, 1867, pags. 72, 96 e 112.

5. CUNHA RIVARA (J. H. da). — *Inscripções de Damão no anno de 1859*. No *Chronista de Tissuary*, II, pags. 143, 167, 198, 204 e 229.

6. CUNHA RIVARA (J. H. da). — *Duas incripções portuguezas em Bombaim*. No *Chronistade Tissuary*, III, Nova Goa, 1868, pag. 165.

7. LAPA (Joaquim José). — *Africa Oriental—Paginas de pedra—Folhas dispersas*. Moçambique, Imprensa Nacional, 1893. 4.^o de 103 paginas, mais 2 fol. inn. com *Conclusão* e *Indice*.

E a serie das incripções da ilha de Moçambique com a descripção dos respectivos edificios, onde se encontram. O ultimo capitulo ou *Appendice* intitula-se *No Bronze*, e traz as incripções da artilheria de fortaleza.

8. *Inscripções portuguezas que se encontram na igreja de S. Francisco de Cochim. Album offerecido á 10.ª sessão do Congresso internacional dos Orientalistas.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1892. 8.º

Comprehende 29 pranchas. Uma advertencia preliminar diz o seguinte:

«A presente publicação reproduz 29 desenhos do Sr. M. D. Peiloth, copiados pelo Sr. P. W. Barrid, em 1889, de outras tantas lapides tumulares da velha igreja de S. Francisco de Cochim.

Foram offerecidos á Sociedade de Geographia de Lisboa pelo socio Ex.^{mo} Bispo de Cochim.

Conservaram-se as medições inglesas do desenhador».

Estas inscripções já tinham sido publicadas por Cunha Rivara, mas o presente opusculo tem a vantagem de reproduzir a fórma das lousas sepulcraes.

9. BORGES DE FIGUEIREDO (A. C.).—*Inscripções em versos leoninos de Portugal.* Esta collecção, começada a publicar no vol. IV da *Revista Archeologica*, ficou interrompida por morte de seu auctor. Comprehende apenas 12 inscripções. É muito interessante, não só sob o ponto de vista historico e archeologico, mas sob o ponto de vista litterario, por isso que nos dá uma ideia da cultura da poesia latina nos primeiros seculos da monarchia.

Começa pela inscripção sepulchral da rainha D. Mafalda no convento de Arouca. Entre as obras de referencia, que publicam e authenticam esta inscripção, faltou citar as *Memorias para a vida da beata Mafalda, rainha de Castella, e reformadora do mosteiro de Arouca, escriptas por Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

10. FRASCARELLI (Caetano).—*Inscrizioni Portoghesi che esistono in diversi luoghi di Roma.* Roma, 1862.

11. RIBEIRO DE VASCONCELLOS (Dr. Antonio Garcia).—*Sé Velha de Coimbra.* II, *Inscripções lapidares.*

Vem publicado este interessante estudo, que ainda não concluiu, no volume do *Instituto* de Coimbra, correspondente ao anno de 1895, n.ºs 5 e 11.

12. CORDEIRO (Luciano).—*Inscripções portuguezas.* Monographia começada a publicar na *Arte Portuguesa* (Lisboa, 1895), de que só saíram 6 numeros. Imprimiu-se depois em opusculo, Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, 8.º, 50 paginas.

13. CAETANO DE SOUSA (D. Antonio).—*Memorias Sepulcraes*. Manuscrito com desenhos no gosto do album das inscripções de Cochim. Pertenceu a D. Fr. Francisco de S. Luis. O Sr. Dr. Deslandes de ha muito que manifesta a ideia de o publicar, sendo para sentir que não tenha ainda realizado este pensamento.

14. BELLINO (Albano).—*Inscripções e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguesias ruraes*. Porto, 1895.

Neste genero ha um opusculo, do principio d'este seculo, que não temos agora presente, e em que foram publicados os lettreiros de Lisboa, alguns dos quaes se tornam notaveis pela sua originalidade e falta de grammatica.

15. *Os Tumulos, por uma Sociedade de Artistas. Collecção dos tumulos mais notaveis por seu gosto e architectura, seus epitaphios, ou cinzas que em si encerram, erigidos no alto dos Prazeres*. Lisboa, Typ. da Academia das Bellas Artes, 1845, 4.^o grande.

Saiu apenas o primeiro volume, contendo 24 estampas lithographadas, com 57 paginas de texto, e um discurso preliminar de J. S. Mendes Leal.

A discripção d'esta obra vem a pag. 389 do tomo VII do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva.

16. JORGE CARDOSO.—*Promptuario de lettreiros*. Curioso titulo para uma collecção de inscripções portuguezas!

Esta obra ficou inedita e tudo faz suppôr que esteja irremediavelmente perdida.

17. *Memorias | sepulchraes | colhidas em varias | partes de Portugal | por | José Freire de | Monterroyo Mascar.^{as} | com outras que a sua | curiosidade adquiriu | pedindo-as a outros | amigos.*

Ms. in-8.^o de 194 fls., algumas porém em branco. Do sec. XVIII.

Contém inscripções sepulchraes, da idade-media para cá. Algumas inscripções vem acompanhadas de estampas de brasões, feitas á penna. De um indice feito pelo sr. Barata e appendice, vê-se que contém inscripções pelo menos, de Almada, Almeirim, Arraiolos, Avis, Barcellos, Beja, Bemfica, Benavente, Bombarral, Borba, Castello de Vide, Campomaior, Ceuta, Coruche, Elvas, Erra, Evora, Extremós, Ferreira do Alentejo, Lisboa (S. Domingos), Montemór-o-Novo, Moura, Ourem, S. Pedro das Aguias, Portalegre, Vidigueira, Villa-Verde.

Este manuscripto existe em poder do sr. visconde da Esperança, de Evora. D'elle tomou indicação, por condescendencia do seu possuidor, o nosso amigo e collega dr. Leite de Vasconcellos.

18. *Memorias sepulchraes da egreja de Nossa Senhora dos Anjos, que entrou com a confraria para a administração da Santa Casa da Misericordia e hoje da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.* S. n. a. n. d.

No Codice 686 da Bibliotheca Pombalina a fls. 139, 144.

19. ESTEVES PEREIRA (F. M.).—*Inscripções de synagogas dos judeus portuguezes.*

Publicadas no volume III da *Revista Archeologica*, pag. 115 e seguintes. São apenas tres, sendo as duas primeiras em hebraico, e a última na lingua patria. A primeira pertencia á synagoga de Lisboa; a segunda á do Porto e estava no extinto convento de Monchique, d'aquella cidade, e a terceira é commemorativa da construcção da synagoga portuguesa em Amsterdam. Nenhuma d'ellas era inedita.

Emquanto á segunda diz o Sr. Esteves Pereira que fôra descoberta em 1862 no convento de Monchique, no Porto, sendo trazida para o Museu archeologicó do Carmo. Foi por ventura illudido pelas obras que lhe serviram de pontos de referencia: o *Catalogo do Museu Archeologico do Carmo*, o *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses*, e o *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal.

A lapide de ha muito que tinha sido descoberta, achando-se a sua inscripção publicada por Fr. Fernando da Soledade, na 4.^a parte da *Historia Seraphica*, livro 3.^o, cap. 15.^o. A interpretação, porém, é tão differente, que faria suppor a existencia de duas inscripções.

*

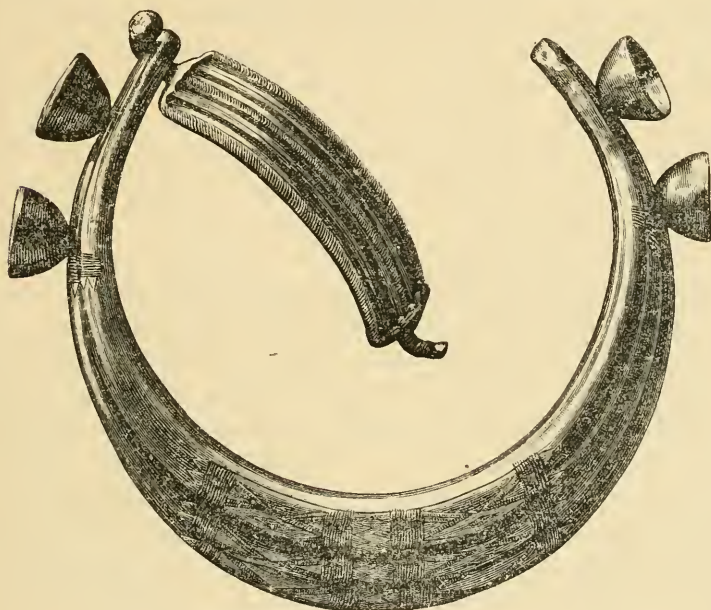
Outras inscripções orientaes, gregas, arabicas e em sanscrito, existem no nosso país, de que seria curiosissimo formar uma collecção. Das inscripções arabicas, de que ha noticia publicada, e de outras que ainda se conservam ineditas, daremos brevemente uma lista.

A resenha bibliographica, que apresentamos agora, está longe de se considerar completa, repetimo-lo, mas não faltarão occasiões de a preencher, ou antes de a ampliar.

SOUSA VITERBO.

Xorca de ouro

A pag. 160 d-*O Archeologo Português* referi-me, por informações, a um adereço de ouro apparecido em Cintra. Como o seu dono o Sr. Joaquim Paulo, de Cintra, me fez o favor, não só de m'o deixar examinar, mas de me dar uma photographia d'elle, posso agora ministrar aos leitores d'esta revista mais algumas noticias.



O adereço é formado de tres arcos unidos nos topos, e adherentes em todo o comprimento, de curvatura successivamente menor, e de secção circular, que tambem vae deminuindo em diametro, a partir do meio para as extremidades. Os dois topos do adereço ligam-se entre si por una faxa cannellada anteriormente, de uns $0^m,074$ de comprimento, e de uns $0^m,022$ de largura, a qual está articulada num dos topos do adereço, e póde prender-se ao outro por um colchete. Cada um dos tres arcos componentes do adereço está ornado exteriormente: os ornatos consistem em angulos e curvas. O aspecto geral do objecto é o de um tronco de cone. Junto a cada um dos dois topos ha duas campanulas seguidas. Diametro maior do objecto uns $0^m,135$; diametro menor uns $0^m,12$; altura maior, na frente, uns $0^m,033$; pêsso, segundo a informação do Sr. Paulo, 1262 grammas, o que lhe attribue um valor real proximo de 1:000,5000 réis!

Em que parte do corpo se trazia este objecto? A differença dos diametros, que dá, como disse, aspecto levemente conico ao objecto, permittia que elle se adaptasse bem á parte inferior da coxa; depois de adaptado, fechava pelo colchete, e mantinha-se em parte por alguma pressão nos tecidos da coxa, em parte talvez por uma fita que se prenderia nas campanulas. Seria pois um adereço da coxa, de trazer logo por cima do joelho. Para a parte inferior da perna e para o pulso seria largo de mais; para o pescoço podia servir, num pescoço não muito grosso, mas, não obstante darem-nos os selvagens exemplo de adereços muito incommodos, o que tambem se observa no uso das arrecadas de ouro nas mulheres de Entre-Douro-e-Minho, este adereço, como collar, seria extremamente molesto; para a parte superior do braço esperar-se-lhia antes uma armilla mais de aspecto cylindrico do que conico, como este adereço é. Apesar do que digo, sujeito a minha opinião á de pessoas mais competentes do que eu. — Os antigos povos barbaros, como ainda hoje os selvagens, e em certos casos os civilizados, usavam muito de argolas, tanto ao pescoço, como no braço, no ante-braço, no pulso e nas pernas. Os Gallos, ou Gauleses, são na arte antiga figurados a cada passo com *torques*; foi pelo facto de T. Manlius Imperiosus Torquatus ter morto em combate singular um gaulês agigantado, e lhe ter tirado o *torques*, e o ter posto ao pescoço, que recebeu o agnome de *Torquatus*¹. O *torques* do ante-braço chamava-se nos Romanos *torques brachialis*. Um guerreiro lusitano, que está representado em estátua no jardim real do Paço da Ajuda, em Lisboa, tem umas argolas na parte superior do braço, logo immediatamente abaixo do hombro. Os povos da Lunda, por exemplo, adornam-se frequentemente enfiando argolas, ou atando fios, no braço e na parte inferior da perna². — A referida estátua da Ajuda, e a outra que está com ella, da mesma epocha, mostram a possibilidade de o adereço de Cintra, que constitue o objecto d'este artigo, se trazer, como *suppus*, na parte inferior da coxa, superiormente ao joelho, sem que o vestuario impedisse que elle se visse: de facto, os guerreiros, representados nas estátuas, usam saíos, que terminam pouco mais ou menos ao meio da coxa, e por tanto deixando a descoberto a parte inferior.

¹ Tito Livio, *Ab urbe condita*, VI-42; VII-10. É em virtude d'esta tradição que no reverso de uma moeda da familia Manlia se vê um *torques* circumdando a figura principal: cfr. Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, II, 176-177.

² Vid. Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda*, Lisboa 1890, pag. 338 e 357-360.

As campanulas que adornam o adereço de Cintra não apresentam signaes de terem tido badalos, apresentam apenas dentro uma pequena haste fixa, o que dá aos ornatos o aspecto de certas flores silvestres amarellas, chamadas mesmo «campainhas»; seriam pois meros adornos. Uma campanula que tocasse, nestas condições, não seria realmente facto digno de estranheza. Recorrendo outra vez aos povos da Lunda, achamos nelles os seguintes costumes: «*Manjata* (*mājata*):— São duas ou tres fiadas de fructos, *cabúdi*, a que depois de seccos tiram o miolo, e onde mettem pequenas sementes para chocalharem. Trazem-nas presas no delgado das pernas e gostam de andar com ellas para sentirem a bulha que fazem. . . . Tambem usam pequenos tubos de ferro enfiados em um arame, tanto no delgado das pernas como nos pulsos, para o mesmo effeito. Hoje, por analogia, faz-se o mesmo com os guisos (*capocolo*) e com campainhas pequenas (*guênzua*), que os negociantes lhes levam. Chegam a usar mólhos de guisos na cintura»¹. Que admira pois que um adereço como o de Cintra pudesse ter realmente campainhas, que tocassem? Em todo o caso, as campanulas conservam provavelmente o vestigio de mais antigos usos. Actualmente entre nós só se costumam pôr chocalhos, campainhas ou guisos ao pescoço dos animaes; se umas vezes, como no gado, os chocalhos tem por fim evitar que os animaes se transviem, outras vezes, como nos cavallos, tem-se tambem em conta o enfeite, e não se pretende sómente fazer que os animaes dêem ao longe signal de si. Na obra intitulada *Recherches anthropologiques dans le Caucase*, t. II, pag. 70 e 71, e est. LVII, descreve e figura o Sr. E. Chantre uns *pendeloques* de bronze munidos tambem de campanulas, os quaes pertencem a um cemiterio (Stepan-Tzminda, — Kazbek) da primeira idade do ferro.

Visto, como parece, convir para adereço das pernas o objecto achado em Cintra, que nome especial se lhe deve dar?

As palavras que mais vulgarmente se empregam para designarem os objectos d'esta natureza são *torques*, *bracelete*, *armilla*, *pulseira* e *manilha*. A palavra *torques*, do latim *torques* ou *torquis*, que se relaciona etymologicamente com o verbo *torquere*, *torcer*, podia ter significação geral, e effectivamente os Romanos tinham o *torques brachialis* (do braço), como a cima notei; mas o usual é empregar-se a palavra *torques* como synonyma de *collar*. A palavra *bracelete*, apparentada com *braço*, como a francesa *bracelet*, e a hespanhola *brazalete*,

¹ Henrique de Carvalho, *ob. cit.*, pag. 360 e 361.

designa propriamente um adorno do braço. *Armilla*, apesar das significações que tem tido, vem do latim *armilla*, que deriva de *armus*, *hombro* e *parte superior do braço*, e por extensão *braço*. A palavra *pulseira* deriva de *pulso* e tem significação muito restricta. *Manilha*, do hespanhol *manilla*, que deriva de *mano*, com quanto, como diz Moraes no *Diccionario da lingua portuguesa*, se applique a qualquer adorno que se traz «nos braços e noutros membros» revela ainda, a quem a emprega, certa restricção de sentido. Por conseguinte, em virtude de tantos equivocos a que aquellas palavras se prestam, podemos adoptar uma que, tendo por si a auctoridade dos nossos classicos, evite todos esses equivocos. É *xorca*. Na *Peregrinação*, de F. Mendes Pinto¹, encontrei o seguinte passo: «meninos. . . . com muitas joias de ouro aos pescoços, e *xorcas* do mesmo nos pés». A esta palavra corresponde em hespanhol *axorca* (e *ajorca*): «los brazos e piernas desnudas á la costumbre de la tierra, pero con *axorcas* de oro»². Ambas tem origem no arabe³. Por causa da etymologia e da fórma hespanhola é que em alguns dictionarios nossos se lê *axorca*, e não, conforme a pronúncia de alguns AA. do seculo XVI, *xorca*; todavia Bluteau e Moraes só trazem a última fórma. — A palavra *xorca* não se presta, como digo, a equivocos, tanto mais que no radical arabe entra a ideia de «laço», «enlaçar». *Xorca* póde pois empregar-se em sentido geral, mantendo cada uma das outras significação especial: *torques*, do pescoço; *armilla*, da parte superior do braço, como a do guerreiro de pedra, na Ajuda; *bracelete*, *pulseira* e *manilha* na significação vulgar que tem; os adereços da coxa e da perna ficarão sem nome especial (pelo menos, não me recordo de nenhum que tenham), mas dir-se-ha, v. g., «*xorca* da parte inferior da coxa».

Voltando agora especialmente á nossa *xorca* de Cintra, tratarei de determinar a epocha a que ella pertence. Antes, porém, direi que, a julgar das informações que colhi, a *xorca* appareceu numa sepultura; pelo menos ao pé d'ella encontraram-se ossos humanos, o que tudo estava dentro de um espaço formado por duas bancadas de calcareo,

¹ Edição de Lisboa, 1711, cap. CLXVIII.

² Apud *Diccionario* de la Real Académia Española, t. I, 1726, s. v.

³ Vide a este respeito:

Fr. João de Sousa & Fr. José de Moura, *Vestigios da lingua arabica*, s. v. *axorca*;

Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, s. v. *axorca*.

e coberto por lages toscas. A uns cem metros de distancia appareceram mais ossadas. O último facto leva a crer que o local teria sido cemiterio. Este local é o Casal-de-Sant'Anna, a uns dois kilometros ao Norte da villa de Cintra.

A xorca não constitue, no seu genero, objecto unico na nossa archeologia; constitue-o porém quanto á sua fórma especial, pois não se sabe de mais nenhum adereço igual a elle, já no modo de fechar, já principalmente na existencia de campanulas.

Prometti, a pag. 160 d-*O Archeologo*, dar aos leitores uma lista das xorcas (de ouro) que eu conhecesse analogas a esta. Aqui me desempenho da promessa. As xorcas de ouro que conheço, ou de que me lembro agora, são as seguintes:

a) Duas, achadas em Viseu, que creio estão hoje em poder de Sua Magestade El-Rei; sobretudo uma d'ellas tem muita belleza artistica (conheço-as por uma photographia);

b) Uma, tambem de grande belleza artistica, achada em Penella, e descrita pelo Sr. Possidonio da Silva no *Boletim Archeologico do Carmo*, iv, 62 e 63¹ (com estampa), e pelo Sr. Cartailhac em *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 297 (igualmente com estampa); cfr. tambem Filippe Simões, in *Album de phototypias da exposição de arte ornamental*, pag. 16, nota 8; este objecto foi comprado por el-rei D. Fernando II, e deve hoje estar no Museu Real;

c) Um bracelete, que se diz ter sido achado a pouco mais de uma legoa de Tavira, e foi descrito por Estacio da Veiga nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*, iv, 191 sqq. (com estampa); foi vendido pelos herdeiros d'aquelle illustre archeologo a um ourivez!

d) Duas xorcas (uma inteira, outra fragmentada), achadas na Boa-Vista, ao pé de Almoester; examinei-as numa photographia que seu dono, o Sr. Laurentino Verissimo, distribuiu a algumas pessoas, acompanhada de uma indicação impressa; foram objecto de um artigo publicado no *Jornal de Santarem*, n.^{os} 514 a 517 (1893), assignado por «F.», inicial do appellido de um distincto official de artilheria;

e) Sete braceletes achados em Folgosinho e Pena-Lobo (Beira-Baixa), mencionados pelo Sr. Martins Sarmiento no *Relatorio da Expedição da Sociedade de Geographia de Lisboa á Serra da Estrella*, pag. 15 (com duas estampas): um d'estes objectos existe na Sociedade Martins Sarmiento de Guimarães; outro possui-o a Senhora Condessa de Margaride; dos outros nada sei;

¹ Cfr. tambem pag. 70-72 (artigo de G. de Cougny).

f) Um collar achado em Reguengos, e descripto pelo sr. Gabriel Pereira in *O Manuelinho d'Evora*, de 20 de Julho de 1886;

g) Dois braceletes achados ao pé de Evora e descriptos no *Boletim da Associação dos Archeologos do Carmo*, 3.^a serie, t. VII, pag. 6 e 7; foram fundidos por um ourivez, isto é, por um vandalo!

h) Duas pulseiras, que existiam na collecção archeologica de el-rei D. Fernando, e são mencionadas pelo sr. Gabriel Pereira no citado artigo d-*O Manuelinho d'Evora*;

i) Um bracelete, achado nas abas do castro dos Castellejos, concelho de Alcacer-do-Sal, mencionado n-*O Archeologo Português*, pag. 81;

j) Dois braceletes (um inteiro, outro partido), achados na Pena, concelho de Cantanhede: vid. *O Archeologo*, pag. 159 e 314.

Alem d'estas xorcas sabe-se ainda de outras que tem sido registadas por acaso, e sem indicação das circumstancias archeologicas; d'ellas se encontra menção nos livros de chorographia, etc. De prata e de cobre ha tambem bastantes, que estão nas mãos de particulares e em museus publicos.

Das xorcas supra-mencionadas, umas são claramente braceletes, outras tinham diversa applicação; umas são lisas, outras são oitavadas, como uma do paragrapho j, outras offerecem ornatos, como as dos paragraphos a, b e g.

A xorca de Cintra deve remontar á epocha protohistorica, isto é, áquella que fica entre a prehistorica propriamente dita, e a romana. Auctorizam tal attribuição, de um lado o encontrarem-se em objectos caracteristicos da idade do bronze e da primeira idade do ferro ornatos analogos a este¹; do outro lado o não convir a fórma e qualidade do objecto, nem á civilização dos fins do periodo neolithico, nem á da epocha romana.

¹ A semelhança dos desenhos da xorca de Cintra com os da de Penella, mencionada a cima, n.º b, é manifesta. Da xorca de Penella diz o Sr. Cartailhae: «L'anneau de Penella est couvert des mêmes dessins géométriques qui se retrouvent dans l'ornementation des objets de notre époque du bronze ou du premier âge du fer. Cela ne suffit-il pas pour déterminer son antiquité?» (*Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 299). Cfr. já tambem o que antes do Sr. Cartailhae dissera o Sr. Possidonio in *Boletim do Carmo*, IV, 2.^a serie, pag. 63. — Quanto aos ornatos angulares e ás cannelluras cfr. ainda E. Chantre, *Age du bronze*, Album, est. XXIV, onde se desenhavam objectos da idade do bronze; e cfr. igualmente as est. XLIX, LXI, etc.

Do uso de campanulas como ornatos, em objectos da primeira idade do ferro, fallei a cima.

Que os povos protohistoricos da Lusitania fizeram uso das xorcas prova-se pela archeologia. A cima fallei de uma estátua de pedra que hoje se conserva no jardim real da Ajuda: vid. um desenho d'ella n-*O Occidente*, IX, 248; o guerreiro, que nella se representa, tem na parte superior do braço uma serie de armillas, parece que quatro. Outra estátua da mesma natureza, hoje existente no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, e provida de Fafe, tem tambem na parte superior de cada um dos braços duas armillas¹; d'ella publicarei um desenho adiante, pag. 350. Tambem não ha dúvida que estas estátuas são antigas: uma, semelhante a ellas, e existente em Vianna do Castello, já várias vezes descripta, contém uma inscripção latina, o que a faz remontar á epocha luso-romana; no emtanto a origem d'ella e das outras é mais antiga, é da epocha protohistorica, o que se vê, já das armaduras, que correspondem ao que d'este assumpto sabemos pela litteratura antiga e pela archeologia, já do facto de algumas terem apparecido proximo de castros pre-romanos.

A linguistica vem tambem em auxilio da archeologia. Tanto pela historia, como pelas inscripções, sabemos que se usou na Lusitania, e não raramente, a palavra *Viriatus* como nome de homem. Ora esta palavra não é, ao que parece, outra cousa, na origem, senão um participio-adjectivo derivado da palavra celtiberica² *viriae*, que significa «armilla»; os Romanos denominaram *viriatum* um homem que trazia *virias*, e depois o nome, de commum, tornou-se proprio, como succedeu com *torquatus*, (de torques), que se tornou tambem *Torquatus*, d'onde veiu a moderna fórma *Torquato*. Assim a existencia da palavra *Viriatus*, que designa de mais a mais, entre outras personagens, um heroe lusitano do seculo II antes de Christo, prova, pelo seu lado — a ser exacta, como creio, a etymologia a cima indicada — a existencia de «armillas» nos Lusitanos³.

¹ Vid. Martins Sarmiento in *O Occidente*, IX, 246.

² Plinio, *Natur. Hist.*, XXX, XII (III).

³ Este etymo foi já proposto por Diefenbach, *Die alten Völker Europas*, 1861, pag. 439, e antes d'elle pelos grammaticos latinos (cfr. Hübner, *Monum. ling. Ibericae*, pag. LXXXIII).

Alguns AA., e entre elles o Sr. Dr. Antonio de Vasconcellos no seu erudito opusculo *Viriatho*, 1894, não adoptam esta opinião, pelo facto de a palavra se escrever em grego *Ουρίαθος*. Antes de mais nada notarei que não é aquella a unica fórma grega; ha outras: *Ουρίαθος*, *Υρίαθος*, *Βορίαθος*, *Ούριζθος* e *Ούριζθος* (vid. Pape, *Vörterbuch der griech. Eigennam.*, 1884, t. I e II, s. v.; e Hübner, *Monum. ling. Ibericae*, index, s. v.); da ed. de Estrabão (Didot, 1853, pag. 957 e 981) vejo

Sem desejar arriscar-me no terreno das hypotheses, não posso deixar de lembrar que a riqueza do adereço de Cintra faz crer que elle pertencia a alguma alta personagem, que com elle foi enterrada. Os povos antigos, como acreditavam que os mortos iam ter na outra vida as necessidades d'esta, não duvidavam pôr junto dos cadaveres armas, instrumentos de trabalho, comidas, louças, vestuarios e joias. Não desenvolvo aqui este ponto, porque me occupo d'elle, com bastante miudeza, nas minhas *Religiões da Lusitania*, vol. 1, cap. III.

A historia antiga da região cintrã fica, pois, dotada de mais um documento. Nesta historia conheciamos já o seguinte: tumulos da idade da pedra, e muitos instrumentos neolithicos achados pelo concelho; lendas, transmittidas pelos AA. classicos; monumentos romanos, que consistem em inscrições e objectos. Taes documentos classificam-se em: a) prehistoricos; b) protohistoricos; c) romanos. A xorca de que tenho tratado pertence, como disse, á segunda classe.

J. L. DE V.

que tambem ha codices que tem *Οἰριάσθος* e *Οἰρεάσθος*: tudo isto prova a incerteza dos textos gregos. Dos AA. romanos, uns offerecem *Viriatus*, outros *Viriathus*. Como Viriato viveu no seculo II A. C., e nenhum dos AA. gregos e romanos que citam a palavra é contemporaneo d'elle, sendo-lhe pelo contrario posteriores alguns seculos, o seu testemunho, a respeito de phonetica, não pôde ter tanto valor como o de textos epigraphicos que representem a pronúncia do povo. Ora na Peninsula, na epocha romana, não era raro, como digo no texto, o uso da palavra *Viriatus* como nome proprio; fóra da Peninsula apparece tambem *Viriata* (apud Hübner, *loc. laud.*): e sempre, em todas as inscrições, se lê VIRIATVS (e VIRIATA) sem H.—Se os gregos adoptaram o *θ*, isto foi, quanto a mim, talvez devido á influencia de palavras acabadas em *-αθος*; igualmente apparece em grego ás vezes *βίxxxzizis*, em vez de *βίxxxzizis*, por influencia, como penso, de *βίxxxzizis*; tambem em portuguez quasi toda a gente escreve erradamente *Mariamna* com *nn*, em vez de *Mariana*, por influencia de *Anna*, e *lyrio* com *y*, em vez de *lirio*, por influencia de *lyrico*. Á cêrea da influencia que uns nomes exercem noutros vid. Andresen, *Ueber deutsche Volksetymologie*, Heilbrom 1877, 2.^a ed., e a critica de Förstemann á 1.^a ed. d'este livro in *Zeitschrift für vergl. Sprach.*, de Kuhn, N. F., III, 376: ali se citam muitos exemplos collidos em grego e noutras linguas. Nos textos antigos, ha outras palavras em que apparece *th* por *t*, por exemplo: *Cathuriges* em vez de *Caturiges*. A predilecção pelo *th* existe ainda hoje: quasi sempre se escreve, sem haver para isso razões scientificas, *Thonar*, *Thedo*, *Thuias*, *Thiago*, *Mathosinhos*, *Themudo*, *theor*, e ás vezes *athé*, tudo com *th* em vez de simples *t*.

Bem sei que nem sempre os textos epigraphicos são guia segura; no emtanto, se a textos litterarios que offerecem *Viriathus* se podem contrapôr outros, igualmente litterarios, que offerecem *Viriatus*; se a pronúncia local na epocha romana era VIRIATVS; se ésta fórma se explica satisfactoriamente por *viriae*, como outras analogas (*Torquatus*, *Cincinnatus*, etc.), o que faz suppor que o *h* é puramente adventicio: prefiro, em portuguez, escrever *Viriato* sem *h*.

Notícias do Museu Archeologico de Faro

Prefiro d'esta vez remetter como noticia cousa que—na parte que respeita aos archivos da minha responsabilidade—de alguma sorte amplie as discretas notas do n.º 8 d-*O Archeologo* enviadas pelo meu erudito e affectuoso collega Dr. Santos Rocha, a quem o Museu do Algarve, e particularmente eu, devemos as mais subidas provas de generosa deferencia.

A alludida almofada funeraria (*cervical sepulchrale*) das sepulturas luso-romanas de Marim é constituida por argamassa do typo *opus signinum* (Sala 2.^a, n.º 43): esta delicadissima pasta contrasta neste exemplar com a rudeza dos coxins tumulares (n.ºs 44 e 45), especie de calote espherica, em que descansava o esqueleto da citada necropole da Luz—authenticamente luso-romano—cujos cranio e peças longas, acompanhadas das respectivas medidas osteologicas, etc., fiz archivar, sob o n.º 1 do mostrador B da Sala 2.^a; a referida argamassa, a que me reporto, assenta em tijolo da fórma *laterculus quadrarius*, material de construcção, que em parte entrou na factura das fossas de Marim.

Na mesma Sala d'este Museu—em cujo desenvolvimento a Camara Municipal de Faro vae desenvolvendo o mais acrisolado zêlo—figuram, com effeito, tres cippos oriundos da referida necropole; o seu estylo é sensivelmente o dos desenhados em fls. 198 e 199 d-*O Archeologo*: todos com frontão de tympano triangular; um d'elles, n.º 40, contém tambem uma inscripção geminada (pertenceu naturalmente a algum *bisomum*); o n.º 41, distincto, pois que tem o *titulus* envolvido em trança circular de tres ramos de cordão (*cirri decussatim inter se implexi?*).

As legendas d'estas pedras funerarias estão obliteradissimas: só á noite, com extremo custo, e com particular combinaçãõ de luz, penumbra e sombra, como uso, consegui obter os resultados, que descrevi e commentei em quadros de que dei copia para o Museu da Figueira da Foz:

N.º 40. — Altura 0^m,90; largura 0^m,64; espessura 0^m,10.

D · M · S ·	D · M · S ·
DOM · VIXIT	HERENNIANVS
ANNIS XX · M · II	VIXIT ANNIS
H · S · F ·	XXV · M · III
	I · S · E · S · T · T · L ·

N.º 41. — Altura 0^m,94; largura 0^m,61; espessura 0^m,10.

D · M · S ·
 C · · · · · O S I V L I A N V S
 V^x A N N I S · X V ·
 M E N S · V I I · D · X
 I I I E_R E X I T · B ·
 M E R E N T I S
 I · M ·

N.º 42. — Altura 0^m,72; largura 0^m,53; espessura 0^m,10.

D · M · S ·
 P · I V L I A N U S V I X ·
 A N^s · X · V I · M · V ·
 S · T · T · L ·

A inspecção detida d'estes epitaphios evidencia a sobrada razão, com que o sabio Dr. Hübner falla «da impericia do artifice» na fabrica de seus consocios archivada no Museu da Figueira e o fundamentado motivo com que o meu amigo Leite de Vasconcellos diz, que a «ultima lettra, apesar de ter a fórma de I, podia ser L com a haste horizontal muito curta»: assim são as allocações finaes das inscripções 40 e 42 da Sala 2.^a do nosso Museu Henriquino.

Em complemento á noticia do meu abalisado collega da Figueira direi que nenhuma das candeias romanas (Sala 2.^a, mostrador B, n.ºs 17-22) *lucerna* simples e *lucerna bilychnis*, foi achada completa no que se refere a construcção e decoracção. Mas, por felicidade, estes fragmentos reconstituem, no seu conjuncto, um typo caracteristicamente definido, de que o desenho junto é fiel *fac-simile*, devido ao fino lapis do meu illustre consocio o Ex.^{mo} Sr. Manoel de Bivar Weinholtz. O disco accusa o busto do *Mercurius caducifer*, cujo chapau alado (*petasus*) se ostenta palpavel, bem como o symbolico *caduceus*, erguido á dextra do divinal arauto, celeste mensageiro, filho dilecto de Juppiter, a quem o amamentado de Amalthéa pôs asas na cabeça e nos pés, afim de mais facilmente executar as ordens do Olympo.

Nas ceramicas do Milren, cujas pequenas mas luxuosas *thermas* vou perpetuando em planta e photographias aqui archivadas (Sala 1.^a) — já que quasi cada visitante é um sacrilego devastador — registo,

entre outras, a existencia de um *laterculus triangulus* do *opus diamicton*, onde com toda a nitidez se vê estampilhada a marca figulina da fabrica (*lateraria*) d'estes valentissimos barros cozidos: com igual visibilidade detenho em meu poder outro exemplar já destinado a completar o fragmento possuido pelo Museu da Figueira da Foz e



que vem desenhado a pag. 207 d-*O Archeologo*. Tem, sem discussão, em legenda circular — cujo centro é um rhombo atravessado por uma barra — a epigraphe VER FRONTINIANI ♡¹.

Termino, por hoje.

Secretaria do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique»,
Faro.

Monsenhor Conego — J. M. PEREIRA BOTO.

¹ No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6252-9 (Supplem.), vem a mesma legenda, que o sr. Hübner interpreta por *Ver(i) Frontiniani*.

Medalhas do conde da Ribeira-Grande

No *Bulletin de Numismatique*, II, 19, lê-se o seguinte :

«JETONS DU COMTE DA RIBEIRA. — On lit dans le *Journal de la Régence* (1715–1723) de Jean Buvat, écrivain de la Bibliothèque du roi, une narration de l'entrée somptueuse que fit à Paris, le 18 août 1715, l'ambassadeur de Portugal, le comte de Ribeira. L'historien donne entre autres détails, celui-ci : «Cet ambassadeur à mesure qu'il avançait dans les rues de Paris jetait des médailles d'argent au peuple, et principalement sur les échafauds remplis de monde et aux fenêtres des premiers appartements où il remarquait des personnes qui lui plaisaient. Quelques jours auparavant, il avait fait frapper ces médailles au balancier du Louvre. On y voyait, d'un côté, le portrait du roi du Portugal, son maître, et, de l'autre, un olivier aux branches duquel était une vigne entrelacée avec cette devise : NECTIT ET FIRMAT, avec deux couronnes à côté qui représentaient celle du Portugal et celle du Brésil». A ces détails, Saint-Simon ajoute dans ses *Mémoires* que le comte de Ribeira jeta aussi quelques pièces d'or. Les jetons sont-ils connus, et ont-ils été publiés?»

*

Em resposta á pergunta transcripta, escreveu o sr. F. Mazerolle no referido *Bulletin de Numismatique*, II, 42, o seguinte :

«JETONS DU COMTE DE RIBEIRA. — Il existe, au Musée de l'Administration des monnaies et médailles, quatre coins de jetons frappés à la Monnaie des Médailles, en 1775, pour le comte de Ribeira, ambassadeur du roi de Portugal à Paris. En voici la description : a) JOHANNES · V · D · G · PORTUGALIÆ REX · Buste, à droite, du roi Jean V; sous le buste : MDCCXV. — b) Coin de revers : NECTIT · ET · FIRMAT. Un olivier dont les deux branches sont passées dans deux couronnes; à l'exergue PAX · TRAIECTENSIS. — c) Variété du coin a, sans la date, sous le buste du roi. — d) UNDE · MINUS · RERIS. Une armure à la romaine d'où sort un olivier; à l'exergue : 1715. Ce coin est un revers dont le droit est le suivant : LUDOVICUS · DA · CAMIRA · COMES · DA · RIBEYRA. Écusson armorié. — Au Cabinet de France, aucun de ces jetons ne se trouve dans les séries classées».

*

Como complemento d'estas notícias accrescentarei que já Manuel Bernardo Lopes Fernandes se havia occupado das referidas medalhas na sua *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas*, Lisboa 1861, pag. 20, figurando exemplares na est. 8, n.^{os} 24 e 25, e dando a respeito d'ellas várias notícias bibliographicas.

No Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa existe um exemplar, de cobre, da medalha descripta pelo sr. Mazerolle em *d*, mas (se não ha engano na descripção) differe em ter no exergo, por cima da data: PAX · LVS · HISP., e por baixo um pequeno florão, — como no exemplar estampado por Lopes Fernandes; alem d'isso o appellido é CAMARA, e não CAMIRA. Da medalha descripta em *a-b* existem no Gabinete da Bibliotheca tres exemplares de prata, e um de latão; mas o nome do rei está escrito sem H.

Felizes tempos esses em que um embaixador português podia fazer pelas ruas de Paris uma sementeira de moedas de prata e ouro! Ou não vivesse então o magnanimo D. João V!

J. L. DE V.

Estátuas de guerreiros lusitanos

No artigo a respeito da xorca de Cintra referi-me a uma estátua que existe no Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, e prometti dar d'ella uma estampa, o que faço agora.

Com esta estampa publicarei a de outra estátua que se acha no mesmo Museu.

Ambas as estampas estão ainda ineditas; deviam ser publicadas pela primeira vez no vol. II das minhas *Religiões da Lusitania*, para o que o Sr. Martins Sarmento me enviou ha annos os desenhos d'onde se fizeram as gravuras: mas, como com a publicação d'ellas completo o que disse da xorca de Cintra, anticipo-me a publicá-las, certo de que os leitores lucrarão com isso.

*

A estátua da fig. 1, vista de frente (fig. 1, *a*) e de lado (fig. 1, *b*), tem de altura 1^m,70, e de largura nos hombros 0^m,68. É de granito. Como a gravura o mostra, está bastante mutilada.

Na parte superior de cada braço vêm-se duas armillas, como já se disse a cima pag. 343; o escudo, que é concavo, tem de diametro

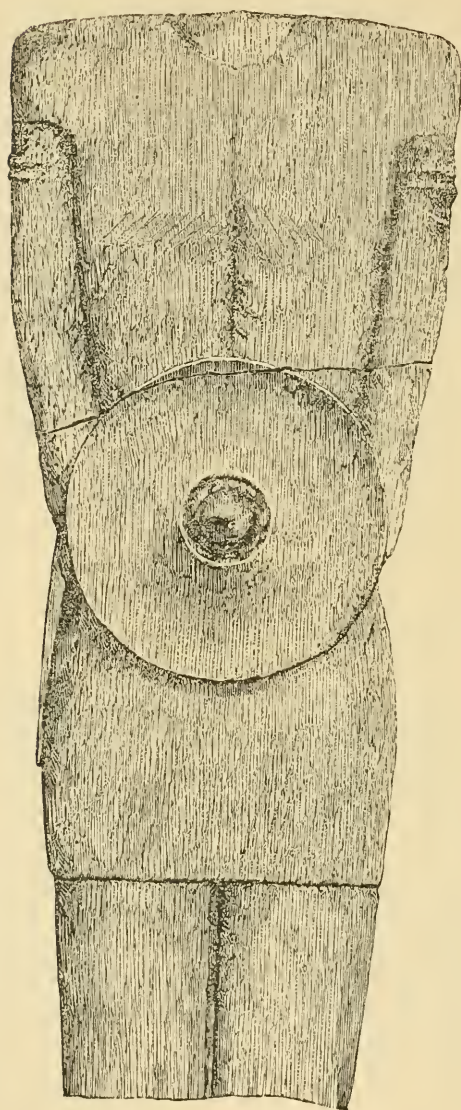


Fig. 1, a

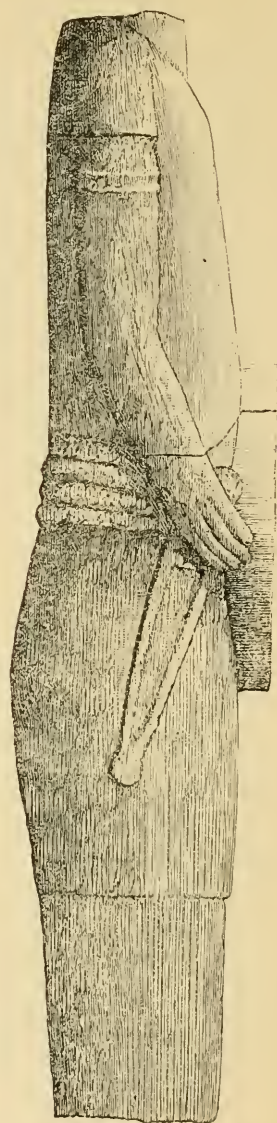


Fig. 1, b

0^m,50; a mão direita segura um punhal dentro da bainha; o saíio, apertado por um cinturão, termina a cima do joelho.

D'esta estátua diz o Sr. Martins Sarmento: «Possuimos uma das celebres *estatuas calluicas*, encontrada perto do monte Santo Ovidio

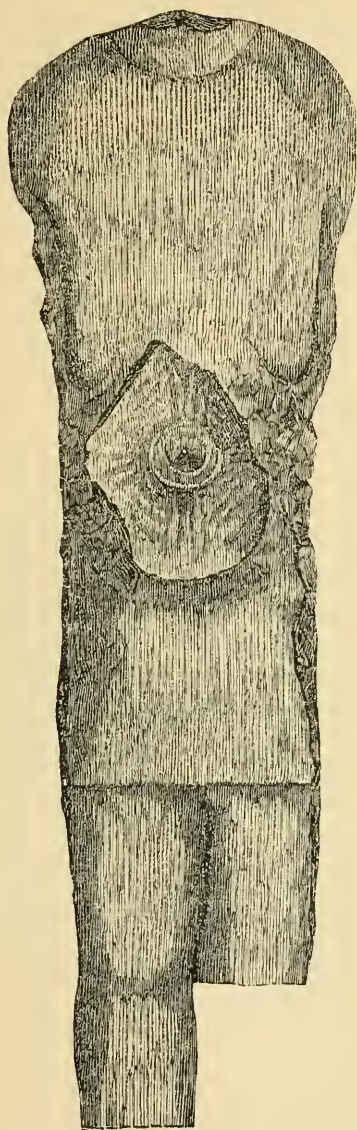


Fig. 2

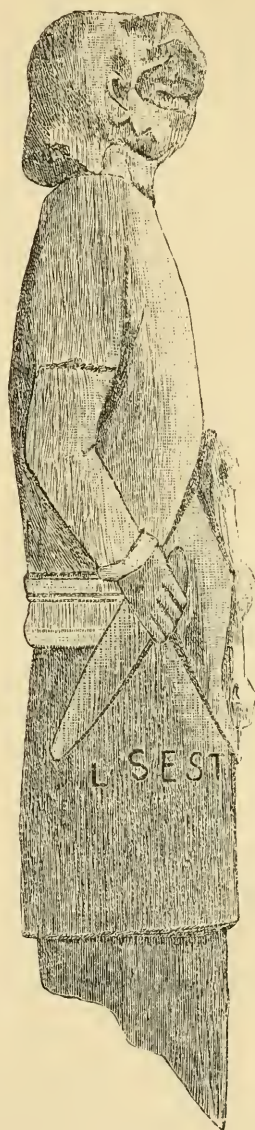


Fig. 3

(Fafe), onde são muito visíveis os vestígios de uma antiga povoação murada. A armadura d'esta estatua é precisamente a que Estrabão,

III, III, 6, 7, attribue aos Lusitanos: *aspide uti parva, cujus diameter duum pedum, cava foris. . . . ad haec sica*¹.

A estátua é importante debaixo de diferentes aspectos, sobretudo debaixo do aspecto militar. Para o conhecimento das armaduras e trajos militares ibericos não são as estátuas a unica fonte de informação; tanto na litteratura, como noutros ramos da archeologia, se encontram notícias diversas.

*

A estátua representada na fig. 2 (vista de frente) tem de altura 1^m,72; de largura no hombro 0^m,53. É tambem de granito.

Está ainda mais mutilada do que a precedente, mas é-lhe sensivelmente semelhante; no escudo vê-se o *umbo* como na outra, mas os bordos apresentam muitas fracturas. O saio termina muito a cima do Joelho.

Foi encontrada em S. Jorge de Vizella, numa parede do adro da igreja.

*

Ainda como illustração do assumpto reproduzirei na fig. 3 a estátua de Vianna do Castello, a que tambem alludi a cima, pag. 343.

Á cêrca d'esta estátua ha já uma pequena litteratura. O artigo mais importante, e tambem o mais antigo, é o do Sr. Hübner, intitulado *Statuen galläkischer Krieger in Portugal und Galicien*², onde junta outras notícias. Para mais indicações vide E. Hübner, in *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2462 e 5611; e na *Archeologia en España*, pag. 256.

*

A julgar das notícias ministradas pela estátua de Vianna do Castello e por uma da Galliza, ambas as quaes contêm inscrições latinas³, as estátuas d'este genero eram collocadas sobre as sepulturas dos guerreiros que estão representados nellas.

J. L. DE V.

¹ *Os Lusitanos*, 1880, pag. 40, nota.

² In *Denkmäler und Forschungen, Archäologische Zeitung*, de E. Gerhard n.º 154, Outubro de 1861 (posuo d'este artigo um exemplar que pertenceu a El-Rei D. Fernando II, e que comprei no leilão que se fez da sua livreria). Foi traduzido em portuguez nas *Noticias de Portugal*, e d'ahi em hespanhol numa obra de Murguía.

³ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2462 e 2519.

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1,500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

OS DESENHOS DE FRANCISCO DE HOLLANDA.

ESTUDOS NUMISMATICOS.

SEPULTURAS ANTIGAS DESCOBERTAS EM BEJA.

INFORMAÇÕES ARCHEOLOGICAS COLHIDAS NO «DICCIONARIO GEOGRAPHICO» DE CARDOSO.

ANTIGUIDADES ROMANAS DE Balsa.

BIBLIOGRAPHIA.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758.»

Este fasciculo vae illustrado com 2 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

FEVEREIRO DE 1896

N.º 2

Os desenhos de Francisco de Hollanda

(Antiguidades da Italia no Codice da Bibliotheca do Escorial)

1. Introducção

O Codice do Escorial (altura 0,46-46 $\frac{1}{2}$; largura 0,35-0,35 $\frac{1}{2}$), tem as seguintes marcas:

Na guarda do volume: S.^a 3.^a K-3.

Segue uma folha branca, que tem no verso a marca Z. Z. 8; e mais abaixo outra marca $\frac{A}{E}$ -ij-6.

Segue o titulo na fol. 1 (rótulo quadrilongo no estylo da Renascença). Vid. o fac-simile na revista *El arte en España*, vol. II, pag. 117:

REINANDO · \bar{E} · PORTV · GAL
EL REI · DÕ · IOAÕ · III · QVEDS · TEM ·
FRANCISCO · D'OLLANDA ·
· PASSOV · A ITALIA ·
E DAS · ANTIGVALHAS ·
QVE VIO ·
RETRATOV · DE SUA MÕ ·
TODOS OS DESENHOS
· DESTE ·
LIVRO ·

Tem o volume 54 folhas ou 108 paginas.

Os desenhos, feitos em papel mais grosso, estão collados sobre papel de linho mais delgado; á volta tem todos uma tarja côr de purpura, que ora corta algumas linhas, ora cobre linhas inteiras das inscripções dos desenhos (vid. por exemplo fol. 4 v). Alguns desenhos foram aparados (fol. 6 v, etc.) quando encadernaram o volume, que de resto está bem tratado. O Codice passou das mãos de D. João III para as do Infante D. Luis; depois teve-o o Prior do Crato, seu filho natural, e foi provavelmente confiscado por Philippe II, que levou para Madrid ainda outras obras de arte do Paço da Ribeira, principalmente pannos de rás.

Data da execução: 1538-1548, com algumas folhas posteriores. Hollanda trabalhou nas folhas do Codice até 1564, pois numa d'ellas inclue o retrato de Miguel Angelo, com uma inscripção biographica, que indica a data da sua morte: 18 de Fevereiro de 1563 (anno florentino).

Os desenhos são em grande parte feitos á penna, alguns a lapis preto, e muitos a lapis vermelho (17 *sanguina*); duas ou tres aguarellas (fogo de artificio no castello de S. Angelo); e (fol. 13 v e 14) não justificam o que allega Tubino: *iluminados muchos (sic)*, e póde levar alguém a suppor que se trata de illuminuras!

Ha uns cinco desenhos bi-chromaticos. A execução é em geral boa, o traço rasgado e característico. Algumas paginas são mui bellas, acabadas com esmero; outras, miudinhas, parecem gravuras á Callot.

Nos assumptos predomina a architectura civil (unas 25 vezes), e a militar (14 vezes); depois a esculptura, uns 32 numeros, contando os fragmentos menores. Não esqueceu os jardins, nem as fontes (4 desenhos), que a Renascença italiana tratou com summa arte, como elementos dependentes da architectura palaciana; correu os campos e subiu aos montes, mostrando-nos o Vesuvio ardente e os Alpes, toucados de neve (Mont Cenis). Emfim, viu e observou os costumes populares, com amoroso interesse, e seguiu com conhecimento de causa e bom criterio por todos os logares que a historia consagrou nos annaes da politica, da litteratura e da arte. Como bom hespanhol (no sentido hispanico do seculo XVI) marcou com vigoroso lapis os logares assignalados pelos triumphos das armas do Imperador sobre Francisco I.

São ao todo 54 folhas e CXIII desenhos, segundo declara a inscripção final, todavia a nossa contagem sae um pouco differente, porque algumas folhas (43, 46 e 48) tem o *verso* em formato duplo;

ha numerosas folhas divididas em duas partes, e uma (35 v) dividida até em tres. Tubino leu erradamente, na *Nota final*, CXIII (114) desenhos.

O Sr. D. Francisco Maria Tubino publicou em 1876 no *Museu español de antigüdades* (vol. VII, pag. 493-527) uma lista dos desenhos, com uma introdução historica, em que ha pouco a aproveitar. As numerosas emendas, substituições e additamentos feitos á sua lista, na relação completa que damos, depois de um demorado estudo do codice na Bibliotheca do Escorial em 1872 e em 1881, provarão ao leitor portuguez que um trabalho tão superficial não podia satisfazer, e que uma descripção critica do celebre volume se tornava urgente. É a primeira que se publica em Portugal.

Em 1881 confrontámos a relação do Sr. Tubino linha a linha com o codice, receando pela divergencia com as nossas notas de 1872, que nos houvessemos enganado, tão grandes eram as differenças. Infelizmente para o Sr. Tubino os erros pullulam e saltam á vista. Nem uma descripção material, bibliographica, nos deu!

De resto, devemos declarar que a descripção resumida do Sr. Tubino abrange apenas tres paginas; começa no meio da pagina 515 e acaba no meio da pag. 518.

Á introdução historica teriamos de fazer numerosas objecções, que não são para aqui. O seu titulo, assás prolixo, é:

«*El renacimiento pictorico en Portugal á proposito del Libro de dibujos del pintor lusitano Francisco de Hollanda que se conserba inedito en la biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial; estudio critico-biografico.*»

A respeito dos outros auctores hespanhoes que trataram do codice do Escorial fallámos em outro logar (*Edição dos textos do Hollanda*, Porto, 1879, pag. xxxv). Foram D. Antonio Ponz (1772), Cean Bermudez no principio d'este seculo, e Gregorio Cruzada Villaamil em 1863. Ha a acrescentar hoje o continuador de Cean e do seu *Diccionario*, Conde de la Viñaza, Madrid, 1894, 4 vol.

2. Descrição dos desenhos ¹

Fol. 1 v. **RETRATO DO PAPA PAULO III**, em uma moldura oval e a legenda **PAULUS III PONTIFEX MAXIMUS**. Tanto este retrato como o seguinte de Miguel Angelo tem uma inscripção biographica.

Fol. 2. **RETRATO DE MIGUEL ANGELO**, em uma moldura oval e a legenda **MICHAEL ANGELUS PICTOR**, ladeada por duas corôas, uma de louros (á direita do leitor); outra de rosas brancas e vermelhas (á esquerda do leitor).

Nacque Michael Angelus negli Anni M.cccc. Lxxiiij. E sene passo di conesta vita | a xvij di febraio l'anno M. D. Lxiiij. Etat. sue Lxxxviiij.

O calculo está feito segundo o anno florentino, que começa a 25 de Março. As datas são portanto: 6 de Março de 1475 e 18 de Fevereiro de 1564 (e não 17 de Fevereiro. Hollanda omitta o dia do nascimento).

Fol. 2 v. Desenho de quatro figuras de mulheres e raparigas menores, que representam trajas nacionaes, com os disticos: (1) *Á Francesa*. (2) *Á Lombarda*. (3) *Á Genovesa*. (4) *Á Florentina*. A disposição é a seguinte: 1 em face de 2; por debaixo 3 em face de 4.

Fol. 3. Desenho de outras quatro figuras de mulheres, representando trajas populares: *Á Senesa*, *Á Romana*, *Á Napolitana*, *Á Venezana*. Disposição semelhante.

Fol. 3 v. Allegoria ao Imperio romano. Um guerreiro joven subjugando um leão, um gripho, um cavallo marinho, um genio e um golphinho. Na mão direita sustenta o globo terrestre, na esquerda um pendão, no qual se lê a palavra *POTESTAS*. Á direita d'este desenho vê-se uma outra allegoria: uma mulher (Oriente) amarrada a uma palmeira, com a legenda *Fortuna capta*. Á esquerda outra allegoria e uma Victoria, coroando o guerreiro; sobre a cimeira do capacete d'este último brilha uma estrella. Em um rótulo lê-se:

¹ A topographia de Roma, e as outras antiguidades da Italia foram determinadas principalmente com o auxilio das seguintes obras: J. Burekhardt, *Der Cicerone*, 4.^a ed., por W. Bode, Leipzig, 1879; do mesmo Burekhardt, *Geschichte der Renaissance in Italien*, Stuttgart, 1868: é o vol. iv da grande *Historia da Architectura*, de Kugler; A. von Reumont, *Geschichte der Stadt Rom*, Berlin, 1870; em 3 vols., com plantas topographicas, que remontam a 1551; Th. Fournier, *Rom und die Campagna*, Leipzig, 1865; Max Nohl, *Tagebuch einer italien. Reise*, Suttgart, 1866.

Franciscus Hollandius Faciebat; vid. o fac-simile na revista *El arte en España*, pag. 120. Talvez seja allusão a Roma e á Lisboa das conquistas.

Fol. 4. Allegoria á cidade de Roma, decaída da sua grandeza. Uma matrona coroada, mas cuja corôa mural está partida, mira-se num espelho; por debaixo lê-se: *Non. similis. sum. mihi*; na parte superior: *ROMA*. Numa meia columna outra inscripção: *Facta. est. quasi. vidva. domina. gentivm. et. non. est. qui. consoletvr. eam*. Dois genios, voando no alto, levam uma lousa de sepulcro, com o distico: *Cognosce | te*. No chão, uma penna, e em torno a inscripção: *Dulces¹ | ex vviedum | fata | devsqve | sinebant*.

Nesta complicada allegoria vão incluídas vistas do Pantheão de Agrippa, da Columna Trajana, do Coliseu e de outros monumentos, uma sphinge, etc.

O auctor quiz talvez symbolizar a decadencia de Roma, depois do horrendo saque de 1527. A allusão a Jerusalem: *Facta est quasi vidva*, destruída por Tito (anno de 171 P. C.) é evidente. Miguel Angelo julgava a cidade perdida. Hollanda pensou depois do mesmo modo, com relação a Lisboa, emporio do Occidente: «Ajuntou-se a isto não me responderem Vossas Altezas como esperava, nem os despachadores, e que na cidade ha *iniquitas & contradictio* pelo que estive para romper este livro algumas vezes ou ao menos vendel-o tão caro ao tempo, como fez ao seu último livro a Sybilla em Roma, que nunca o quiz dar por menos do que pedia por todos os outros juntos, que tinha queimados, por lh'os não merecer o povo e o senado de Roma». (*Da Fabrica*, pag. 21).

Fol. 4 v. Rótulo da Cruz, na basilica de Santa-Cruz: *Imago triumphalis tituli mirificae crucis D. N. Jesu Christi, | qualis hodie Romae apud cartusianos intra | Basilicam S. Crucis in Jerusalem, seu intra capellam | S. Reliquiarum conspicitur, cuius tituli veritatem | atque, inventionem Bulla Alex. VI. Pap. dati | Romae die XXVIII Mens. Julii plenissime testatur | characteres autem in fabre tunc temporis sculptet | ut aedis vetustas paulatim losit sedbrica imagis²*.

¹ A segunda e terceira palavra lêem-se no original: *ex vviedvm*, o que não faz sentido; leia-se *escuvie = exuviae* (despojos) *dum* | etc.

² A inscripção da Cruz, propriamente dita, parece terminar em *testatur*. Os termos *lositbrica imagis* (talvez *imaginis*) não se entendem por estarem, em parte, cobertos de tinta de côr (orla de purpura da folha); v. o que dissemos na descripção do Codice.

Fol. 5. Columna salomonica e junto d'ella Christo prègando a dois homens. Tem uma inscripção extensa, que começa: *Haec. est. illa. colôna. in. qva. Dñs. | Noster etc.*

Fol. 5 v. Vista do Colyseu.

Fol. 6. Vista do Pantheon de Agrippa.

Fol. 6 v. Desenho da Columna Trajana.

Fol. 7. Desenho da Columna Antonina.

Fol. 7 v. Vista do Capitolio no tempo do Papa Paulo III. Estátua equestre de Antonino Pio, aliás Marco Aurelio.

Fol. 8. Desenho da Estátua de Constantino, com o seguinte rótulo: *Em Barletta a par dandria de Calabria.*

Fol. 8 v. Desenho de Cleopatra, dormindo; por debaixo a inscripção: *Romae. Sic. Simulacrum. Reginae. Cleopatrae. In. Hortis. Pontificum.* Foi classificado depois como Ariadne, e ultimamente como Nympha (Reumont, vol. III, parte 2.^a, pag. 396; Lübke, *Geschichte der Plastik*, vol. I, pag. 315).

Fol. 9. Desenho do Apollo de Belvedere.

Fol. 9 v. Desenho do grupo de Laocönte (*sic*).

Fol. 10. Desenho de estátua de mulher, com o letreiro: *Romae. in. Palatino. C. S. Georgii* (talvez *in domo Cardinalis Sancti Georgii*).

Fol. 10 v. Desenho de um dos Cavallos do Quirinal, e a nota: *Opus. Fidiae.*

Fol. 11. Desenho de outro Cavallo do Quirinal, e a nota: *Opus. Praxitelis. in. | ex | quiliis.*

No verso do desenho d'este segundo cavallo avista-se *Il Castello d. S. Angelo*, scena nocturna das festas celebradas em honra do casamento de Octavio Farnese (vid. *Da Pintura antiqua*, fol. 127 v.), a 4 de novembro de 1538.

Fol. 11 v. Allegoria, na figura de uma matrona sentada, que aponta para um livro, sobre o qual pousa um geniozinho, empunhando um archote. Uma tábua, com tres caracteres gregos $\Omega \Phi \Sigma$ não nos habilita a decifrar a vaga allegoria. É possível que symbolize a *Historia*, inspirada pela Verdade; ou pelas lettras, transpondo-as: S. O. P. H. (*Sofia* = a Sabedoria).

Fol. 12. Desenho da Caridade. Uma matrona com tres crianças e a letra: *Charitas*. Tubino suppõe que será uma cópia de uma miniatura de Julio de Macedonia (Julio Clovio). No *Dialogo quarto*, em Roma (fol. 153 v), ha referencia a uma illuminura de Clovio com a figura da *Caridade*.

Fol. 12 v. Desenho de figura de mulher, com attributos de caça; no lado a letra *ANTI | NOVI | (sic)*, em duas linhas sobrepostas;

o *n* está enlaçado com o *t*, e o segundo *n* com o *o*. Tubino faz d'isto: *Estatua del Antinoo*.

Fol. 13. Desenho de um athleta, que suspende um touro no ar; tem a lettra enigmatica *QVA | TAS*. Tubino suppõe ser *Hercules*, juntando porém uma dúvida (?).

Fol. 13 v. e 14. Desenho dos frescos do Palacio de Nero em Roma.

Fol. 14 v. e 15. Desenho dos Tropheus de **C. Mario**, depois da sua victoria sobre os Cimbras. Um individuo, que nos parece ser o auctor, está admirando o trophœu. Vide o desenho de fol. 50 v. Tubino não reparou nisto.

Fol. 15 v. e 16. Desenho de Quatro mascaras em outras tantas molduras ovaes, e com a inscripção: *Queste maschere antiche sono a Roma in Belvedere*.

Fol. 16 v. Desenho complicado. Na parte superior a lettra: *Romae. juxta. putivm. (sic) Pantheonis*.

Um sarcophago com extensa inscripção no plintho em que assenta; á esquerda um *leão egypcio*; á direita outro leão. Os magnificos leões egypcios, de basalto, passaram pelos annos de 1550–1555 de Santo Stefano del Cacco para a base da Cordonata do Capitolio. Outros marcam a data 1560 para a transferencia. Recentemente houve nova mudança.

Na parte inferior: onze pés differentes, calçados de sandalias, e a nota: *De marmoribus col | lecta*.

A inscripção do sarcophago diz: *Leo. X. pont. max. pro | videntiss. princeps | vas. elegantissimũ | ex lapide nymidico | ne pollutum negli | gentie sordibus | obsolesceret in | hunc modum re | pponi exornari | que jusit (sic)*.

Fol. 17. Fol. dividida tambem em duas partes; na superior um Leão e uma cabeça de Minerva. Na parte inferior um baixo relevo: Sileno é conduzido em triumpho bacchico á presença do Deus Baccho e de Ariadne. Tem num rotulo a lettra: *Romae. ex. | vetustabvs*¹.

Fol. 17 v. Folha dividida em duas partes: Cabeça de Marte; Cupido dormindo. E a inscripção: *In domo Cardinalis Caesii*.

Fol. 18. Desenho de figura, symbolizando a Guerra, triumphando sobre os poderes da terra (?). A figura tem todos os attributos do guerreiro: elmo, capacete, espada. Por debaixo tres rotulos sobrepostos, com os seguintes lettreiros: *Pau. pont. max. | Caesar | Rex*.

¹ *Vetvs tabvs (sic)* não se entende, mas é o que se lê no codice (*vetere tabula?*).

Talvez uma allusão ás tres potencias que se disputavam mutuamente a hegemonia na Italia: Paulo III, Carlos V e Francisco I, em lucta sanguinolenta. Tubino vê em tudo isto a *Estátua de Pasquinus*. Vid. o desenho de fol. 37.

Fol. 18 v. Desenho do Arco de Septimio Severo; por debaixo o Arco de Jano no Velabrum. O segundo é provavelmente o arco *quadrifrons*, de que falla Fournier, pag. 56, e o *Cicerone*, vol. I, pag. 31.

Fol. 19. Desenho do Arco de Constantino.

Fol. 19 v. Desenho de um belvedere de jardim romano. Tubino imagina um *Circo romano*.

Fol. 20. Desenho do Arco de Tito.

Fol. 20 v. Desenho de antigualhas, com a inscripção: *In monte caballo, vel quirinali, apellato nunc mesa¹ | ferunt ex turre Micaenatis aut templo solis ab haureliano imp. conditum*. São talvez antiguidades achadas no jardim do Palacio Colonna, que occupa parte do terreno, onde se erguia o templo, construido por Aureliano no seculo III.

Fol. 21. Desenho de columna, capitel e architrave corinthio; com a inscripção: *In viminali monte ex thermis Diocleciani herculei imp. in quibus extruendis memorant XL. millia christianorũ. pluribus annis, in modum servitii habuisse tiranum*.

Segundo a tradição trabalharam nas thermas de Diocleciano, as maiores das onze que a velha Roma possuira, 40:000 christãos. Estas construcções, ou antes, as suas ruinas colossaes eram por isso consideradas sagradas desde o principio da Edade-Média.

Fol. 21 v. Desenho da planta do Templo de Baccho.

Fol. 22. Desenho do interior do Templo de Baccho.

Fol. 22 v. Desenho de uma *Columnata* de estylo ionico com ovulos; a inscripção diz: *Apresso di Campidoglio in Roma*. Tubino accrescenta: «Probablemente las columnas de Focas».

Fol. 23. Desenho que representa tres andares de columnas corinthias em ruina. Á direita a inscripção: *Romae, | in Regione | templi diui | Gregori*. Á esquerda: *Septizoni | um | sepulcrum Seu | ri imperatoris; a | septem cingulis | vel zonis col | lumnarũ.; desũt | nunc | quatuor supe | riores*.

Fol. 23 v. Folha dividida em duas partes. Parte superior: Desenho de vinhas, de enforcado, e a nota: *Exordio dalgũas vinhas de Thoscana*.

¹ O termo *mesa*, deve ler-se talvez *mensa*; *condito* (?).

Na parte inferior da folha: um grande Vaso, com figuras de relevo; do lado esquerdo lê-se: *daltura tem*; do lado direito: *palmos VI*. Uma inscrição mais extensa declara: *Dizem que antigamente soya a Cidade de Pisa de encher este uaso de moeda em tributo aos Romanos.*

Fol. 24. Desenho de chaminé antiga, monumental.

Fol. 24 v. Vista do **Foro romano**. Á direita o **Templo de Antoino Pio**.

Fol. 25. Vista das ruínas do **Templo da Paz** em Roma: *Templi vestigia pacis*.

Fol. 25 v. Desenhos de baixos relevos no Capitolio.

Tem á direita a inscrição: *Leonis X. Pon | t. max. quã pres-tita | francis caste V.I. doc | Iohani, archioni, comitiae | Johani aug. ulgaminio | cos. anno M.DXV. | ex diue martine templo in | hunc que locum addv | tũ marcus avre | lius severvs Tr | ivmp. pãr rom. imp.*

Á esquerda: *Sic Ro | mae in | capito | lio | ex. mar | more s | culpta | ad vivvm¹.*

Fol. 26. Folha dividida em duas partes. Parte superior: **Juno Ludovisi**, esplendido desenho a crayon vermelho. O Sr. Tubino descobriu uma *Cleopatra* (!).

Na parte inferior um desenho de métras ou marcos. Tres hermas á volta de uma urna, na qual vasa uma fonte. Tem a inscrição: *Simlacra metarvm de lapidibus, Ro | mae, sic faciendvm, cvravi.*

Fol. 26 v. Vistas da **Basilica de S. Pedro**.—Sepulchro dos Sci-piões. E a inscrição: *Sic Romae, ante Beati petri Basilicam | Pinna aenea | & pauones | cernuntur ex sepulchro Sci | pionum, aiunt.* Por debaixo d'esta inscrição uma Esphinge.

Fol. 27. Estátua de **Pyrrho**, em Roma. Provavelmente o *Ares* do Museu capitolino (*Cicerone, Antike Sculptur*, pag. 80).

Fol. 27 v. Folha dividida em duas partes: baixos relevos do **Templo de Baccho**. Na parte superior: *De testudine. templi. | bacchi. ops. mvsivvm.* Na parte inferior: *Aiunt sepvlchrvm bacchi ex lapide nvmidico.* Do templo, que é antes a sepultura de Annia Regilla, restavam ainda ha pouco quatro columnas corinthias (hoje igreja de S. Urbano). Vid. fol. 21 v e 22.

Fol. 28. Varios desenhos: uma mascara; uma cabeça de Medusa. Dois faunos encostados a duas pilastras, e no meio: *Marsia svspens. ab Apolone*; allusão ao supplicio dado ao fauno Marsyas por Apollo.

¹ É a cópia fiel da inscrição; as primeiras cinco linhas não se entendem.

Em baixo a nota: *In. domo. Car. | della valle. | ex. marmore. sc̄pt*¹.
No palacio do Cardeal della Valle.

Fol. 28 v. A figura de um joven com uma flauta, Marsyas, talvez, de frente e de perfil. A Venus capitolina. Um genio (amor?) cavalgando sobre um monstro marinho. No palacio do mesmo Cardeal.

Fol. 29. Figura de Mercurio, em dois desenhos, estátua mutilada e estátua restaurada.

Na parte inferior do desenho duas sandalias de bronze, riquissimas, de imperador.

Fol. 29 v. *La Boca de la Verità*. Uma allegoria inintelligivel: uma cabeça (disco) fendida; um joven (o engano?), na figura de um bobo, afasta uma mulher, ornada de diadema. *Romae | De | Fa | vlla | veritatis |*.

O menino da espinha, do Capitolio, *ex aere*.

Fol. 30. Desenho de fragmentos de esculptura: duas cabeças; um fragmento de braço; dois fragmentos de mãos e um pé. Restos do colosso do palacio de Nero, no Capitolio, com a nota: *CXX pedvm*.

Fol. 30 v. Desenho de um Vaso antigo de marmore, em Roma.

Fol. 31. Desenho da figura de Venus, saído do banho.

Fol. 31 v. Desenho do Elephante de Leão X (provavelmente o da embaixada de Tristão da Cunha, 23 de Março de 1514. «Carta de Nicolau de Faria a El-Rei D. Manoel: *Corpo diplomatico portugûes*», relações com a curia romana. Lisboa, 1862, pag. 238; Goes, *Chronica*, Parte III, pag. 259 a 263).

O elephante branco de D. Manoel durou apenas dois annos, pois morreu na primavera de 1516. Reumont (vol. III, pags. 81 e 147) assegura que foi desenhado por Raphael, e que lhe consagraram o seguinte epitaphio (pag. 857, notas do vol. III, parte II):

Monte sub hoc elephas ingenti contegor ingens,
Quem rex Emanuel devicto oriente Leoni
Captivo misit decimo, quem romula pubes
Mirata est, animal non longo tempore visum,
Vidit et humanos in bruto pectore sensus.
Invidit Latii sedem mihi paraea beati
Nec passa est ternos domino famulariter annos.
At quae sors rapuit naturae debita nostrae
Tempora vos superi magno accumulate Leoni.

¹ Devia ler-se *Marsias suspensus ab Apolline*. Na segunda inscripção a palavra *sc̄pt*, tem um *l* por cima do *v*.

O formidável pachiderme tinha pouco antes servido num grotesco cortejo triumphal do poeta jocosos Baraballo de Gaeta, especie de bobo da côrte de Leão X (Reumont, pag. 131). O elephante e o cortejo grotesco (não o *heroico*, de Tristão da Cunha!) mereceu as honras de ser perpetuado pelas mãos do celebre entalhador Giovanni Barile, na porta que communica a Sala della Segnatura com a Sala di Heliodoro, no Vaticano.

Fol. 32. Motivos de *grotescos*, talvez das *Loggie* do Vaticano.

Fol. 32 v. Motivos de ornamentação da **Villa Medici**: diferentes mosaicos; a fonte do Elephante.

Fol. 33. Desenhos de estátuas, com a nota: *Romanus pver. Virro* (sic, *vir*) *romanus*.

Fol. 33 v. Vista da **Caverna Egeria**: *Simulacrum. sev. vmbra. speluncae. aegeriae. nimphae. Concubinae Nymae. Pomp.*

Fol. 34. Desenho de uma Fonte monumental.

Fol. 34 v. Vista da **Gruta de Posilippo** em Napoles.

Fol. 35. Folha dividida em duas partes: Vista da igreja de Santo Antonio de Padua (dos Portugueses): Lembrança de **S. Antonio de Padua**; e a inscrição: *Patavii. ad. basilicã. divi. Antonii. Lvs.*

Em seguida: *ex aere*. Uma estátua equestre (em Padua?) talvez a do Condottiere Gattamelata; e ainda mais abaixo, desenho de fortificações: **Do muro & caua**, da cidade de **Padua**.

Fol. 35 v. Desenhos (tres) das **Fortificações de Ferrara**: 1. *Do Muro de Ferrara*. 2. *Rio Po*. 3. *Do muro de Ferrara* (outra vista).

Fol. 36. Vista de **Terracina**. Um rochedo guarnecido de fortificações; em baixo a *Via Appia*.

Fol. 36 v. Desenhos de duas **Fortificações de Pesaro** e da planta da fortaleza (obra de tijolo).

Fol. 37. Vista da **Fortaleza de Nizza**—Do porto de Villafranca, *donde Paulo III, e Carlo V, e Francisco foram juntos a fazer paz maio de XXXVIII*. Vid. o desenho de fol. 18.

Fol. 37 v. Vista da *riviera*: **Hv. Trato da Ribeira de Genoa**.

Na parte inferior: **Fortaleza da cidade de Cerzana, signoria de Genoa**.

Fol. 38. Vista de **Gaeta**. *Caeta* (sic). *Hic mintvrna. fvit. olim*.

Na parte inferior: **Ho passo do Garelhano**—*gavrianus sive liris fluvius*. Leia-se: Garigliano, logar da batalha, ganha pelos hespanhoes contra os franceses em 1508, perto de Gaeta.

Fol. 38 v. Vista de **Spoletto**. Aqueducto e Castello.

Memoria da manifica Ponte de Narne (em ruinas). Provavelmente a ponte sobre o rio Nera (vid. Nohl, pag. 305).

Fol. 39. Vista: La Rocha (sic) de Civita Castellana.

Fol. 39 v. Desenho do relógio da Praça de S. Marcos em Veneza.

Fol. 40. Desenho do retrato do Dux Petrus Landus (o Doge de Veneza).

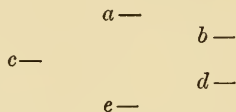
Fol. 40 v. Desenho da Estatua equestre do Colleoni, em Veneza.

Fol. 41. *Memoria do Arcenal de Veneza.* | tem dozentas gales. | armas p.^a cẽ mil homens.

Fol. 41 v. Vistas, em duas partes: *Braço do | rio. Timavo. braço q̃. vai a Padoa—Traietto de Veneza a Padoa pelo Hadriaticus.*

Fol. 42. Vistas, em duas partes. De Sam Sebastião de Lepuzca, detalhes do muro, e córtes.—*O cubo* (fortificações) de Fonterabia. No canto, á esquerda: homem e mulher de Bayona. No canto, á direita: homem e mulher de Lepuzca (Guipuzcoa—Hespanha).

Fol. 42 v. Desenho composto de cinco elementos: a) «*Parque e citadella da rochetta*» (em Milão?). b) Moinhos de vento «*a par de Tolosa*». c) *De Lombardia | Belforte.* d) *Onde prenderão El Rey. Pavia.* e) *De Lombardia.* A disposição é a seguinte:



Tubino escreveu só: «Rochella (sic!), Lombardia. onde prenderon el-Rey. Pavia».

Fol. 43. Desenho da Porta de Sam Marcos de Veneza | *Mal feita |* (sic). *Cavallos acabados.* Refere-se aos cavallos de bronze.

Fol. 43 v. Vista da Fortaleza de Salssas. (Este verso é folha dupla).

Vista de Orvieto (vista de passaro).

Fol. 44. Desenho do Pozo de Orvieto; obra grandiosa de Antonio de Sangallo. Vasari ed. Milanese, vol. v, pag. 461, e VI, pag. 303; Nohl, pag. 133-134.

Fol. 44 v. Vista da «*Quintan de Pesaro, por fóra*» (fachada). É a celebre villa no Monte Imperiale, perto de Pesaro, construida por Girolamo Genga para o Duque de Urbino.

Vista da «*Quintan de Pesaro, por dentro*» (pateo).

Fol. 45. Desenho da Entrada da fortaleza de S. Elmo em Napoles.

Desenho de *Merli dela medesima Rocha* (sic).

Fol. 45 v. Desenho de um Templo de ordem corinthia, com uma extensa inscripção grega, em Napoles: Τιβέριος Ἰούλιος Ταρασὸς Διὸς κούροις καὶ τῇ πόλει τὸν ναὸν καὶ τὰ ἐν τῷ ναῷ πελαγῶν Σεβαστοῦ ἀπελεύθερος καὶ ἐπίτροπος συντελέσας ἐκ τῶν ἰδίων καθιέρωσεν.

Fol. 46. Desenho de janella: *Dorica*.

Fol. 46 v. Desenho do Mausoleo de Artemisia, Rainha de Caria. Vista de estylo jonico, ou antes, janella. (Este verso é folha dupla).

Fol. 47. Desenho de janella: *Jonica. Em Genoa*. (Serão as precedentes da mesma cidade?).

Fol. 47 v. Desenho: *Opera. Rvstica. de. Fortezze* (fortalezas).

Fol. 48. Desenho: Arco de Trajano em Ancona.

Fol. 48 bis. Desenho do Tecto da Casa dourada de Nero. Tem a nota: *Palmos LIII por banda*.

Fol. 48 v. A figura de S.^{ta} Maria Magdalena com a caveira; máscara natural ao lado. É um busto sustentado por dois anjos. Com a inscripção: *Caput beatæ M. Magdanellæ in Sancto Maximino*. (Este verso é folha dupla).

Fol. 49. Vista do Mont Cenis, nos Alpes: *Do. alpe. de | Mon cinis. | o decer nas ramaças*. Francisco de Hollanda e seus companheiros vem descendo a montanha, no meio das neves, uns a pé, outros sentados em ramaças, feixes de ramaria, resvalando pelos declives.

Fol. 49 v. Vistas da Provença; *Il Sasso. dove. Sorga. nasce. dove. Petrarcha scriss. loco. beato*. O rochedo onde brota o rio *Sorgues*, perto da aldeia de Vaucluse, retiro favorito do afamado poeta.

Fol. 50. Allegoria ao rio Tibre, marmore celebre do Belvedere, em Roma.

Fol. 50 v. Scena de duello entre cavalleiros. Composição formada por ginetes e peões; no centro luctam dois guerreiros, armados de espadas e hachas de armas. Ao fundo uma paisagem, com a povoação: *Moncallier*. Fóra do quadro vê-se, á esquerda, deitado sobre a relva, um homem que desenha, e o nome *Francisco*, muito provavelmente, o auctor, figura, infelizmente, pouco caracterisada.

Fol. 51. Vistas da cidade de Pisa: *O baptisteiro. e domo. de Pisa*, etc. na seguinte disposição:

- | | | |
|-----------------|---------------------------|--------------------|
| a) Baptisterio. | c) Domo. | d) Torre inclinada |
| b) Campo Santo. | e) a inscripção da Torre. | |

Fol. 51 v. Desenho da Capella de Loreto.

Fol. 52. Vista de Loreto.

Fol. 52 v. Vista da região de Napoles: *Situs. vbi. conflagratio. Puteolana. ann. MDXXXIX*.

Arredores de Napoles, talvez Pozzuoli, Baja. Bahia de Napoles, á vista de passaro.

Fol. 53. Vista do Lago Averno, na Campania, ao Norte da antiga *Cumae*, que segundo Vergilio (A. 3, 442 e 6, 118) dava entrada no inferno. O lago, cercado de rochedos abruptos, enche a cratera de um vulcão extinto, que exhala emanações deleterias (enxofre, ammoniaco, chloro). Francisco de Hollanda, apeado do cavallo, aproxima-se da borda do lago fumegante, recommendando cautella a dois criados, que o acompanham. O desenho tem a legenda: *Horrendas. favces. averni.* ann. M.D.XXXX men. februa. sic. vidi. et. posvi. Representa a cratera de um vulcão e por baixo: *Lacus avernus.*

Fol. 53 v. Vista: Castello. novo. d. Napoles.

Fol. 54. Vista de uma Galeria no Palacio do Cardeal della Valle, em Roma.

Fol. 54 v. Vista do Amphitheatro de Narbonna.

3. Emendas á descripção de Tubino

Fol. 1 v. T. esquece-se de dizer que tanto o retrato do Papa, como o de Miguel Angelo, tem uma inscripção biographica.

Fol. 2. Não são duas coronas de laurel, no retrato de Miguel Angelo, mas sim as que descrevemos. De resto, bastava que T. olhasse para a gravura correspondente, publicada no vol. II da revista *El arte en España*, pag. 115.

Fol. 2 v. e fol. 3. São oito figuras de costumes e não quatro; T. saltou o desenho de fol. 3. Deve ler-se á (prepos.) *francesa*, e não a (art.) *francesa*, etc.

Fol. 3 v. Na descripção d'este desenho ha diferentes erros e omissões, como se poderá verificar, confrontando a nossa descripção com a de T.

Fol. 4. Maiores erros e ainda mais importantes lacunas encontrámos na descripção do seguinte. Não percebemos como uma allegoria evidente á decadencia da *vrbs* (basta recordar os dois genios com a lapide do sepulcro) possa ser interpretada como: *Allegoria de Roma demonstrando la universalidad de sus conquistas!*

Fol. 4 v. T. omittiu toda a inscripção latina.

Fol. 7 v. T. não menciona a Estátua equestre de Antonino Pio.

Fol. 11. T. omittiu: *in | ex | qviliis*. A vista do Castello de S. Angelo está nas costas do desenho do segundo cavallo, occupando uma folha de lado a lado, que designaremos 11 a e 11 b.

Fol. 11 v. T. não falla da tábua com os tres caracteres gregos.

Fol. 12. *Charitas*. Vide a observação no texto.

Fol. 12 v. *Antinoos* (supposto). Vide a observação no texto. Pelo *fac-simile* que tirámos dos lettreiros, não se lê senão o que escrevemos. É possível que na segunda linha (NOVI) possa ler-se o v por um u; mas o i é que não póde confundir-se com um s.

Fol. 13. *Hercules* (supposto). Vide a observação no texto.

Fol. 16 v. T. classifica: *Portico del Panteon de Agrippa* o desenho complicado, que descrevemos cuidadosamente. A sua descripção é absolutamente phantastica. Como se póde confundir um poço com um portico? Ou leria T. *porticum Panth.* em vez de *puteum Pantheonis?*

Fol. 17. Falta a descripção do baixo relevo de Baccho.

Fol. 18, Estátua de *Pasquinus*. Não percebemos onde T. foi buscar os elementos para semelhante interpretação! Como se sabe, a estátua de Pasquino, marmore mutilado, sem nariz, sem braços e sem pernas, segundo uns uma estátua antiga de Hercules, segundo outros um gladiador ou um Ajax, está hoje na piazza Pasquino. O pedestal da estátua foi durante seculos o pelourinho no qual a opinião pública se vingava das prepotencias dos magnates, collando nelle as mais pungentes satyras. Defronte de Pasquino estava outra figura, *Marforio*, que formulava as perguntas a que o seu *pendant* respondia. Se Hollanda pretendesse representar Pasquino, havia de desenhar certamente o Marforio.

Fol. 19 v. Vide a observação no texto.

Fol. 20 v. A inscripção latina está mal transcripta e incompleta.

Fol. 21. Não é só columna e capitel, mas tambem o architrave, tudo corinthio. A inscripção latina está muito incompleta.

Fol. 22 v. Vide a observação no texto. A supposiçào «probablemente columnas de Focas», parece-nos gratuita. As columnas em honra do imperador *Phokas* (levantadas pelo Exarcha Smaragdus em 608) eram de estylo corinthio. Estavam junto á Basilica Julia, onde ainda se conservava em 1865 a última. De resto, Hollanda diz *apresso di Campidoglio*, e não desenhou a estátua de bronze dourado do tyranno *Phokas* (em cima de uma das columnas) como era indispensavel, se quizesse alludir a ellas.

Fol. 23. Descripção inexacta. Uma das inscripções latinas está incompleta.

Fol. 23 v. A descripção do desenho está toda errada e confusa.

Fol. 25 v. Faltam ambas as inscripções latinas.

Fol. 26. Vide a observação no texto. O desenho das métas ou mareas parece a Tubino uma *Alegoria de la medicina*. Não percebemos! Falta a inscripção latina.

Fol. 26 v. Falta a inscripção latina.

Fol. 27 v. São dois desenhos, e duas as inscripções; faltam ambas.

Fol. 28. T. menciona apenas os Faunos; e omitte, além d'isso, ambas as inscripções latinas.

Fol. 28 v. A figura que supponmos ser Marsyas, é para Tubino um *Pan*, mas não tem os caracteres d'este typo. Indicações incompletas.

Fol. 29. Não menciona as Sandalias de bronze.

Fol. 29 v. Indicações muito incompletas.

Fol. 30. Não especifica os fragmentos de esculptura; nem dá a medida dos restos do colosso (CXX pedvm).

Fol. 30 v. Falta a nota do logar «em Roma».

Fol. 32 v. Diz sómente: *Adornos en la Villa Medicis*, sem especifical-os.

Fol. 33. Escreve *vero romanus*, o que é erro, por *vir*.

Fol. 33 v. T. acrescentou a nota «em Roma».

Fol. 35. Descripção toda errada..

Fol. 36. Descripção inexacta e incompleta.

Fol. 36 v. Descripção inexacta e incompleta.

Fol. 37. Descripção incompleta.

Fol. 37 v. Descripção incompleta.

Fol. 38. Descripção incompleta. Inscripções omittidas.

Fol. 38 v. Descripção incompleta. Inscripções omittidas.

Fol. 41. Inscripções incompletas.

Fol. 41 v. Descripção incompleta. Inscripções omittidas.

Fol. 42. Descripção incompleta. Inscripções alteradas.

Fol. 42 v. Descrição toda errada.

Fol. 43. As explicações dos desenhos de fols. 43, 43 v, 44, 44 v e 45, estão incompletas e pouco claras.

Fol. 45 v. Não sabemos onde T. foi descobrir este templo em Paestum, onde ha apenas os célebres templos de Neptuno e de Ceres e a *Basilica*, com os quaes este de Hollanda nada tem que fazer. A inscripção grega diz claramente que era dedicado aos *Dioscuros*: Castor e Pollux. Eis a traducção fiel: *Tiberio Julio de Tarsos consagrou aos Dioscuros e á cidade o templo e os thesouros do templo* (foi um) *liberto no bando dos clientes de Augusto e prefeito, as despesas pagando da sua fortuna*. É provavel que seja simplesmente o templo do Castor e Pollux no *Forum Romanum*, embora Hollanda diga: *em Napoles*.

T. diz apenas o seguinte: *Templo romano*. Pestum (?).

De resto, bastava considerar que todas as tres reliquias de Paestum são da ordem dorica e que o desenho de Hollanda é da ordem corinthia.

Fol. 46. T. julga ser uma *Puerta de Orden Dorico*. Eu vejo uma janella. Hollanda poz só a nota: *Dorica*.

Fol. 46 v. O desenho que T. classifica como: *II, Puerta Monumental*, parece-nos simplesmente uma *janella*. O Mausoleu de Artemisia é o monumento destruido de Halikarnasso, erguido pela rainha a seu marido Mausolos (d'ahi o nome *Mausoleu*) que morreu no anno 353 ou 351 A. C. Era uma das sete maravilhas do mundo. Ainda existem restos importantes das fundações perto de Budrum; e esculpturas notaveis no Museu Britannico. Hollanda tentou a reconstrucção provavelmente por Plinio (*Nat. Hist.*, 36, 5), que descreve o monumento (Kugler, *Geschichte der oriental. u. antiken Baukunst*, Stuttgart, 1859, vol. 1, pag. 271) indica projectos de reconstrucções, modernos. Vide ainda o estudo de G. Kinkel, *Das Mausoleum von Halikarnassos*, em *Mosaik zur Kunstgeschichte*, Berlin, 1876, pag. 108 e seg.

Fol. 47. T. classifica o desenho como *Puerta, estilo ionico*. É evidente que representa uma janella.

Fol. 47 v. T. intitula o desenho: *Opera rustica, en Florencia* (?), sic!

Não atinamos onde foi encontrar a designação *Florencia*.

Fol. 48 bis. T. omittiu a designação das dimensões.

Fol. 48 v. T. não descreve o desenho; cita só o titulo.

Fol. 49. T. não descreve o desenho, que é um dos mais interessantes, dizendo simplesmente: *Vista del Montcenis, en los Alpes*.

Fol. 51. Descrição incompleta do desenho.

Fol. 52 v. Descrição muito incompleta; falta a inscripção.

Fol. 53. Não descreve o desenho, transcrevendo e interpretando a inscripção erradamente. O dizer *sic. vidi et posui* transforma T. em *secundi vidi posui* (!). A situação do lago não é junto a Napoles, mas sim ao norte da localidade, chamada hoje Baja. Agrippa, em tempo de Augusto, regularizou as florestas que circundavam o lago, e mandou construir um tunnel, que ia até Cumae, o qual punha em communicação o lago Luerino com o mar. A erupção de um vulcão junto a Montenuovo destruiu o tunnel. É possivel que a *conflagratio Puteolana* (referida a Pozzuoli, localidade tambem proxima) do anno de 1539, a que Hollanda se refere, seja essa erupção vulcanica.

Porto, Dezembro de 1895.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

Estudos numismaticos

Casa da moeda em Beja — Exploração de minas de cobre e azougue — Cunhagem de ceitis no tempo de D. João III

Diz o nosso amigo e collega Dr. Teixeira de Aragão, na sua excellente *Descrição geral das moedas* (t. I, pag. 59), que no reinado de D. João III apenas tivera conhecimento de haverem funcionado as casas da moeda de Lisboa e Porto, e na Asia as de Cochim e Goa.

A paginas 63, escreve o seguinte periodo:

«Em algumas terras do reino existem ruas chamadas da *Moeda*. Atribuimos este facto á lei e regimento de fevereiro de 1642, que mandou carimbar as moedas de prata que tivessem o pêso, estabelecendo officinas: *na cidade do Porto, para a provincia de Entre-Douro-e-Minho; na de Miranda, para a de Trás-os-Montes; nas villas de Trancoso e Castello-Branco, para a da Beira; na cidade de Coimbra e villa de Thomar, para a da Extremadura; nas cidades de Evora e Beja, para o Alemtejo; e na cidade de Tavira, para o Algarve.*»

E em nota a este paragrapho observa:

«Em Beja existe, proximo da praça, uma *rua da Moeda*, chegando alguem a affirmar-nos, sem dizer o fundamento, haverem alli sido cunhados os *espadins de ouro* de D. João II, e que os exemplares d'esta moeda sem lettra monetaria deviam ser attribuidos a esta officina.»

Dos trechos que acabamos de transcrever se deduz que o illustre numismatico não admitte a existencia de uma fabrica da moeda em Beja, a não ser accidentalmente e com um fim muito secundario, como o da carimbagem, e que no reinado de D. João III só se cunhara moeda, no continente, em Lisboa e no Porto. Ora nós encontrámos documentos, pelos quaes se prova que aquelle monarcha auctorisára em Beja a cunhagem de ceitis de cobre, facto e documentos até hoje ignorados dos que tem tratado da materia.

Ruy Lopes, do conselho de D. João III e vedor da casa real, tinha obtido licença para descobrir minas de azougue e cobre na cidade de Beja e seu termo, e, como a exploração d'estas minas lhe acarretaria grande despesa, el-rei lhe concedeu que elle, do cobre que tirasse, podesse mandar lavrar moeda de ceitis em uma casa que mandaria fazer de muros a dentro d'aquella cidade.

As condições eram as seguintes: que elle não pagaria, em sua vida, nenhum direito da moeda que lavrasse; que os officiaes empregados neste mistér seriam equiparados aos da casa da moeda de Lisboa; que a mercê seria só durante a vida de Ruy Lopes, e que,

por seu fallecimento, el-rei tomaria conta da casa, com todos os apparelhos, pagando tudo aos herdeiros pelo preço que valesse ao tempo da avaliação.

O respectivo diploma foi assignado em Evora a 8 de setembro de 1524. Dois dias depois era-lhe passada carta identica de privilegio para a exploração de uma mina de azougue na mesma localidade. O concessionario ficaria isento do pagamento de direitos reaes e por sua morte a propriedade da mina passaria para seus successores e herdeiros. Se ella produzisse tanto azougue que bastasse para o tracto da India e consumo do reino, ninguem mais poderia explorar mina identica sem consentimento do mesmo Ruy Lopes. Os que de alguma fórma contrariassem a concessão pagariam vinte cruzados de ouro, sendo metade para os captivos e outra metade para o concessionario.

Uma objecção se offerece e é se o privilegio concedido a Ruy Lopes chegaria a ter realidade. É de suppor que sim, attendendo á importancia da pessoa e á importancia da concessão. O védor da casa real não tentaria tão lucrativa empresa sem contar preliminarmente com os bons resultados d'ella. Em todo o caso, é um facto que convem seguir e estudar convenientemente, consultando os archivos locaes, que necessariamente devem fornecer alguns subsidios para resolver o problema. Beja, que já possui um museu archeologico de bastante valor, deve ter todo o empenho em verificar e confirmar se effectivamente se fabricou alli moeda.

Quem sabe se um exame mais profundo e comparativo dos ceitis de D. João III não nos viria indicar quaes foram aquelles que se cunharam na historica *Pax Julia*?

E, sendo assim, com quanto afan não procuraria o museu de Beja exhibir alguns d'esses exemplares!

Damos em seguida os documentos comprovativos:

«Dom Ioham &c. a quantos esta minha carta virem faço saber que Ruy Lopez, do meu conselho e veador de minha cassa, me disse que eu lhe tinha dado licença para descobrir em terino de minha cidade de Beya hũa mina dazougue e cobre, e por quanto no descubrimento da dita mina e tirar dos metaes dela avia de fazer muyta custa e despesa, me pedia que lhe dese licença que do dito cobre podese mandar laurar moeda de ceitis na dita cidade, em hũa cassa que pera yso ordenara, e fara a sua custa e despesa, e avendo eu respeito ao que o dito veador Ruy Lopez me asy dise e pidio e a muita despesa que ade fazer no que dito he, e aos muitos seruiços que delle tenho recebidos e ao diamte espero receber, e por niso lhe fazer graça e

merce, tenho por bem e me praz lhe dar licença pera que ele posa fazer na dita cidade de Beya, dos muros a dentro, hũa cassa em que aja hoficiaes ordenados, que laurem o dito cobre em ceitys, e esto do cobre que ele tirar ou mandar tirar da dita mina que asy descubrir, e em sua vida nã pagara do que asy laurar nenhum direito e tudo sêra lyure e eysemento, sem do que asy laurar pelos ditos officiaes pagar cousa algũa, e os officiaes que na dita casa ouverem de laurar, que seram aqueles que me parecer que abastaram pera lauramento do dito cobre, segundo a quantidade que for e da dita mina tirar, e as que lhe asy eles nom tiram os pryuilegios que sam dados aos moedeiros da moeda de Lixboa. E porem o notyfco asy ao corregedor desta comarqa e ao meu comtador, juiz e officiaes da dita cidade, e lhe mando que lhe deyxem ordenar ao dito Ruy Lopez a dita cassa pera lauramento da dita moeda de ceitys e lhes deyxem laurar do cobre que da dita mina tirar e lhe nom ponhom sobre yso duvyda nem çbarguo algum, por que asy e minha merce. E por quanto esta merce, que ho dito Ruy Lopez faço, ade vsar dela em sua vida somente, prazme que per seu falycymto lhe mandar tomar a dita casa e aparelhos que teuer pera lauramento da dita moeda e lhe mãdarey pagar a seus erdeiros o que tudo valer ao tall tempo per avaliaçam que se diso fara. Dada em Evora a biij dias do mes de setembro. — Andre Dias a fez — de mill b^o xxiiij. E eu Demiam Diaz o fiz escrever.»

(Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 37, fol. 128 r.)

«Dom Joham &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que Ruy Lopez, do meu conselho e veador de minha casa, me dise que em termo de minha cidade de Beya avya muytas minas, que elle a sua custa querya buscar hũa, de que podese tyrar azouge, de que se poderya seguir muyto proueyto em meu Reyno, pedimdo-me que pera iso lhe dese licença, e avemdo eu respeito a ser nobrecimêto do Reyno descobryremse as ditas mynas, e aver nelle os ditos metaes, e por nyso lhe fazer graça e merce, me praz lhe dar licença, e de feito por esta lhe dou, pera que elle posa abryr na sua terra, ou em qualquer outra do termo da dita cidade, a sua custa, a dita myna dazouge, do qual elle em sua vida me nam pagara nenhuñ direito que se nella achar, e achamdo a dita myna em terra dereos pagara a seu dono o dano que se na dita terra fezer e semdo terra do comcelho nom pagara cousa algũa, saluo remdemdolhe algũa cousa, por que emtam se estimara a perda que por yso receber na dita reemda e lho pagara, a qual myna que asy descobrir por seu falecimento ficara a seus erdeiros e sobsesores pera sempre, pera se della aproueitarem

como de cousa sua, por se asy descobryr a sua custa e despesa, e asy me praz que, descobryndo elle a dita myna e avendo nella tanto azouge que abaste pera o trato da Imdia e despesa do Reyno, que se nam posa abryr outra nenhũa do dito azouge sem licemça do dito Ruy Lopez e de seus herdeiros, nem eu nem os Reys destes Reynos que despois pellos tempos forem e poderam mandar abryr nem dar licença a nenhũa pessoa que abra, e esto em quãto na sua mina ouer o dito azouge em abastança. Notefico asy aos juizes e officiaes da dita cidade e ao contador della, e lhe mãdo que lhe nom ponham duuida nem embargo no abrimẽto da dita myna, antes lhe dem e façam dar pera yso toda ajuda e fauor que lhe comprir e lhe dem homẽs, bestas, carros, carretas, e toda outra cousa que lhe comprir pera maneo e seruiço da dita myna, todo por seus dinheiros pello estado da terra, porque eu o ey asy por bem e meu seruiço, sob pena de qual quer que ho asy nom comprir pagara vimte cruzados douro, ametade pera os catiuos e a outra pera elle dito Ruy Lopez. E esta carta sera registada no liuro dos comtos da dita cidade pera se saber como lhe asy tenho feita esta merce. Dada em Evora a x dias de setembro. Andre Diaz a fez de mill b^c xxiiij.»

(Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 37, fol. 128 r.)

O Bejense, de 29 de Fevereiro, subministra-nos alguns esclarecimentos curiosos sobre o assumpto, collidos nos archivos locaes, e que nos parecem demonstrativos de que effectivamente se realizou em Beja, no reinado de D. João III, a cunhagem dos ceitis de cobre.

«A fls. 124 do livro I do *Rezisto da camera*, acha-se transcripto o alvará para Ruy Lopes, conselheiro de el-rei e vedor da sua fazenda, poder fazer naquella cidade mil quintaes de cobre em ceitis comprados do seu dinheiro pela bitola e peso da cidade de Lisboa, mettendo para lavrar a dita moeda até quarenta pessoas no anno de 1525.

Na mesma folha está a procuração que o sobre-dito Ruy Lopes deu a João Samorano para fazer a casa da moeda dos ceitis e abrir as minas de cobre e azougue em 1525, e o termo de juramento que a camara deferiu ao dito Samorano e ás pessoas que elle apresentou para trabalharem.

A fl. 127 do mesmo livro se lê o alvará para Duarte Lopes poder abrir cunhos para os ceitis que Ruy Lopes mandasse lavrar nesta cidade e não para outra moeda. 1525.»

Já depois de composto este artigo encontrámos na Torre do Tombo outro documento, que lança nova luz sobre a materia, e que demonstra que a empresa monetaria de Ruy Lopes se espacejou bastante, porque

só sete annos depois dos documentos citados pelo *Bejense* e oito depois das cartas de privilegio é que elle era auctorizado a mandar fazer, em Lisboa ou em qualquer outra parte do reino, um *martinete* para lavramento do cobre. Eis aqui a interessante carta a este propósito:

«Dom Joam &c. faço saber a quantos esta minha carta virem que querendo eu fazer graça e merce a Ruy Llopez, do meu conselho e veador de minha casa, tenho por bem e me hapraz de lhe dar lugar, como de feito per esta dou, que elle posa mandar fazer nesta cidade, ou em quall quer outro lugar d'este reyno que quiser, hum *martinete* pera nelle se laurar cobre, e ey por bem que nenhũa outra pessoa posa mandar fazer outro allgum *martinete* pera laurar o dito cobre, sob pena de o perder pera o dito Ruy Llopez, e mando a todos meus corregedores, juizes, justiça, a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, que imteiramente o cumprão e guardem como se nella conthem. Manoell de Moura ha fez em Lisboa a xxbij dias dagosto do anno do nacimiento de nosso Senhor Ihũ Xpo de jb^e xxx ij annos, e ao pe da dita carta esta hũa postilla, que diz asy: o quall *martinete* ey por bem, por fazer merce ao dito Ruy Llopez, que fique a seus herdeiros e que elles ho tenhã e que nenhũa outra pessoa o posa fazer pera laurar nelle o dito cobre, sob pena de ho perder pera o dito Ruy Llopez ou seus herdeiros. Manoel de Moura o fez em Lixboa a xxbij de setembro de jb^e xxx ij.»

(Torre do Tombo. Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 18, fol. 99.)

Nem no *Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo nem no *Diccionario* de Moraes encontrâmos a palavra *martinete* na significação de engenho para fabrico de moeda. Até pelo lado philologico tem valor o documento¹. Ao nosso amigo e illustre auctor da *Descrição das moedas* lembramos a conveniencia de inserir no ultimo volume da sua obra, tão ansiosamente esperado, um vocabulario technologico da especialidade.

SOUSA VITERBO.

¹ [Já que o Sr. Dr. Sousa Viterbo com todo o fundamento chama a attenção para o valor philologico do documento transcripto, juntarei aqui uma breve nota. A palavra *martinete* corresponde a franceza *martinet*, que se encontra sob a fórma *martinetus* no *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, de Du Cange. A palavra tambem existe em hespanhol: «*martinete* se llama el mazo que mueve el agua, para batir el cobre en los molinos fabricados á este fin: y tambien se llama assi el mismo molino», diz o *Diccion. de la leng. castellana*. O etymo está de certo num derivado do radical do lat. *martulus* «martellino». — J. L. DE V.]

Sepulturas antigas, descobertas em Beja

a) Lê-se n-*O Bejense* de 15 de Fevereiro de 1896:

«A camara recebeu para o seu museu: Do Sr. José Pereira, seis tijolos com signas, que forravam uma das paredes lateraes de uma sepultura encontrada no rocio de Ao-Pé-da-Cruz, sabbado último. Os tijolos, grossissimos, emmalhetam uns nos outros, e na caixa, que forravam, appareceram ossos que se desfizeram ao receberem o ar.

A sepultura tinha a cabeceira para o Norte, era cavada na rocha e forrada de tijolos. Não é novo isto. As sepulturas que appareceram na rua Nove de Julho, quando se construiu a casa onde hoje está a agencia do Banco de Portugal, eram como as de Ao-Pé-da-Cruz.»

b) Lê-se no mesmo jornal, de 22 de Fevereiro:

«No rocio de Ao-Pé-da-Cruz, em excavações a que está procedendo o Sr. Ignacio Gomes, appareceu uma sepultura aberta na terra. É forrada de pranchas de marmore, e identica á que o mesmo senhor offereceu ha tempos para o museu. As suas dimensões são as seguintes: comprimento das paredes lateraes, 2 metros; altura, 0^m,70; cabeceira, largura, 0^m,50; altura, 0^m,70; fundo e tampo, largura, 0^m,55; comprimento, 2 metros. O tampo assenta sobre tres varões de ferro. Os ossos estavam desfeitos, por assim dizer.»

J. L. DE V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

48. De Antas de Penalva (Beira)

«O nome de Antas parece se tomou das muitas que ha por esta terra, as quaes constão de duas pedras, huma dellas que serve como de pés, e outra em cima como mesa, em que dizem se fazião antigamente sacrificios gentlicos; e desta fórma vemos muitas em outras partes d'este Reyno, principalmente na Provincia da Estremadura, e na do Alemtejo no territorio de Evora». (Tomo I, pag. 503.)

49. De Aramenha (Alemtejo)

«Junto ao rio Sever, distante da Igreja do Salvador hum tiro de mosquete estão os alicesses, e vestigios da Cidade da Armenia, já muito

arruinados, porque apenas se conhecem alguns; a qual, segundo delles se mostra foy populosa pela distancia que se está vendo dos edificios». (Tomo I, pag. 517.)

50. De Arca (Beira)

«Ha junto da Igreja huma como mesa, ou altar que consta de tres pedras postas ao alto, e de huma grande lagem, que tem quinze palmos de vão, e vinte de comprimento, a qual corre sobre as tres, que estão levantadas: os moradores lhe chamão *Arca*, e deste feitio ha outras muitas em toda a Provincia da Beira, a que dão o nome de Antas». (Tomo I, pag. 520.)

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

Antiguidades romanas de Balsa

1. Statera

Nos terrenos do littoral, e em parte das serras do Algarve, encontram-se verdadeiras minas archeologicas.

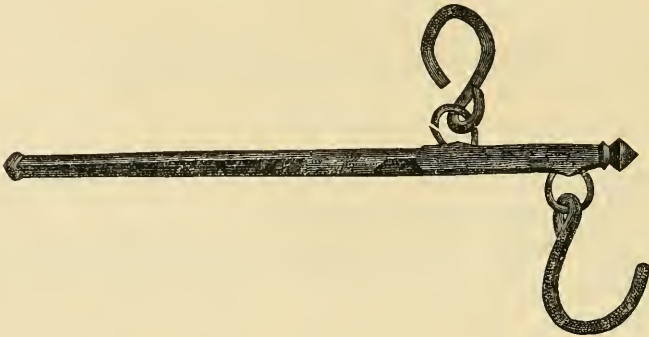
Segundo Estrabão, Plinio, Ptolemeu e outros escriptores, diversos povos antigos habitavam o territorio comprehendido entre a foz do Anas (Guadiana) e o Promontorio Sacro (Cabo de S. Vicente). Effectivamente nas excavações por ahi feitas, alem de utensilios prehistoricos de pedra, cobre e bronze, tem-se descoberto muitos vestigios romanos. Tambem se encontram, de epochas posteriores, vestigios arabes, principalmente por Silves.

Do rio Gilão, que corta a cidade de Tavira, do sitio chamado das Quatro Aguas, parte um canal que vae passar por Santa Luzia, Fuseta, Antas, Torre de Ares e Olhão, terminando nos esteios de Faro. Por estas margens tem-se descoberto innumerous objectos da civilização romana, como tanques construidos de rija argamassa (*opus signinum*), sendo alguns forrados de mosaico, e bem assim moedas, vasos de vidro, de barro, e varios utensilios de metal e de pedra, de uso domestico.

Eram estes sitios habitados pelos povos chamados Balsenses, sendo, talvez, o lugar principal, designado por Balsa, que lhe deu o nome, na Torre de Ares (perto de Tavira), onde se tem encontrado restos de construcções mais grandiosas, como columnas de fino marmore, um extenso cemiterio, piscinas de mosaico, etc.: o que combina com o

Itenerario de Antonino, que diz achar-se Balsa a cinco leguas de *Aesuri* (Ayamonte ou Castro Marim) e a quatro de Ossonoba (Faro), distancias que existem hoje muito aproximadamente entre a Torre de Ares e Ayamonte ou Castro Marim, e a capital do Algarve.

Entre os varios objectos que reunimos durante a nossa residencia na cidade de Tavira, figura a *statera*, vulgarmente chamada «balança romana», encontrada na Torre de Ares e copiada na gravura junta. É de cobre; compõe-se de uma haste de 0^m,19 de comprimento; de cada lado tem duas superficies, divididas por espaços iguaes com riscos verticaes (*puncta*). Numa das faces apresenta, de cinco em cinco riscos, um maior e mais fundo. Na outra face tambem tem marcação, um pouco apagada, sendo os riscos distanciados entre si um centimetro; no meio tem outro risco mais curto, e intercalados um V e um X. No extremo



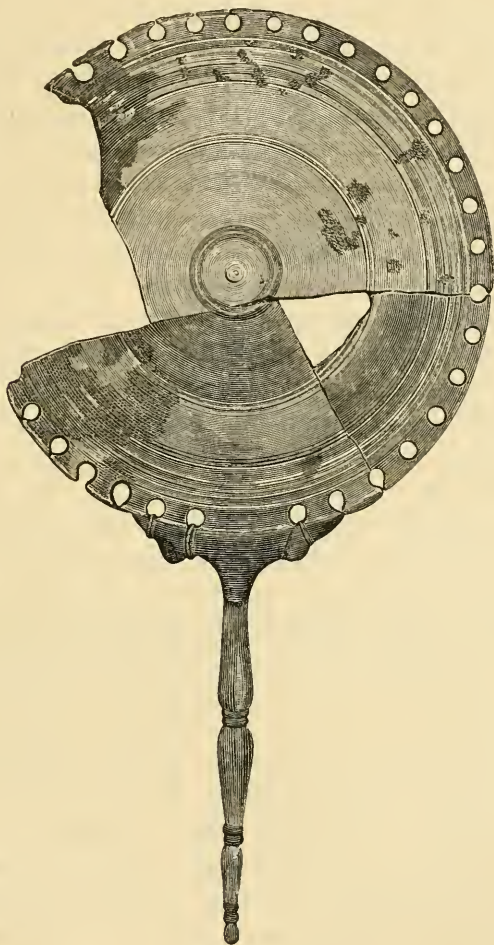
da haste estão em sentido inverso duas argolas lisas, presas em eixos, as quaes seguram dois ganchos: o mais central e mais fechado servia para se suspender; no outro do extremo da haste, que ficava voltado para baixo, era onde se pendurava o objecto que se queria pesar. No comprimento da haste, marcada com a escala dos riscos, collocava-se o *aequipondium*, que designava o equivalente do peso.

Nos museus existem variados especimes de balanças romanas, algumas com primoroso trabalho artistico; o exemplar que acabamos de descrever é dos mais simples que conhecemos, mas obedece ao mesmo systema mechanico.

2. Speculum

A estampa n.º 2 representa um espelho (*speculum*), encontrado nos terrenos das Antas, que confinam com a propriedade da Torre de Ares. É de metal branco, composto de uma liga de cobre e estanho

polido; uma das faces da parte circular é lisa e ligeiramente convexa, na orla tem como ornato uma serie de furos a distancias regulares, e no bordo prende-se um cabo (*capulus*) com o comprimento de 0^m,125 para o segurar. Na face posterior, como se vê no desenho, represen-



tou-se como ornamentação uma serie de circulos concentricos. O diametro é de 0^m,16.

Esta peça foi encontrada inteira, bem como outra analoga, embora menor e mais simples; mas os trabalhadores, que as descobriram, despedaçaram-nas para verificarem se seria de prata.

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO.

Bibliographia

INSCRIPÇÕES E LETTREIROS DA CIDADE DE BRAGA E ALGUMAS FREGUEZIAS RURAES, por Albano Bellino, Porto 1895, xv-182 pag.

Novel ainda nos estudos archeologicos, não quis o Sr. Albano Bellino apresentar o seu livro ao público sem o fazer acompanhar de uma CARTA-PREFACIAL do Sr. Pereira Caldas, professor bracaraense. Esta CARTA-PREFACIAL não passa porém de um cerzido de indicações bibliographicas sem alcance, e de umas futilidades sobre a differença entre *amor da patria* e *patriotismo*. Melhor fôra que tal prologo contivesse observações geraes a respeito das inscripções, da classificação d'estas e da sua utilização para o conhecimento da historia da cidade. Algumas das indicações bibliographicas referem-se a obras que o proprio Sr. Bellino já conhece e cita! O Sr. Bellino é discipulo fervoroso do Sr. Caldas, a ponto de lhe imitar intimamente o estylo, como se vê, por exemplo, a pag. 10, 67, 89-91, 134-135, etc. Sem deixar de reconhecer que o Sr. Caldas possui bastantes conhecimentos, embora avulsos e antiquados, sobre diferentes ramos das sciencias historicas, não devo occultar que lamento que o Sr. Bellino, que é ainda moço, e principia agora a trabalhar, tome para guia e modêlo a quem não está no caso de lhe dar verdadeira orientação mental.

Ao prefacio segue-se uma introdução do auctor, vaga e desconnexa, á cêrca das antiguidades de Braga. O que se diz da epocha romana é incompleto e muito superficial. Da epocha pre-romana nem se falla. A pag. 2-3 a inscripção de Isis não está fielmente traduzida. A pag. 4 escreve o Sr. Bellino: «Segundo o crédulo Fr. Bernardo de Brito, os barbaros do Norte, Wandalos, Alanos e Suevos, invadiram as Hespanhas no anno de 412». Ora, se Brito é *crédulo*, porque o cita? Alem d'isso a citação era inutil, pois a noticia da invasão dos Barbaros não provém originariamente do famoso monge alcobacense. E como é que se justifica a data de 412? Pois o que diz Idacio no *Chronicon* é o seguinte: «Alani et Wandali et Suevi Hispanias ingressi aera CCCXLVII¹», o que corresponde ao anno de 409. — Continúa o Sr. Bellino: «Ficou Braga então sob o reinado do rei suevo Hermenerico, de que fôra segundo successor Theodomiro, e Miro o terceiro, se é que não são os dois um só e o mesmo personagem». Mas isto é inexacto. Theodomiro não foi o pri-

¹ *España Sagrada*, iv³, 351.

meiro successor de Hermenerico: entre os dois monarchas ha ainda sete, afóra os que se não conhecem dos annos de 468-550. De mais a mais, Miro e Theodomiros são dois reis distinctos: o primeiro era filho do segundo, e começou a reinar em 569. Em qualquer livro sobre os Suevos póde ver-se confirmado o que aqui aponto summariamente. Mas, alem d'estas incertezas chronologicas, o Sr. Bellino contradiz-se a pag. 167, em que considera sem hesitação Miro como successor de Theodomiros!

Passarei agora ás inscripções. Digo apenas *inscripções*, porque não vejo qual é a distincção que se pretendeu estabelecer entre *inscripções* e *lettreiros*.

As inscripções colleccionadas no corpo do livro referem-se apenas á Idade-Média e aos tempos modernos. Isto não resalta do titulo.

Uma das inscripções mais interessantes é a wisigothica do sec. VII, publicada a pag. 85, e corrigida no *Boletin de la Real Academia de la Historia de Madrid*, XXVIII, 269, na qual se indica o dia da semana *secunda feria*.

O Sr. Bellino acompanha as inscripções de noticias historicas á cêrca dos edificios ou monumentos em que ellas se encontram. Infelizmente, porém, o auctor nem sempre dá as devidas indicações bibliographicas. Tambem é para sentir que as inscripções não tragam commentarios criticos; esta ausencia de notas faz que muitas vezes não saibamos se certas incorrecções ou incoherencias que se observam nas inscripções são devidas aos gravadores d'ellas, ou ao Sr. Bellino: por exemplo, a pag. 64, lê-se ASSVMPTA EST MARIAM CAELVM, quando, em vez de MARIAM, o sentido pede MARIA IN, estando M por IN; a pag. 172 lê-se AC CEDE em vez de ACCEDE, e DE FLVIT em vez de DEFLVIT¹; a pag. 173 lê-se NEQUTIA em vez de NEQUITIĀ. A quem attribuir taes faltas? Analogas observações suggerem as inscripções de pag. 21, 47 e outras. Eu podia propor algumas explicações que me occorreram, mas, visto que o exame dos proprios monumentos se torna facil, mais vale recorrer a elles do que a hypotheses. A inscripção do tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João I, inserta a pag. 20, não está já toda, como tive occasião de ver, quando estive em Braga em Fevereiro p. p.; o Sr. Dr. José Machado, que conhece todas as antiguidades de Braga, foi quem me chamou a attenção para este

¹ O auctor da inscripção quis dizer, fallando de uma fonte: *defluit unde vide*; comtudo melhor latim seria: *defluat unde vide*.

facto, na occasião em que visitei, em companhia d'elle, a capella de S. Pedro de Rates. Na inscripção de pag. 22 lê-se DESIDES ALTISSIMVS; mas na pedra está DESIDERATISSIMVS; tambem na mesma pedra se lê DIOECESEOS (estando o O enlagoado com o E), e não DIÆCESEOS, como traz o Sr. Bellino. O último factó é sem importancia; deve, porém, em livros d'estes, ser-se o mais rigoroso possível. A pag. 58 o auctor transoreveu *doutor* em vez de *doctor*, e *tudo* em vez de *todo*, pois em português antigo escrevia-se ás vezes *doctor* e dizia-se *todo* por *tudo*; o Sr. Bellino não póde allegar que desejou dar á transcripção fórma moderna, pois a par escreveu *madre* e *reparou*, que são fórmas antigas.

As inscripções estão dispostas com pouca ordem; o auctor podia ao menos ter adicionado ao livro mais dois indices, um chronologico, outro methodico, o que facilitava a consulta, e mostrava melhor o valor d'estes estudos.

No emtanto o livro, tal como está, contribue para o conhecimento da historia de Braga. Não obstante os reparos que fiz, e que espero que o Sr. Bellino acceite de boa mente, por serem francos, este merece elogios pela sua tentativa.

*

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES. Vol. IV, n.º 14.

Com relação a archeologia contém os seguintes artigos: *Necropole prehistorica da Campina nas vizinhanças de Faro*, por Santos Rocha; *Materiaes para a archeologia do districto de Vianna*, por F. Martins Sarmiento. Farei aqui a súmmula dos dois artigos.

1. Necropole da Campina (Faro)

Esta necropole da idade do cobre foi descoberta, e em parte explorada, pelo Sr. Santos Rocha. Elle estudou tres sepulturas, que distavam entre si menos de dois metros; mas a necropole consta de mais outras, que o illustre archeologo pensa ainda explorar; alem d'isso outras sepulturas foram já destruidas pelos amanhos: do que se vê que a necropole era vasta. Esta necropole ficava numa planicie. As sepulturas não eram quadradas; uma d'ellas media de comprido 1^m,20 num lado, e 0^m,90 noutro, e de largura 0^m,80 a 1 metro; e os supportes eram de altura inferior a 1/2 metro; as tampas não estavam já completas: vê-se que estas sepulturas são do typo das *cistas*. Orientação de uma NO. a SE.; de outra NS. Dos cadaveres enterrados nas sepulturas ainda restavam os esqueletos. O modo da inhumação era

muito interessante: a julgar dos factos observados numa sepultura, e não contraditos pelos factos observados noutras, os cadaveres tinham sido deitados de cocaras, — rito já verificado em várias necropoles pre-historicas. Com os esqueletos encontrou-se algum mobiliario: vasos de barro grosseiro, analogo ao da necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego; e objectos de cobre puro. No campo tinham sido já encontrados, durante os trabalhos agricolas, diversos objectos de metal, que ainda não foram analysados chimicamente, mas que talvez tambem sejam de cobre; e uma pequenina placa de ardosia com dois orificios. O Sr. Santos Rocha espera continuar posteriormente as explorações, a fim de assentar melhor a deducção que dos factos agora colligidos tirou; esta deducção, se por um lado mostra que tem de se modificar algumas ideias geraes emittidas por Estacio da Veiga, por outro lado confirma a existencia de uma idade de cobre em Portugal, com tanto calor proclamada pelo mallogrado patriarcha da archeologia do Algarve.

2. Antas do districto de Vianna

a) *Antas do monte de Santo Antão.* — Neste monte existem duas mamôas, de uns vinte e dois passos de diametro: uma d'ellas, sem nome; outra denominada «Poço da Chã» ou «Cova do Armada». Na primeira já não havia nenhuma das pedras da anta; na segunda havia ainda a galeria. Numa nota diz o Sr. Sarmento: «A galeria póde ser descoberta, ou coberta, segundo se lê em algumas descrições. Eu nunca vi nenhuma que não fosse descoberta, e receio muito que nas galerias cobertas tenhamos novo equivoco». A este receio posso observar que tambem já tenho visto antas com galerias cobertas. Uma particularidade da galeria da anta do «Poço da Chã» era ser ladrilhada á entrada; já noutras antas portuguezas tem sido reconhecida a existencia de ladrilhos, e eu mesmo os tenho encontrado tambem. Numa das pedras da anta viu o Sr. Sarmento duas *covinhas*, que tinham de diametro de duas a quatro pollegadas, e de profundidade um terço d'este diametro.

b) *Antas em Rubiães (Paredes de Coura).* — Perto do lugar de Antas havia tres mamôas que continham porém só algumas das pedras do monumento que primitivamente encerrára. Estavam dispostas em linha quasi recta, distando entre si respectivamente cem e duzentos metros.

Como conclusão do artigo apresenta o Sr. Martins Sarmento as seguintes interessantes considerações: «No Minho (para me limitar ao que conheço melhor) ainda não encontrei uma só anta sem mamôa;

e não comprehendendo mesmo que pudesse haver antas descobertas, salvo se algumas tinham outras serventias que não a de monumentos sepulcraes, — o que tem sido sustentado, mas com razões muito ambigüas» (pag. 102).

J. L. DE V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

Por tres occasiões no nosso país a classe parochial prestou em commum relevantes serviços, informando os poderes superiores sobre o que havia de mais notavel nas respectivas freguesias.

A primeira vez foi numa data poucos annos anterior a 1747, e sobre as memorias diversas remettidas pelos abbades, priores, curas, vigarios, etc., formou o P.^e Luis Cardoso, a pedido de quem se executou esta obra meritoria, um trabalho que ficou incompleto, devido ao terremoto de 1755, escapando só o que já estava impresso ¹.

Não desanimou o oratoriano, e em 1758 tinha outra vez em seu poder abundante material collido como o acima mencionado, o qual comtudo não chegou a coordenar. Esta grande collecção conserva-se manuscrita no Archivo Nacional ², e d'ella se aproveitou João Maria Baptista para a execução da sua importante *Chorographia*, impressa em 1874 e 1879, dotada, porém, de indice pouco claro.

Em 1862 procedeu-se a novo inventario de cousas notaveis, e esse trabalho que se conserva, talvez inpropriamente, no Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, foi tambem de grande auxilio para aquelle auctor.

Os dois interrogatorios do seculo passado, publicados n-*O Archeologo Português*, I, 268 sqq., certamente ambos da mão do P.^e Luis Cardoso, em pouco differem entre si. A parte propriamente chorographica das respostas aos interrogatorios de 1758 já foi, como disse, amplamente explorada. A parte antiquaria foi tambem explorada, mas parece que não com o mesmo desenvolvimento da parte chorographica. Em primeiro logar o Sr. Emilio Hübnér, por intermedio de A. Herculano e A. Soromenho, e só com respeito a inscripções, colligiu tudo o que encontrou para o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, 1869; não é provavel que escapassem

¹ Cfr. *O Archeologo Português*, I, 267.

² Cfr. *O Archeologo Português*, loc. laud.

muitas copias de inscripções. Borges de Figueiredo tambem de lá tomou alguns apontamentos, conforme se vê na *Revista Archeologica*, IV, 136. E ainda outros que não é necessario indicar consultaram aquelles materiaes ¹.

O Sr. A. Mesquita de Figueiredo começou a pag. 142 d-*O Archeologo Português* a extractar do *Diccionario Geographico de Portugal*, do P.^o Luis Cardoso o que alli se encontra de interessante em relação a archeologia.

Seguindo esse caminho, retiramos dos 43 volumes, em que se contém os cadernos manuscritos na Torre do Tombo, menções archeologicas, porém com restricções. O que tem character moderno, i. é, posterior á fundação da monarchia não é incluido; attendendo, comtudo, á necessidade de formar um peculio de inscripções portuguezas, são estas recebidas. Todas as lendas com character local são tambem publicadas. Muitos excerptos parecerão extensos, mas mutilar as relações ou resumi-las seria tirar-lhes o valor.

1. «Castello» de Abbação (Entre-Douro-e-Minho)

«Tem esta serra (*de Santa Catharina*) o Mosteyro de Santa Mariinha da Costa de Monges de S. Hironimo, tem mais em sima huma ermida de Santa Catherina, e neste sitio alguns vestigios de haver antigamente algum castello. . . . ».

«Não tem lagoas só sim barrocos grandes e varias lapas debayxo de penedos, aonde se recolhem os pastores do guado, quando chove». (Tomo I, fl. 5).

2. Abbedim (Minho)

Penha ou castello de S. Martinho. — Lenda da agnia que deixa cahir do bico uma truta. — Restos de povoação antiga

«Ha huma pequena ernida, em huma monstrozosa penha de penidice, que para se hir a ella he muito laboriozo, da invocaçam de sam Martinho dassé tambem a esta jrmida o titulo de sam Martinho da Penha, e outros lhe dam o titulo do Castello de Sam Martinho, por hauer algumas memorias ou lembranças, que hum senhor d'estas terras no tempo da infelidade (*sic*), por sua companheyra se reduzir aos Misterios da nossa santa Fé Catholica, a mandara pôr de citio (i. é, cêrco) naquella medonha penha de penedice com goardas,

¹ [Na *Revista litteraria*, Porto 1842, vol. VIII e IX, vem publicados extractos de um ms. da Torre do Tombo, que é provavel que seja o mesmo de que trata o Sr. Azevedo, mas não posso verificar agora, por falta de tempo. — J. L. DE V.]

para que lhe não passasse acima nenhum comistível, pera que ella desistisse de sua santa inspiração, que Deus lhe tinha infundido, e leuada ella no amor deusino, havendo huma grande sterilidade de peixe, lhe enviou o Altissimo do ceo huma grande truta marisca por huma aguia, que lhe lançou em seu regaço, e ella por reconhecer a grande falta de peixe, que havia nas vezinhanças, a enviou a seu marido chamado Abbedis, que assistia na freguezia de Trute, que fica distante do Castello supradicto meia legoa para tres coartos de legoa pouco mais ou menos, e pelo portador mandou dizer ao dito Abbedis, que não temesse a fome, que a Magestade divina a tinha muito bem favorecido de todos os mantimentos, que elle movido da Mizericordia Diuina se reduzio a nossa fe¹; e no dito Castello da penha se acha alguns indicios ou vestigios, adonde se não vai senão com muito trabalho por ter entradas muito apertadas e perigozas, e no dito Castello se acha alguns monumentos que mostram que nelle ouve alguma povoação ou assistencia. . . . ». (Tomo I, fl. 80; cfr. *O Archeologo Português*, I, 142).

3. «Castello» de Abiul (Estremadura)

«Esta villa e seo termo tem alem dos montes, que a cercão, hum chamado o do Castello, outro o monte Albão, outro da Boavista, outro da Forca, huma serra chamada de Sicô. . . . ». (Tomo I, fl. 103).

4. Adeganha (Trás-os-Montes)

«Castello» dos Moiros num alto.—Vestigios de fundição de metaes

«Dize-se que fora povoada de mouros, que bem se ve os sitios donde abitavam, principalmente no sitio donde está a capella de N. Senhora do Castello, que ali tinham o Castello, em o alto de hum monte de fragas, e no fundo a villa, donde se tem achado, e acham ainda metaes, cunhos d'elle, e outras cousas mais de que se nam faz caso, e se acha muyta escoria de o fabricarem. Tem logo junto hum sitio que se chama o Vale do Ouro». (Tomo I, fl. 243; cfr. *O Archeologo Português*, I, 143, § 3).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ [É a mesma lenda, muito conhecida, que se attribue a D. Fernando Rodrigues Pacheco, governador do castello de Celorico da Beira no seculo XIII. Ha lendas analogas noutros países, e datam já da antiguidade. Sobre o assumpto publicou em 1882 o Dr. G. Pitriè, de Palermo, um meritorio trabalho em italiano, de que só conheço a traducção allemã com o seguinte titulo: *Ueber eine sagenhafte Kriegslist bei Belagerungen* (De um estratagemata de guerra lendario nos assedios).—J. L. DE V.]

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	1,500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

NOTÍCIA DE ALGUMAS ESTAÇÕES ROMANAS E ARABES DO ALGARVE.

INSCRIPÇÕES ROMANAS DO MUSEU DE BEJA.

ANTAS NO CONCELHO DE VILLA-POUCA-DE-AGUIAR.

EXPLORAÇÕES ARCHEOLOGICAS EM PAÇOS DE FERREIRA.

NOVO ACHADO DE BRACELETES PRE-ROMANOS.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

Á CÊRCA DAS ANTAS.

ARCHEOLOGIA EBORENSE.

Este fasciculo vae illustrado com 3 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

MARÇO DE 1896

N.º 3

Noticia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

(Conclusão. Vid. *O Arch. Port.*, 1, 337)

A 600 metros aproximadamente para O. da necropole da Fonte Velha, na mesma zona dos Sobões da Mina e em predio de José Nobre, existem restos muito interessantes de um lagar romano (*torcularium*).

Numa possante camada de grés que afflora o solo, inclinada de NNE. para SSO., encontra-se uma excavação quadrilonga, semelhante a um tanque, com os dois lados maiores orientados naquelle mesmo rumo. Mede no lado de NNE. 1^m,42; no lado fronteiro, isto é, no de SSO., 1^m,45; nos outros lados 2^m,25, e na profundidade 0^m,41 ao NNE. e 0^m,26 ao SSO., por causa da inclinação da rocha.

Este tanque, indicado na planta (fig. *a*) pela letra *f*, fôra primitivamente revestido com argamassa composta de cal e areia, que até lhe occultava os angulos, substituindo estes por uma curva que ainda subsiste em *d*.

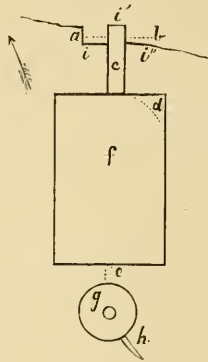
Rente ao fundo do recipiente, do lado de SSO., um orificio *e*, de 0^m,2 de comprimento, praticado no grés, communica com outra excavação circular *g*, de 0^m,82 de diametro, aberta na mesma rochae que tambem era revestida com argamassa, tendo a profundidade de 0^m,65, no fundo da qual se abre, ao centro, uma fossazinha circular e pouco profunda. Do bordo d'esta especie de cuba parte um pequeno rego *h*, que termina no ponto em que é maior o desnivelamento da rocha.

Pelo NNE. do tanque a rocha foi nivelada até 0^m,6 aproximadamente do bordo, ficando nessa distancia um resalto *i*, *i'* e *i''*, muito acima do nivel do mesmo bordo. A parte reintrante *i'* penetra 0^m,28 pouco mais ou menos na massa do grés, e tem de largura 0^m,23. Com

a mesma largura segue d'ali um sulco pouco profundo *c*, que termina no bordo do tanque.

Na parede vertical da porção saliente *i* do resalto existe, quasi a meia altura, um excavação longitudinal *a*, que a atravessa; e frente ao ponto em que esta excavação communica com o vão da parte reentrante do mesmo resalto, está na parede opposta d'este vão aberto um orificio circular *b*, com diametro aproximadamente igual ao da dita excavação.

Nós pensamos que em *i'* penetrava a extremidade (*lingula*) da vara (*prelum*) do lagar, extremidade atravessada por um orificio correspondente á excavação *a* e ao orificio *b* do grés, de modo que um eixo introduzido por esta excavação, passando pelo orificio da *lingula* e



penetrando no buraco *b*, segurava perfeitamente aquella extremidade da vara, permitindo aliás que fosse levantada e abaixada á vontade.

Esta disposição engenhosa evitava o emprego de poste ou postes verticaes de madeira (*arbores*) bem cravados no solo, que se ligavam á *lingula* da vara por eixo, nos lagares ordinarios, onde as circunstancias do solo eram diversas das que se notam no exemplar que estudamos.

O sulco *c* recebia a parte correspondente da vara, quando esta se abaixava. Sem elle, attendendo á inclinação da rocha, a pesada alavanca, encontrando ali um ponto de apoio, faria provavelmente rebentar o resalto do grés, onde existia o eixo da *lingula*.

O meio do recipiente *f* era a *area* onde se accumulavam os restos das uvas, depois de pisadas, ou da azeitona, depois de moida, e se cobriam com o *orbis*, peça de madeira sobre que actuava a vara, e que era destinada a distribuir com igualdade a pressão.

O suco escorria para o lado de SSO. do mesmo recipiente, e, pelo orificio *e*, ia cair na cuba *g*. Para o trasbordo servia o rego *h*, que

dirigia o liquido sobre um unico ponto, onde seria aproveitado; e para os restos que ficavam no fundo, servia a fossazinha central, onde um pequeno vaso poderia retirar-los quasi até ás ultimas gotas.

Qual a epocha do dominio romano a que pertence esta obra, é difficil dizer. Plinio conta que em tempos mais antigos a vara era abaixada por meio de cordas, correias de couro e alavancas; que havia um seculo se tinha introduzido o parafuso, á moda dos gregos, para erguer e abaixar aquella peça; e que depois de vinte e dois annos, isto é, em vida do auctor, tinha-se ainda modificado este apparelho, montando o parafuso no meio do lagar, parafuso que actuava sobre as peças de madeira que cobriam os restos das uvas¹. Mas se exceptuarmos este ultimo systema, que evidentemente não era o do exemplar de que tratamos, não estamos habilitados a resolver qual dos outros seria o adoptado, isto é, se o usado até cem annos antes de Plinio, se o usado depois, até vinte e dois annos anteriores áquelle em que este auctor escrevia. Ignoramos se no grés que para o lado de SSO. estava coberto de terra, existirão os dois buracos em que se fixavam os postes de madeira (*stipites*), que mantinham em baixo o cabrestante (*sucula*), destinado a augmentar a pressão da vara, e em cima a travessa onde existia a roldana que servia para levantar o pesado madeiro, conforme a descripção do mais antigo systema que nos dá Rich; e, ainda que existam, não será seguro concluir que a obra seja anterior a um seculo antes de Plinio, porque o velho systema parece ter continuado em uso, pelo menos até á sua morte, como prova a descoberta de lagares de vinho e de azeite assim construidos, mencionada pelo proprio Rich, em Stabias, povoação sepultada sob uma camada de cinzas e de pedra-pômez, vomitadas pela mesma erupção do Vesuvio que causou a morte do escriptor romano.

O exemplar que fica descripto não é o unico na freguesia de Bensafrim. O reverendo Gloria affirmou-nos que existe outro semelhante, com menores dimensões, em predio seu, conhecido pelo nome de *Lagarinho*.

*

Restos romanos e arabes encontram-se frequentemente, á superficie do solo, em quasi toda a freguesia e suas circunvizinhanças.

Nós podemos citar alguns que casualmente vimos.

¹ *Nat. Hist.*, XVIII, LXXIV, §§ 6.º e 7.º

No sitio do Valle da Vinha, a dois kilometros aproximadamente para o norte da igreja matriz, encontrámos fragmentos de telhas de rebordo no meio de um grande esteval, associados a grupos de pedras que o proprietario nos apresentou como ruínas de sepulturas, mas que na realidade indicavam serem restos de outras construcções.

No Monte Amarello, a dois kilometros mais para o norte, vimos alguns cacos de grandes vasos romanos, talvez de *dolia*, e um fragmento de alguidar arabe, esmaltado de verde, igual ao que já mencionámos neste estudo.

Na caverna de Saborosa, situada a um kilometro aproximadamente para ESE. da igreja matriz, recolhemos um pedaço de louça coberta de esmalte amarello, igual ao de muitas louças arabes que tem sido colligidas no Algarve.

No pequeno povoado da Portella, que fica na estrada pública entre Bensafrim e Lagos, vimos um grande pedaço de *pavimentum* da especie *opus signinum* ainda solidamente fixado no solo de uma rua.

Estes e outros objectos esparsos tem sem duvida pequeno valor archeologico; mas se nos aproximarmos de Lagos, passando a ponte, em direcção á ermida de S. Pedro, a 300 metros pouco mais ou menos para E. d'este edificio, em predio da Sr.^a D. Theodora Amalia da Silva Machado, encontramos obra de maior vulto. Trata-se de uma necropole luso-romana por inhumação, estabelecida na encosta d'esse predio que se acha voltada para O., ao lado da casa de habitação; necropole já muito devastada pela construcção d'este edificio e pela plantação de figueiras, mas onde os estudiosos poderão ainda encontrar bastantes sepulturas intactas.

*

É a necropole de Marateca.

Fôra o nosso erudito amigo Sr. José Joaquim Nunes quem nos dera noticia d'esta estação, mostrando-nos os bronzes recolhidos em uma das sepulturas, como já dissemos neste estudo. Ao principio pouco nos interessara a descoberta; mas quando elle nos apresentou em sua casa um vaso de barro fabricado á mão, que se encontrara associado ás peças metallicas, ficámos com um vivo desejo de aproveitar uma nova excursão a Lagos, para explorarmos o sitio.

A razão d'este desejo já o leitor terá colhido no que escrevemos á cêrca de certas louças de Marim. Presumiamos já então um facto de que hoje estamos inteiramente convencidos, qual o da existencia, entre os povos que habitavam o país, de uma industria ceramica com

feição primitiva em plena epocha romana; e o vaso de Marateca era mais um argumento poderoso a favor d'aquella these.

Por consequencia, voltando a Lagos alguns meses depois, e obtida auctorização da proprietaria do terreno, fomos com o reverendo Nunes estudar a necropole.

Fizemos descobrir seis sepulturas, que estavam intactas. Junto de algumas encontrámos restos esparsos de *opus signinum*, arrancados sem duvida do pavimento de algum edificio.

Duas ou tres lages horizontaes formavam a tampa de cada uma d'estas sepulturas; mas em uma d'ellas as lages estavam cobertas e cimentadas por espessa camada de argamassa composta de cal e areia. No entulho que existia em cima das tampas encontraram-se pedras soltas, fragmentos de *opus signinum* e ossos humanos em desordem.

A presença d'estes ossos em semelhante lugar não nos surpreendeu. Na necropole luso-romana de Ferrestello, situada no concelho da Figueira, verificámos o mesmo facto; e pareceu-nos evidente que taes ossos tinham sido removidos das sepulturas, para darem lugar a outras inhumações. É tambem a explicação que damos ao facto notado em Marateca.

Levantadas as tampas, appareceram seis fossas rectangulares alongadas, abertas na marne calcarea, medindo, termo medio, 2^m,35 no comprimento e 1 metro na largura, todas orientadas, no seu eixo maior, de ENE. a OSO. Comparada esta disposição com a das sepulturas das necropoles de Marim e de Ferrestello, parece fóra de dúvida que não havia uma orientação recta e ritual para todas as necropoles, embora em cada uma d'estas as sepulturas estudadas tivessem aproximadamente a mesma orientação.

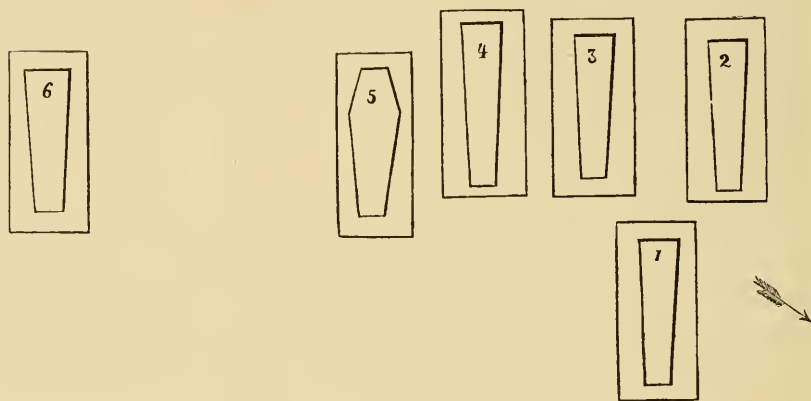
Sómente entre a de Marim e a de Ferrestello ha uma orientação commum, que póde talvez explicar-se pela configuração do terreno. Em ambos os logares o solo abaixa na direcção do Sul, e em todas as tres necropoles se observa que o eixo maior das sepulturas se cruza em X com a linha do declive do terreno.

Na necropole gallo-romana de Poitiers as sepulturas por inhumação não tinham a mesma orientação. Eis o que a este respeito diz o relatório das explorações: «Il est difficile de tirer quelque conséquence de l'orientation des tombes; la plus grande partie d'entre elles sont creusées du nord au sud, mais il en est aussi qui le sont de l'est à l'ouest, et ce fait se présente pour les sépultures par incinération comme pour celles où les corps étaient simplement inhumés».

Ha comtudo exemplos, no estrangeiro, de uma orientação commum não só na mesma necropole, mas em muitas necropoles diversas.

O Sr. B. Reber explorou um grande numero d'ellas, preromanas e da epocha romana na Suissa, pelos arredores de Genebra, Saboia e departamento de Aix, onde as sepulturas eram feitas de lages brutas, como algumas de Ferrestello e da necropole da Granja do Oliveiro, no Valle do Mondego, e observou que em geral os mortos foram inhumados com a cabeça para O. e os pés para E., como se vê da communicação por elle feita na 10.^a sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrado em Paris, no anno de 1889¹.

As fossas rectangulares tinham de profundidade 0^m,3 aproximadamente. No fundo de cada uma estava aberta outra fossa mais pequena, com a profundidade média de 0^m,5.



Cinco d'estas segundas fossas eram em fórmula de trapesio alongado, medindo na base, que estava voltada para OSO., 0^m,5, na extremidade opposta 0^m,3, e nos lados 1^m,9 em unas e 2 metros ou 2^m,2 em outras. Uma tinha a fórmula de dois trapesios de altura desigual unidos pelas bases. No seu comprimento e na largura do lado de ENE. não differia das outras; mas media aproximadamente 0^m,6 na base dos trapesios e 0^m,4 do lado de OSO.

Na fig. *a-b* damos a planta de taes sepulturas. Cinco eram paralelas, distando entre si 0^m,35 a 2^m,9; e uma ficava a ENE. de duas das primeiras, parecendo indicar outra fileira de sepulturas d'esse lado.

¹ *Compte-rendu*, pag. 621-622.

A sepultura n.º 1 era a que tinha a tampa coberta com argamassa. Dentro existia um esqueleto estendido horizontalmente; e ao lado direito do cranio um vaso de fôrma e barro semelhantes ao da fig. 2⁴, mas um pouco maior, com uma canelura em redor do bojo, e sem collo nem asa, cujos fragmentos não foram encontrados na sepultura. Aos pés do esqueleto estavam agglomerados os ossos de outros esqueletos, como em sepulturas de Marim e de Ferrestello; ossos que provinham de inhumações anteriores.

Na sepultura n.º 3 existiam dois esqueletos sobrepostos, estendidos horizontalmente e separados por uma camada de poeira. Attendendo á pequena profundidade da fossa, parece manifesto que a inhumação não fôra simultanea. Depois de consumido o primeiro corpo é que sepultaram o segundo, sem se darem ao trabalho de removerem os ossos d'aquelle.

Cada uma das sepulturas n.ºs 2, e 4 a 6 continha um só esqueleto, na posição dos outros.

Os corpos foram deitados sobre as costas, com as cabeças para OSO., apoiadas em pequenos resaltos da rocha, servindo-lhes de travesseiros, que se acham no fundo das sepulturas, como já tínhamos notado na necropole de Marim. Os braços eram estendidos ao longo do corpo, como nesta necropole e na de Ferrestello.

Pelo que fica dito vê-se que a necropole de Marateca é pobrissima. Te mobiliario funebre só recolhemos uma peça—o vaso de barro quebrado, e este na melhor sepultura. O vaso é trabalhado á roda, como o da Moreira; e não nos parece haver dúvida sobre a sua feição ronana.

Como não se encontraram pregos, é licito suppor que os corpos não foram sepultados em caixões de madeira². Tambem nos parece que não foram cobertos de terra, porque os esqueletos apenas se aclaram envoltos numa espessa camada de poeira ou particulas ter-

Vid. o *Arch. Port.*, I, n.º 8, pag. 194.

A hypothese de os grandes pregos das sepulturas da epocha romana serem provenientes dos esquifes de madeira que encerravam os cadaveres, acaba de ser confirmada pelos estudos feitos na necropole romana de Mouy-Bury (Oisc), recentemente descoberta e explorada pelo abbade Hamard e que pertence ao quarto seculo da nossa era. Sobre a exploração de uma das sepulturas lemos o seguinte: «Un clou, un clou énorme, à large tête triangulaire, apparaît d'abord. Le caecueil, étant de bois, a disparu, pourri, rongé. Les clous qui le fermaient indiquent maintenant la place des parois». *Revue encyclopédique*, 6.º anno, n.º 131, de 7 à Março de 1896.

rosas muito leves, que devem ter sido introduzidas pela infiltração das aguas pluviaes.

Os ossos estavam muito decompostos. Apenas se aproveitaram alguns que o Rev.^o Nunes pediu para o Museu Ethnographico Português. Entre elles ha um cranio que nos pareceu brachycephalo.

*

Comparando esta necropole com a de Marim, no concelho de Olhão, e com as de Ferrestello e da Granja da Oliveira, no valle do Mondego, é fóra de dúvida que ha entre ellas certa relação: e é que todas pertencem á mesma epocha—a do dominio romano na peninsula. Mas o systema das sepulturas nas duas necropoles do Algarve é diverso do que observámos nas do Valle do Mondego. Em Ferrestello as sepulturas eram uma especie de caixões com fóma quasi rectangular, feitos com lages brutas ou telhas romanas, ou com ambas estas cousas conjunctamente, como póde verificar-se nos exemplares que restaurámos no Museu Municipal da Figueira; e na Granja da Oliveira as que vimos eram todas feitas com lages brutas, e si differiam d'aquellas em terem a forma sensivelmente trapezoidal e serem menos toscas. Em umas e outras não apparecem vestigios de argamassa.

A differença entre estas duas necropoles e as do Algarve explicar-se-ha sómente pela diversidade dos povos que habitavam o sul e o centro do país ou por serem de diversos tempos do longo dominio dos Romanos? Adeante tocaremos ligeiramente esta questão, que por enquanto não nos parece poder decidir-se com segurança.

O mais interessante é que as differenças, embora de pouca importancia, entre as duas necropoles do valle do Mondego, podem tambem levantar a mesma questão de ser qualquer d'ellas anterior á outra. Por debaixo de um pavimento de mosaico da sumptuosa casa romana que existia no sitio da capella de Nossa Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho, casa que parece ter sido destruida por um incendio, e cujas ruinas a selvageria dos tempos modernos tem systemaicamente feito desaparecer, vimos uma sepultura trapezoidal intiramente semelhante ás da Granja da Oliveira que fazia talvez parte da necropole cujos restos nos appareceram esparsos na excavação que procedemos no adro da referida capella. Esta necropole, anterior sem dúvida á construcção do nobre edificio romano, e tão antiga que os constructores d'este não tiveram noticia d'ella (de outro modo não

teriam naturalmente escolhido semelhante logar), devendo ser contemporanea da outra, pode auctorizar a conjectura de que ambas serão anteriores á de Ferrestello, onde já se empregava a telha romana em vez da lage bruta. Mas, se attendermos á relação que parece existir entre as sepulturas de Ferrestello e os proximos depositos de Santa Olaya, onde estudos muito recentes nos vieram demonstrar que existiu um castro, é mais verosimil a hypothese de que a de Ferrestello é anterior ás outras.

Seja, porém, como for, as diferenças não são de tanta importancia que possam fazer suppor um longo periodo de tempo decorrido entre as duas necropoles do valle do Mondego. Achamos até verosimil que pertençam ao mesmo periodo historico, e que o emprego das telhas se explique pela escassez das lages em Ferrestello e nos terrenos vizinhos. O que principalmente apoiaria esta hypothese seria o facto de nas sepulturas d'esta necropole se aproveitarem até pequeninas pedras chatas e fragmentos de tijolos e de telhas, indicios da carencia de melhor material. Por outro lado nós não pudémos examinar na Granja do Oliveira senão duas sepulturas, que estavam violadas. O parcho da freguesia, cuja ignorancia nos causou verdadeiro assombro, obstou a que proseguissemos na exploração, por estarem as sepulturas em terreno que fórma o adro da igreja; e por isso não sabemos se todas serão construidas com lages, e se terão a mesma fórma. Dentro de uma das sepulturas, onde tudo estava em desordem, encontrámos fragmentos de telhas romanas; e nada se oppõe á conjectura de que estes objectos tivessem feito parte das peças que cobriram outr'ora a mesma sepultura.

O numero d'estas pobrissimas necropoles por inhumação da epocha romana parece indicar um facto analogo ao que o Sr. Reber inferiu das que explorou na Suissa, isto é, que pertenceram á população autochtone do país. Este facto não discorda do que dissemos á cêrca da condição servil dos mortos de Marim, porquê a peninsula deve ter sido para os Romanos um viveiro de escravos. Eis o que a este respeito diz Herculano: «País domado pelas armas, a Peninsula devia ter visto cahir muitos dos seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos que os romanos cultivavam as terras, e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles. Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e pelo capricho dos senhores do mundo ¹».

¹ *Historia de Portugal*, tomo 1, pag. 40.

Sepulturas propriamente romanas seriam as da necropole por incineração da Fonte Velha, que ficam descriptas, as que se descobriram no pendor septentrional do outeiro de Santa Olaya, quando foi construída a estrada entre Figueira e Coimbra, sepulturas que encerravam bellas amphoras e um variado mobiliario de bronze, alguns dos sarcophagos de pedra encontrados no sítio do castello de Montemor-o-Velho, que foram partidos e empregados na alvenaria dos muros do cemiterio, e as oito sepulturas de tijolo abobadadas que se acharam ao lado das ruínas de Nossa Senhora do Desterro, e que foram logo destruídas!

*

Estudando as necropoles das circumvizinhanças de Cascaes, o fallecido Francisco de Paula e Oliveira fez algumas observações que concordam com as que deixámos indicadas. Nas de Manique de Baixo, de Bicesse e de Alcoutão as sepulturas, feitas de lages brutas, eram quasi quadrangulares e oblongas, precisamente como as de Ferrestello, mas orientadas a L.-O., e não de NO. a SE., como estas ultimas, e não estavam guarnecidas com lages no fundo. Relativamente ás de Alcoutão o illustre anthropologista não affirma absolutamente a orientação a L.-O.: emprega os termos — *à peu près*, que auctorizam a pensar que na propria necropole havia variantes; e é o que de facto se nota na planta que acompanha o seu escripto. As sepulturas d'esta necropole estavam dispostas em diversas filas, como tambem indicava a disposição das de Marim e de Marateca, na vertente SE. de uma eminencia, cruzando por isso o seu eixo maior (L.-O.) em X com a linha de declive do solo, como naquellas necropoles e na de Ferrestello. Em algumas os intersticios das lages eram tapados com cal e tijolo britado, talvez fragmentos soltos do *opus signinum*, como em Marateca, mas de que não havia vestigios em Ferrestello e nas duas sepulturas da Granja do Oliveira. *Almeida*

Na mesma necropole de Alcoutão cada sepultura continha um, dois e raramente tres esqueletos estendidos sobre as costas, com as cabeças para O.¹ e os braços ao longo do corpo, e ossos de outros esqueletos agglomerados aos pés. Esta disposição dos esqueletos sobre as costas,

¹ Na necropole romana de Mouy-Bury, que pertence ao seculo iv da nossa era, como dissémos, os corpos ficavam com as cabeças para Oeste. «Le mort regardait l'ouest, suivant l'orientation générale des tombes romaines, variant à peine de 15° à 25°». *Revue Encyclopédique, loc. cit.*

a dos braços e a agglomeração de outros ossos aos pés são communs ás duas necropoles algarvias e á de Ferrestello; e a sobreposição de dois esqueletos appareceu, como vimos, em Marateca. O Sr. Paula e Oliveira opinou, como nós, á cêrca dos ossos agglomerados. «Cette circonstance (diz elle), semble indiquer qu'il y eût des inhumations successives dans les mêmes tombes; les restes des cadavres plus anciens étant plus écartés, ou même rejetés en partie au dehors, pour céder l'emplacement aux morts récents».

Na necropole de Abujarda, situada na vertente meridional de uma collina, as sepulturas, dispostas em filas e em fórma semelhante ás de Alcoutão, eram pela maior parte orientadas a L.-O. e algumas a N.-S. Entre as primeiras havia exemplares construidos com lages apparelhadas ou com paredes de tijolos, como em sepulturas de Marim, mas revestidas interiormente com argamassa composta de cal e areia.

O erudito explorador, encontrando nesta e nas outras necropoles os esqueletos envolvidos por uma camada de terra muito tenue e ligeira, precisamente como nas necropoles de Marim e de Marateca, pensou que não tinha havido o uso de cobrir os corpos com terra, attribuindo a que envolvia os ossos ás infiltrações. Em Ferrestello uma sepultura mais bem vedada tinha apenas uma insignificante camada de poeira, que não cobria os ossos; mas as outras, muito rotas, estavam completamente entulhadas pela areia que constitue o proprio terreno da necropole. Na sepultura de Nossa Senhora do Desterro, a que alludimos, a poeira tambem parece que não chegava a cobrir os ossos. Quanto á necropole da Granja nada podemos ajuizar sobre este ponto, porque as duas sepulturas já não tinham tampa.

Numa das necropoles de Murches as sepulturas, tambem enfileiradas, eram simples fossas abertas no solo, cobertas com lages brutas, como em Marateca e nalgumas sepulturas de Marim, e estavam invariavelmente orientadas de ENE. a OSO., precisamente como na primeira d'estas duas necropoles; mas os esqueletos jaziam inclinados sobre o lado direito. Noutra necropole de Murches as sepulturas eram construidas e orientadas exactamente como em Alcoutão.

O Sr. Paula e Oliveira affirmou que todas essas necropoles de Cascaes, com excepção da penultima, pertenciam á epocha romana; e nós estamos convencidos de que a propria exceptuada é da mesma epocha, attendendo á sua semelhança com as duas necropoles algarvias, onde não é licito duvidar da presença da industria romana. Pensou tambem que seriam do começo do dominio romano, provavelmente do segundo seculo antes de Christo, que foi quando os povos do Oeste da Peninsula foram definitivamente subjugados.

Quanto a nós, até provas concludentes em contrário, as do valle do Mondego, a de Alcoutão e todas as mais em que as sepulturas são do mesmo typo pertencem, como teremos de mostrar em outro escripto, aos primeiros tempos do dominio romano, que começou nos fins do seculo III antes de Christo, sem que possamos determinar até quando subsistiram. A de Abujarda, onde á sepultura do typo de Alcoutão já se acha associada a fossa revestida com paredes de tijolo e argamassa, pertence talvez a um tempo de transição, que no estado actual dos nossos conhecimentos não póde limitar-se com datas precisas. A de Marim, onde a sepultura com paredes de tijolo ou pedra e cal se acha associada á simples fossa aberta na marne calcarea e coberta de lages brutas, a de Marateca e a primeira necropole de Murches, onde as sepulturas conhecidas são todas d'este ultimo typo, parecem ser posteriores a todas as outras necropoles.

Do facto de os Romanos terem introduzido na Peninsula o uso da incineração não póde concluir-se que estas tres ultimas necropoles sejam muito antigas e anteriores áquelle uso. A simples fossa tambem era um uso romano, como já dissemos neste estudo: applicava-se á plebe mais miseravel de Roma. O uso da cremação coexistiu sempre com o da inhumação até nas provincias; e a prova mais evidente está na necropole gallo-romana de Poitiers, que pertence já aos seculos II e III da nossa era: sendo muito para notar que algumas das sepulturas por inhumação d'esta necropole tambem consistiam em simples fossas abertas no solo, com um resalto no fundo para apoiar a cabeça, e cobertas com lages, e outras eram revestidas com paredes de tijolo, como na referida necropole de Murches e nas duas do Algarve.

De resto o Sr. Paula e Oliveira emite francamente a opinião de que as necropoles de Cascaes, attribuidas por elle á epocha romana, pertenceram á população autoctone¹.

¹ Vid. *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*. Do seculo IV depois de Christo é a necropole romana de Mouy-Bury, a que já nos temos referido; e as sepulturas alli são por inhumação. A noticia que dá a *Revue encyclopédique*, n.º 131, do corrente anno, diz que são feitas com lages; mas não sabemos se estas têm algum apparelho, ou se são brutas. Nesta última hypothese teriamos até muito tarde na Gallia o typo archaico das sepulturas de Alcoutão e de Ferrestello.

*

Para Oeste de Lagos, quasi a metade da distancia entre esta cidade e Sagres, está a povoação de Búdens; e a dois kilometros aproximadamente para o Sul d'esta povoação, fica o logar da Boca-do-Rio, sobre a costa do mar.

Neste ponto existem umas ruinas romanas que Estacio da Veiga explorou em parte, e que presentemente se acham muito destroçadas. Os nossos serviçaes, que eram de Búdens e conheciam bem o logar, e um outro homem, que trabalhou alli ás ordens d'aquelle explorador, e que depois ficou por muito tempo de guarda ás ruinas, informaram-nos que o mar destruíra já um grande molhe, dique ou caes, que existia em frente dos restos da casa, sobre a praia. A falta de providencia na exploração causara em pouco tempo a perda de uma obra que durante seculos resistira ao embate das ondas. Para arrancarem uma lapide com inscripção e outras pedras interessantes, que estavam na cortina d'esse molhe ou caes, abriram por alli uma via ao mar, que lambeu e levou os aterros, e reduziu os muros a um montão de pedras.

Já não vimos praia de areia: só pedras de construcção até á orla do mar. As ondas vinham cuspir-nos a tres metros de distancia da parte descoberta do edificio, que ainda se acha de pé.

Esta parte compõe-se dos envasamentos das paredes de duas pequenas camaras quadrangulares e contiguas, mas sem communição entre si, dispostas numa linha paralela á orla do mar. Na face exterior da parede meridional da camara do nascente, face que fica fronteira ao sítio que fôra occupado pelo molhe ou caes, notámos uns restos de revestimento com argamassa, que nos indicaram o nivel do pavimento d'esta obra. Esses restos pertenciam ao remate inferior do revestimento.

Notámos ainda que houvera diversas camadas de revestimento, sobrepostas, todas com pinturas *a fresco*. D'aqui inferimos que esta face decorada pertenceria ao interior de alguma outra camara mais vasta, que existisse pelo lado do molhe, ou estaria dentro de algum portico que abrisse para o mesmo lado. Esta última hypothese é talvez a mais verosimil, porque nos contaram que sobre o molhe ou caes encontrára Estacio da Veiga restos de columnas. Inferimos tambem que já na epocha em que o edificio foi habitado, o mar galgara por vezes o molhe e destruíra o revestimento da parede, obrigando os moradores a refazerem a obra. O apparelho do revestimento é seme

lhante ao de Marim; e os restos de pinturas apresentam as côres azul e castanho.

Nessa camara do nascente, que fizemos desentulhar de novo, encontrámos um pavimento de mosaico, já muito destroçado, representando talvez uma grande estrella, e tendo em volta uma cercadura de phantasia. Os cubos (*tessela*) são de calcareo branco e amarello e de uma rocha azulada. O mar não foi aqui o principal elemento de destruição. A argamassa em que assenta o mosaico, foi preparada com areia do mar, e desfaz-se facilmente com a simples pressão dos dedos. Mal se comprehende que os Romanos commettessem semelhante erro.

Na camara do poente o pavimento era de terra. Ignoramos se assim estaria sempre; mas é provavel que tambem alli tenha existido um pavimento de mosaico. Excavada a terra, que estava durissima, parecendo ter sido apisoada, verificámos que a 0^m,5 aproximadamente de profundidade o entulho era de areia. Neste entulho recolhemos pregos de ferro, cobre e bronze, um anzol de bronze, uma agulha de osso, cujo fundo foi partido no acto da exploração, um grande dente de javali engastado em cobre ou bronze com anel de suspensão, e restos de ceramica muito fina e de vasos de vidro.

Os prégos teem secção quadrangular e cabeça achatada. O anzol é feito de uma haste conica com o diametro maximo de 0^m,003, achatada na parte em que é ligada pelo fio, como os nossos anzoos actuaes, mas sem farpa na ponta, á semelhança de certos exemplares da epocha do bronze. A agulha é uma haste cylindrica, polida, com a ponta espessa e talhada obliquamente, medindo até ao ponto da fractura, onde conserva vestigios do fundo, 0^m,08. O dente de javali devia talvez ser um amuleto, que se trazia suspenso ao pescoço. Entre os gauleses apparecem ás vezes estes objectos suspensos no *torques*. O Sr. J. de Baye communicou na 10.^a sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrado em 1889, que em uma sepultura gaulesa de *Saint-Jean-sur-Tourbe* (Marne) encontrara um dente enfiado em anel suspenso d'aquella peça¹.

Para Oeste das ruinas, na elevada barreira de terra e areia que o mar vae destruindo, a excavação descobriu um pequeno cano, feito de alvenaria ordinaria, tendo o fundo revestido com telha curva (*imbrex*) e a cobertura de lage. Este cano vem do lado do Norte; mas não tivemos tempo para segui-lo com a excavação, a fim de conhecermos a sua origem.

¹ *Compte-rendu*, pag. 312 e 313.

Esparsos no seio da terra appareceram fragmentos de vasos de vidro e de barro fino, parte de uma lampada (*lucerna*) de barro, o collo e bocca de um grande vaso com duas asas, uma asa horizontal de outro vaso mais robusto, tres fragmentos de placas de marmore de diversas côres, uma placazinha de cobre, um pequeno prego do mesmo metal e uma moeda de bronze muito oxydada.

Pelo Norte e contiguo á camara do nascente encontrámos um grande deposito de rebotalhos de cozinha, consistindo principalmente em valvas de molluscos marinhos, onde recolhemos alguns pregos e um escopro (*scalprum fabrilé*) de ferro, este último de secção quadrangular junto á cabeça e achatado e mais largo para o lado do gume, medindo no comprimento 0^m,16.

Os vidros recolhidos nestas excavações são brancos ou esverdeados. Entre os primeiros figura o fundo de uma pequena taça com pé. Na ceramica mais fina ha a cobertura vermelha e lustrosa de que demos noticia a respeito das louças de Marim, e ornatos de phantasia em relêvo, como em algumas peças da necropole da Fonte-Velha. Apenas um exemplar apresenta a figura de um guerreiro, com o escudo adeante do peito e a lança ao hombro. Parece-nos que esta ceramica é a que alguns chamam *samiana*, que teve sua origem na célebre ceramica de Arezzo.

Eis o mais importante d'estas ruinas. É pouco, sem dúvida; mas nós pensamos que ha alli ainda muito que explorar, pelo lado do Norte das ruinas descobertas, se attendermos ao plano geral das casas de habitação romanas e á existencia do cano que vem do interior da terra. Na collina que se ergue do lado do Oeste tambem devem encontrar-se vestigios interessantes. Nós fomos informados de que alli se tem descoberto sepulturas.

*

Alem das estações que temos tentado descrever, colhemos noticia de outras durante as nossas excursões entre Tavira e Búdens, sobretudo nas vizinhanças de S. Braz de Alportel e na freguesia da Mexilhoeira Grande. O Algarve está juncado de restos da epocha romana, cujo estudo absorveria mais do que a vida de um individuo, e só podia ser feito com enorme sacrificio de cabedal, a avaliar as despesas pelo que nos custaram as nossas explorações. Nós não podiamos ir mais longe, nem o objecto dos nossos estudos o permittia; e por isso deixamos a outros a tarefa de inventariar tudo o mais que por lá existe.

A. DOS SANTOS ROCHA.

Inscrições romanas do Museu de Beja

Na sala de «Gomes Palma» ha uma lapide, com o n.º 6, apparecida em Agosto de 1885 na herdade do Carrascalão, concelho de Beja. Tem a inscripção seguinte:

IVLIAECF
MAXIMAE
C... MAXIMVS
.....ATRI

Linha 3.^a—A pedra está gasta. A primeira lettra é duvidosa, mas parece-me ser C. Depois ha uma falha. A lettra seguinte deve ser M, mas só se vê parte. A lettra seguinte creio ser A.

Linha 4.^a—só se lê ATRI, mas deve faltar um M.

Teremos pois:

Juliae C. F. Maximae. C..... Maximus matri.

Isto é:

Caió..... Maximo [dedicou este monumento] a sua mãe Julia Maxima, filha de Caió.

Vem a faltar o *nomen* do dedicador.

*

Na mesma sala ha outra lapide, com o n.º 33, em que leio:

.....
1. P R L I . . . V
 S V I C . . . A
 N S L X X V
 F R A T E R
5. P O S V I T

A pedra em que está a inscripção serviu de pia e está muito picada, de modo que não sei o que se achava antes da primeira linha; talvez fosse só D · M · S.

Linha 1.^a—A terceira lettra devia ser E, mas só se vê a parte inferior d'esta lettra. Entre a lettra seguinte, de que só se vê uma haste, e o V final cabiam duas lettras. Não me atrevo a recompor a palavra.

Linha 2.^a—O S inicial é duvidoso; mas parece ser antes S do que C. Fará parte da palavra antecedente? Não me atrevo a recompor a linha. A última letra deve ligar-se com as duas letras da linha 3.^a, constituindo com ellas a palavra ANS=AN(i)S. Ha nas inscripções outro exemplo de ANIS em vez de ANNIS: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1185.

*

Em 1894 appareceu nos entulhos do Palacio dos Infantes, em Beja, uma lapide calcarea com uma inscripção bastante maltratada. Creio lê-la assim:

D IVLIO DECAL
SAT...NINO
PVBLICA I^o RTI

D. Julio D. f. Gal. Saturnino: Publica liberta.

Isto é:

A Decio Julio Saturnino, da tribu Galeria, filho de Decio: Publica, sua liberta [consagrou este monumento]. Ou será Liberta um cognome¹?

Nas inscripções pacenses² apparece mais vezes menção da tribu Galeria.

J. L. DE V.

Antas no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar

É grande o numero de antas neste concelho.

Alem das que se encontram no planalto do Alvão, e que tem sido exploradas pelos Rev.^{dos} P.^{es} Brenha e Rodrigues, descobriram-se, ha pouco, algumas nos montes a nascente de Villa-Pouca, situadas, umas no monte conhecido pelo nome de Presa, e outras nas ramificações da serra de Padrella. Das encontradas na Presa tive occasião de observar cinco, ha poucos dias, de que vou tentar fazer rapida descripção.

¹ No *Corp. Inscr. Lat.*, VIII-10801, lê-se *Caerellia Liberta*, onde *Liberta* parece ser cognome. Cfr. De Vit, *Onomasticon*, s. v.

² Isto é, de *Pax-Julia*, nome da cidade de Beja na epocha romana.

No sítio do alto da Presa, a muito pequena distancia do *marco* que separava o antigo concelho de Villa-Pouca do extinto concelho de Alfarella de Jalles, partindo de Villa-Pouca, encontra-se ao lado esquerdo da estrada districtal n.º 17 (de Villa-Pouca a Murça):

1.º Uma anta constituída por seis esteios de 2^m,50 de altura, de 0^m,80 a 0^m,50 de largura, e 0^m,30 a 0^m,35 de espessura, circumdada por uma mamôa de cinco a seis metros de diametro, composta de terra e fragmentos de seixos, sem mesa, e assente, assim como os esteios, em rocha.

A porta ou abertura da anta está dirigida para Nordeste e é formada por duas pedras de 0^m,60 de alto, e 1^m,20 de comprimento, e 0^m,25 de largura, separadas uma da outra 0^m,60 na entrada da anta e 0^m,50 na extremidade voltada para fóra.

Ha de notavel o entrarem as duas pedras da galeria pela *crypta* da anta, a cujos esteios se encostam de um lado e de outro muito intimamente.

Da galeria nada mais se encontra, nem o esteio que devia assentar nestas duas pedras.

Esta anta estava devassada, e, apesar de explorada com todo o cuidado, não deu cousa alguma.

2.º A 50 metros au Sul d'esta anta encontra-se outra, de dimensões menores, com a porta dirigida para Sudoeste, constituída por cinco pedras apenas, assente em rocha da mesma natureza (*schisto*) da do n.º 1, com uma mamôa nas mesmas condições. Foi igualmente devassada. As pedras da extremidade central da galeria não entram na *crypta*, como as do n.º 1. A exploração d'esta anta nada produziu.

3.º A 15 metros da anta do n.º 2 encontra-se um esteio apenas de outra anta, sem mamôa. A exploração do local tambem foi sem resultado.

4.º A 150 metros da anta n.º 3, em um pequeno outeiro, descobre-se, a distancia, a parte superior de outra anta, que examinada de perto se vê ser a maior de todas. Entram na sua formação nove esteios, de altura e espessura igual á dos das outras, mas geralmente de maior largura. Não tem mamôa, nem mesa, e a galeria é na direcção de Sudoeste.

A distancia que separa dois esteios voltados para Sudoeste (0^m,14) mostra bem a força d'aquelles que tentaram arrancá-los.

A anta está assente em rocha granítica, e não deu mais do que dois fragmentos de facas de *silex*, um de 0^m,10 de comprimento e outro de 0^m,08, de dorso quadrangular, e um fragmento de um instrumento polido de *diorite*.

5.º A 400 metros para poente da anta n.º 1 encontra-se outra composta de seis pedras de 1^m,12 de altura e das demais dimensões das outras, sem mamôa nem galeria. Os esteios e pedras das galerias são todos de granito, como os das antas do Alvão. Nesta anta também não achei nenhum objecto archeologico.

HENRIQUE BOTELHO.

Explorações archeologicas em Paços de Ferreira

1. Monumento das Mourinhas

No dia 4 de Fevereiro de 1896, no sítio denominado as *Mourinhas*, freguesia de Zamoso, concelho de Paços de Ferreira, junto á ponte de Bairros, na estrada de Negrellos a Raimonda, foi encontrado em terreno inculto, a cuja arroteia se procedia, um *forno* que continha panellas de barro, cinzas e carvão.

Tendo noticia d'este facto na última quinzena do mês, fui ali no dia 25, a fim de apurar o que fosse o anunciado *forno*, que, consoante dizia o meu informador, se prolongava em fôrma abalulada á semelhança de uma machina do caminho de ferro, embora eu soubesse que do achado quasi nada restava, porque o achador, na convicção de que tudo aquillo era ouro *encantado*, que os Mouros ali haviam escondido, o desfizera, sem dúvida por mingua do celebrado livro de S. Cypriano, a golpes de alvião e enxada.

Pelos poucos vestigios encontrados e pelas informações que colhi, verifiquei que se tratava de um *monumento sepulchral* em fôrma de pipa, como fundadamente conjecturara o Sr. Dr. Martins Sarmiento ao communicar-lhe as novas do meu informador.

O monumento, orientado a Nordeste, constava de duas partes distinctas, mas conjunctas.

A primeira parte, informou o achador e destruidor, em fôrma conica, identica á dos actuaes fornos de pão, era formada de barro vermelho e media de comprimento 0^m,80 pouco mais ou menos. A porta, cuja altura era de 0^m,85, era construida de pedras mal trabalhadas, quasi em bruto (ainda vi uma das ombreiras), com os rasgos, em que assentava a tampa, feitos do mesmo barro.

Nesta parte, a que poderemos talvez chamar o atrio do jazigo, estavam quatro vasos de barro escuro, dois de 0^m,30 de altura e dois de 0^m,40; os primeiros cobertos com testos do mesmo barro e os segundos sem tampa; e no meio d'elles cinzas e carvões. D'estes

vasos apenas restam insignificantes fragmentos, que nos mostram que a pasta de que eram formados era muito grosseira.

A segunda parte do monumento, aquella que propriamente era em fórma de pipa, ou melhor de bahu, ligada com a primeira, e para a qual se communicava por uma entrada feita nesta, mas de menores dimensões que a anterior, estava construida entre uma rocha vulgarmente chamada *pedra piçarra*, a qual foi adaptada para este fim.

O pavimento era formado de barro vermelho e a abobada do mesmo barro, pedregulho e areia, tudo argamassado, e esta sustentada por arcos feitos de pedras pequenas ligadas com argamassa e apoiadas em pilares identicamente construidos e assentes da parte do Sul em alicerce de 0^m,30 de altura formado no penedo adjacente, e do Norte no pavimento, e encostados a um revestimento de pedregulho e barro argamassado de 0^m,40 de espessura, e este ao penedo.

Os pilares, talvez seis, eram salientes, e mediam 0^m,35 por cada uma das quatro faces, e equidistavam 0^m,20, formando assim cavidades interiores d'esta dimensão. Pilar e arco, medido interiormente em extensão, dava 1^m,60; abertura do arco 0^m,95; do pavimento ao fecho do arco 0^m,80.

De todo este curioso monumento, e tanto mais que ao Norte do país não havia conhecimento de semelhantes, apenas existiam, quando o visitei, o segundo arco posterior completo e parte do primeiro e terceiro e a correspondente aboboda; hoje já não existe grande parte d'estas reliquias, porque o povo, sabendo que eu trouxera para o Museu da Sociedade Martins-Sarmiento uns pedaços de barro e argamassa, entendeu que estes restos não seriam transportados para Guimarães, se por ventura não contivessem *encantado* o luzente metal, e por isso não se descuidou, apesar de todas as recommendações, e talvez por isto mesmo, de destruir quasi tudo. *Auri sacra fames!*

No prurido de tanto legislar, que ultimamente se tem apoderado dos nossos poderes publicos, não haveria ensejo para prohibir com graves penas a destruição d'estas apreciaveis velharias, que tamanho auxilio fornecem para o estudo das civilizações, que nos precederam? Creio que já em tempo se legislou alguma cousa neste sentido, e não era por conseguinte grande novidade fazer reviver essa legislação.

2. Forno dos Mouros (dolmen)

A quatrocentos metros pouco mais ou menos do monumento, que fica descripto, existe sob a denominação que epigrapha esta noticia, na Veiga de Zamoso, a pequena distancia do logar de Condominhas,

em terreno plano, uma elevação, povoada de carvalhos, alguns já seculares, que não é outra cousa que uma *mamôa* no centro da qual se ergue um *dolmen* ou *ainta*, a que aquella serve de resguardo.

Em boa hora me informaram da existencia do *Forno dos Mouros* por occasião das pesquisas no monumento referido; não obstante ter o *dolmen* já em tempos remotos sido violado por algum *devoto de S. Cypriano* (como o indica o achar-se partida e separada d'elle uma parte da cobertura e o pouco resultado que me deu a sua exploração), mereceu todavia desde logo as minhas attenções.

Fiz a exploração no dia 27 de Fevereiro, mandando extrahir toda a terra e pedras meudas que entulhavam a camara, achando-me continuamente cercado de curiosos, dispostos quiçá a arrebatarem o *ouro*, que eu *desencantasse*. A minha salvaguarda estava porém no digno administrador de Paços de Ferreira, o Sr. Albano Moreira Araujo Mendes, cavalheiro a quem devo, entre outras finezas, a aquisição da licença para esta exploração, que conseguiu do seu parente o Sr. Casimiro Meirelles, dono do terreno¹.

Foi baldada a esperança das minhas sentinellas vigilantes; apenas encontrei um *machado de pedra* e metade de uma *faca de silex*, objectos estes que serão conservados no museu da Sociedade Martins-Sarmiento, e nada mais, sendo por conseguinte mais que provavel que o primitivo profanador recolhesse alguns outros objectos, que ali deveriam existir.

A lage, que serve de cobertura do *dolmen*, mede exteriormente em circumferencia 10^m,35 e interiormente, á face dos esteios, 9^m,90; o pavimento da camara mede 2^m,80 de comprido por 2^m,30 de largo. A cobertura assenta sobre nove esteios de dois metros de altura, estando dois d'elles troncados na parte superior, o quarto, a que falta 0^m,20, e o quinto, a que falta 0^m,90. A largura dos esteios é respectivamente, a começar da entrada para Norte: 0^m,45, 0^m,50; 0^m,40; 0^m,65; 0^m,50; 1^m,51; 1^m,30; 0^m,65; 0^m,65. O fundo da camara é, como se vê, formado pelos esteios sexto e setimo, que estão perfeitamente verticaes, ao passo que os outros obliquam 8 para o alto.

O *dolmen*, servido por uma galeria em parte ainda coberta, pois uma das pedras, que a cobre, está ainda no seu primitivo logar sobre as paredes lateraes, e uma outra, de 1^m,20 de largura, está atravessada

¹ Devo igualmente muitos serviços nestas explorações ao illustre presidente da camara municipal de Paços, o Sr. Dr. Luis Alves Pinheiro Torres, e ao meu collega Rev.º Bento da Silva Bravo, abbade de Codeços, que tambem tem a seu cargo a parochialidade de Zamoso.

na entrada, tem a porta para nascente, como alás é commum nestes monumentos prehistoricos. A galeria ainda não foi completamente desobstruida por falhar o tempo na occasião, mas brevemente se realizará este serviço, sendo provavel, que appareçam mais algumas pedras da coberta sem terem sido violadas.

Não ha receio, creio eu, de que este *dolmen* seja destruido, porque, alem das recommendações do meu amigo abbade de Codeços, produzirão por certo efficaz resultado as disposições conhecidas do Sr. administrador de Paços, que, auctorizado pelo proprietario, está determinado a proceder judicialmente contra os invasores da propriedade alheia.

*

Vem a proposito terminar por uma boa noticia: as explorações archeologicas no concelho de Paços de Ferreira vão proseguir, graças á iniciativa do digno delegado do procurador regio o Sr. Dr. Francisco Dias do Socorro e do meu amigo e patricio o Sr. Abilio de Magalhães Brandão, actual recebedor de Paços. Alem do relatado numa correspondencia, que ha dias inseria *O Commercio do Porto*, tenho conhecimento d'estes projectos por informações particulares.

Oxalá que estes cavalheiros não afrouxem nos seus uteis empreendimentos. Paços de Ferreira tem muito que explorar no campo archeologico.

Tagilde, Março de 1896.

OLIVEIRA GUIMARÃES.

Novo achado de braceletes pre-romanos

N-*O Commercio do Porto*, n.º 37, de 12 de Fevereiro de 1896, publicou-se a seguinte noticia que foi reproduzida noutros jornaes.

«Oliveira de Azemeis, 10 de Fevereiro.—Um pobre sapateiro das Baralhas, de Macieira de Cambra, mandou construir uma parede para suporte de terra, no quintal da sua modesta habitação. Porque a obra não estivesse com a devida segurança, ou por falta de bons alicerces, desmoronou-se, e o sapateiro, para que não succedesse o mesmo ao reformar essa parede, excavou elle proprio o terreno para arranjar alicerce mais firme. Quando procedia a esse serviço, viu que a enxada levantava umas argolas metallicas. Examinou-as e pareceram-lhe de metal amarello. Mostrando o seu achado a diversas pessoas, deram-lhe de parecer que fosse ao Porto a fim de verificar se ellas

eram ou não de ouro. O homem, effectivamente, foi a essa cidade, e levou tres das dezaseis manilhas que encontrou, e ainda uma peça em fôrma pyramidal. Um ourives disse-lhe logo que ellas eram de ouro e deu-lhe trezentos e tantos mil réis pelas tres. O homem, cheio de contentamento, voltou para casa, e já conta apurar mais de dois contos de réis nas restantes manilhas. Estas peças tem a fôrma de meia lua e são de diversos tamanhos, algumas de bastante peso.— (*Do nosso corresp. L. C.*)»

Quando li esta notícia, escrevi a meu primo Joaquim Augusto da Costa Basto, de Oliveira de Azemeis, a pedir informações á cêrca do achado, e elle deu-me as seguintes, que obtive de um amigo.

«Os braceletes são de diferentes dimensões, todos lisos, sem o menor ornato. Tive um em meu poder, que me foi confiado pelo Dr. José Luciano, de Teomonde. Mandei-o pesar: pesa 197 grammas. Este bracelete é um dos maiores. Dizem que o ouro é de subido toque. Dá um som grosseiro, isto é, pouco sonoro, e a côr é mais clara que a do nosso ouro.»

Com estas informações vinha o esboço de um dos objectos, e por elle vejo que se trata de braceletes iguaes, ou muito semelhantes, ao que E. da Veiga descreveu nas *Antig. do Algarve*, IV, 191, e desenhou na est. XXII. É dos typos mais vulgares. Junte-se a menção do bracelete das Baralhas á lista que publiquei n-*O Archeologo*, I, 22-22.

Tendo eu tornado a escrever a meu primo Costa Basto, perguntando-lhe se perto do local do achado haveria algum castro, ou outros restos de antiguidades, bem como lendas de Mouros, recebi as notas que publico adeante, e que um amigo d'elle lhe enviou:

«Appareceram os braceletes (dezaseis) no lugar das Baralhas, freguesia de Castellões, do extincto concelho de Macieira de Cambra.

Ha muito perto, a distancia de uns trezentos metros, restos de paredes, bem como se encontram cacos de tegulas, em quasi todo o monte do Castro, que fica situado entre o referido lugar das Baralhas, pelo N., o lugar do Carvalhal, da freguesia de Ossella, pelo S., o rio Caima pelo Nascente, e o lugar dos Salgueiros, pelo Poente.

Os cacos e os vestigios de paredes abundam sobre o lugar do Carvalhal, até ao cume do monte.

Correm tradições dos Mouros. E ainda existe no referido monte, a Nascente, uma capellinha, com a invocação da Senhora do Castro, que a lenda diz ter sido edificada nos primeiros tempos da nossa monarchia, e onde é costume irem algumas freguesias de Cambra (Codal, Villa-Chã, Castellões e Macieira) em procissão, com o parochio, levando as respectivas cruces alçadas e enfeitadas com espigas de

trigo, de centeio, de parras e cachos de uvas e cerejas, entoando o parochó todo o caminho a ladainha. Isto tem logar no dia 1 de Maio.

Ha muito proximo d'esta capellinha restos de uma parede que, diz a tradição, serviu para empresar as aguas do Caima, para as levar por um grande rio (de que são bem visiveis os vestigios) para uma povoação que deveria estar situada onde hoje é o logar do Carvalhal, na aba Sul do monte Castro. Defronte da capella, ao Nascente e do outro lado do rio, ha um penedo a que chamam a *Pedra da Moura*.

Quando consertaram a sacristia da capella, haverá seis annos, appareceram algumas sepulturas, segundo me tem referido, tres ou quatro, com ossadas; as mesmas sepulturas eram feitas de tijolos e cobertas com pedras de diversos feitios.

Ha por estes sitios muitos castros.

Os braceletes foram vendidos alguns no Porto, outros em Ovar a um ourives e creio que em Cambra ainda ha quatro ou cinco, podendo talvez obter-se dois.»

Do que fica transcripto conclue-se que os braceletes pertenciam muito provavelmente a individuo ou individuos originarios de um crasto pre-romano, e que á civilização d'esse castro succedeu, de certa epocha em diante, a civilização romana: o que está de accôrdo com outros factos já publicados n-*O Archeologo Português*, — vid. vol. I, pag. 4-7 (castros em geral); pag. 81 e 91 (bracelete dos Castellejos); e vol. II, pag. 22 (xorca pre-romana de Cintra).

Agora póde perguntar-se porque razão estavam juntos tantos braceletes. Várias hypotheses occorrem, como a de thesouro, ou mercaderia; mas não revelará esse bello montão de ouro a fuga precipitada de seu dono, ou seus donos, diante das armas violentas dos Romanos, na occasião em que estes se dispunham, para derribarem as muralhas do castro, e reduzirem os Barbaros á civilização do Capitolio?

*

Quanto ao objecto, de fôrma pyramidal, a que se refere o auctor da correspondencia d-*O Commercio do Porto*, nada posso dizer aqui.

*

Agradeço a meu prezado primo Joaquim Augusto da Costa Basto todas as informações que me mandou, e com as quaes pude ampliar a notícia que os jornaes publicaram.

J. L. DE V.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

5. Adissa (Alemtejo)

Lenda e palácio da moira Adissa e dos negros ou gigantes que guardavam thesouros encantados. —

Lenda do monge, que ouve vozes mysteriosas. — Cobra encantada. — Grutas; ossos humanos e fragmentos de vasilhas achados lá. — Casa Movida. — Tanque num penhasco. — Sepulturas (romanas?). — Restos de fundições. — Pedreiras antigas.

a) «He no districto da minha freguesia muito famigerada a serra, a que chamão da Adissa, pelas historias, que d'ella conta a gente rustica da pouoação, em cujas brenhas, por se acharem fabricadas no coração do penhasco varias cavidades com sua fonte de agoa frigidissima, persume muita parte da uulgaridade serem os palacios de huma Moura encantada chamada Adissa, e que concerva nelles grandes riquezas, para quem a desencantar; accrescentando a estes delirios, outros, de que dentro das cavidades ha hum rio, guardado de huns negros ou gigantes encantados, aonde os que quizerem lograr a perciosidade destes thesouros hande expirimentar certas aventuras, confirmando isto com a tradicção de seus antepassados e das noticias que dava hum Monge, que habitava nellas fazendo vida solitaria, de que todas as madrugadas ouvia vozes, que lhe mandavão accender fogo e cuidar da sua obrigação, de que cheo de hum terror panico desamparou a cova e veio a fallecer dentro de pouco tempo; e que havia pessoas que tinhão visto recolher para aquellas cavernas huma medonha cobra, e que todo o que a offendia tinha expirimentado desastrosos successos; a que ajuntão outras historias desta qualidade, que eu tenho por fabulozas passo a descrever das cavidades da serra a cavidade mais famigerada.

b) Para a parte do Oriente se ve huma cova, a que chamão da Adissa, para a qual se entra por humas escadas, que ali fizerão os Monges que a habitavão haverá quinze ou vinte annos, athe se dar em huma grande cova de figura quasi espherica, toda de pedra, formada nas entranhas do penhasco, tão grande que nelle se pode alojar uma boa companhia de soldados de pe, tendo de altura mais de dous piques. Adornão-lhe os paredes varias pingas de agoa, que suadas do rochedo e convertidas em branca pedra, parecem fieiras de marmore de que ayrosamente se matiza. Tem no meio esta cova huma pedra muito levantada, furada toda por baicho, com comunicação para outros buracos, que forma em cima como uma planicie da mesma figura quasi espherica, á que huns chamão *estrado* outros *pateo*, aonde a gente da serra, e ainda da povoação, fazem as suas

danças pastoriz, e dizem que nesta planície podem baylar athe dose pessoas; e dahi caminhando por hum buraco muito escuro se vai dar em huma fonte de frigidissima agoa, que sahindo do centro do penhasco é recolhida como em huma pequena pia. Cabe dentro d'esta cavidade hum homem de pe, não tem outra luz mais que a que se lhe comunica da bocca do penhasco, he moradia de aves nocturnas, crião nella gralhas com as pernãs e bicos amarelos.

c) Hum tiro de pedra desta cavidade se acha outra, que, com coriosa averiguação, investigarão os seus segredos tres homens deste povo, dos quaes dous ainda são vivos, e por haver mais de vinte annos, que penetrarão as suas intimidades, não tem particular lembrança das suas dimensões, mais que huma noticia escura, que pode premitir a vida de homens, que occupados nos exercicios rusticos não fazem lembrança de cousas memoraveis. Entrarão, pois, os investigadores d'esta profunda cavidade dependurados de huma corda carreteira por hum bocal, como de hum poço, formado no penhasco, que terá de largura duas varas, pouca mais ou menos, e continuando nesta porporcionada symetria athe ao meio, do meio para baicho conservando sempre a figura circular,—he tão grande que com dous piques se não chega de parte a parte. Via-se para hum lado hum tableiro argamassado de cal e area com alguas caveiras e outros ossos humanos, ja muito carcomidos, e em algumas cavidades pedaços de grandes potes¹, e, entrando desta primeira cavidade para outra com vellas accesas, á porta de huma dellas os inquietou hum rijissimo vento, que com furioso impulso os combatia e os encheo de hum medonho susto, porem, que deichado o terror panico, romperão por muitos buracos², que fazia o rochedo, furados uns para outros de comprimento pouco mais ou menos de sinco ou seis varas e tres ou quatro de largura, athe darem em huma grande cova, como de huma grande praça, e desta passando para outras covas, tão pequenas como as primeiras, vendosse em quasi todas ellas varios buracos; entrarão por hum delles e dahi a hum quarto de legoa, pouco mais ou menos, virão a luz do sol por huma rotura, que fazia o penhasco, e por ella sahirão.

Adornão vistosamente todas estas covas os mesmos fieiros de agoa congelada

¹ [Trata-se certamente de uma gruta sepulcral prehistorica, como a de Carnaxide, descrita n-*O Archeologo Português*, I, 182 sqq. — J. L. DE V.]

² Isto é, galerias.

d) Ha na Serra outra cavidade a que chamão *Casa Mouida*, toda de pedra, da figura de huma caza, aonde se diz que se fazia nella forte hum homem, que pellos seus insultos andava refugiado as Justissas, não tem outra porta mais do que a que por ondê se entra, e poderão nella caber sette ou outto homens.

e) A mayor parte das agoas da Serra se somem na mesma serra, porque, segundo se entende, toda está minada, e ha boccas de covas por toda a serra, que são tão fundas, que athequi não ha notticias, que ninguem averiguasse a intimidade destas cavernas.

f) Ha tambem na Serra na mancha de Fernão Telles, desta freguesia, hum edificio de figura de hum pequeno tanque, cavado no penhasco, que mais parece banho de mouros que obra da primorosa idea dos Romanos, o qual recolhe as agoas que, chovendo na serra, correm precipitadamente a encher aquella pequena cavidade.

g) Tem-se descoberto nas abbas da Serra em huma quinta, que se faz nas campinas da herdade do Alimo, desta Freguesia, varias sepulturas com suas campas (ou tampas?) de pedra, porem, sem letras, e outras sem pedras, mas todas estas sepulturas com hum vaso dentro, como redoma, entre os quais se achou hum de vidro, outro de gesso, e os mais de barro.

h) Não tem a serra neste districto fontes, nem rios de propriedades raras, nem sei que haja minas de metaes, verdade he, que em alguns sitios da minha freguesia se achão humas pedras soltas, e ha parte aonde se acha huma pedreira destas, com as raizes firmes na terra, cujas pedras soltas, que as ha em abundancia, tirando mais a cor negra do que a cor de chumbo, são mais pezadas do que as outras pedras ordinarias, pelo que parece incluem algum metal, e se achão tambem varias fezes ou escumalhas de metal fundido, que denota que houve antigamente neste districto fabricas de fundições, que serão do tempo dos romanos. . . .

i) Tem a serra donde se podem tirar pedras de cantaria e ainda de marmore e outras de varia qualidade, e com effeito em hum sitio desta freguesia a que chamam o Poço do Judeo se achão ainda as minas abertas das pedras que se lavrarão para os edificios de Moura. . . .» (Tomo I, fl. 251.)

6. Inscrições romanas de Agueda (Beira)

«O dito lugar de Agueda nam tem preuilegios e nos tempos antigos era a celebre cidade Eminio floreceo munto no tempo dos Romanos e ainda em partes se acham pedras com inscricoes daquelle

tempo. Dipois disso foi cidade Episcopal e teue seos bispos que foram Gelazio e Possidonio e Pontanio que assistiram em varios consilios que tras a Historia dos Arcebispos de Braga composta pello Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e o mais trazem as estorias portuguezas.» (Tomo I, fl. 389.)

Sobre a verdadeira localização de *Aeminio* pôde consultar-se um artigo de Borges de Figueiredo no Boletim da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, v, 67.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

À cêrca das antas

O Sr. P.^e J. J. da Rocha Espanca publicou em Villa-Viçosa, em 1894, um opusculo intitulado *Estudo sobre as antas e seus congêneres*, que foi objecto de uma crítica do Sr. P.^e José Isidro Brenha, começada a publicar no n.^o 36 (16 de Maio de 1895), d-*A Vida Moderna*, do Porto, e continuada noutros numeros seguintes. O criticado respondeu, o crítico treplicou, e aquelle tornou a voltar á questão, que actualmente ainda dura, e Deus sabe até quando durará!

Eu, por mim, achei-me tambem envolvido na polemica, e dei a lume no n.^o 25 (27 de Fevereiro de 1896) d-*A Vida Moderna* o seguinte artigo, que aqui reproduzo por lembrança:

«Tenho seguido com alguma curiosidade a questão em que os Srs. P.^e Espanca e P.^e Brenha andam empenhados neste jornal. Se venho entremetter-me nella, não é pelo desejo de polemica; mas, como o Sr. P.^e Brenha teve a amabilidade de me consultar á cêrca da significação da palavra *anta*, e eu lhe apresentei ideias que o Sr. P.^e Espanca pretende refutar, julgo-me obrigado a defender o que escrevi.

Peço aos leitores que me considerem imparcial na questão, pois a ambos os contendedores me ligam relações de sympathia.

Quando, ha annos, estive pela primeira vez em Villa-Viçosa, o Sr. P.^e Espanca, a quem eu ia recommendado, tratou-me com toda a amabilidade, acompanhou-me na visita aos monumentos da villa, e deu-me quantos esclarecimentos lhe pedi. Eu vim com saudades dos momentos que passei com elle em convivio archeologico, e nunca me esquecerei de que, depois de termos percorrido a villa, ao luar,

o Sr. P.^o Espanca, a altas horas da noite, se sentou ao piano, e tocou e cantou, para eu ouvir, composições de sua lavra. Posteriormente tenho mantido com elle correspondencia epistolar, e devo-lhe a offerta de um interessante monumento epigraphico romano, e das suas uteis *Memorias de Villa-Viçosa*, bem como do opusculo sobre as *antas*.

O monumento epigraphico ficou pertencendo á Bibliotheca Nacional de Lisboa, mas foi por minha intervenção, e a meu pedido, que elle o cedeu; por isso me constituo devedor do obsequio.

Ao Sr. P.^o Brenha devo tambem informações archeologicas, e a posse de um amuleto que me offereceu para a minha collecção ethnographica; alem d'isso, ainda o anno passado me fez o favor de me acompanhar na Póvoa de Varzim na visita a varios locais que eu desejava visitar, e sobretudo merece o meu respeito pelo amor com que se dedica aos estudos archeologicos, dando a conhecer, em companhia do Sr. P.^o Raphael Rodrigues, as *antas* trasmontanas.

Vêem os leitores que, pelas circumstancias pessoais, tantas razões tenho para pender para o lado de um dos contendedores, como para o do outro. As circumstancias scientificas levam-me todavia para o lado do Sr. P.^o Brenha.

Espero que o Sr. P.^o Espanca não veja no que vou dizer, nem desaffecto, nem descortesia. Eu só pugno pela verdade. De mais a mais justificarei o que affirmar.

O Sr. P.^o Espanca sustenta, se bem tenho presente a sua argumentação, por quanto estou a escrever de memoria, ao correr da penna, sem poder dispor de tempo para citações:

1.^o Que as *antas* são monumentos historicos;

2.^o Que as *antas* são cabanas de pastores e de hortelãos, e não sepulturas;

3.^o Que a palavra *anta* vem do latim *antrum*.

I. Começarei pela última parte, e procurarei ser breve e claro.

Para asseverar que *anta* vem de *antrum*, lembra o Sr. P.^o Espanca o seguinte facto:—que o *r* cahiu, como em *umbella*, deminutivo de *umbra*, *castello*, deminutivo de *castrum*, e *libello*, deminutivo de *liber*;—e que o *o* de *antro* se mudou em *a*, como em *verba*, do plural de *verbum*, *sina*, do plural de *signum*, *loja*, do plural de *locus*.

Antes de mais nada devo notar que, visto que se recorre á Glottologia, ou sciencia da linguagem, se lhe hão de respeitar rigorosamente as leis; do contrario, anda-se sem methodo. Ora a Glottologia ensina que nenhum d'aquelles factos tem applicação ao caso presente. Quanto ao *o* mudado em *a*, não sei para que citar taes exemplos, se

o Sr. Espanca é o primeiro a notar que *verba*, *sina* e *loja* vem dos pluraes, que acabam em *a*. Se as palavras já em latim acabavam em *a*, para que fallar no *o*?

Os pluraes de certos nomes neutros foram considerados como femininos, pelo facto de acabarem em *a*, e nessa fórma passaram do latim vulgar para as linguas romanicas. Isto succedeu com dois dos exemplos citados, *verba* e *sina*; a palavra *loja* é que nada tem com *loca*, pois é de origem germanica.

Ha muitas outras palavras formadas como *verba* e *sina*, por exemplo, *dívda*, *fada*, *pimenta*. O Sr. P.^e Espanca podia ter citado tambem *antra*, plural de *antrum*, na sua hypothese; comtudo era impossivel que *antra* desse *anta*, como vamos ver.

Os exemplos invocados para justificar a queda do *r* são *umbella*, *castello* e *libello*. Nada d'isto se parece com *antrum* (ou *antra*) e *anta*. Segundo as leis da morphologia latina, *umbella* formou-se de *umbra*, através de **umberla*; *castellum*, de *castrum*, através de **casterlum*; *libellus* de *liber*, através de **liberlus*. Houve, pois, mudança de *r* em *l*, e não quéda de *r*, — o que é muito diverso do que o Sr. Espanca suppõe que se deu em *anta*.

Era impossivel, digo eu, que *antra* desse *anta*, porque, não havendo outro *r* na palavra, um *r* naquellas condições, isto é, entre consoante e vogal, não cae. As seguintes palavras o provam: *astro*, *desastre*, *mostrar*, *mostrengo*, *entre*, *entrar*, *contra*, *ventre*, *centro*, *sempre*, *Dezembro*. Se em nenhum d'estes casos cae o *r*, por que motivo havia elle de cahir em *antrum*? Quando se apresentasse um phenomeno phonetico tão simples como este, devia haver outros parallelos. Não ha: logo o *r* naquellas condições não cae. Por isso é impossivel deduzir *anta* de *antrum*. Oppõe-se a isso o genio da lingua portuguesa.

Não sabe talvez o Sr. P.^e Espanca que existem outras palavras na nossa lingua no sentido de *dolmen*. D'ellas me occupo no volume I das minhas *Religiões da Lusitania*.

Para concluir, direi que a origem de *anta* é o latim *antae*, no singular *anta*, como perfeitamente diz Viterbo no seu *Elucidario*.

II. *As antas são monumentos historicos*, — diz o Sr. P.^e Espanca. Não são, dizem todos os archeologos. Isto prova-se directamente, porque o mobiliario que apparece ou predomina nas antas é *prehistorico*, pela maior parte *neolithico*.

Os textos dos antigos AA., em que o Sr. P.^e Espanca achou *antrum*, *splunca*, etc., referem-se a *furnas*, etc., e não ás *antas*, que são monumentos architectonicos propriamente ditos.

III *As antas são cabanas, e não sepulturas*, — diz o Sr. P.^o Espanca.

Esta afirmação não é justa: — primeiro, porque muitas antas são demasiado pequenas para poderem servir de casas de vivos; — segundo, porque nas antas encontram-se restos humanos, ossos e dentes, cuja existencia alli só póde explicar-se, admittindo-se que as antas eram sepulcros ou ossuários.

Trato este ponto com tal desenvolvimento no meu citado livro *Religiões da Lusitania* (no prelo), que não posso tratá-lo agora outra vez. Em todo o caso tomo a liberdade de recommendar ao Sr. P.^o Espanca, pelo menos, a leitura das obras de Carlos Ribeiro, Estacio da Veiga e Santos Rocha, onde achará exemplos bastantes de antas que continham no seu seio restos de esqueletos humanos.

Este facto não admitte contestação possível.

Se em algumas antas se não acha nada, é porque os terrenos destruíram os ossos (por exemplo os terrenos graníticos), ou porque os curiosos levaram tudo, ou porque se praticou a incineração dos cadáveres.

O Sr. P.^o Espanca creio que nunca explorou anta nenhuma; eu, da minha parte, já explorei algumas em Tras-os-Montes, na Beira e no Alemtejo, conheço tudo o que se tem escripto em Portugal sobre o assumpto, e conheço muitas cousas do que se tem escripto lá fóra: para afirmar o que affirmo fundo-me, pois, em muito boas razões.

*

Em resumo: — os dolmens datam dos tempos *prehistoricos*, e são *monumentos funerarios*; a palavra *anta*, que, com outras, significa *dolmen*, vem do singular de *antae*. Creio que são pontos liquidados.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1896.»

J. L. DE V.

Archeologia Eborensis

Cofre de ferro existente na Secção Archeologica
da Bibliotheca Pública de Evora

Ha annos existia na Repartição de Fazenda de Evora um cofre, ou antes uma arca de ferro batido, que servia para o thesoureiro-pagador do districto arrecadar e guardar valores confiados á sua responsabilidade. A fórma e a construcção d'essa arca não deixavam de chamar

a attenção das pessoas que o acaso, negocios publicos ou particulares, levavam á thesouraria do districto. Ás perguntas que a seu respeito se faziam, só se obtinha a seguinte resposta: *É muito antigo, era da Inquisição, já cá existia no tempo das Provedorias.*

Ultimamente, tratando-se de reparações na parte do edificio do antigo Collegio dos Jesuitas, occupada pela Repartição de Fazenda do districto, foi sollicitada por mim licença para que esse cofre fosse recolhido na Bibliotheca Pública de Evora, não só porque hoje não servia para arrecadação de valores, visto terem sido extinctas as thesourarias dos districtos, mas para não se perder, como perdido se tem muitas outras preciosidades archeologicas, esse especimen de serralheria do seculo XVI ou de seculo anterior. Felizmente, hoje está esse cofre recolhido na Bibliotheca, onde pôde ser examinado, estudado e apreciado por aquelles a quem taes cousas interessam. Os desenhos juntos dão conhecimento do cofre, e as *cotas* nelles escriptas permittem avaliar a sua grandeza, dispensando qualquer descripção mais ou menos incompleta que d'elle se pudesse fazer. As paredes do cofre, assim como a tampa e o fundo são constituídos por folhas ou laminas de ferro forjado de 0^m,003 de espessura; as folhas são reunidas de topo, por bandas de ferro forjado de 0^m,009 de espessura, a que são fixadas por meio de *rebites*. Os cantos são fortalecidos por cantoneiras igualmente de ferro batido. Alem d'isso, a tampa é fortalecida interiormente por meio de uns triangulos de ferro redondo.

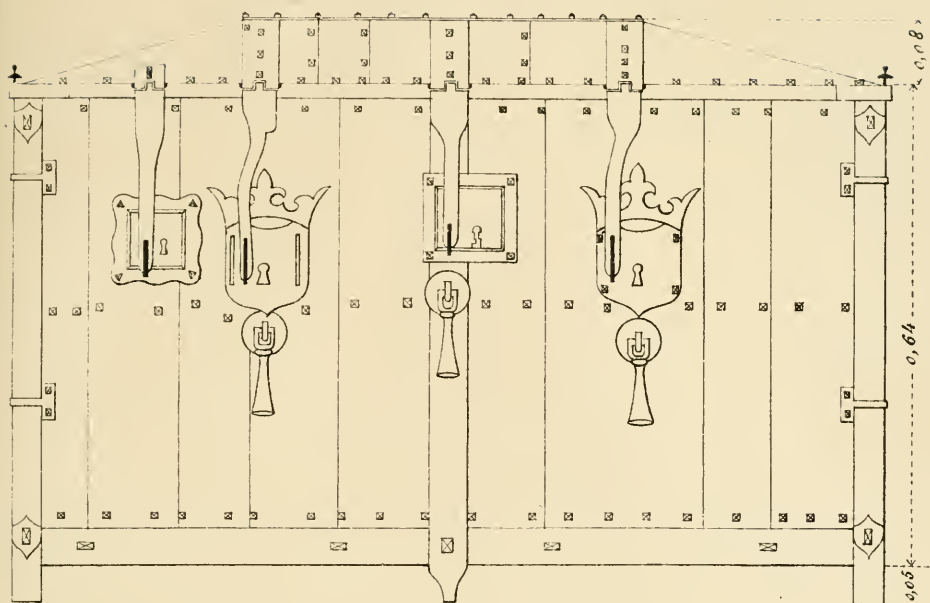
Como é por todos sabido, a Inquisição foi introduzida em Portugal por El-Rei D. João III aos 22 de Outubro de 1536, fundando-se em Evora o seu primeiro tribunal¹; por conseguinte, a ter sido da Inquisição de Evora o cofre, deve considerar-se posterior a 1536. A existencia de corôas reaes na frente do cofre faz crer porém que, mesmo quando houvesse servido na Inquisição, havia tido anteriormente outro destino. Sabe-se que os nossos antigos monarchas tinham thesouros em muitas das suas principaes cidades. Poder-se-ha com este fundamento suppor que o cofre teria primeiramente servido no erario de Evora? Ou, deverão considerar-se as corôas como signal de privilegio de fabricação?

Deixamos as respostas ou as explicações a quem as possa dar, e contentar-nos-hemos com annunciar a existencia do cofre na Bibliotheca de Evora, e para elle chamar a attenção dos amadores das nossas antigualhas.

C. DA CAMARA MANOEL.

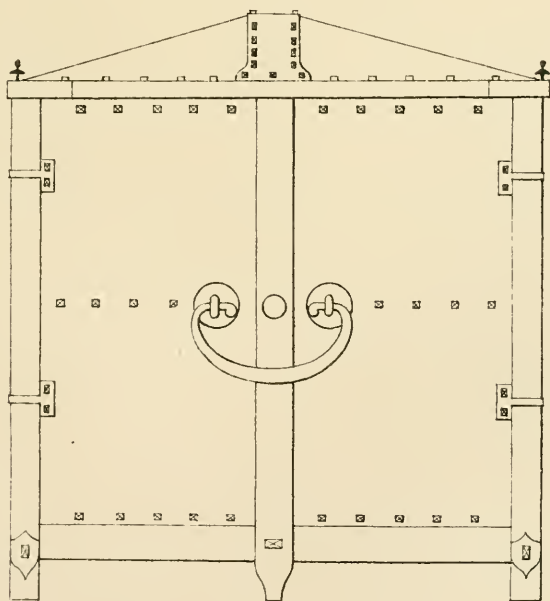
¹ *Evora gloriosa*, pelo P.^c Francisco da Fonseca, Roma, 1728.

Escala $\frac{1}{10}$ ou $0,10$ por 1 metro



1,15

(frente)



0,70

(lado)

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS



Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

MILLIARIOS DO CONVENTUS BRACARAUGUSTANUS.

DOIS DENARIOS DA FAMILIA «DECIMIA».

ESTUDO SOBRE UM MACHADO DE PEDRA DO ALGARVE.

AS GRUTAS DE CASCAES.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

BIBLIOGRAPHIA.

INSCRIPÇÕES ROMANAS DE MONCORVO.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.

SALACIA.

ERRATA.

Este fasciculo vae illustrado com 3 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECCÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

ABRIL E MAIO DE 1896

N.º 4 E 5

Milliarios do Conventus bracaraugustanus

Do opusculo, com este titulo, publicado pouco tempo ha, trouxe-nos o n.º 4 da *Revista Critica de Historia y Litteratura*, de Madrid, uma nota apreciativa pelo sabio epigraphista Sr. Dr. Emilio Hübnér, que vem cerrar o cyclo de muitas outras da nossa imprensa periodica¹, cada qual mais lisongeira e bemquerente.

Por onde ao obscuro auctor d'aquella brochura corre o imperioso dever de a todos em publico testemunhar seu agradecimento por tão bisarra gentilesa,—valioso incentivo e por certo o melhor para novos esforços, se o tempo que tudo gasta tivera poupado o vigor indispensavel a quem a taes empresas se resolve dedicar. Valerá assim mesmo como galardão, não do merito intrinseco da obra que nenhum tem nem podia ter, senão da boa vontade e recta intengão do auctor: remuneração mais que sufficiente de fadigas e dispendios de vária especie, que pois passaram nem já pesam, Deus louvado.

¹ *Correio Nacional*, 13 de Dezembro de 1895; *Palavra* (rev. Oliveira Guimarães), 29 de dezembro de 1895; *Aurora do Lima*, 30 de Dezembro de 1895; *Aurora do Cavado* (Dr. Rodrigo Velloso), 1 de Janeiro de 1896; *Instituto* (A. V.), Janeiro de 1896; *Gazeta do Minho* (Sr. José de Menezes), 4 de Janeiro de 1896; *Jornal de Vianna*, 26 de Janeiro de 1896; *Correspondencia do Norte* (Dr. José Machado), 25 e 29 de Janeiro de 1896; *Lima* (M. L.), 1 de Fevereiro de 1896; *Tarde*, 3 de Fevereiro de 1896; *Novo Mens. do C. de Jesus*, Fevereiro de 1896; *Voz de Santo Antonio*, 14 de Fevereiro de 1896; *Revista Contemporanea*, Fevereiro de 1896; *Revista de Educação e Ensino* (Sr. Ferreira Deusdado), Março e Abril de 1896; *Vida Moderna* (Dr. Martiñs Sarmiento), 24 de Março de 1896.

Dizem-me que tambem o diario portuense *Voz Publica* dissera do caso; não logrei porém have-lo á mão.

Devo porém aqui uma referencia especial ao illustre epigraphista e douto professor berlinês o Sr. Dr. E. Hübner o qual, comquanto estrangeiro e sem nenhuma relaçãoes pessoaes commigo, apesar da summa competencia na materia e talvez por isso mesmo, levou a sua amabilidade até se dignar indicar no pobre escripto algumas faltas de somenos importancia, deixando generosamente no escuro outras muitas que por ventura mais o sejam. Para corresponder pois á graça do exímio epigraphista, intento lançar aqui singelamente alguns dados elucidativos dos pontos notados, e de um que outro equivoco em que por ventura induzira a obscuridade, senão mesmo a incorrecção do meu texto.

*

A pag. 104, col. 1.^a, da referida *Revista Critica* diz em parenthesis o Sr. Dr. Hübner: «en algunos logares los miliarios fueron encontrados en tres millas consecutivas». Aqui deverá entender-se: millarios dedicados ao mesmo imperador; que tratando-se de imperadores diversos, no Gerez conserva-se ainda hoje uma serie de *sete* milhas consecutivas desde a XXXI á XXXVII. (Cf. *Milliarios*, 62, 63, e addenda *in fine*).

Evidentemente aquella passagem foi suggerida pela segunda parte da nota 2, a pag. 26 dos *Milliarios*, referente a millarios de um só imperador: «não tenho obtido maior serie que de tres consecutivos». E é unica: dos millarios de Maximino a Maximo.

*

Na mesma pag., col. 2.^a, repara o Sr. Dr. Hübner: «Falta á esta narración del P. Capella, sobremanera util, una sola cosa, y es un mapa delineado por mano de un geografo perito». Assim é, e isto mesmo advertira o Sr. Dr. Martins Sarmiento em carta particular de 5 de Dezembro de 1895: «eu só lhe noto uma falta, e parece-me que lhe posso assim chamar — a de um mappa . . . indicando os sitios onde hoje se encontram os millarios».

Annos ha que algo se tentou neste sentido, e aos bons officios do brioso e illustrado official do nosso exercito, Sr. Major B. Sesinando, devo o desenho cartographico na escala de $\frac{1}{50,000}$ de uma zona ao longo da Geira, desde Braga até alem da Portella-do-Homem, sobre a qual intentei apontar a directriz da via romana com indicação dos millarios, e para isso de novo pisei aquelle caminho.

Várias difficuldades porém me obrigaram a abandonar a empresa, entre outras a minha inaptidão technica, o ter de ampliar a outras *vias* de Braga o meu estudo, para o que não estava provido nem me era facil, de novo desenho, e sobre tudo aquella razão muito conhecida que obrigou o capitão a entregar a praça...

Isto mesmo comprehendeu com sua habitual penetração o Sr. Hübner, e exprimiui cortês e delicadamente nos seguintes termos: «Pero comprehendo perfectamente que los modestos recursos del P. Capella non le han permitido el lujo de un nuevo mapa, tan útil y necesario como hubiera sido para entender bien la narracion».

Sim, sem a *lei de meios* impossivel é governar a vida.

*

A pag. 105, col. 1.^a, continúa o Sr. Dr. Hübner: «Solo para mostrar-le lo completo de mi lectura de su libro voy á apuntar algunas equivocaciones ligeras. El genitivo IVLI, no IVLII, no está formado de un nominativo IVLVS, como opina a pág. 141, sino de IVLIVS. Hasta epoca muy baja, casi al tercer siglo, los nombres propios en *ius* formaran su genitivo en la antigua terminación contrahida en *i* en vez de *ii*».

Na citada pag. dos *Milliarios* tinha saído: «a 1.^a linha porém traz a anomalia de um PI · por PII · Nos titulos de Maximino e Maximo como adeante veremos dá-se um caso analogo com IVLI · por IVLII · e ordinariamente. Parece porém que melhor se justifica esta fórma, já que o nome primitivo fôra IVLVS como usa Virgilio».

Ao ler a delicada advertencia logo me convenci de delicto philologico, a que não foi estranha a minha insciencia na materia, mais certa leviandade nativa de conserva com umas tenues reminiscencias virgilianas, que mais de uma vez me atraigoaram já. Assim mesmo, fallando no caso dias depois ao meu collega neste Lyceu, cathedratico de latim, respondeu-me incontinenti que a cousa era vulgar em Sallustio, por ex.: nos nomes communs em *ius* e *iim*. E logo alli citou de memoria varios exemplos em confirmação da doutrina do Sr. Hübner, que pelos modos é a de toda a gente que sabe d'isto.

Ha porém mais, se não melhor; num magnifico titulo epigraphico da melhor epocha (XXI tribunado de Augusto, 2 a. C.), ainda inedito e ha pouco descoberto pelo Sr. Albano Bellino, vemos nitidamente um genitivo *Paulli FABI Maximi* peremptorio a não mais.

Inteirado portanto; e quede-se por lá o menino IVLVS, que eu aqui dou as mãos á palmatoria.

*

Ibidem: «Lo mismo en la pág. 173: se requiere en el numero 47 renglon 6 MAXIMVS en lugar de MAXIMINVS y en renglon 12 TEMPORIS en lugar de TEMPORES».

Aqui peço licença para observar que de modo nenhum acceitei a fórma TEMPORES, como da pag. seguinte (174 dos *Milliarios*) consta: «Na 13.^a (aliás 12.^a lin.) o segundo E de TEMPORES (que aliás ninguem conhece em latim), está alli no lugar do I primitivo». Saíu assim porque, como os demais titulos, tive de dar este na integra *sicut jacet*.

Pelo que toca a MAXIMINVS em vez de MAXIMVS é bem verdade ter *concedido o facto* nas seguintes passagens: «Quanto a MAXIMINVS da 6.^a (linea) bem possivel é assim ficasse desde o principio» (*Milliarios*, 174); e em a nota a pag. 167: «No milliario de Breitandos vem (Maximus) com o nome de MAXIMINVS e alguns epigraphistas lh'o attribuem. Alem de merecer menor fé o titulo d'este milliario por haver soffrido retoque, alguns dos outros contradizem-no como adeante se verá».

Esta concessão *de facto* e mesmo assim dubitativa, baseava-se primeiramente na difficuldade de o renovador introduzir na palavra, sem a deformar, os elementos syllabicos IN; depois na possibilidade de assim ter sido dictada ao *lapicida* primitivo, por me occorrer então o que sobre o assumpto ouvira em tempo a pessoa de superior competencia e discrição. Por ella sou de novo informado de que num dos indices de Henzen á *Collecção das inscripções latinas selectas*, de Orellius, se allude a esta variante segundo o titulo 5526, com a nota de ha pouco haver sido verificada no monumento por Steiner, e assim melhor se apadrinhar a lição de Capitolino e Aurelio Victor.

D'estes o primeiro não o conheço; no segundo porém encontro effectivamente: *filiusque ejus pari nomine Caius Julius MAXIMINVS caesar factus est. (De caesaribus, xxv)*.

Agora na questão de *direito* não tenho voto; assentirei assim mesmo á doutrina do Sr. Dr. Hübner não só porque é d'elle, como por a ter visto confirmada noutros titulos milliarios. Acresce em seu favor o testemunho de duas medalhas latinas, cunhadas no Oriente, uma na colonia romana de *Pellu*, Macedonia; outra, na de *Troas*, Alexandria-Troas (*Ilion*). No anverso da primeira circunda o busto juvenil de Maximo a lettra: IVL VERVS MAXIMVS; no reverso, figura de mulher sentada com o distico COL IVL AVG PELLA.

No anverso da segunda, o mesmo busto com a legenda: IVL VE MAXIMVS; do outro lado, uma aguia sobre a cabeça de um touro (Roma nas colonias), e a lettra TRO COL AVG.

A serem authenticas, algum valor terão no pleito. Por minha parte inclino-me a acceitar o *facto* sem julgar do *direito*; acceito, porém, na *these* e a beneficio de inventario a lição MAXIMVS.

*

Ibidem: «En la pág. 154 hay DEADVMENIANVS en lugar de DIADVMENIANVS, y PRNCI· en lugar de PRINCIPI· ¿O son estas faltas del original?».

Não; do meu original é que me parece que serão. Foi o caso que na cópia da pedra, collida em vinte minutos escassos para não perder a *posta* de Chaves, saíram omissões que pude depois encher mediante os bons serviços de um cavalheiro da localidade, a quem fôra entregue um rascunho da epigraphie com as lettras provavelmente omissas, escriptas a lapis azul, a ver o que havia ao certo. Entre essas lettras ia a syllaba PI· da palavra PRINCIPI· Devolvendo o rascunho veji a resposta nestes termos: «A presente inscripção existente em um milliario de Villarandello está fielmente tirada e segundo a ordem por que está no marco. As lettras a lapis azul estão todas perfeitamente legiveis na pedra, excepto a lettra A da abreviatura AVG. da qual sómente se percebem os seguintes traços A. As restantes lettras tambem estão todas legiveis no marco, excepto uma na palavra MAC-INO que provavelmente era a lettra R, mas d'esta não existe vestigio algum. Ha dois pontos no fim das palavras da 4.^a linha, um para cada palavra. Creio poder-se prestar confiança a esta nota, pois foi feito o estudo do marco milliario com todo o rigor possivel».

O mesmo rigor não houve infelizmente na minha transcripção, pois não sei por que artes me passou pela malha ou antes não foi apanhada a tal syllaba PI·

Quanto ao E por I de DIADVMENIANVS é possivel escapasse ao sollicito revisor, não só porque na gravura lapidar de certa epocha nem sempre é facil distingui-las, como por não ter sido notada a lapis azul como as outras. Para estes dois pontos de novo chamei a attenção do consciencioso informador de Villarandello; até hoje, porém, não obtive resposta¹. Cuido, portanto, que a melhor lição até

¹ Responde em 23 de Maio confirmando a lição do Sr. L. de Vasconcellos.—
(Nota P. S.)

agora será a do Sr. Leite de Vasconcellos n-*O Archeologo*, I, 118, tirante a nitidez das supracitadas letras A e R mais ou menos gastas na pedra, e por ventura a localização no fim da 4.^a linha da primeira syllaba de NOBILISSIMO.

E ahí está como a economia de tempo é ás vezes muito pouco economica.

*

Ibidem: «Apesar de que el P. Capella afirma en la pág. 176 haber leido en las mismas piedras como nombre del legado de los emperadores Maximino y Maximo repetidas veces Quinto Decio Valerino en lugar de Valeriano, sigo dudando de esta fórmula impossible, cuyos ejemplos no se han visto en ningun texto antiguo aparte de estos miliarios. Es facil que la N haya contenido una linea transversal, para significar *an*, y que esta haya escapado aún á los ojos de linee del P. Capella».

Talvez, talvez. Bem que na filiação onomastica VALERINVS de *Valerius*, se algo vale a analogia com ANTONINVS de *Antonius*, CONSTANTINVS de *Constantius* etc., não tope grande embaraço a minha rusticidade philologica, e por outro lado o argumento negativo de «falta de outros exemplos» não pareça decisivo na questão, tamanho é para mim o pêso da auctoridade do sabio epigraphista, que de boamente subscreevo *em these* á condemnação da tal «fórmula impossible». Agora *na hypothese* ou seja na questão do facto, unica da minha alçada, para não repetir o que dito foi a pag. 179 dos *Milliarios*, apenas lembrarei que por mais de uma vez quis encontrar na pedra o traço horisontal de N e não no logrei. Possivel que seja por culpa dos meus olhos, comquanto de linee como graciosamente m'os concede o douto epigraphista, mas afinal cada um vê com os seus e outro remedio não ha. Assim resta me apenas convidar a que *vejam*, não o illustre sabio que tão longe reside de nós e occupado em trabalhos de maior tomo, mas qualquer curioso que o deseje: *veni, et vide*¹.

Neste ponto confessarei que mais me agradaria ver explicado o porque só nestes milliarios do Gerez hão de apparecer titulos de

¹ Desde as Caldas do Gerez por caminho seguro e batido através de formosissima paisagem, vae-se a cavallo em duas horas á Portella-do-Homem, e d'ahi regressando pela Geira (VIA NOVA), visitam-se os quatro milliarios em questão.

Maximino e Maximo com o tal appendice de *Valerino* ou Valeriano, e cercados da conhecida fórmula: *vias et pontes temporis vetustate collapsos restituerunt*. Dir-se-ia que porque nesta estrada elles não tiveram que reparar pontes nem caminhos; isso porém sobre não resolver inteiramente o problema, tem contra si os dizeres dos millia-rios 4853 e 4858 (*I. H. L.*, 645, 646), da mesma estrada lá pelas alturas da *Limia*, nos quaes se volta ao antigo e commum estylo. Alem de que neste mesmo estylo deu Argote o milliaro 4816, milha xxxii, Volta de Covo, Gerez, que aliás agora não apparece tal qual¹.

Para este ponto ousou chamar a critica superior e vastissima erudição do sabio mestre.

*

Ibidem: «En la pág. 111 dice no haber encontrado un miliario en mi obra, mientras pocas lineas más arriba cita el numero 6226 que le he dado».

Aqui temos apenas um ligeiro equivoco, por ventura resultante da menos clareza do meu texto: «Este titulo que não encontro na compilação de Hübner, etc.». Pela palavra *compilação* queria eu designar sómente o 2.^o vol. do *Corpus* (*I. H. L.*), — *Inscriptiones Hispaniae Latinae*; não o *Supplementum* á mesma obra, pois nas linhas immediatamente anteriores tinha eu escripto: «d'onde passaram (esta e outras inscripções) por offerta (do Sr. Dr. Sarmento) ao *Suppl.* do *C. I. H. L.*². do Sr. E. Hübner».

Tal interpretação me parece poder-se deprehender de segunda leitura da referida pagina dos *Milliarios*.

Este ligeiro apontado dos defeitos do meu ensaio cerra o Sr. Dr. Emilio Hübner com uma observação em tanta maneira generosa e fidalga, que appetee á gente dar-se parabens por ter errado:

«Pero son estos errores de muy poca importancia y de la especie á que estamos expuestos todos los autores de libros de algun bulto».

¹ Cfr. *I. H. L.*, 642; — *Milliarios*, 176-177.

² Aproveito a occasião para corrigir as citações que no meu opusculo faço d'esta obra sob o indice *C. I. H. L.*, que traduzia mentalmente *Corpus Inscriptionum Hispaniae Latinarum*, devendo ler simplesmente *I. H. L.*, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, fazendo aliás parte do *Corpus*. Só tarde dei pelo equivoco e entendi não valer a pena corrigir na minha publicação. Vai agora: antes tarde que nunca.

Caso seria de passar para aqui, quando lícito fôra, aquella palavra de tão alto sentido: *o felix culpa!*

Concluo beijando as mãos do sabio mestre e perfeito cavalheiro, com os protestos da minha rendida veneração e vivo reconhecimento.

Vianna do Castello, 21 de maio de 1896.

M. CAPELLA.

Dois denarios da familia «Decimia»

Nas *Monnaies de la République Romaine*, de E. Babelon, 1, 453, descreve-se assim o R₂ do unico denario por elle e outros AA. attribuido á familia Decimia:

«R₂. FLAVS · ROMA (*Flavus · Roma*). Diane dans un bige au galop à droite, tenant dans sa main un fouet dont la mèche est roulée autour du manche».

Cohen, *Médailles consulaires*, Paris 1857, pag. 122, faz uma descripção semelhante.

Ora, no Gabinete numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa, existem duas medalhas que variam do exemplar descripto. Uma das differenças é muito pequena; a outra é mais importante.

*

Eis aqui o desenho de uma das moedas, a menos importante:



O anverso, — cabeça da deusa Roma, de brincos e capacete alado, voltada á direita, e tendo do lado da nuca a marquilha X—, não differe do da moeda descrita pelos AA. franceses. O R₂ varia, porém, pois vê-se sobre a cabeça de Diana a meia-lua, que muitas vezes

a acompanha; além d'isso as letras são claramente pontuadas. O mais provavel é que o exemplar da Bibliotheca Nacional não constitua propriamente variante, e que apenas os exemplares de que aquelles AA. se serviram estivessem gastos, parecendo por isso faltar o crescente; em todo o caso, aqui deixo este esclarecimento ¹. O Sr. Ferreira Braga possui na sua collecção monetaria um exemplar em tudo semelhante ao da Bibliotheca Nacional, — no crescente, e no pontuado das letras.

*

Aqui dou agora o desenho do segundo exemplar da Bibliotheca Nacional:



O averso não differe do do exemplar antecedente. O R. differe, porque, em lugar de se ver na biga a figura de Diana, vê-se a figura da Victoria, que provavelmente teve na mão alguma cousa, talvez um chicote. O typo da biga da Victoria é não só muito frequente nas moedas da Republica Romana, mas muito semelhante ao da biga de Diana. Julguei, porém, dever indicar aos especialistas o exemplar da Bibliotheca Nacional, se é que em alguma obra ou revista, de mim desconhecidas, não vem já descrito algum exemplar analogo. Tomei para termo de comparação as obras dos Srs. Cohen e Babelon, por serem as mais consultadas e mais ricas de informações, sobretudo a do último.

J. L. DE V.

¹ O Sr. Babelon compara o denario de Flavus com o de L. Furius Purpureo e o de A. Spurilius; no reverso do primeiro ha effectivamente o crescente, que o Sr. Babelon indica na descripção; no do segundo não se vê o crescente, embora o Sr. Babelon o mencione no texto. O exemplar que serviu para o desenho da última foi evidentemente o mesmo que Cohen utilizou; mas este, na descripção, não falla do crescente.

Estudo sobre um machado de pedra do Algarve

O reverendo Antonio José Nunes da Gloria, prior de Bensafrim, cavalheiro já muito conhecido pelos trabalhos que illustram a obra de Estacio da Veiga, enviou-nos em fins de 1895 a parte inferior d'um machado de pedra, encontrada em terreno que possui na sua freguesia, que nos parece muito interessante. É de schisto (?) polido, indicando a fórma trapezoidal, com secção quadrangular e gume convexo; typo muito commum no concelho da Figueira. Mede o fragmento no comprimento 0,^m073, na largura junto ao gume e na sua maxima espessura 0^m,25.

Nas duas faces maiores e em uma das menores a peça apresenta um certo espaço, em toda a largura d'aquellas superficies, completamente guarnecido de pequenas cavidades circulares. Nas faces maiores estas cavidades começam a 0^m,015 aproximadamente do gume e estendem-se até 0^m,045. Na face menor começam junto ao gume e estendem-se até 0^m,025.

Neste último lado acham-se dispostas do modo seguinte: numa linha superior tres cavidades completas, formando no seu conjuncto uma curva com a concavidade voltada para o gume; na linha immediatamente inferior outras tres cavidades formando uma curva semelhante, mas estando as duas das extremidades um pouco cerceadas pelo desbaste que a peça soffreu para se refazer o gume; em outra linha immediata restos de tres cavidades indicando uma disposição analoga; e por debaixo de tudo, junto ao gume, uma só cavidade cerceada pelo trabalho da reparação indicada. Os alinhamentos das superiores com as inferiores são tambem em curva.

Nas faces maiores os seus alinhamentos em sentido transversal são ondulados, e não rectilíneos ou formando curvas simples; mas no sentido longitudinal parecem formar pela maior parte curvas simples, com a concavidade voltada para a direita do observador, e obliquando da esquerda para este lado. Algumas foram destruidas por fracturas, ficando vestígios d'uma parte d'ellas; e outras acham-se obliteradas pelo desbaste da peça para formar o gume.

O numero total d'estas cavidades completas ou de que restam vestígios ascende a 76. Ora são contiguas, ora afastadas entre si 0^m,001 a 0^m,003. A sua fórma é aproximadamente hemispherica ou conica; e nas que parecem completas o diametro da borda varia de 0^m,003 a 0^m,005, e a maxima profundidade entre 0^m,002 e 0^m,003. Em quasi todos vêem-se distinctamente as estrias circulares produzidas pelo trabalho da perfuração.

Algumas cavidades são singelas; mas muitas são *duplas*, isto é, formadas por uma excavação concava, no fundo da qual se abriu outra excavação de menor diametro, mas ás vezes mais profunda; e exemplares ha em que reconhecemos vestigios de tres. Isto parece demonstrar que para a mesma perfuração se empregaram muitas vezes instrumentos de calibres diversos: e é provavelmente d'este facto que resultou a fôrma conica de algumas. O mais notavel ainda é que muitas apresentam ao meio do fundo uma pequenina saliencia circular, que devia corresponder a qualquer cavidade que existisse na ponta do instrumento perfurante.

Emfim, o menor lado do machado onde não existem estas cavidades, é precisamente aquelle em que apparece a superficie bruta da rocha, que o trabalho da polidura não chegou a desbastar completamente.

Não temos noticia de outro machado de pedra em semelhantes condições. O que se tem encontrado é apenas a hacha com um orificio da suspensão do lado do topo. No proprio Algarve, d'onde proveiu a peça, o reverendo Gloria, que tem colligido centenaes de machados, nunca encontrou exemplar igual. É, pois, uma novidade para nós, que valerá a pena estudar.

*

Tres questões suscita o exame d'este objecto, a saber:

1.^a—As gravuras já existiam nelle quando foi usado como instrumento cortante, ou serão obra posterior, para dar ao objecto outro destino?

2.^a—Qual foi o processo empregado para brocar a rocha?

3.^a—Qual o destino de taes gravuras?

A primeira parece resolver-se sem grande difficuldade. Numa das faces maiores existem fracturas com o mesmo aspecto de antiguidade que se nota na que causou a perda da parte superior do machado; e essas fracturas cerceavam algumas cavidades, do que restam vestigios manifestos: o que indica que estas existiam anteriormente á inutilização do instrumento. Por outro lado é fóra de duvida que o gume foi refeito, em consequencia de fracturas de que tambem restam vestigios; e a polidura do novo gume cerceou consideravelmente muitas das cavidades que estão mais proximas d'elle. Ora se a obra de um novo gume levou parte das gravuras, é claro que estas já existiam no objecto, e que com ellas era esta applicada nos seus misteres usuaes.

A segunda questão é mais embaraçosa. Tres processos principaes de perfuração têm sido apresentados para explicar os orificios

abertos nas rochas pelo homem neolithico, a saber: o emprêgo de simples punções de silex, operando a *meia rotação*, quanto permite o movimento do punho; o de uma haste massiça de osso ou de madeira, operando perpendicularmente por movimentos de rotação completa entre as mãos, com o auxilio de areia e agua postas entre a bróca e a rocha; e um tubo de osso ou de canna, applicado do mesmo modo que a haste massiça.

A dois d'estes processos já alludimos nas «Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira», para explicar alguns objectos; mas appareceu-nos ultimamente uma peça perfurada por outro systema, que se afasta de todos os que ficam mencionados, e que será indicado na continuação d'aquella obra. Para a hypothese de que tratamos não tem interesse.

O sr. Gabriel de Mortillet explica a segunda e terceira nestes termos:

«Le plus grossier de ces procédés consiste á faire tourner un corps pointu sur le point qu'on veut percer en interposant constamment entre ce corps et la pierre de sable fin et de l'eau. Le corps qu'on fait tourner n'a pas besoin d'être dur, ce peut être un simple morceau de bois... Pour commencer l'opération on prépare au point désigné un petit godet par percussion... On l'a simplifié en employant, au lieu d'un appareil roteur plein, un appareil vide à l'intérieur comme un jonc ou un os creux. On n'a plus eu alors qu'à creuser un anneau; il reste á l'intérieur du tube un noyau de la roche, qui, à la fin de l'opération, se détache et donne de prime saut un trou de la grandeur voulue¹.»

Com relação ao primeiro processo o sr. N. Joly, citando os factos de Eduardo Lartet ter conseguido perfurações iguaes ás das fendas das agulhas de osso quartenarias, empregando um punção ou furador de silex, e de John Evans, pelo mesmo meio, ter perfurado madeira e chifre de veado, applica este systema até na perfuração das rochas, baseando-se em varias descobertas archeologicas: «Ainsi donc, diz elle, à l'aide d'un foret en silex appliqué successivement sur les deux faces opposées d'une hache en pierre dure (*diorite, jade, serpentine,*) et en faisant exécuter au foret des mouvements de demi-tour en rapport avec ceux du poignet, on arrive à obtenir deux trous coniques dont les sommets se rencontrent». Referindo-se ao terceiro processo, como explicação das saliencias cylindricas que apparecem no meio de ori-

¹ *Le Préhistorique*, pag. 550.

fícios circulares de certas hachas, que não foram concluídas, cita as experiências do dr. Keller e de John Evans, que empregaram aquelle processo com um pedaço de chifre de boi e um tubo de sabugueiro; mas não julga a explicação satisfactoria, porque nas experiências de Evans a areia accumulava-se no canal medular do tubo de sabugueiro e atacava o topo do cylindro central¹.

Examinando detidamente o exemplar de que tratamos, parece-nos evidente que não foi empregado o primeiro processo; porque as proprias cavidades que apresentam uma fórma conica, não terminam em ponta ou angulo agudo. A sua configuração é a d'um cone truncado que parece ter resultado do emprêgo successivo de brocas de menor calibre, e não da applicação de um unico instrumento.

É muito duvidoso para nós se teria sido empregado o terceiro processo. Por um lado a saliencia central no fundo de muitas cavidades póde indicar a applicação de algum pequeno osso de animal, cujo canal medular dêsse causa á sua formação; mas por outro lado é certo que o mesmo resultado se obteria com uma haste massiça, em que a extremidade destinada a operar tivesse uma pequenina cavidade no centro, para reter a areia. Além d'isto, aquelle processo é lembrado para as grandes perfurações das hachas ou das cabeças de moça, em que evita o longo trabalho do desbaste de toda a massa rochoá que devia dar logar ao largo orificio; mas em cavidades cujo diametro maximo é de 0^m,005 e a profundidade de 0^m,003, não seria preciso recorrer a semelhante meio, porque a porção da rocha que se pouparia, era muito insignificante.

Só o segundo processo parece explicar sufficientemente as gravuras que estudamos, se admittirmos que a ponta espessa e convexa da broca tinha no meio a cavidade a que alludimos. Nada semelhante ao trabalho preparatorio, por percussão, indicada pelo sr. Mortillet: o instrumento perfurante parece ter operado immediatamente na superficie polida da hacha. Se ha alguma coisa parecida com o *godet* de que fala o insigne paleoethnologo francês, não é feito por percussão. Uma broca de maior diametro, attingindo ás vezes 0^m,005, abriu uma primeira cavidade; outra broca menos espessa abriu no fundo d'esta uma cavidade mais pequena; assim successivamente.

Haveria alguma razão technica para o emprêgo d'estas diversas brocas? Nós não sabemos. Não repugna, porém, admittir que, se taes gravuras são apenas um ornato, um intuito meramente decorativo

¹ *L'homme avant les métaux*, pag. 198-199.

fosse a causa d'esse facto, para produzir alguma cousa semelhante á ornamentação de circulos concentricos que se encontra em certas obras neolithicas.

A ideia de attribuir a estas gravuras um caracter meramente decorativo será talvez muito contestavel, mas para nós é a que mais satisfactoriamente explica o seu destino, no objecto de que se trata. De facto não vemos em que ellas pudessem ser *uteis* no mister de cortar, a que foi destinado e applicado o instrumento. Tambem não podemos attribuir-lhes o caracter de um registo numeral, interessando sob qualquer ponto de vista, ao possuidor do objecto. Nos orificios que guarnecem as peças de chifre de rena, pertencentes á ultima epocha do periodo paleolithico, que o insigne Eduardo Lartet denominou *bastões de commando*, viram alguns uma representação dos graus de auctoridade dos individuos que os usavam; mas esta hypothese, que não se apoia em razão alguma de pêsos, não póde ser invocada relativamente ao machado em questão, onde as 76 cavidades de que restam vestigios, afóra as que foram destruidas, nos levariam a admittir um complicado organismo politico, de que não ha memória entre selvagens e que é incompativel com o estado primitivo do homem.

Um registo, qualquer que fosse o seu fim, não podia confiar-se a um objecto que, pelo uso a que era destinado, estava sujeito a constantes deteriorações e reparações, que destruiriam os signaes gravados, como acontece no nosso exemplar. Seria um registo de momentos, uma obra de loucos.

É certo que nas grandes pedras brutas das sepulturas neolithicas da Scandinavia, da Inglaterra e Escocia e da Bretanha francesa apparecem cavidades ellipticas e circulares, a que os paleoethnologos francezes chamam *écuelles* e *cupules*, e que tambem se encontram em rochas erraticas dos Alpes, do valle superior do Rhodano e dos Pyrenéus, e em rochedos da Lorena e da Alsacia. Ainda na ultima sessão do congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas celebrada em Paris, o sr. Julien Sacaze mencionou muitas em monumentos e rochedos da montanha d'Espiaux (Pyrenéus francezes) e o sr. B. Reber citou uma lage com 26 d'essas gravuras, tendo o diametro de 0^m,006 a 0^m,007, proveniente de uma sepultura de Douvaine (Saboia), e o rochedo de Planet em Salvan (Valais) com 500 aproximadamente, que, combinadas com outras figuras, formavam series comparaveis ás inscrições hieroglyphicas. No Alentejo encontrou o sr. Cartailhac muitos exemplares nos megalithos; e nós tambem recolhemos no entulho das ruinas do megalitho da Cumieira um fra-

gamento de lage de calcareo muito brando, em que distinguimos duas pequenas cavidades conjugadas por meio de um sulco aberto na rocha.

Quanto ao seu destino, o sr. Sacaze declarou nada saber, lembrando todavia que teriam alguma relação com o culto dos mortos¹. O sr. Cartailhac, mencionando as explicações que se têm offerecido d'essas gravuras nos rochedos, que uns consideram signaes astronomicos, e outros como obras da ociosidade dos pastores, nota que as das sepulturas existem ás vezes nas faces das pedras que o *tumulus* devia occultar para sempre, mesmo aos individuos que penetrassem nas cryptas, estando neste caso as que elle descobriu nos dolmens de Candieira, de Paço-da-Vinha e de Paredes, que estavam na face superior das lages de cobertura; e declara que, embora taes gravuras multiplicando-se, na epocha do bronze, se achem já associadas nesta epocha a imagens comprehensíveis, são inexplicáveis, citando todavia o facto de serem veneradas na India como cousa sagrada².

Entretanto o sr. Mortillet parece comprehender estas gravuras entre os signaes puramente decorativos, repellindo a hypothese de serem destinados a recolherem um liquido ou objecto qualquer, visto que se encontram ás vèzes na face inferior das lages de cobertura dos dolmens ou em superficies verticaes³.

Seja, porém, qual for o mysterioso destino de taes gravuras nos megalithos, nas rochas erraticas ou nos penedos, onde são de muito maiores dimensões do que aquellas que estudamos, parece-nos que em um pequeno instrumento, destinado a rudes trabalhos, sujeitos a desaparecerem facilmente com as fracturas e com as reparações, não deviam ser cousa sagrada, nem terem uma utilidade real. Pelo contrario, agrupadas em um certo espaço, que ficava completamente guarnecido, destruindo a fastidiosa monotonia das superficies lisas, que nas faces maiores ficavam restrictas ao gume e á parte superior dando assim um certo realce ao objecto, mais parecem formar uma simples ornamentação.

Na verdade encontramos estas cavidades circulares gravadas na pasta das louças neolithicas e até na das louças da idade dos metaes; e ninguem hesita em classificar-as entre os elementos puramente decorativos. No *Museu Prehistorico* do sr. Mortillet os fragmentos ceramicos das fig. 537 e 538 podem servir de exemplo. Outros podem ver-se na obra citada do sr. Cartailhac, fig. 165 e 166 e nas *Antiquida-*

¹ Vid. *Compte-rendu*, pag. 613 e seg., e 623 e 624.

² *Les âges prehist. de l'Espagne et du Portugal*, pag. 174 e seg.

³ *Le Préhistorique*, pag. 603; *Mus. préhist.*, fig. 584.

des Prehistoricas da Andaluzia do sr. Gongara y Martinez, fig. 39, e até nós temos colligido fragmentos em que existe essa ornamentação.

Talvez que as cavidades do nosso machado fossem preenchidas com qualquer massa colorida, a fim de melhor sobressair a decoração. No Museu municipal da Figueira ha artefactos do gentio africano, em que as gravuras geometricas são preenchidas com uma substancia negra.

A. DOS SANTOS ROCHA.

As grutas de Cascaes

A propósito d'este assumpto, tratado n-*O Archeologo Português*, 1, 250, lê-se n-*O Seculo* de 6 de Abril o seguinte, que com todo o gôsto aqui se transcreve:

«Sobre a notícia que démos do estado de abandono e immundicie em que se encontram as famosas furnas de Cascaes, escreve-nos o illustre presidente da camara municipal d'aquelle concelho, Sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, informando-nos que a camara já deliberou tomar as necessarias providencias para a limpeza e conservação de tão importantes monumentos prehistoricos. Não temos senão a louvar a resolução da camara municipal de Cascaes e a agradecer ao Sr. Costa Pinto a sua carta que de certo será lida com agrado por todos quantos se interessam pelos vestigios dos nossos antepassados que vieram até nós.

Eis a carta do Sr. presidente da camara municipal de Cascaes:

— Refere-se *O Seculo* de hoje ás furnas, monumento prehistorico que existe na villa de Cascaes, e reclama providencias contra o estado de immundicie em que as grutas se encontram.

Cumpre-me, na qualidade de presidente da camara municipal de Cascaes, informar que na penultima sessão foi auctorizada a limpeza ás grutas, e approvedo o orçamento de uma grade de resguardo para evitar o vandalismo que o público até agora praticava naquellas notaveis furnas, enchendo-as de immundicies.

O poço velho que se encontra junto ás furnas tambem foi mandado limpar e cobrir com tampa. D'estes trabalhos está encarregado o conductor de obras publicas, Manuel Ferreira dos Santos, empregado tecnico da camara.

Lisboa, 5 de Abril de 1896. = *Jayme Arthur da Costa Pinto.*»

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

Haverá, pouco mais ou menos, um anno que na reunião celebrada na capital do mundo civilizado, para commemorar o centenario da fundação do Instituto de França, se apresentou o octogenario Joaquim Possidonio Narciso da Silva e leu uma congratulação, perante a assembleia constituída pelos representantes da França sábia, por aquelle memoravel acontecimento. Mais uma vez, o sr. Possidonio da Silva representou condignamente o seu país num congresso scientifico.

Mal pensava elle então, e mal pensavamos nós, embora sempre receosos, pela sua adeantada idade e pelo seu melindroso estado de saude, que esse discurso congratulatorio ao Instituto de França, de que era o unico representante de Portugal, seria o canto do cysne, a sua despedida aos seus illustres e respeitaveis confrades!... Infelizmente, assim foi! pois no dia 25 de Março falleceu em Lisboa, deixando aos seus amigos, aos seus discipulos e aos seus admiradores profundas saudades. Entre os propugnadores dos monumentos nacionaes, entre os cultores da Archeologia patria, deixou uma lacuna, uma vaga difficil de preencher.

O sr. Possidonio da Silva foi um estrenuo trabalhador, foi um incansavel defensor das nossas antiguidades e um benemerito da humanidade.

*

Nasceu em Lisboa em 1806 e, tendo apenas um anno, foi com seus paes, que acompanharam a El-Rei o sr. D. João VI, para o Brasil, d'onde regressou, em 1821, com a familia real.

Começou os seus estudos regulares com o celebre Domingos Antonio de Sequeira, cujo nome é uma gloria nacional, continuando-os, depois da emigração de Sequeira, com Germano Xavier, estudando architectura civil, e com o pintor Lendim.

Em 1825 foi para Paris completar os seus estudos, conseguindo fazer em 1828 os seus exames na Academia das Bellas Artes d'aquella capital.

Tendo visitado os principaes monumentos da França, foi para a Italia, d'onde, depois de uma demora de dois annos em Roma, regressou novamente a Paris, onde obteve ser empregado como ajudante das obras da galeria do *Crystal Palais Royal*, que se estava construindo sob a direcção do distincto architecto M. Fontaine.

A maneira como o sr. Possidonio da Silva se desempenhou d'aquelle trabalho que lhe foi confiado demonstra-a o facto de ter sido immediatamente encarregado de importantes decorações no palacio das Tulherias.

Restabelecida a ordem e a liberdade em Portugal, o sr. Possidonio da Silva regressou á patria, e alistou-se no 1.º batalhão de voluntarios do Commercio, onde teve o n.º 31.

Como architecto occupou-se de diversas edificações em Lisboa, e como architecto da casa real, que era, fez grande numero de obras nos differentes palacios e propriedades pertencentes á coroa e á casa real.

Longe iriamos, se tentassemos enumerar todos esses trabalhos, que aliás se encontram descriptos na sua biographia escripta pelo sr. Costa Goodolphim; entretanto, apontaremos alguns dos mais notaveis d'elles:

a illuminação monumental em Lisboa, mandada fazer pelo primeiro batalhão do Commercio para demonstração de regosijo pela chegada, em 1833, da Rainha a Senhora D. Maria II, cujo desenho foi publicado num jornal inglês;

a restauração do Palacio das Necessidades, edificado por D. João V em 1721;

a apropriação do edificio do antigo convento de S. Bento, fundado em 1598 pelo geral da ordem beneditina D. Fr. Balthasar de Braga, para a reunião das côrtes, em 1834 (por este trabalho foi condecorado pelo imperador D. Pedro com o Collar da Torre Espada);

construcção do Palacio do Alfeite;

a delineação do bairro novo nos terrenos da real quinta do Calvario.

*

O conhecimento que adquiriu, como architecto, dos monumentos nacionaes, despertou no sr. Possidonio da Silva o pensamento de archivar, estudar e conservar todas essas reliquias. Para a realização d'esse pensamento fundou em 1863 a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, de que era presidente, e um Museu Archeologico, hoje muito interessante e importante, nas ruinas do antigo convento do Carmo, em Lisboa, que são restos da fundação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Como complemento do Museu e órgão da Associação, criou tambem um *Boletim*, revista mui apreciada no estrangeiro e por todos aquelles que amam a Arte.

O sr. Possidonio da Silva fez, com o fim de generalizar os conhecimentos archeologicos e de criar prosélytos, differentes conferencias e regeu um curso gratuito de Archeologia, no edificio da Associação; escreveu uma interessante obra *Noções de Archeologia*, e uma outra de archeologia religiosa, que, pela sua simplicidade e clareza, é grande auxílio para a aquisição facil dos principios de archeologia.

Ao passo que se occupava do desempenho das suas obrigações officiaes e de todos esses trabalhos, o sr. Possidonio da Silva percorria as differentes terras do reino, fazendo indagações, pesquisas, investigações, levantamentos de plantas de monumentos, de que em memorias, em communicações, em noticias, dava conhecimento ás diversas sociedades archeologicas a que pertencia (e poucas não eram ellas!), nos congressos que lá fóra se realizavam e para os quaes era sempre convidado.

Graças aos esforços do sr. Possidonio da Silva, por toda a parte hoje se criam museus archeologicos, nalguns seminarios já se ensinam principios de Archeologia, a attenção pública applica-se á conservação dos monumentos, finalmente, a evolução manifesta-se a favor das nossas riquezas archeologicas, que tão descuradas tem sido e que tantas eram!

*

O sr. Possidonio da Silva, compenetrado da necessidade de prestar soccorros aos operarios invalidos, e, ao mesmo tempo, deseñoso de tributar homenagem ás excellentes virtudes do sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, promoveu e conseguiu a fundação em Lisboa de um — *Alberque para os Invalidos do trabalho* —, cuja inauguração foi em Julho de 1864; começando apenas com 6 invalidos, é hoje um estabelecimento dos mais notaveis «pela fórma amavel e fraternal como são tratados aquelles que lá procuram abrigo».

*

Assim, ao despedir-se d'este mundo, o sr. Possidonio da Silva podia exclamar: fui util ao meu país e fui bom para os meus irmãos.

Terminando esta singela homenagem á memoria do sr. Possidonio da Silva, só nos resta dizer: Adeus, Mestre, não esqueceremos o teu exemplo, nem abandonaremos a tua obra.

C. DA CAMARA MANOEL.

Bibliographia

INSCRIPÇÕES ROMANAS DE BRAGA (INEDITAS), por Albano Bellino, Braga, 1895; XV-CXXXIII pag., in-8.º, edição de 150 exemplares.

É este o segundo trabalho archeologico que o Sr. Albano Bellino publica em volume. O sub-titulo não convém, porque as inscripções que aqui dá como ineditas já haviam sido por elle publicadas na *Revista de Guimarães*, XII, 97 sqq.

Discipulo fervoroso do Sr. Dr. Pereira Caldas, professor bracarense, tem-lhe estudado com tal affinco os folhetos, que chegou a adoptar a orthographia e a adquirir o estylo do mestre por maneira que, quando se lê um, parece estar a ler-se o outro. Já no livro das *Inscripções e lettreiros*¹ se nota em parte este facto; no presente livro, porém, nota-se constantemente.

A proposito das inscripções que o Sr. Bellino toma para thema do seu livro, entra em muitas considerações e explanações que revelam alguma leitura, mas que deviam ser apresentadas com mais methodo critico.

A cada auctor é licito escrever o que quizer; todavia eu achava mais conforme com os intuitos do Sr. Bellino que este tivesse preferido reunir em volume cópias de todas as inscripções bracarenses, e do estudo do conjuncto d'ellas, apoiado no dos textos litterarios greco-romanós que se referem a Braga, e no de outros ramos da archeologia, tirado a luz possivel para o conhecimento da antiga BRACARA. Teriamos assim uma obra de significação mais lata e harmonica do que esta.

As explanações em que o auctor entra podiam em certos casos fazer-se de modo mais simples e claro. Para que estar a citar, através das obras de varios AA., as inscripções romanas já colligidas no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II e *Suppl.*, onde se acham ao mesmo tempo mencionadas todas as noticias concernentes a ellas, e onde é muito mais facil a consulta? Quando muito, indicasse-se em breves notas que tal e tal inscripção havia sido antes publicada noutra parte. O methodo scientifico pedia isto.

A leitura da obra do Sr. Bellino suggeriu-me diversas considerações e annotações que vou aqui publicar.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, II, 58.

*

Começa o livro por um prologo. Neste prologo ha dois pontos dignos de nota: a carta, lá transcripta, do Sr. Dr. Pereira Caldas, professor bracarense; e a referencia ao idolo dos Granjinhos.

Na carta trata o Sr. Caldas de tecer o elogio da sua livraria e o seu proprio, como de costume, no que vae de encontro ao que Sallustio dizia de Jugurtha, — *minimum ipse de se loqui*; faz uma lista de algumas obras archeologicas, mas nem todas de merecimento; apresenta como d'elle um indice das *Memorias e Antiquidades* de Argote, quando é certo que este indice vem assim mesmo no *Dicc. Bibliogr.* de Innocencio, vol. III, pag. 261, para onde já tinha sido transcripto da *Revista Litteraria*, do Porto, t. II, pag. 191 sqq.; e por fim reproduz uns versos de Camões, — pois o Sr. Caldas está tão possuido de canoniomania, que ultimamente, em todos os seus trabalhos, *per omne fas et nefas*, cita o nosso epico!

O Sr. Bellino apresenta no frontispicio do livro um desenho do célebre monumento do sítio dos Granjinhos, e a respeito d'elle diz no prologo: «desenho fidelissimo do monumento archaico mais singular de Braga, pela diversidade das opiniões que o estudo de todas as suas minuciosidades tem suscitado, desde o P.^o D. Jeronymo Contador de Argote, auctor das MEMORIAS do Arcebispedo Primaz, até á actualidade. Este monumento, verdadeiramente singular em tudo, é conhecido desde então até agora com o nome geral — IDOLO BRACARENSE do local dos Granjinhos. Quem verificar o nosso desenho em face do proprio monumento, poderá notar que tivemos todo o cuidado em não dar aso a que possam desorientar-se os archeologos, que o queiram estudar detidamente¹». Como hei-de occupar-me d'este monumento proxima-mente, e com desenvolvimento, n-*O Archeologo*, não gasto agora tempo em discutir este trecho, e direi apenas: que não é pela diversidade das opiniões que o monumento se torna notavel, mas sim pela sua significação; que as opiniões suscitadas tem sido bem poucas; que o monumento não é conhecido pelo nome de *Idolo Bracarense*, mas sim pelo simples nome de *Idolo*, ou, em linguagem popular, *Idro*; que o desenho não está tão fiel que só por elle se possa estudar o monumento, e que pelo contrario desorientaria a quem não tivesse outro meio de estudo.

Passarei agora á materia que constitue o corpo da obra.

¹ Pag. xv.

Pag. II. A inscripção de BLOENA está bastante gasta. O que eu pude distinguir nella, quando estive em Braga em Fevereiro de 1896, e a examinei em companhia do Sr. Dr. José Machado¹, foi o seguinte:

1. P L C E N
A · C A V
A L I · F
V A L A F
5. R I C N S I S
H · S · E
7. C F

As seis primeiras linhas não differem sensivelmente do texto dado pelo Sr. Bellino; apenas eu figuro a mais um ponto depois do primeiro A da segunda linha. Noto, porém, uma sétima linha, cujas letras são difíceis de distinguir, mas em que julgo ver C seguido de uma letra, ao parecer, A; pelo menos o traço horizontal está claro. Da última letra da 4.^a linha só se distingue o que indico; todavia é muito provavel que seja B, como o Sr. Bellino diz.

Transcripção da inscripção: BLOENA · CAMALI · F (*ilia*) VALABRIC(*e*)NSIS H(*ic*) · S(*ita*) · E(*st*) CA[MALVS?]. No caso de ser CAMALVS a última linha, ficava manifesto que fôra o pae de BLOENA quem dedicára á filha este monumento funebre.

Pag. III. Diz-se que em *Valabriensis* por *Valabricsensis* não ha êrro de canteiro, mas que «são frequentes as supressões de letras, na epigraphia romana, quando o contexto as traz á memoria facilmente». E, para se justificar isto, cita-se uma inscripção de Carthagená em que, segundo o Sr. Bellino, se lê duas vezes CARTHAGNENSIS por CARTHAGINENSIS, e uma inscripção de Elvas em que se lê EMERITESI por EMERITENSI. Merece a pena discutir estes pontos, senão pelo que elles valem em si, ao menos porque o assumpto póde interessar a alguns leitores.

¹ A este meu prestimoso amigo agradeço aqui a excellentissima companhia que me fez, quando estive em Braga em Fevereiro de 1896, e o auxilio que me prestou nas minhas investigações archeologicas, facilitando-me a visita a todos os monumentos cujo estudo me interessava.

Adeante provo que a referida inscripção de Carthagená não contém de modo algum *CARTHAGNENSIS*; mas, dado o caso que contivesse, esta fórma pertencia a uma categoria muito diversa d'aquella a que pertence *EMERITESI*, pois no último caso temos um phenomeno phonetico, isto é, da lingua viva, e no primeiro teriamos um phenomeno meramente orthographico. A inscripção de Carthagená vem publicada no *Corp. Insc. Lat.*, vol. II, n.º 3418, que o Sr. Bellino não consultou; ora o que lá se lê é, não *CARTHAGNENSIS*, e sim *CARTHAG¹NENSIS*, o que corresponde a *CARTHAGINIENSIS*, que é fórma muito usada a par de *CARTHAGINENSIS*. Por tanto o exemplo ministrado pelo auctor do livro de que estou fallando não tem fundamento, porque a fórma é *CARTHAGINIENSIS*, e não, como elle diz, *CARTHAGNENSIS*.

Quanto á fórma *EMERITESI* por *EMERITENSI*, lembrarei que ella não representa um modo abreviado de escrever: era assim que o povo pronunciava. O grupo *ns* valia *s* no latim vulgar; diz Meyer-Lübke: «*déjà avant notre ère n devant s était tombée; on écrivait pensat, mensa mais on prononçait pesat, mesa¹*»; o mesmo A. cita a Quintiliano, que diz que a palavra *consules* se pronunciava sem *n*². Comtudo se, embora escrevendo-se *ns*, se pronunciava apenas o *s*, os exemplos de se escrever sómente *s* por *ns* contam-se aos centos; por brevidade, limito-me a citar aqui alguns, contidos nas inscripções peninsulares: *infus*, *Colliponesis*, *Coinimbricesi*, *Lucesi*, *Eboresis*, *Cauriesis*. Podem ver-se muitos exemplos nos indices dos diversos volumes do *Corp. Inscr. Lat.* Pelo mesmo motivo se diz na nossa lingua *esposo*, *mes*, *asa*, *português*, palavras que vem do latim vulgar *sposu-*, *mese-*, *asa-*, *Portucalese-, correspondentes ao latim litterario *sponsum*, *mensum*, etc. Como muita gente estranha que eu escreva *português* com *s*, e não com *z*, aqui fica explicada a razão: é que a terminação *-ês* vem da latina *-es(e-)*, por *-ensem*, onde ha *s*, que não póde substituir-se graphicamente por *z*, que tem origem e representação diversa.—O segundo exemplo produzido pelo Sr. Bellino fica, pois, tambem destituído de todo o pêso que elle lhe attribuiu.

¹ *Grammaire des langues romaines*, I, 342.

² *De inst. orat.*, I, 7, 29.—É por isto que a abreviatura ordinaria de *consul* é *COS*, isto é, *COS (ul)*.

VALABRICNSIS não é comparavel a EMERITESI, porque nesta fórma falta um N que habitualmente não se pronunciava, e naquella falta um E, de mais a mais tonico, que não podia deixar de se pronunciar, como o prova o actual suffixo *-ês*, que, como lembrei, vem do latim vulgar *-es(e-)*.

Logo VALABRICNSIS por VALABRICENSIS é facto esporadico, devido certamente a descuido ou impericia do canteiro. Sem fallar nas abreviaturas, como M· por *Marcus*, SE· por *sepultus*, as suppressões de letras nas inscrições romanas são geralmente devidas a duas causas principaes: representação inconsciente da pronúncia viva, como *Specla* por *Specula*, *anima* por *animam*, *posit* por *posuit*, *Flaus* por *Flavus*¹; impericia ou descuido do canteiro. O exemplo observado na inscrição de Braga pertence, quanto a mim, á segunda classe. Não se pôde allegar que o canteiro quisesse aproveitar espaço, pois na linha cabia o E.

Pag. XI. Diz-se que é por «prurido de correcções», que em L. Floro se lê umas vezes *Curgonios* e outras *Curinogios*. Não se indica o logar da obra de Floro, mas é claro que se trata do liv. II, cap. xxxiii (nas ant. edições IV, XII). Algumas edições de Floro tem de facto *Curmogios* e *Curgonios*, mas as melhores, e uma d'ellas é a de C. Halm, de que me sirvo, tem *Turmogios*: por isso não valia a pena citar livros antiquados.

Na mesma pag. dá-se uma inscrição, como de França, sem se dizer o livro d'onde se tomou: é a de PHOEBVS TORMOGVS HISPANVS. Ora esta inscrição não se encontrou em França, mas sim em Roma, d'onde passou para o Museu de Berlim, onde hoje está: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, VI, 24162; alem d'isso a versão do Sr. Bellino não é bem conforme com a do *Corpus*.

Pag. XII-XXI. A proposito de *Valabriga*, palavra d'onde deriva o citado adjectivo *Valabricsis* = *Valabrigensis*, faz-se uma pequena dissertação sobre *Abobriga* (= *Abobrica* de Plinio), *Avobriga* e *Aobriga*, citando-se a opinião de Aureliano Guerra². Segundo este A., *Abobriga* ficava na foz e costa septentrional do rio Minho; *Aobriga*,

¹ Na propria litteratura latina se encontra: *ben'ficium*, *al'tum*, *valde* = *valide*, *suppos'ta*, *lam'na*, *repos'ta*, etc. etc.; mas todos estes factos se justificam pelas leis phoneticas.

² In *Revista Archeologica*, de B. de Figueiredo, II, 89-92.

ficava pouco abaixo da confluencia do rio Minho com o Sil, vindo mesmo de um derivado de *Aobriga* a palavra *Orense*¹; *Avobriga* ficava nas margens do Ave. Será difficil separar linguisticamente os tres nomes; todavia não é para se tratar numa simples noticia bibliographica uma questão tão complicada como a que a *Abóbrica* ou *Abóbriga* suscita².

A pag. xv-xvi transcreve-se e commenta-se a inscripção romana das Caldas das Taipas, cujo texto se copia assim:

I M P C A E S N E R V A I
T R A I A N V S A V G G E R D A C
P O N T I M A X T R I B P O T V I I
I M P I I I I C O S V P P .

acrescentando-se: «no fim da linha 1.^a não é certamente um I, mas a haste de um E, o que a photographia apenas esboceja na inscripção, devido ás inclemencias de 1792 annos»; todavia o Sr. Dr. Hübner, que visitou o monumento em 1881, em companhia dos Srs. Drs. Martins

¹ Aureliano Guerra funda-se, para estabelecer esta etymologia, em documentos latinos medievaes onde se lê *Auriensis* e *Aurensis*, suppondo esta fôrma derivada de *Aurea* e esta de *Ábrega*, por *Abóbriga*. Eu creio que *Aurensis* e *Auriensis* não passam de latinizações da fôrma viva *Ourense*, como é vulgar nos documentos medievaes escritos em latim barbaro. Uma objecção muito forte á hypothese de Guerra é que, segundo a lei phonetica deduzida a cima, no latim vulgar não se devia dizer *Aobrigensis*, mas sim *Aobrigese-*, cuja desinencia tem como representante popular em gallego, portuguez e hespanhol *-es* e não *-ense*, que é desinencia litteraria e, portanto, moderna. Do mesmo modo não se diria *Auriensis* ou *Aurensis*, mas *Auriese-* ou *Aurese-*. Cfr. *português*, de *P o r t u c a l e s e (m) = *P o r t u c a l e n s e m. Dada aquella hypothese, d'onde havia, pois, de vir a terminação *-ense* de *Orense* ou *Ourense*? Eu, pelo menos, não a sei explicar, e penso que neste, como noutros casos, não se deve confiar muito nas palavras de Aureliano Guerra.

² Vid. sobre o assumpto:

Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477 e 4247;

D. Detlefsen, *Die Geographie der tarraconensischen Provinz bei Plinius*, no *Philologus*, vol. xxxv, 600 sqq.;

Müller, ed. da *Geographia* de Ptolemeu (Didot), 163, nota;

A. Fernandes Guerra, na *Revista Archeologica*, II, 89 sqq.;

De-Vit, *Onomasticon*, s. v. «Abobrica»;

Adolpho Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 354-355.

Sarmiento e Pereira Caldas, diz: «v. 1 extr. addita est a. 1818 a quadratario, qui instauravit, imperito I littera, quam apparet noviciam esse»¹, o que significa: «na extremidade da 1.ª linha foi acrescentada pelo canteiro ignorante, que avivou a inscrição, a letra I, que bem se vê ser moderna»; por isso o Sr. Hübner dá a seguinte lição:

I M P · C A E S · N E R V A
 T R A I A N V S · A V G · G E R · D A C
 P O N · M A X · T R I B · P O T · V I I
 I M P · I I I I · C O S · V · P · P

que differe da versão do Sr. Bellino, apesar de este afirmar que se serviu de uma photographia. O Sr. Bellino tem por exemplo um ponto no fim da inscrição, o qual não é provavel que esteja na pedra; o ponto que collocou depois do penultimo P não está bem collocado, pois deve ser ao meio da letra e não sobre a linha. Das outras divergencias só á vista da pedra poderei julgar. O Sr. Bellino, para justificar que a última palavra da 1.ª linha é genetivo, isto é, NERVAE, transcreve a pag. xvii duas inscrições, em que se lê respectivamente

I M P · C A E S A R
 D I V I · N E R V A E · F I L I V S
 N E R V A · T R A I A N V S etc.

e

I M P · C A E S A R
 D I V I · N E R V A E F
 N E R V A T R A I A N V S etc.

mas não repara em que ao lado do genetivo NERVAE está tambem o nominativo NERVA; por isso estas duas inscrições não se podem comparar com a das Taipas. Incidentalmente notarei que a primeira inscrição, que é de Salamanca, não foi exactamente copiada, como se pôde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4685; e a segunda, que se diz ser de Merida, é, segundo o Sr. Hübner², de duvidosa authenticidade! Como poderá, pois, servir de base de discussão scientifica um texto

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 5560.

² *Corp. Inscr. Lat.*, II, 453*.

cuja authenticidade se não póde demonstrar? Em pontos d'estes é que o Sr. Pereira Caldas devia ter elucidado o seu discipulo, se estivesse no caso de o poder fazer.

Pag. xxii. A inscripção transcripta a pag. xxii, existente no pateo do Avellar, em Braga, não está bem copiada. O Sr. Bellino leu:

A R Q V I V S
 V I R I A T I · F
 J · A G R I P P A
 H · S · S · E S T
 M E L G A E
 C V S · P E L I S T I
 M O N I M E
 C O

Esta inscripção, como outras do mesmo local, tem suas difficuldades, devidas em parte á má posição em que se encontram as lapides. Na 3.^a linha o que se lê é AGRINIA e não AGRIPPA; todavia noutra inscripção, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2433, lê-se: ACRIP. No fim da última linha ha ainda lettras pouco claras. Ha um ponto no fim da 1.^a linha, no fim da 4.^a e no fim da 7.^a (que parece estar toda). Na 1.^a letra da 6.^a linha, isto é, dentro do C, ha uma haste.

Pag. xxiii. O auctor do livro que estou analysando diz ignorar a razão das variantes da inscripção publicada por Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*: é que este serviu-se da versão dada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2435, que o Sr. Bellino não compulsou.

Pag. xxiv-xxvii. A proposito da espiral (suastica) que se vê na parte superior da pedra em que está a inscripção de Arquius, a que ha pouco me referi, faz-se um extracto do que Borges de Figueiredo publicou em 1888 na *Rev. Arch.* Não leu o Sr. Bellino as notas que a este proposito publiquei na *Revista Lusitana*, II, 91, e no *Elencho das lições de numismatica*, I, 5-6. Tratei a materia condensadamente, como costume, porque não me sobra o tempo para divagações, mas expus os pontos fundamentaes da questão. — O que se diz a pag. xxvi, «foi com effeito a adoração do sol, e por consequinte a adoração do fogo, a manifestação primitiva do naturalismo entre os povos antigos», não póde admittir-se com tal exclusivismo.

Pag. XXVIII-XXIX. Como na inscripção de Arquius, transcripta a cima, se lê H · S · S · EST, o Sr. Bellino interpreta esta fórmula assim: H(*oc*) S(*epulcrum*) S(*ibi*) EST. Para justificar H(*oc*) S(*epulcrum*) S(*ibi*) transcreve outras inscripções, mas não com exactidão, como vamos ver.

A primeira inscripção allegada como peça justificativa é a seguinte, que não diz d'onde foi copiada:

B O V D I N
N A · C A (*i*)
A M · F · H · S

Interpreta-a assim: «*Boudina, Caii filia. Amicus fecit hoc sepulcrum*». Dado o caso que a inscripção estivesse exacta, a interpretação era muito forçada; mas a inscripção não está fielmente copiada, como se póde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 625 e 5274: a última redacção dada pelo Sr. Hübner é:

BOVDENNA CARAI F ·
H · S · F

Como o illustre epigraphista allemão nada diz á cêrca do F final, supponho que esta letra está por E, vindo a ser pois a fórmula usual H(*ic*) S(*ita*) E(*st*).

Outra inscripção citada pelo Sr. Bellino, em que cuida achar S=S(*ibi*), é esta, que tambem não diz d'onde foi extrahida:

AFRANIA
L · L
CRHOCALE
S

mas o Sr. Hübner, seguindo Muratori, lê S(*alve*); e o Sr. Mommsen propõe S(*ita*): vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3011.

A terceira inscripção ministrada pelo Sr. Bellino está pessimamente estudada, pois transcreve-a assim (não dizendo d'onde)

OVTIA
ISALI · F ·
LXII · S ·

e tradu-la com toda a afouteza «Utia[!] filha de Isalo[!] de 62 annos de idade, *erigiu para si*», — sem notar que na 1.^a linha falta uma letra, na 2.^a outra, e na 3.^a duas ou mais! A inscripção, como o Sr. Hübner a transcreve no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 626, é

b O V T I A

v ISALI · F

a N · XIIS

e o S final ou significa S(*emis*), segundo aquelle epigraphista, ou S(*ita*), segundo Mommsen, que suppõe que as últimas letras sejam: X H(*ic*) S(*ita*). Os nomes *Boutia* e *Visalus* são conhecidos de outras inscripções hispanicas.

Como última peça justificativa de S por S(*epulcrum*) refere-se o Sr. Bellino á conhecida fórmula H · S · H · N · S, mas esta nada tem para o caso.

Por tanto não se póde aceitar nenhuma das razões que apresentou. Sem dúvida S muitas vezes significa S(*epulcrum*); mas, como a interpretação da fórmula H · S · S · EST é muito forçada, vamos a ver se achamos outra mais natural.

A primeira ideia que occorre é se o segundo S seria devido a engano do pedreiro, por isso que ha fórmulas em que se lê H · S · S = H(*ic*) S(*iti*) vel S(*epulti*) S(*unt*); tambem poderia pensar-se em H · S(*itu*)S E, sem que o ponto interposto entre os dois S S fizesse obstaculo a que estas duas letras pertencessem á mesma palavra: todavia o que o methodo epigraphico exige é que se veja se ha ou não outros exemplos de tal fórmula.

Ora, no *Cours d'épigraphie latine*, de R. Cagnat, 2.^a ed., pag. 249, vem uma fórmula semelhante, H · S · S · E, que aquelle auctor interpreta por H(*ic*) S(*itus*) S(*epultus*) E(*st*). O mesmo A., pag. 389, indica uma fórmula que começa por H · S · S ·, e que elle interpreta tambem por H(*ic*) S(*itus*) S(*epultus*); creio que esta última é a mesma que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, VIII-1, n.^o 6435.

Em verdade não repugna admittir a expressão *situs sepultus*, com quanto as duas palavras sejam quasi synonymas; póde explicar-se pelo principio da allitteração, que era tão frequente em latim, como por exemplo se vê no opusculo de E. Wölfflin, *Die allitterierenden Verbindungen der lateinischen Sprache*, Munich 1881¹; eis aqui

¹ Separata das Actas das Sessões da «K. bayer. Akademie der Wissenschaften, philos.-philol. hist. Cl., 1881, Bd. II, Heft. 1».

alguns exemplos de frases allitteradas, em que entram palavras latinas synonymas ou quasi: *miser miserandus, solus solitarius, unus unicus, vetus vetustus, pario parturio, bene beate, lumen lux, perdere perire, valere vivere, lubentes lactificantes*¹. As proprias inscripções offerecem LAETVS LIBENS², expressão que tambem se encontra na litteratura³. Igualmente se lê nas inscripções D · D , o que significa D(*edit*) D(*edicavit*)⁴. Se os Romanos diziam *pario parturio, valere vivere, perdere perire*, que dúvida haveria em que dissessem tambem rhythmicamente *situs sepultus*, de mais a mais numa fórmula? Ás pessoas mais competentes do que eu deixo o decidirem se esta minha interpretação pela rima allitterante é boa ou não.

Pag. xxxi. Escreve *Varron* á francesa; como em latim é *Varro, -onis*, em portuguez deve ser *Varrão* ou *Varro*; o que mais se usa é *Varrão*.

Na mesma pag. vem a inscripção de *Salvius Athictus*, que transcreve assim:

D · SALVIVS
ATHICTVS
AN · XVII · H · S · E · S · T · T · L

comtudo, o que eu vi na pedra, quando estive em Braga em Fevereiro p. p., foi:

D · SALVIVS
ATHICTVS
AN · XVII · H · S · E · S · T · T · J

Da última lettra, que é um L, só se vê a haste vertical; as últimas sete lettras não estão separadas por pontos, pelo menos já lh'os não percebi. A differença entre a minha versão e a do Sr. Bellino é sem importancia; mas fiz esta nota por elle dizer que se serviu de uma photographia, e que podia garantir o seu texto.

¹ Vid. Wölfflin, in *op. laud.*, p. 8-9 e 46 sqq.

² Vid. por ex. Cagnat, in *op. laud.*, p. 424.

³ Vid. Wölfflin, in *op. laud.*, p. 63.

⁴ Vid. por ex. Cagnat, in *op. laud.*, p. 374.

Mais importante e grave é o que se segue. Para dar exemplo do nome Athico sem *h*, transcreve, sem dizer d'onde, o Sr. Bellino a seguinte inscripção de Poreuna:

E . S .
P . MANIL . ATICTUS
V . S

que interpreta d'este modo: *Endovellico sacrum: Publius Manilius Atictus votum solvit*. Em primeiro logar o Sr. Bellino dá como E a primeira lettra, que o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2127, pensa ser antes F = F(*ortunae*), como succede numa inscripção que hoje está na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Em segundo logar, só por grande esforço de imaginação, se poderia attribuir a Endovellico uma inscripção d'aquellas, achada tão longe do santuario do deus lusitano!

Pag. xxxii. O fragmento epigraphico publicado nesta pag. creio não estar exactamente copiado.

Pag. xxxv. Os *coraçõesitos* de que aqui se falla são as *hederae distinguentes* que se encontram tão vulgarmente nas inscripções romanas.

Pag. xxxvii. Transcreve-se a inscripção de Materna, que hoje se acha num quintal que pertenceu ao fallecido Fernando Castiço. Esta inscripção merece exame mais circumstanciado do que o que o auctor das *Inscripções romanas* lhe fez, pois a última parte do *carmen* que termina a inscripção não está, pelas difficuldades que offerece, fielmente copiada.

Pag. xli. A inscripção de Sullia está bem copiada. A pedra em que ella se acha é um cippo de granito, de 0^m,80 de altura.

Pag. xlii. Á cêrca da inscripção de Adronus vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2430. Na mesma pagina xlii diz o Sr. Bellino que o exemplo que conhece de maior longevidade é de 120 annos; mas na Numidia conhecem-se exemplos de 131 e 132 annos, o que está de accôrdo com a observação de Sallustio, ao fallar dos povos Norte-africanos:

«plerisque senectus dissolvit»¹; portanto ha exemplos de maior velhice do que a que o Sr. Bellino indica.

Pag. XLIII. A inscripção de Vibia está bem. Ara de granito, com seu *foculus*, e duas volutas de cada lado d'este.

Pag. XLIV. A inscripção transcripta nesta página não o está bem, como pôde ver-se confrontando o texto do Sr. Bellino com o do Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 193. A interpretação de HONOR por HONOR(*ibus*) não é conforme com o sentir dos epigraphistas; estes interpretam HONOR por HONORE.

Pag. XLV. Diz: «Com relação ás desinencias de sobrenomes em *-anus*, só começaram a vulgarizar-se no quarto seculo christão; sendo derivadas dos gentilicios em *-ius*». Nestas palavras ha várias inexactidões. Que o suffixo *-anus* estava vulgarizado antes do sec. IV mostram-no nomes como *Scipio Aemilianus*, do sec. II antes de Christo, e *Caius Julius Caesar Octavianus*, do sec. I; isto para não citar senão dois muito conhecidos: vid. a este proposito Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.^a ed., pag. 72. Mas o suffixo *-anus* não se addiciona só a nomes derivados de gentilicios em *-ius*; ha cognomes d'esta especie derivados de nomes de logares, como *Baianus*, de *Baiæ*, *Tusculanus*, de *Tusculum*; ha nomes que são, elles proprios, *gentilicios*, como *Faesulanus*, *Gerellanus*, *Norbanus*; ha nomes de escravos ou de libertos, formados assim, por exemplo, *Drusianus*, *Maecenatianus*. Muito importante sobre o assumpto é o trabalho do Sr. E. Hübner, intitulado *Quaestiones onomatologicae Latinae* (I, *Nomina in -anus*), publicado na *Ephemeris epigraphica*, II, 25 sqq.

Pag. XLVII. Cita-se, segundo as palavras do Sr. Pereira Caldas, professor bracarense, uma inscripção romana de Braga, consagrada á deusa FROVIDAe. A lapide parece que se perdeu, e por isso, quando estive em Braga, não a vi; comtudo, inclino-me a crer que em logar de FROVIDAe estaria na pedra PROVIDAe. O adjectivo *providus* convinha perfeitamente a uma divindade, tanto mais que em latim se dizia *providentia deorum*; depois o adjectivo podia tornar-se o nome da propria divindade, como FONTANA, que na origem era adjectivo.

¹ *De bello Jugurthino*, XVII; e vid. a nota de Lallier, na ed. d'aquella obra, Paris 1893.

Pag. XLVIII. Transcrevem-se umas palavras do Sr. Pereira Caldas, em que este se refere á inscripção

ALBVRA . C
ARISI . F . ET . CA
RISIVS . CA
MALI . F . H . S . E .

que interpreta assim: «Albura, Carisi(i) filia, et Carisius, Camali filius, hic sita est». Em primeiro logar não é justo pôr *Carisi(i)*, se no texto está *Carisi*, pois toda a gente sabe que os genitivos dos substantivos em *-ius* se podem muitas vezes contrair em *-i*: *Vergili*, *Publi*, etc. Em segundo logar, a fórmula H · S · E não deve interpretar-se *hic sita est*, mas *hic situs est*, porque o que é conforme com a lingua latina é que o participio *situs* concorde com o nome que está mais proximo, que é *Carisius*, e não com o que está mais longe, que é *Albura*.

Incidentemente notarei que, examinando esta inscripção *in loco*, já não notei no H vestigios do traço medial, e apenas as duas hastes verticaes II; mas isto é sem importancia.

Pag. XLVIII. Diz o Sr. Bellino: «Em todo o paiz não conhecemos mais do que outra lapide com o nome *Alburá*; e é relativa a Collipo (Leiria)». Podia o A. ter folheado o *Corp. Inscr. Lat.*, II, onde encontraria, sob o n.º 73, mais uma *Albura*, numa inscripção do Museu Cenaculo; e sob o n.º 6721, outra, numa inscripção de Almourol, transcrita da *Revista Archeologica*, III, 155.

Pag. XLVIII-XLIX. A seguinte inscripção

D · M
ALBVRAE
TITI · F
DVTIA
AVITI F
MATER
F · C

é assim interpretada: «Diis Manibus Alburae, Titi filia, Dutia, Aviti filia, mater, fieri curavit». Deve ser *Titi filiae*, e não *Titi filia*, pois *filiae* concorda com *Alburae*. A fórmula F · C costuma interpretar-se por *faciendum curavit*.

Pag. LII-LIII. Transcreve-se de Contador de Argote uma inscrição, que está sem dúvida estropiada, e pretende-se restituí-la; mas a restituição do Sr. Bellino é totalmente diversa da que propõe o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, 2496, que teria sido conveniente consultar de ante-mão.

Pag. LIII. Diz-se que a lapide do deus TVRIASO está no Museu de Guimarães. Ha aqui dois equívocos. Em primeiro lugar o deus não é TVRIASO, mas sim TVRIACO, ou melhor, TVRIACVS; o Sr. Bellino confundiu este nome com o de uma antiga cidade hispanica chamada *Turiaso*. Em segundo lugar, esta lapide não está em Guimarães, mas sim em Santo Thyrso. Podia o Sr. Bellino ter consultado a este proposito o artigo do Sr. Martins Sarmiento publicado na *Revista Lusitana*, 1, 235.

A inscrição de Benaguacir, transcrita nesta pagina, não está conforme com o texto publicado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3784.

Pag. LIV. Transcreve-se uma inscrição que vem em Argote, mas não se repara que esta inscrição está estropiada. Ella existe hoje em Bóbeda em poder do Sr. José Homem de Sousa Quevedo Pizarro, a cuja amabilidade devo o te-la examinado em Setembro de 1895. Infelizmente não posso dar cópia completa da inscrição; em todo o caso eis o que apurei:

1. C A M A L V S
B O R N I F ·
H I C · S I T V S ·
E S T A N N O R
5. III · EI...TAR...
FRATERFACIE
7. NDVCVRAVIT

Na linha 2.^a é BORN1, não BVRNI. Na linha 3.^a, depois de III, número de annos vividos, só percebo EI...TAR..., que representam no todo ou em parte um nome barbaro, se as duas primeiras letras não são o dativo de *is*. Na linha 7.^a não ha M depois de NDV. O sentido é pois: *Camalo, filho de Borno, de tres annos, está aqui sepultado. F... seu irmão, mandou-lhe fazer* (este monumento). Aqui vê tambem o Sr. Bellino confirmado o que eu disse a cima á cêrca do valor de F · C, fórmula que aqui está por extenso: FACIENDV(m)

CVRAVIT. As linhas 2.^a e 3.^a terminam em pontos. Entre algumas palavras não existe separação graphica nem espaço. Deve, pois, emendar-se no *Alt-celtischer Sprachschatz*, de Holder, a fórma *Burnus*, de Chaves, em *Bornus*; a fórma *Burnus* existe tambem no onomastico antigo, e é certamente parenta d'aquella, mas provém de outras fontes. De passagem notarei que ha em Tras-os-Montes uma aldeia chamada *Bornes*, cujo nome talvez tenha algum parentesco com *Bornus*. Tanto *Bornus* como *Burnus* é possível que sejam de origem celtica.

Pag. LIV. A inscrição

C · FESTA
AN · L · V (*ixit*)
H · S · E · S · T
T · L

está evidentemente mal copiada, pois na linha 3.^a deve ser LV= *quinque et quinquaginta*. Cfr. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3550.

Pag. LV. A inscrição de Braga transcrita assim :

REBVRRVVS CAMAL
AV...S...NVS
XXX

que o Sr. Bellino interpretou por *Reburrus Camal(i) (filius), Augustanus (annorum) triginta (hic situs est)* foi pelo Sr. Hübner, que a examinou em 1881, interpretada de outro modo: *Reburrus Camali Aenus ann(or)um XXX*. Visto que a interpretação offerecia litigios, devia o Sr. Bellino ter ponderado a interpretação de tão consummado epigraphista, como é o Sr. Hübner.

Pag. LVI. Transcreve-se uma inscrição, em que se suppôs ler-se M(arco) VALERIO PIO REBVRRO, mas onde, segundo o texto do Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, 4257, se lê M · VLPIO REBVRRO, o que é muito differente do que diz o Sr. Bellino.

Pag. LVII. Cita-se uma inscrição, mas não se diz d'onde é, nem d'onde foi transcrita.

Pag. LVIII—LXI. A inscripção publicada nesta pagina foi encontrada em 1891. Nada posso dizer a respeito d'ella, porque a não examinei. — Compara o Sr. Bellino esta inscripção com duas que diz serem de Constantino Magno, uma de Merida, outra de Cordova. Nem de uma, nem de outra dá indicações bibliographicas. A de Merida é falsa: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 449*. A de Cordova está mal copiada, e alem d'isso não se refere a Constantino I, mas sim a Constantino II: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2206. E é assim, de uma inscripção falsa e de outra de sentido diverso do que elle cuida, que o Sr. Bellino ousa tirar a seguinte conclusão: «vê-se de todas estas inscripções, que deixamos transcriptas, como a este imperador (i. é, a Constantino I), um dos mais notaveis na serie d'elles, eram tributados agradecimentos pela concessão do livre exercicio da religião christã, com permissão de se edificarem templos para o culto dos fieis, erigindo-se aras dentro d'elles ao Deus verdadeiro!» Se a historia de Constantino I tivesse de se recompor com textos d'estes, um falso, outro referido a Constancio II, havia de chegar-se a optimos resultados! — Seguidamente transcreve de Argote a seguinte inscripção:

DON . N . CONS
TANTIN . N . B .
CAES

mas o texto está imperfeito: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4784. O Constantino de que nella se falla é o 2.º: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1110. — A inscripção de S. Pedro de Lõmar, transcrita a pag. LXI, tambem não está conforme com o texto publicado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4764.

Pag. LXII. Fallando-se de uma cohorte militar de Bracaros, diz-se: «Em Onuphrio Panvinio (Commentarios da republica romana), achou o Padre Argote uma inscripção relativa a essa cohorte, transcrevendo-a nas *Memorias*, t. I, n.º 408». Estas linhas prestam-se a varios commentarios. Em primeiro logar o Sr. Bellino dá a inscripção como inteira, quando Argote diz que é apenas um fragmento, o que bem se vê, comparando o seu texto com o do original. O Sr. Bellino só conheceu o texto de Onuphrio através da citação de Argote, mas eu tenho aqui deante de mim a propria obra, cujo titulo é: *Reipublicae Romanae Commentariorum libri tres*. nova edição, Paris 1588: ahi vem a inscripção toda a pag. 172. O segundo commentario a que

se prestam as palavras do Sr. Bellino é mais grave, porque a inscrição de Onuphrio é falsa! Veja-se a seu respeito o *Corp. Inscr. Lat.*, vol. VI-5, n.º 1937*. Como hão de, pois, tirar-se de uma inscrição falsa deducções para a história das cohortes bracas? Em pontos assim, de melindrosa averiguação, é que o Sr. Bellino devia recorrer ao Sr. Pereira Caldas, se este estivesse no caso de o elucidar... Querendo o Sr. Bellino informar-se á cêrca das cohortes bracas conhecidas, teria de recorrer á *Ephemeris epigraphica*, vol. V, pag. 169, que ahí, num artigo do Sr. Th. Mommsen, escrito em latim, encontraria menção d'ellas, que são em número de cinco: a primeira com o nome de *Bracaraugustanorum* e *Augusta Bracarum*, a quarta com o nome de *Bracaram*, as outras com o de *Bracaraugustanorum*.

Pag. LXIV-CXXI. Publica-se o fragmento de uma inscrição, descoberta pelo Sr. Bellino em Braga. D'esta inscrição deu o Sr. Martins Capella uma lição mais rigorosa nos seus *Milliarios do conventus Bracaraugustanus*, pag. 252, preenchendo ao mesmo tempo as lacunas. — A proposito d'este fragmento epigraphico publica seguidamente o Sr. Bellino uma extensa dissertação sobre vias romanas, para o que transcreve várias inscrições, e varios textos de Lima Bezerra e de Argote. A minha crítica já vae muito extensa, e por isso não posso entrar na analyse d'essa dissertação, tanto mais que sobre o assumpto temos d'agora o excellente livro do Sr. Martins Capella, citado a cima. — Falla tambem de Vizella, transcrevendo um artigo do Sr. Martins Sarmiento, publicado na *Revista de Guimarães*.

Pag. CXXV. Transcreve-se uma inscrição da Sé de Braga, cuja 3.ª linha é, segundo o Sr. Bellino,

.....CO

mas antes do C vejo na pedra o vestigio de outro C; por isso deve a linha restituir-se assim:

(Fla)CCO

Na 1.ª linha falta metade do cognome, que é *Caelius*, e a inicial do prenome, que o Sr. Bellino suppõe ser *Titus*, com o fundamento, parece, de que na igreja de S. Pedro de Lomar se lê uma inscrição em que figura *Titus Caelius Flaccus*, filho de outro Tito Celio Flacco; mas é essa inscrição que me faz suppor que se trata de um diverso.

No *Agiologio*, de Cardoso, citado por Argote, *Memorias*, II, pag. XV, dá-se como estando na 1.^a linha da inscripção de Braga A, o que é muito provavel. Teriamos assim um *Aulus Caclius Flaccus* e um *Titus Caclius Flaccus*, ambos filhos de um individuo com o mesmo nome do segundo.

*

Aqui termino a minha crítica, que me sahiu mais extensa do que eu a princípio imaginára; mas fui escrevendo á medida do apparecimento dos factos. Ainda assim, podia extendê-la muito mais.

Da análise feita resulta que dos textos das inscripções dadas por ineditas poucos estão exactos; e que, com relação aos commentarios, estes estão a cada passo falhos de boa crítica, e salpicados já de inscripções falsas, já de inscripções mal transcriptas. Por tanto o trabalho do Sr. Bellino tem pouca utilidade, e ninguem poderá acceitar sem exame os factos contidos nelle. A unica utilidade estaria nas inscripções que constituem o assumpto principal do livro; mas estas, como se disse a cima, já haviam sido publicadas na *Revista de Guimarães*, e por isso tornadas do dominio dos estudiosos.

J. L. DE V.

Inscripção romana de Moncorvo

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.^o 6290, publicou o Sr. Dr. E. Hübner com alguma dúvida a seguinte inscripção:

R E B V R R V S¹
A R I · S E V R V
S · D N A R E L I
A · A N L X I I

De uma photographia que da lapide me enviou o Sr. P.^e Adriano Guerra, de Moncorvo, vê-se que o texto publicado no *Corpus* está exacto.

A lapide existe no Felgar (Moncorvo).

A leitura da inscripção offerece bastante difficuldade.

¹ No *Corpus* sahiu por engano R E R V R R V S.

Reburrus é nome muito frequente nas inscripções de Portugal e Hespanha; quanto a elle não ha dúvida. O segundo nome é com certeza um genetivo; o respectivo nominativo é *Arius*, que não apparece nas inscripções peninsulares, mas se conhece de outras fontes, vid. por ex. De Vit, *Onomasticon*, s. v. O terceiro nome parece estar incorrecto: será SEV(E)RVS, tendo-se por descuido omitido o E¹,



ou será SERVVS, com transposiçõ de letras? A maior difficuldade está, porém, na quarta palavra, *Marclia*. Inclino-me a crer que temos aqui um nome barbaro, que indicava patria ou residencia. Mas será uma palavra só, ou serão duas, sendo a primeira D, que indicasse *domo*, como em *M. Antonius, M. f(ilius), Januarius, domo Laudicia*?²

J. L. DE V.

¹ Depois de feita esta observação, reparo que o Sr. Hübner no Indice do *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1092. põe já *Ser[e]rus *Marclia*.

² Apud Cagnat, *Cours d'épigraphie*, 2.^a ed., pag. 63.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

7. Alandroal (Alemtejo)

Vestigios de povoação antiga (certamente romana) nos Villares. — Inscrições portuguezas do Alandroal. — Lendas litterarias a respeito de Endovellico; restos do templo d'este deus no monte de S. Miguel da Mota. — A Senhora da Boa-Nova. — Outras inscrições portuguezas. — A fonte do Alandroal. — Algares e inscrições portuguezas. — Jazigos metalliferos. — «Castello» de Milreu. — Castello Velho.

a) « só se conserva a tradição certa de ter sido a sua fundação (*Alandroal*) em o sitio onde hoje chamão os Villares, que fica ao poente da Villa que existe, e della distante hum tiro de mosquete, mas a que então foy urbana habitação, não passa hoje de rustica lavoura, em que ao tempo da cultura se tem encontrado materiaes, que segurão ter ali havido populoza povoação, porque não só se tem achado pedras lauradas mas telhões da groçura de tres dedos que só então hoje assim se não fabricão; e haverá trinta annos cavando-se acharam hum badallo de hum sino, e logo deposes se acharão huns dinheiros desconhecidos, sem letras, e no mesmo tempo com pouca differença achou em huma tapada sua Francisco de Freytas, como elle ainda hoje assevera, huma moeda de prata do tamanho de hum tostão da nossa moeda na qual estava estampada huma figura laurada (*sic*) com hum letreyro na circunferencia em que se lia = *Divus Augustus Caesar* = e do outro lado estava a estampa de outra figura, porem sem letreyro, permittas estas que segurão a consequencia da sua muita antiguidade». (Tomo I, fl. 439).

b) Transcrevemos em seguida as inscrições existentes no castello de Alandroal da epocha portugueza, já publicados no *Diccionario* do P.^o Cardoso, I, 111.

- I. DEOS HE, E DEOS SERÁ
POR QUEM ELLE FOR
ESSE VENCERÁ
- II. ERA DE 1332 AOS 6 DIAS DE FEUEREIRO
COMEÇARÃO A FAZER ESTE CASTELLO POR
MANDADO DO MESTRE DE AVIZ D. LOU-
RENÇO AFFONÇO, E ELLE POS A PRIMEIRA
PEDRA. M. E. E. 6. 3. E¹. CASTELLO
MOURO ME FEZ

¹ Meestre ?

III.

MOURO ME FEZ

IV. ERA DE 1336 A 25 DIAS ANDADOS DE FEVEREIRO FEZ ESTE CASTELLO D. LOURENÇO AFFONCO MESTRE DE AVIZ A HONRA E SERVIÇO DE DEOS E DE SANTA MARIA SUA MADRE E DAS ORDENS DO M.^{TO} NOBRE SENHOR D. DENIZ REY DE PORTUGAL E DO ALGARVE REYNANTE EM AQUELLE TEMPO E EM DEFENDIMENTO DOS SEUS REYNOS.

SALVATOR MUNDI SALVA ME

V. QUANDO QUIZERES FAZER ALGUMA COUZA CATA O QUE TE HE NECESSARIO E DEPOES VERÁS QUEM DE TI SE FIAR NÃO O ENGANES LEALDADE EM TODAS AS COUZAS.

(Tomo 1, fl. 440).

e) «A ermida de S. Miguel¹ fica distante huma legoa desta villa em cima de hum elevado monte. He esta Ermida antiquissima, porque foy fundada por Maarbal² ao Deos Copido com o titulo de Endovelico nos annos de 340 antes da vinda de Christo. Era este simulacro de prata mucigo com hum coração na boca, e azas nos pes asestião, a este simulacro em apozenos que tinham ao pé humas sacerdotizas a que chamavão Flaminas.

No mesmo monte onde está esta Ermida, e era aquelle templo de Copido Endovellico havião varias Antas que he o mesmo que Aras (*sic*) onde se fazião os sacrificios e nellas ao mesmo Copido sacrificauão hum cordeiro branco.

Por esta cauza (*por ter cahido fazendo-se pedaços quando o nascimento de J. Christo*) fizerão segundo simulacro ou Idollo de fino marmore, cujo templo sendo ao deposes possuido pellos Christãos na ley da graça o purificarão e dedicarão a S. Miguel, e por occazião das obras, que para isso fizerão, meterão o Idollo por ser obra excelente dentro da parede da Igreja, onde foy achado quando se abriu huma porta que vay para a caza do Ermitão, e os rapazes o quebrarão fazendo-o em

¹ Cfr. *O Archeologo Português*, 1, 153-154.

² O que diz da fundação do templo do Endovellico por Maharbal e da identificação do Endovellico com Cupido não passa de invenção dos erudites.

pedaços; e tambem se acharão algumas pedras de marmore fino e em huma dellas estava escripto=C. Jullio Novato cumprio o votto¹». O Prior Bento Ferrão Castelbranco transcreve aqui a inscripção latina, que é o numero 134 do *Corpus*, depois acrescenta: «Estas pedras mandou o Sr. (*sic*) Theodozio, Duque de Bargança, levar para Villa Viçosa e por no Portico de S. Agostinho onde se podem ver²». (Tomo I, fl. 447).

Permitta-se-me uma interrupção. No cod. 1696 dos manuscriptos da Torre do Tombo a fl. 123 está um caderno in-4.º de 7 folhas innumeradas sobre si com o seguinte titulo: *Copia de cinco pedras que numa parede por baixo de hum arco do lado da Epistola da Igreja dos Agostinhos de Villa Viçozu se achão enxeridas. As quaes ainda que lhe faltão alguns pedaços das molduras e (tem) algumas letras hum pouco gastas comtudo se conservão em bom estado e legiveis até ao prezente. 1777.* No verso d'esta primeira folha está escripto: *Por Francisco Antonio Ferreira de Sousa.* Seguem depois as cinco inscripções em latim dentro de uma moldura a *lapis* parecendo representar as pedras mesmo onde ellas estão falhadas. São todas conhecidas e tomam no já mencionado *Corpus* do Sr. Hübner os numeros 130, 131, 136, 138, 142. Apenas o n.º 131 está modificado quanto á disposição material das palavras, existindo dispostas com maior elegancia no grande trabalho do sabio allemão.

d) Continuando o auctor a enumerar as ermidas do termo, ultrapassa-o, entrando no Termo de Terena. «Estas são as Ermidas que

¹ [Como nota o sr. Azevedo, a attribuição da fundação de templo de Endovellico aos Carthâgineses, e a identificação do deus com Cupido não tem valor nenhum; todavia o que a notícia contém a respeito do achado de idolos e aras é em parte certo, em parte precisa de explicação. *N-O Arch. Port.*, 1, 43-46, fallou-se já de Endovellico e das suas relações com o archanjo S. Miguel; ao mesmo tempo publicou-se um monumento analogo a uma ara. Na Bibliotheca Nacional existem diversas aras, provindas do local do templo pagão. Neste local appareceram várias estatuas e estatuetas de marmore, que todas ou quasi todas, constituíam ex-votos; muitas d'ellas estão tambem na Bibliotheca Nacional; é a uma d'estas estatuas ou estatuetas que o auctor chama *idolo*. Do «idolo de prata» é que nada posso dizer ao certo; mas não era impossivel que tivesse apparecido tambem um ex-voto d'aquelle metal. — J. L. DE V.]

² A ermida de S. Miguel, assim como todas as outras ermidas e igrejas existentes no antigo termo, pertencia á Ordem de Avis; em 1758, data da memoria, já se não conhecia a quem pertencesse a nomeação de ermitão, pois o prior do Alandroal diz não ter padroiro. Espero brevemente apresentar um estudo sobre a capella, a fim de determinar a epocha aproximada da sua fundação.

ha no campo e termo d'esta villa, porem, alem d'estas, ha huma fora do termo, e no termo de Terena, a de N. S.^{ra} da Boa Nova que he da ordem anexa ou filial da matriz d'esta mesma villa, a qual antigamente tinha a vocação de S.^{ra} da Assumpção como consta da vezita que no anno de 1587 por comissão de El Rey Fellippe 2.^o fez D. Sebastião Bispo de Targa. . . . ». Da parte da vizitação transcripta na relação parochial consta pertencer a Ermida de N. S. da Assumpção á Ordem de Aviz. «E esta Ermida foy no tempo dos Romanos Templo do Deos Juppiter Endovelico a quem com grande culto venerava aquella cega gentillidade¹». (Tomo 1, fl. 449).

Inscrição existente na antiga egreja da Mizericordia, em 1758, consistorio:

AQUI JAZ JORZE DE MELLO PEREIRA FILHO DE DUARTE DE MELLO DO CONSELHO DE EL REY NOSSO SENHOR ALCAYDE MOR QUE FOY DE CASTELLO DE VIDE E D. GUIOMAR CABRAL. FALECEO EM SINCO DE JUNHO DE 1549.

(Tomo 1, fl. 449.)

Na ermida da Senhora da Consolação está o seguinte lettreiro:

AQUI JAZ DIOGO LOPEZ DE SIQUEIRA DO CONCELHO DE EL REY NOSSO S.^R E SEU ALMOTACÉ MOR E CAPPITÃO MÓR QUE FOY DA INDIA FILHO DE LOPO VÁZ DE SIQUEIRA, E DE D. CECILIA DE MENEZES FALECEO DE SESENTA E QUATRO ANNOS NA ERA DE 1530 ANNOS AOS 14 DIAS DO MEZ DE OUTUBRO.

« nobelissima fonte que tem na parte mais inferior da Praça della, com a formalidade quadrada, em sima do frontespicio tem as Armas reaes desta Monarquia entre dous meynos corpos de duas figuras laureadas cada huma com seu distico na que fica da parte direita se le:

HIC MARIS ORA DEUS PANDIT REGNATOR AQUARUM.
TANTALIA UT FUGIAT PECTORAE DIRA SITIS.

¹ [Deu logar a tal supposição o haver nesta igreja duas inscrições de Endovellico, que foram sem dúvida trazidas do vizinho monte de S. Miguel, onde era o templo do deus pagão.— Á cêrca do templo e culto da Senhora da Boa Nova vide um artigo do sr. Gabriel Pereira in *Revista Archeologica*, III, 148-149. — J. L. DE V.]

Na da parte esquerda se le :

HUC LACRIMAT THETIS: UT PLORAS SITIBUNDE VIATOR
ILLA UT TU RIDEAS, BIBE, LUGIT AMANS.

(Tomo 1, fl. 452).

«Há fora da villa na parte mais superior d'ella, em distancia de duzentos passos, dous foyos a que chamão Algarés, com fundura grande para o interior e centro da terra, nos quaes ha tanta agoa que pairesse ser abysmo como admittio Aristotelles, porquanto no algar a que chamão de S. Antonio, desde a aura superficial da terra athe a superficie da agoa que esta no centro vão sem palmos de craueyra e da superficie da agoa ao fundo vão cento e sesenta e sinco palmos, tudo de agoa, e se atribue que deste Algar se communicação as agoas a muitas villas vezinhas; este Algar se mandou tapar no tempo em que era Juiz de fora o Doutor Francisco Moniz de Lacerda como se ve e le em o Padrão que se poz naquelle sitio ao tempo que se tapou que diz assim :

NESTE SITIO HA HUM ALGAR M.^{TO} ACOMMODADO P.^A MALEFICIOS QUE TINHA CEM PALMOS EM ALTURA ATHE A SUPERFICIE DE HUMA CONCAVIDADE DE AGOA COM PROFUNDEZA DE 165 PALMOS COM COMMUNICAÇÃO P.^A M.^{TAS} VILLAS DESTA PROVINCIA, O QUE PELLLOS BENS DESTE CONSELHO MANDOU TAPAR O D.^{OR} FRAN.^{CO} MONIZ DE LACERDA SENDO JUIZ DE FORA. DESTA VILLA ATENDENDO AO SERVIÇO DE DEOS E DE EL REY NA ERA DE 1723 A 10 DE MAYO.

Outro Algar chamado das Morenas, tambem tem cem palmos athe a agoa e de agoa tem secenta e sinco palmos, o que declara o letreyro que está em outro Padrão ao pé que diz :

NESTE SITIO HAVIA HUM ALGAR M.^{TO} ACOMMODADO P.^A MALEFICIOS CHAMADO DAS MORENAS POR SE HAVEREM NO MESMO FUNDIDO HUMAS CAZAS DE HUMAS MOLHERES POR TRADIÇÃO ASIM CHAMADAS QUE TINHA CEM PALMOS DE ALTURA ATHE A SUPERFICIE DE HUMA CONCAVIDADE DE AGOA QUE TINHA EM PROFUNDEZA CESSENTA E SINCO PALMOS QUE PELLLOS BENS DESTE CONCELHO MANDOU FAZER O D.^{OR}

FRANCISCO DE MONIZ DE LACERDA SENDO JUIZ DE FORA DESTA VILLA ATENDENDO AO SERVIÇO DE DEOS E DE EL REY NA ERA DE 1723 A 10 DE MAYO.

(Tomo 1, fl. 451.)

«No campo d'esta Villa ha ouro e de facto no tempo do Reynado do Sr. Rey D. Pedro o Segundo *etc.* mandou este que se extrahisse ouro, e para esta deligencia com ordem sua veyo Jozé de Souza Leytão, cappitam de Dragões, o qual fez minarar em o sitio que chamão a Granja, e he deffeza dos Rellegiozos de S. Bento, onde com effeito trabalharão e tirarão ouro, o que inda hoje demonstrão muitas concavidades que ha naquelle sitio assim na serra Nevada como na campanha raza; e no mesmo sitio ha hum outeiro furado de parte a parte, a que, com memoria do que então se minarou, inda hoje se chama o Outeiro das Minas, mas este trabalho que então foy disvello. . . . Na mesma Granja ha em o sitio da Fonte Carepa huma mina de Almagre. . . .». (Tomo I, fl. 457; vid. *O Archeologo Português*, I, 153, n.º 10.)

«Na herdade dos Botelhos, distante d'esta villa tres quartos de legoa, se tirou no tempo do sr. Rey D. Pedro o 2.º cobre. . . .¹».

No sitio da herdade das Ferrarias distante huma legoa ha sobre a terra muitas pedras com parecengas de escumalho de ferreiro inferem os moradores, e he tradição, que ali houve mina de ferro. . . .».

«Em o sitio da Herdade de Milreo, distante tres legoas, houve antigamente hum castello, talvez do tempo dos Mouros, que cahia sobre o Guadiana, o qual se acha hoje totalmente arruinado, e nam tem mais que os aliceces, e dentro leva quatro alqueyres de sementeira quando o laurão e semeão.

No sitio onde chamão Castello Velho² que esta sobre a ribeyra de Lucafece houve hum Castello de que hoje não ha mais que ruinas e não tem mais de estabilidade que os aliceces». (Tomo I, fl. 458.) No sitio chamado o Castello Velho por onde passa a ribeira ha huma concavidade grande feyta pella natureza que parece edificio». (Tomo I, fol. 459³.)

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Cfr. *O Archeologo Português*, I, 154.

² Cfr. *O Archeologo Português*, I, 154 e 212.

³ É certamente a *Casa da Moira*, de que se falla n-*O Archeologo Português*, I, 213.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

28. Em Outubro de 1895 entraram no Museu os seguintes objectos prehistoricos:

- a) um percutor espherico de granito;
- b) outro, ellipsoidal, de granito;
- c) tres pedras de granito, que parece terem tambem servido de percutores;
- d) dois objectos de leptinite, arredondados, com um sulco circular;
- e) outro da mesma natureza, mas sem sulco circular;
- f) uma ponta de lança de calcedonia, finamente dentada;
- g) um pequeno machado, muito polido, de pedra;
- h) uma faca de silex, e um fragmento de outra;
- i) um fragmento de leptinite esculpturado;
- j) um pequeno instrumento de pedra, com um gume;
- k) uma figura de leptinite, que representa de um lado um busto de mulher, e do outro um focinho de animal;
- l) outra figura, da mesma substancia, que representa em cada extremo uma cabeça de animal;
- m) outra figura, da mesma substancia, que representa um animal, ao que parece, um gato;
- n) outra figura, da mesma substancia, que representa quatro cabeças.

Todos estes objectos appareceram em antas do concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar. Os mencionados nos §§ *c, e, i, j, k*, foram offerecidos ao Museu pelo Sr. P.^e **Raphael Rodrigues**, como se diz n-*O Arch. Port.*, II, pag. 1. Os mencionados nos §§ *d, l, m, n*, foram offerecidos pelo mesmo Sr., por intermedio de S. Ex.^a o Sr. **Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco**, Ministro da Justiça, como se diz *ibidem*, pag. 2. Os restantes objectos foram encontrados na occasião em que visitei a necropole de Carrazedo, em Setembro de 1895.

29. Em Outubro de 1895 recolheu-se no Museu um pêso romano de barro, encontrado nos arredores da cidade de Tomar.

30. Em Outubro de 1895 entraram os seguintes objectos:

- a) uma chave romana (*clavis*) de metal amarello;
- b) dois fragmentos de pêsos romanos de barro;
- c) um prumo de chumbo, de epocha indeterminada;
- d) o fragmento de um machado de diorite (neolithico);
- e) um machado de diorite (neolithico);

f) um escopro de cobre ou bronze, de epocha indeterminada;

g) uma ponta de lança de ferro (*cuspis*);

h) o braço de uma tenaz (*forceps*).

Os objectos mencionados nos §§ *a, b, c, d*, foram encontrados ao pé da Rominha (Alvaiazere), onde houve uma estação romana, demonstrada pelo apparecimento de muitos outros objectos (fragmentos de tegulas, um camapheu, etc.), alem dos mencionados. O machado mencionado no § *e* appareceu ao pé de Cabaços (Alvaiazere). O escopro mencionado no § *f* appareceu no sítio das Carrasqueiras (Alvaiazere). Os objectos mencionados nos §§ *g, h*, appareceram no monte do Castro (Ferreira-do-Zezere), e são muito provavelmente romanos.

Todos estes objectos se obtiveram para o Museu por intermedio do Sr. José Maria Pereira, de Dornes (Ferreira-do-Zezere), que com todo o desvêlo e actividade pesquisa as antiguidades de Alvaiazere e de Ferreira-do-Zezere, e que, por occasião da visita que, em Setembro de 1895, o Sr. Maximiano Apollinario e eu fizemos a esses sitios, nos prestou muito bons serviços, já acolhendo-nos patriarchalmente em sua casa, já facilitando-nos várias excursões e investigações archeologicas.

J. L. DE V.

Salacia

Continuam os achados archeologicos na villa de Alcacer-do-Sal, e eu vou dando noticia d'elles, no proposito de lhes *reconquistar* a honrosa procedencia, cujo nome serve de epigraphe a esta noticia.

Haverá quem admire a minha pertinacia, não duvido.

Se muitos individuos ha que levam tempo infinito em profundas investigações, afim de apurarem ou reconstituirem a genealogia da sua familia, não admira que se gaste tambem tempo a reconstituir a *genealogia* de um povo — a historia de uma localidade.

*

A cem metros, pouco mais ou menos, ao Norte do sítio onde em 1876 foi descoberta a necropole pre-romana, proximo da igreja da Senhora dos Martyres, ao proceder-se á plantação de uma vinha, e em propriedade do Ex.^{mo} Sr. Faria Gentil, appareceram muitos objectos da epocha romana, que mui succintamente vou indicar:

— um asse;

— um pequeno annel de ouro;

— uma urna cineraria do feitio de uma pia, de pedra broeira, tendo a tampa, num dos lados, dois pequenos orifícios;

— tres lucernas simples, sendo duas com dois buracos — para deitar o azeite e para a torcida —, e a outra, do feitio de uma tijel-linha, com o competente bico para a torcida;

— outra lucerna, com figuras em relêvo, estando esta partida em muitos pedaços;

— cinco vasos de vidro, dos chamados lacrimatorios (unguentarios), sendo um de bojo largo e outros de bojo estreito, e tendo estes o gargalo mais comprido do que aquelles;

— duas tijellas de barro, tendo asas uma d'ellas;

— um pedaço de barro chamado saguntino, com a seguinte marca

S · M N

— nove urnas de diferentes tamanhos, da fórma das nossas panel-las de barro, tendo umas asas e outras não.

A maior d'estas panellas mede de altura 0^m,25 e 0^m,76 no bojo, e a mais pequena 0^m,07 de altura e 0,32 no bojo;

— tres pedaços de marmore de monumentos, vendo-se num d'elles parte de uma inscripção, tal como se segue:

Σ · APPVLE
PRIAMVS

Os dois pedaços, bem mais pequenos do que aquelles, poucas letras contém.

*

O proprietario referido, Sr. Gentil, que é um distincto filho d'esta terra, e muito devotado ao seu engrandecimento, da melhor vontade permittiu que os objectos ficassem no Museu Municipal, que, com estas e outras offertas, dignas dos maiores encomios, se vae successivamente engrandecendo.

JOAQUIM CORREIA BAPTISTA.

Errata

No numero anterior, pags. 70 e sqqs., onde se lê *Granja do Oliveira*, deve ler-se *Granja do Olmeiro*.

A. SANTOS ROCHA.

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.^o, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em **carta registada** ou em **vales de correio**, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

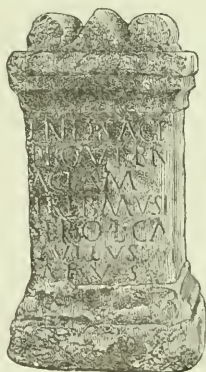
O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

DUAS CAMPAS DE BRONZE COM INSCRIÇÕES EM VERSOS LEONINOS.

ARCHEOLOGIA DO ALGARVE.

VESTÍGIOS ROMANOS NO VALLE DO MONDEGO E IMMEDIAÇÕES.

ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.

PEDRA DO MUSEU CENACULO.

INFORMAÇÕES ARCHEOLOGICAS COLHIDAS NO «DICCIONARIO GEOGRAPHICO» DE CARDOSO.

DUAS LAPIDES FUNERARIAS DE OLISÍPO.

MUSEU DE FARO.

INSCRIÇÃO ROMANA DE MONCORVO.

AINDA A PROPÓSITO DE «ANTA».

NOTÍCIAS VÁRIAS.

INSCRIÇÃO DA EPOCHA WISIGOTHICA.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

BIBLIOGRAPHIA.

Este fasciculo vae illustrado com 5 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

JUNHO E JULHO DE 1896

N.ºs 6 E 7

Duas campas de bronze com inscripções em versos leoninos

A. C. Borges de Figueiredo principiou a publicar, no Tomo IV da sua *Revista Archeologica*, uma serie de inscripções em versos leoninos. Esta collecção comprehende apenas doze, e pela morte de seu auctor ficou interrompida, assim como ficou interrompida a *Revista*, que era um interessante repositorio de estudos e noticias archeologicas.

Não é nosso intento concluir ou continuar pelos menos essa interessante collecção, e apenas nos limitaremos aqui a inserir duas inscripções d'esta natureza, que merecem especializar-se pela qualidade da materia em que foram gravadas.

As laminas sepulchraes de bronze foram muito vulgares na Idade-Média; e em França, nas Flandres, na Allemanha, ainda hoje se conservam bastantes. Em Portugal, as mais notaveis, pelo seu character artistico e ornamental, são as que cobrem, na igreja dos Loyos em Evora, as ossadas de Ruy de Sousa e de sua segunda mulher D. Branca de Vilhena. Esta ultima tem gravada primorosamente a figura de uma dama, retrato talvez da fallecida. Não ha elementos para assegurar que sejam producto da industria nacional, antes é muito de crer que proviessem da Flandres, ou da Allemanha, onde então era o centro mais importante do seu fabrico. O Sr. Guido Lipi, formador da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, reproduziu em gesso estas duas bellas peças artisticas. O nosso illustrado amigo e erudito escriptor Sr. Gabriel Pereira, no opusculo em que descreve as duas campas, diz que ellas são unicas no seu genero em Portugal. Conta-se, porém, pelo menos ainda outra: a de Leça do Balio, de que hoje fallaremos; e de outras, que se perderam ou foram barbaramente destruidas, resta-nos ainda a memoria. Esperança, na *Chronica Seraphica* (tomo II, pag. 151),

diz-nos que João Rodrigues de Sá estava enterrado em Leça da Palmeira, sob uma campa de bronze, e o *Antiquario Conimbricense* refere-se a outra que existia na Sé de Coimbra, sob a qual jazia o cantor D. André João: *sub campana de ere ubi sunt leones et gallii figurati*¹.

De outra lapide sepulchral com inscripção de versos leoninos dá noticia Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, e d'ella nos passaremos a occupar.

UUUI: INABARNUO: PAQUILIS 6UIS: OPIA XPI
 PABRUS: DURANDI: 6UQUIL: 6UIA: CONFINAB: IS6A
 PARRABUA: DIO 6UIS: QARCADA: VIR: IS6A: BANONUS
 QIGIS: PACIFICUS: PIN6: 6E: PICALIS: 6OICUS
 ER6O: IPASTI: PRABA: SIBI: 6A: SINA: PINA: UIDARA
 CUIUS: CURA: PUT6: 6IBI: 6O6A: QAN6A: PLACARA
 OBI6: 6: Q: CCC: XXI 6: NONIS: QADII

Possuimos um grosso manuscripto in-folio innumerado, que se intitula: 1721 — *Academia Real — Copia de noticias mandadas á Academia Real a Lx.ª da Cidade do Porto por Antonio Cerqueira Pinto, cidadão della, ao Rm.º P.º D. Manuel Cactano de Sousa, Clerigo regular da Divina Providencia, Pro Commissario Geral App.º da Bulla da Cruzada e Academico da mesma Academia Real*, e nelle, logo no começo, se trata da inscripção de Pedro Durando ou Durão, que o *Agiologio* havia reproduzido. Algumas paginas adeante volta com nova informação ao assumpto, rectificando o que dissera anteriormente. Eis o que pondera o investigador portuense:

¹ O *Antiquario Conimbricense*, apud Figueiredo — *Coimbra antiga e moderna*, pag. 130.

«Em hũa noticia que mandey de hum epitaphio da sepultura de Pedro Durando, gravado em lamina de bronze ou cobre, que ainda existe em hũa das paredes do claustro da see desta cidade do Porto com declaração de hua mal clara forma de armas que me lembrava haver visto em pedra que mostrava ser campa da mesina sepultura, declarei não achar noticia individual de que pessoa houvesse sido o dito Pedro Durando, se ecclesiastico ou secular, nem de que familia, e já o mesmo embaraço havia encontrado o licenciado Jorge Cardozo na 3.^o tomo dos Agiologios Lusitanos (*sic*), e com effeito nem ha daquelle Pedro Durando mais que a do dito tomo 3.^o dos Agiologios no 7.^o de Mayo a seu comentario a fol. 113.

He porém de advertir que no dito comentario não está fielmente traduzido o referido epitafio, de que mandey copia pella forma de seus caracteres, que agora repito, e he a seguinte copiada com mais attenção :

VIVAT IN ÆTERNUM FAMULUS TUUS, O PIE CHRISTE
 PETRUS DURANDI, TUMULUS QUEM CONTINET ISTE
 PERPETUA DIGNUS MERCEDE VIR ISTE BENIGNUS
 MITIS, PACIFICUS, FUT, ATQUE FIDELIS AMICUS
 ERGO IHESU PRÆBE SIBI TE SINE FINE VIDERE,
 CUJUS CURA FUT TIBI TOTA MENTE PLACERE
 OBIIT E. 1329 NONIS MALJ¹

No dito lugar do Agiologio se acha copiado o 3.^o verso deste epitaphio :

PERPETUUM DIGNUS MERCEDE VIR ISTE PERDIGNUS

A primeira palavra bem podia ser *Perpetuum*, adverbio, porem na realidade he *perpetua*, porque no epitaphio a ultima letra he *A* e não *M*, suposto tenha tres astes, assim porque a plica do meio o individua, como por não ter a forma dos mais *MM* do mesmo epitaphio ; a ultima palavra do mesmo verso he *benignus* e não *perdignus* como se copiou no analogio *Inquam* no *Agiologio*.

Nelle se acha tambem copiado o fim do 4.^o verso *Ego fidelis amicus*, sendo que no epitaphio se lê *atq fidelis amicus*. Está porem

¹ Esta última linha acha-se de outra maneira no fac-simile com que Cerqueira Pinto antecede a sua interpretação :

OBIITI E: M: CCC: XXIX: NONIS: MADII

bem copiado o 5.º verso na fôrma seguinte— *Ergo Iesu prabe tibi te sine fine videre*. E na primeira copia que tirey deste epitaphio me enganei na 2.ª palavra deste 5.º verso, lendo por *Ihesu Illesũ*, por parecerem dois *LL*, o que na realidade he *H*, e só assim parece ter cabimento na medição do verso.

Do que dou conta, para que havendo de mencionar-se na historia, possa descrever-se com individual certeza, a cujo efeito com mais atenta reflexão tornei a examinar o referido epitaphio que na lamina está mais junto e gripo, pello que, e ser feito á 432 annos com o poo que nelle assentou pello discurso delles, e consumir o tempo em parte algũa cousa dos caracteres facilmente podia ocasionar-se tanto não copiar-se certo no Agiologio, quanto parecer um *H* dous *LL*. Vay porem agora com individuação do que na realidade he.»

Este epitaphio falta na *Flora Latina*, do Sr. P.º Patricio. O auctor do *Agiologio* verteu-o para português da seguinte maneira:

«Ó piedoso Christo, vosso seruo Pedro Durão viua para sempre, o qual está aqui sepultado, varão dignissimo de premio eterno, foi brando e pacifico de coração, a quem eu como fiel amigo leuantei esta sepultura. Portanto Jesu te conceda sempiterna vida, pois puzeste todo o cuidado em amal-o e seruil-o. Morreu E. M. CCCXXIX em as nonas de maio.»

A data do fallecimento equivale a 7 de Maio de 1291.

Jorge Cardoso attribue com algum fundamento a Pedro Durando a fundação de uma certa usança que se praticava na Sé do Porto, e que elle teve occasião de presencear em 1661. O piedoso legado consistia nesta cerimonia: acabada a última hora canonica sahia da sacristia um sacerdote, com sobrepeliz e estola e nas mãos uma cruz que deixara o legatario, e vinha atrás do cabido que seguia igreja abaixo em procissão. Dois moços do côro conclamavam então: *Boa gente, boa gente, fazei penitencia, se vos quereis salvar. Confessade e commungade que este mundo é vaidade*. Os conegos repetiam, e os moços de côro, prostrando-se, entoavam: *Senhor Jesus Christo, misericordia com piedade*. Igual acompanhamento dos conegos, a que os moços respondiam: *Amen*. Após isto o sacerdote mostrava a cruz ao povo, recolhendo-se á sacristia da mesma fôrma que viera, emquanto os conegos ficavam na igreja cantando a antiphona de Nossa Senhora: *Sub tuum praesidium confugimus*.

Cardoso chegou ainda a ver uma medalha de ouro, commemorativa d'este facto, mas que não revelava o nome do instituidor nem a epocha. Hoje cremos que não existe nenhum exemplar d'esta medalha, nem os nossos numismatas a incluíram nos seus catalogos.

Garrett referiu-se ao singular costume, sem ter conhecimento da noticia historica de Cardoso. O Dr. Theophilo Braga menciona-o no *Manual da historia da litteratura portuguesa* (1875, pag. 220). É um dos mais curiosos elementos da historia das tradições religiosas e populares portuguesas.

Da inscrição de Pedro Durão de ha muito que se lhe não sabe o destino.

*

Outra campa sepulchral de bronze, importante, é a que existe na parede lateral direita da capella de N. Senhora do Rosario, vulgarmente conhecida pelo nome da *Capella do Ferro*, na monumental igreja de Leça do Balio, nas proximidades do Porto, ao lado da estrada que conduz a Braga. Esta campa está fóra do seu logar primitivo, e não cobre, como erradamente asseverou Fr. Lucas de Santa Catharina, o tumulo do Prior Fr. Estevão Vasques Pimentel, varão insigne no seu tempo, pelos seus feitos militares, e pelo zelo religioso e artistico no reedificar do venerando templo. O leitor poderá ler curiosas noticias a seu respeito na importante *Memoria Historica da antiguidade do mosteiro de Leça chamado do Balio*, por Antonio do Carmo Velho de Barbosa, uma das melhores obras que no seu genero possuímos.

D'esta *Memoria* vamos transcrever o letreiro que a lapide contém, com as annotações que lhe addicionou o mesmo Barbosa. O letreiro principia por duas linhas que atravessam toda a campa, occupando depois duas columnas, metade de um lado e metade do outro.

1. ORDINE. BAVTISTE. DIGNVS. PRIOR. EXTITIT. ISTE.
QVY. MANET. IN LAPIDE. TV. SVA. FACTA. VIDE.

1.ª columna

5. UIX. POTERIT. NASY. STEPANO. MORIENTE. VALASCY
QVI. JAM. SIT. MELIOR. QVAM. FVIT. IPSE. PRIOR.
PIGMENTEL. SCRIPTVS. IN STRIPE. SVA. BENEDITVS.
MORIBVS. ET. VITA. NEMO FACETVS. ITA.
FORTIS. FORMOSVS. CONSTANS. TERRAS. GENEROSVS.
PRO. MELIORE. TRANSIT. AT QVE. MARE.
ABSQVE. PRIORATV. BALLYVAS. QVMQVE.¹ NUMERA. TU.

¹ Está *qumque*, erro de quem abriu o letreiro, por *quinque*.

10. QVAS. DEDIT. ORDO. SIBI. PAPA. SEDEBAT.¹ IBY.
SVNT. SIMVL. ET GRATIS. SARTAGO. LECIA. CRATIS.
ET. IRIWS. MEDIVS. FLORIDA. FAYA. PRIVS.
CLERICE. TU. FINTA. PRIOR. EXTITIT. IPSE. TRIGINTA.
ANTE. BONVS. FRATER. TRES. NVMERADO. QVATER.

2.^a columna

15. ECLESIAM. FVNDANS. ISTAM. PERFECIT. HVNDANS.²
ET TVMVLAM.³ POSVIT. HIC. VBI. PLVS. PLACVIT.
VT. DVO. QVOTIDIE. CANTENT. SBV.⁴ HONORE. MARIE.
TOVGVES. CONSOCIIS.⁵ IPSE. RELIQVIT. HIIS.
REX. SIBI. CONCESSIT. ET. PAPA. MAGISTER. ADHESIT.
20. SI. CONTRA. FVERIT. QVIS. MALEDICTVS. ERIT.
TEMPORE. VIVENDI. CONPLEBAT.⁶ OPVS. MISERENDI.
SITQVE. MISERTVS. EI. FILIVS. IPSE. DEY.
VT. ROSA. FLOS. FLORVM. FVIT. S. PRIOR. ISTE. PRIOR.⁷
CARMEN. IN TVMVLO. SIT. SIBI. PRO. TITVLO.
25. MIL. TERCENTENIT.⁸ ET. SEPTVA. GINTA. QUATERNIS.
HIC. OBIIT. MADIO. MENSE. QVASY. MEDIO.

Velho Barbosa substitue o *v* pelo *u*, nós porém restituimol-o.

No verso 5 Barbosa leu *stirpe*: nós, servindo-nos de uma photographia, tirada pelo Sr. Guedes, photographo portuense, lemos *stripe*—troca de letra. No verso 12, a palavra *crius* não é latina e é inintelligivel: talvez seja *rivus*: nós lemos *IRIWS*, que nos parece clarissimo. Barbosa não a annotou, e traduziu, talvez por indução historica, *crius medius* por Rio Meão. O uso do *w* é por acaso uma prova da origem estrangeira, flamenga, da lapide. No verso 25 o original trás *tercentenit*: Barbosa poz um *s* em vez de *c*.

Agora a traducção de Velho de Barbosa:

«Este, que descança nesta sepultura, foi um digno Prior, da Ordem do Baptista: agora conhece quaes foram as suas acções:

¹ Devia ser *accedebat ibi* «consentia nisto».

² Devia ser *abundans*, isto é, «com mão larga».

³ Em logar de *tvmvlm*.

⁴ Em logar de *Svb*. Troca de letra.

⁵ Deve ser *cum sociis*.

⁶ Por *complebat*.

⁷ *Prior*. Está em breve. Pela rima se vê que é *Priorum*.

⁸ Assim está no letreiro original.

Depois da morte de Estevão Vasques, com difficuldade apparecerá quem seja melhor Prior, do que elle foi. Pela sua familia chamou-se Pimentel, mas pela sua vida e costumes chamou-se Abençoado. Ninguém era mais galhofeiro do que elle, nem tão forte, formoso e constante: tendo em vista o que era melhor. Viajou por muitas terras e atravessou muitos mares. Sem contar o Priorado, teve cinco Commendas, que a sua Ordem lhe deu, e o Papa n'isso consentio, são as Commendas, a Certan, que foi Commenda de Graça, Leça, Crato, Rio meão, e a flórida Faya, que foi a primeira. Oh! tu que és instruido¹, faz esta conta, elle foi Prior trinta annos, tendo sido antes bom Freire, contando tres vezes quatro.

Fundou esta Igreja, e dotou-a generosamente e poz o seu sepulchro aqui, onde melhor lhe agradou. Determinou que dous capellães cantassem todos os dias missas em honra de Maria Sanctissima: para isto se cumprir, applicou-lhe as rendas da freguesia de Tongues, com as mais pertenças, tendo para isso precedido licença regia, approvação do Papa, e consentimento do Grão Mestre. Seja amaldiçoado de Deus quem se oppozer a esta determinação. Enquanto vivem, desempenhou todas as obras de misericordia; queira tambem o filho de Deus compadecer-se d'elle. Assim como a rosa é a melhor das flores, assim este Prior foi o melhor dos Prioros: sirvam-lhe estes versos de epitaphio. Elle morreu quasi no meio do mez de maio da era de mil trezentos e setenta e quatro.»

Nos numeros 1 e 2 da *Arte Portuguesa*, periodico que se publicou no Porto em 1882, vem o desenho da moldura da lapide, e o de um episodio da parte superior da mesma moldura, *A Anunciação da Virgem*, numa fórma muito original. Estes desenhos são do mallogrado artista Soares dos Reis, que tirou da lapide um modêlo em gesso.

Para a leitura da inscripção servimo-nos de uma photographia, que expresssa e obsequiosamente tirou a nosso pedido o distincto photographo portuense o Sr. Guedes. Infelizmente, pelo sítio em que está a lapide, e ainda por outras circumstancias, a photographia, sobretudo pelo que respeita á moldura ornamentada, não sahiu tão nitida que a podessemos reproduzir aqui como desejavamos. Resta-nos agradecer a diligencia e pericia que o artista empregou para nos ser agradavel.

Sousa Viterbo.

¹ É assim que Velho Barbosa interpreta a palavra *clerice*, guiado pelo *Elucidario*.

Archeologia do Algarve

Aro de Tavira

Como supplemento illustrativo a parte das judiciosas notas sobre *Balsa*, insertas em o n.º 2 (Fevereiro de 1896) d-*O Archeologo*, envio a copia photographica da mobilia funeraria recentemente exhumada na Quinta das Antas, propriedade do Ex.^{mo} Sr. Mendonça e Mello: é generosa offerta d'este cavalheiro, archivada na sala 2, mostrador B, sob os n.ºs 63 a 65, 72, e mostrador A, em o Museu municipal de Faro, de minha fundação e encargo.

O mobiliario, como se vê, consta do seguinte: de um grupo de vasos lacrimatorios de vidro, todos mais ou menos lindamente irizados, dos typos chamados *ampulla*, *unquentarium*, *alabastrum*; de uma *lucerna* simples em cujo disco parece divisar-se um busto com ornatos pendentes (por ventura, algum *infulatus?*); de um fundo de vasilha de barro amarello, que, pela sua localização, finissima espessura e diminutissima capacidade, antes faz presumir que fosse alfaia lithurgicamente destinada a quaesquer ritos funerarios, do que utensilio votado aos usos grosseiros da culinaria.

Temos ainda os seguintes objectos de bronze: um alfinete de cabelle (ornamentado—*acus comatoria*), de si bastante para revelar o toucado d'essas eras de tão primoroso luxo, e uma pinça do mesmo metal (*volsella*), naturalmente peça depilatoria—que já era muito em voga nas damas da mais alta progenie. O denticulado do original parece, á primeira vista, compadecer-se pouco com a applicação que attribuo a este objecto; mas é de notar, que as saliencias da serrilha são perfeitamente ajustaveis ás suas oppostas reintrancias.

Outro argumento accresce para ligar todo este funebre espolio á inhumação de uma mulher de qualidade: é o apparecimento da caixinha de marfim, que, para melhor visibilidade, figura no gargalo da fiola central (provavelmente uma *dactylotheca*, isto é, cofre para anneis; ou caixa para pós de dentes); emfim, objectos de luxo verosimilmente caros á matrona, que nelles buscava uma das fontes do seu asseio e belleza ou efficaz attenuante ás suas naturaes incorrecções.

Na jazida sepulchral appareceu a moeda que encima o desenho—um *Tiberio*, perfeitamente conservado—, pequeno bronze, que nos obriga a referir todo este mobiliario tumular talvez á primeira metade do sec. I de J. C.

É palpavel a conclusão, que de tão pequenas, mas typicas antigualhas, se deduz para a historia de *Balsa*: — ainda neste tempo viviam os povos balsenses em plena epocha de civilização romana; certamente



perpetuada até muito ao deante, como se deve deprehender da existencia de sumptuosos capiteis *compositos*, oriundos da mesma procedencia, e archivados na sala 3, n.^{os} 121, 122, 123.

Monsenhor Conego — J. M. PEREIRA BOTO.

Vestígios romanos no valle do Mondego e immediações

Fóra dos castros e da necropole de Ferrestello, que relacionamos com o castro de Santa Olaya, temos colhido bastantes provas archeologicas da industria romana no valle do Mondego, desde o cabo do mesmo nome até S. João do Campo, nas proximidades de Coimbra. Esses vestígios estão pela maior parte colligidos, ou pelo menos assignalados, no Museu Municipal da Figueira; mas como ainda não se fez o catalogo geral d'este estabelecimento, nem é conveniente fazê-lo sem que as collecções sejam installadas nas salas que lhes competem no novo edificio dos paços do concelho, é util dar-lhes já publicidade, para auxiliarem as investigações d'aquelles que porventura se dedicarem ao estudo da epocha luso-romana nesta região.

Tal é o fim d'esta ligeira noticia.

*

Dentro da cidade da Figueira, em excavações feitas ha bastantes annos, para construcção de um edificio na Ladeira da Lomba, encontraram-se dois denarios, que o dono da propriedade conservou em seu poder e só ha pouco tempo nos mostrou, offerecendo-os ao Museu da Figueira. Sobre estas peças nos enviou o nosso collega Dr. Antonio Alvares Duarte Silva, encarregado da secção de numismatica d'aquelle estabelecimento, a nota seguinte:

I—Da familia Vibia (plebeia):

PANSA. Cabeça laureada de Apollo á direita; e adeante um symbolo.

R. C. (Caius) VIBIVS. C. F. Pallas em quadriga, galopando á direita e levando um tropheu e a lança.

R. Denario commum.

II—De Octavio Augusto:

CAESAR AVGVSTVS. Cabeça nua de Augusto, á direita.
R. OB. CIVIS SERVATOS. Escripto em tres linhas dentro de uma coroa de carvalho.

R. Denario commum.

Para Oeste de Buarcos, no sítio da Emida, sobre a costa do mar, recolheram-se fragmentos de telhas romanas (*imbrex* e *tegula*). Ao

Norte da mesma povoação, na Serra do Cabo Mondego, sítio das Pedras da Bandeira, appareceram restos de telhas, de uma *patera* e de outros vasos de barro fino.

Restos de telhas e de tijolo (*later*) se encontraram no sítio dos Pardinheiros, sobre a vertente septentrional da Serra, nas proximidades de Quiaios.

Para leste de Quiaios, entre esta povoação e a de Cabanas, proximo da estação neolithica do Arneiro, descobriram-se ha poucos annos os alicerces de um pequeno edificio de fórma rectangular, construida com grandes tijolos, que, pela descripção que nos fizeram, deviam ser romanos.

Ao SE. de Cabanas e da povoação de Brenha, no sítio da Asseiceira, que já pertence á grande estação neolithica da Varzea de Lirio, os fragmentos de telha romana acham-se esparsos pelos terrenos ou empregados em grande quantidade num muro de alvenaria sêcca que alli existe.

Nas Alhadas appareceu um busto romano de pedra, com tamanho natural. A esculptura é grosseira, indicando a decadencia da arte.

Na mesma localidade se encontrou ha annos, soterrada em predio de José Gil, um grande vaso de barro, que, pela descripção do proprietario, devia ser um *dolium*. Foi destruido immediatamente, e os fragmentos lançados para o aterro de um caminho público.

Em Maiorca tem apparecido muitas moedas romanas. Possuimos uma de bronze de Constantino II, á cêrca da qual o Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva nos enviou a nota seguinte:

CONSTANTINVS IVN. NOB. C. O seu busto laureado á esquerda, com o paludamento e a couraça.

R. PROVIDENTIAE CAESS.

Pequeno bronze commum.

Para o Norte da povoação, em predio do Sr. Dr. Antonio José Duarte Silva, recolhemos á superficie do solo alguns fragmentos de *imbrex* e de *tegula*. Ao Oeste da mesma povoação, no caminho para a Serra de Crastos, existia em uma penedia a seguinte inscripção em caracteres latinos já um pouco apagados:

VNODE

Uma parte do rochedo foi modernamente brocada e rebentada a fogo, e numa face lateral um escopro traçou uma figura geome-

trica. Nós fizemos serrar e transportar a pedra, contendo a inscripção e a figura, para o Museu Municipal.

Seguindo o valle do Mondego para montante, temos na margem esquerda o campo proximo de Revelles, onde foi encontrado a mais de um metro de profundidade a tampa (*operculum*) de um pequeno vaso de barro fino com feição romana. É circular, concava e com uma saliencia no centro para se lhe pegar. Estacio da Veiga colligiu no Algarve peças romanas precisamente iguaes.

Tampas com esta fórma foram tambem usadas pelos arabes, segundo os trabalhos do mesmo E. da Veiga; e nós temos encontrado exemplares semelhantes em ruinas de casas que parecem pertencer aproximadamente á epocha de D. João II, e até em panellas grosseiras de barro da actualidade. Em outro lugar mostraremos que esses objectos tambem não são estranhos á grosseira ceramica dos castros.

Na Granja do Olmeiro, em sepulturas feitas com lages brutas, que existem no adro da igreja parochial, a que nos referimos noutro escripto, recolhemos fragmentos de *imbrex* e de *tegula*, e de vasos de barro com feição romana.

Em Formoselha, no sitio da Ademia, propriedade do Sr. José Antonio de Sousa, da Figueira, existem soterrados muitos restos de construcções romanas. Nos amanhos da terra vem á superficie pedaços de telhas e de telhões, e tijolos curtos e espessos com fórma ligeiramente trapezoidal. Um exemplar d'estes ultimos, que existe no Museu, mede na altura do trapezio 0^m,18, na largura da base 0^m,21, na do topo 0^m,15 e na espessura 0^m,05. Os telhões attingem a espessura de 0^m,021.

Na margem direita Montemor-o-Velho tambem foi estação romana. A antiga capella de Nossa Senhora do Desterro estava sobre o aterro que cobria um pavimento de mosaico; e os alicerces da capella actual romperam barbaramente este pavimento. Nós estivemos alli quando se tinham aberto as fossas, e pudemos verificar este facto, notando tambem que por de baixo do pavimento existia uma sepultura trapezoidal, feita com lages brutas, igual ás da Granja do Olmeiro.

Esse pavimento pertencia ao rico edificio que occupava uma grande área do terreno contiguo á mesma capella, e que é hoje propriedade particular. O dono contou-nos que, excavando o seu terreno, encontrára paredes solidas de alvenaria, que foi destruindo para empregar os materiaes numa eira e em outras obras—um tanque, provavelmente o *impluvium* do *atrium*, na parte meridional das ruinas pequenos muros parallellos, feitos com tijolo, entre os quaes existiam tubos de barro cozido, pavimentos muito duros feitos com argamassa

e uma *calçada* feita com pedrinhas de côres. Esta última attrahiu alli muitos curiosos, que lhe devassavam o predio; e por isso tornou a cobri-la com terra. Não o fez entretanto sem que alguém, mettendo uma folha de ferro por de baixo do mosaico, arrancasse um grande pedaço, que guardou cuidadosamente, e que por sua morte foi parar ao Museu da Figueira, onde conseguimos com muito trabalho dispô-lo em boas condições de conservação. As côres d'este mosaico são a branca, cinzenta, vermelha e amarella; e os cubos (*tessellae*) são de rocha calcarea. As figuras são puramente geometricas.

Contou-nos mais o proprietario que pelo lado de Oeste da capella, onde construiu um muro de vedação e uma casa, encontrára oito sepulturas abobadadas, feitas com tijolo e argamassa de cal e areia, onde os esqueletos tinham os braços estendidos perpendicularmente ao tronco, formando com este uma cruz; circumstancia verdadeiramente notavel, que muito conviria estudar, attendendo ao que geralmente se pensa sobre os primeiros enterramentos christãos.

Destruiu tudo! Os tijollos foram para a construcção da casa, onde vimos alguns na lareira. Até um cranio, em que se achava cravada uma ponta de lança de ferro, foi mettido na alvenaria dos muros!

Obtivemos d'elle cinco typos de tijolos d'estas ruinas, a saber:

— tijolo grande, quadrilongo, medindo no comprimento 0^m,45, na largura 0^m,305 e na espessura 0^m,54;

— tijolo grande, quadrilongo, medindo 0^m,41 no comprimento, 0^m,272 na largura e 0^m,04 na espessura maxima;

— tijolo pequeno, quadrado, medindo nos lados 0^m,17 e 0^m,19, e na maxima espessura 0^m,55;

— tijolo pequeno, quadrilongo, com a largura de 0^m,15 e espessura de 0^m,022. Não achámos exemplar inteiro a que pudessemos medir o verdadeiro comprimento;

— tijolo minusculo, oblongo, de secção quasi quadrada, medindo no comprimento 0^m,14 e na largura e espessura 0^m,013 por 0^m,046.

O terreno d'estas ruinas apresenta uma grande mancha negra. Tomando um punhado de terra em qualquer ponto nota-se a presença de grande quantidade de carvão e cinzas. Á superficie do solo encontram-se fragmentos de telhas, de tijolos e de vasos de barro queimados. Estes factos persuadem que o edificio romano fôra devorado por um incendio.

Abundam os pedaços soltos de *opus signinum*; e nós recolhemos fragmentos de um objecto de bronze completamente oxydado, de um espesso vaso de barro com bordo vertical e asa interna, e de outros vasos diversos incluindo a *patera* e o *dolium*.

Fizemos o que estava ao nosso alcance para empregar a exploração d'estas ruínas; mas não conseguimos uma solução satisfactoria do proprietario. Estamos convencidos de que apesar da grande destruição ainda alli podem colher-se indicações muito interessantes.

Das proximidades de Montemor-o-Velho, antes do monte da Ladeira, obtivemos tambem uma pequena mó de grés com algumas fracturas, medindo no diametro 0^m,49 e na maior espessura 0^m,11, que tambem parece romana. O orificio central tem 0^m,065 de diametro.

Emfim para o Norte e a curta distancia do povoado de S. João do Campo encontrámos fragmentos de telhas romanas.

Taes são os dados archeologicos colligidos até ao presente, que podem servir de guia a futuras explorações.

A. DOS SANTOS ROCHA.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

51. Em Dezembro de 1895 adquiriram-se por compra os seguintes objectos que já estão no Museu:

Tres placas prehistoricas, de schisto, ornamentadas;

Dois vasos de barro, tambem prehistoricos.

Estes objectos tem a mesma procedencia que os mencionados sob o n.º 7; quando os comprei, adquiri tambem um documento ms. d'onde consta o local em que todos elles appareceram. Noutra occasião darei mais informações.

52. O Sr. João Manoel da Costa, de Mertola, enviou para o Museu uma *glans* de chumbo (bala de funda, romana), achada na margem esquerda do Guadiana, em frente da dita villa.

53. Em Janeiro de 1896 entraram no Museu os seguintes objectos, adquiridos por compra:

a) uma placa de schisto ornamentada, e dois machados de pedra polida, — tudo da herdade do Barrocal (Evora), onde ha antas;

b) cinco instrumentos de pedra polida, provenientes dos arredores de Evora;

c) parte de uma placa de schisto ornamentada, e uma lampada prehistorica de barro, provenientes da Azaruja (Evora);

d) um machado chato de cobre, vindo do Alemtejo;

e) tres vasos antigos de barro, sendo um, ao que parece, prehistorico; outro, ao que parece, romano; outro portuguezs:—provindos do districto de Evora;

f) uma caixa do rapé, que tem num dos tampos o retrato de D. João VI, e no outro as bases da Constituição;

g) duas pequenas trempes de barro, achadas em Evora;

h) um polvorinho e colhér de chifre muito ornamentados, — trabalhos de pastores alemtejanos.

54. Em Janeiro de 1896 entraram no Museu os seguintes objectos, provenientes do Alemtejo, onde foram fabricados por pastores:

a) uma *pimenteira* de cortiça, ornamentada, — offerecida pelo Sr. Gabriel Pereira;

b) um *tarro* da mesma substancia, — offerecido pelo Sr. Dr. Caetano da Camara Manoel;

c) Dois *cochos* (vasos de beber) da mesma substancia, — offerecidos pelo Sr. Visconde da Esperança.

55. O Sr. Francisco de Mello Cabral e Sousa, das Alcaçovas, offereceu para o Museu, onde já deu entrada, a lapide romana mencionada n-*O Archeologo Português*, I, 155:

56. Em Abril de 1896 entraram no Museu os seguintes objectos, provenientes das estações prehistoricas da Serra de Monte-Junto (arredores de Pragança):

a) oito machados de pedra polida;

b) tres rebolos de pedra;

c) uma pequena mó rudimentar;

d) um raspador de silex;

e) um pingente de calcareo;

f) duas delicadas faquinhas de silex, e mais de onze fragmentos de outras;

g) tres settas de pedra, sendo uma triangular;

h) dois vasos de barro, um inteiro, outro quasi inteiro; e dez fragmentos de louça ornamentada, sendo todos os desenhos differentes uns dos outros;

i) quatro verticillos de barro;

j) dois furadores de osso, e mais dois fragmentos de instrumentos da mesma substancia;

k) uma faquinha de cobre ou bronze;

l) uma setta de cobre ou bronze;

m) dez objectos de cobre ou bronze (argolas, hastes, etc.);

n) duas cabeças de pregos, de cobre ou bronze, e um objecto que parece ter feito parte de uma baina.

A maior parte d'estes objectos foi colligida pelo Sr. Antonio Maria Garcia; outra parte foi obtida em excavações mandadas executar a expensas do Museu.

57. Em Abril de 1896 entraram no Museu dez instrumentos neolithicos (machados) provenientes do extincto concelho do Cadaval.

58. O Sr. Dr. Alfredo Bensaude offereceu ao Museu um machado de pedra polida, achado em Portugal, e um cabo prehistorico feito de ponta de veado, proveniente de um lago suiço.

59. A Companhia do Credito Predial Português, representada pelo seu Governador o Sr. Conselheiro José Luciano de Castro, offereceu ao Museu, onde já estão, duas lapides funerarias da epocha romana, provenientes de Olisipo.—Vid. a este respeito os officios publicados no presente numero, a pag. 166-167.

40. O Sr. P.^e José Augusto Tavares, parcho de Ligares, e col-laborador d-*O Archeologo Português*, offereceu ao Museu os seguintes objectos, que já ahí deram entrada:

a) uma figura de pedra que representa um quadrupede, do typo dos *berrões* trasmontanos, mas menor que as figuras de pedra de Murça e da Torre de D. Chama (cfr. *O Arch. Port.*, I, 236-237);

b) sete instrumentos neolithicos;

c) sete moedas de cobre romanas, uma portuguesa, e uma marca de jogo allemã.

41. Veiu da Beira-Alta para o Museu um penedo granitico com esculpturas prehistoricas.

42. O Sr. Manoel Joaquim de Oliveira, de Sintra, offereceu e enviou para o Museu os seguintes objectos:

a) um machado neolithico, provindo do Estoril;

b) quinze machados neolithicos, provindos dos arredores de Sintra;

c) varios objectos artisticos, de calcareo e de osso, encontrados na necropole neolithica do Valle de S. Martinho (Sintra).

Pedra do Museu Cenaculo

Lê-se n-*O Bejense*, de 28 de Maio de 1896:

«Apareceu outra pedra do Museu Cenaculo. Tem esculpido um galeão, e á proa, cortando a mastreação, destaca-se uma cruz latina encimada pela corôa real e junto do braço da cruz em acção de voar, um passaro. D'estas lapides existiam duas em Beja, em tempos: uma



via-se no castello e outra na casa da camara, no largo de Santa Maria, mas nesta casa, hoje propriedade do Sr. conde da Boa Vista, nem vestigios do sitio onde estivesse collocada appareceram quando o nobre titular reconstruiu o predio; no castello, na muralha ao norte, existe parte da moldura. D'estas pedras ha noticia, e affirma-se serem as *Armas de Lisboa*. Não são tal.

Ha differença e grande entre a lapide agora encontrada e o brasão da cidade de Lisboa. O bispo Cenaculo tinha por costume, o que

não lhe desculpamos, arrancar as lapides: arrancou a das portas de Moura — a do *flamen Quinto Petronio*; arrancou a que estava nos degraus do altar-mór de Santa Maria — a do tumulo de *Severus*; arrancou a que estava no rua do Esquivel — a do de *Helaerianus*, etc., etc., e com certeza arrancou o *Galeão* da muralha ou da casa da camara.

O *Galeão* foi encontrado ha dias, nos entulhos do depósito das obras publicas d'este districto, na sé, para onde removeram, em tempo, as lapides do museu do bispo, e foi pelo digno director cedido á camara para o seu museu, do qual o Sr. Serra tem sido um dos principaes collaboradores, pelo que mais uma vez lhe damos louvores e applausos».

*

Por obsequio do Sr. Umbelino Palma, que propugna sempre desveladamente pelos progressos da archeologia bejense, póde *O Archeologo Português* publicar aqui uma gravura da referida pedra.

J. L. DE V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

51. De Arcos (Entre-Douro-e-Minho)

«houve nesta Freguesia antigamente hum *castello* chamado de Amorim, de que hoje não ha mais que huma escaça memoria, por alguns confusos vestigios, que ainda hoje existem. Para a parte do Poente ha hum monte a que chamão o Castello da Formiga; e dizem assistirão nelle os Mouros: ainda se vem delle alguns sinaes nas ruinas de varios edificios». (Tomo I, pag. 525.)

52. De Arcos (Beira)

«Está fundado este Lugar na falda de hum monte muito levantado, a que chamão o Crasto:» (Tomo I, pag. 527.)

53. De Ardaons (Trás-os-Montes)

«Neste destricto ha humas lagoas grandes, que dizem ter sido ruinas no tempo dos Romanos». (Tomo I, pag. 536.)

54. De Arganil (Beira)

«He tradição dos moradores ser fundação dos Romanos, e não ha muitos annos se acharão algumas moedas de ouro, e prata, que provão o intento ha poucos annos, que estava aberta huma cova a que chamavão *da Moura*, a qual penetrava hum monte, e, querendo-se fazer experiencia, se lhe não achou fim para onde caminhar, e ainda hoje permanecem outras covas semelhantes junto a S. Pedro de Folques». (Tomo I, pag. 555).

55. De Argozello (Trás-os-Montes)

«Perto deste povo se acha hum alto cabeço com mostras de fortaleza, e dizem fora *Castello dos Mouros*, e em partes tem ainda parede de doze palmos». (Tomo I, pag. 561).

56. De Arnadello (Trás-os-Montes)

« em que ha vestigios de castello de fabrica muito antiga». (Tomo I, pag. 568).

57. De Arnoya (Entre-Douro-e-Minho)

« Ha nesta Freguesia, sobre hum alto monte, hum *castello*, cuja muralha, pela grande antiguidade, se acha com alguma ruina». (Tomo I, pags. 576 e 577).

58. De Arrabida (Estremadura)

« o Monte Fermosinho, que fica quasi sobranceiro ao Convento dos Padres Arrabidos, de que logo fallaremos, no qual se tem descoberto em diversos tempos algumas ruinas, de que inferem alguns haver ali hum templo consagrado ao Deos Apollo. Outro templo, dedicado a Neptuno, houve na vertente da mesma serra, onde hoje se vê a fortaleza de Outão; porque, resolvendo o Senhor Rey D. João IV, por concelho de Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, se accrescentassem novas obras aquella fortaleza, abrindo-se os alicesses para os baluartes de terra, se acharão hum pedaço de huma estatua de marmore com alguns versos em louvor de Neptuno. Huma estatua do mesmo Neptuno de metal entre as ruinas de hum edificio, que mostrava ser templo da mesma divindade, entre as quaes havia arquitraves, pedaços de columnas de marmore fino com suas

bazes, e algumas pedras com inscripçoens Latinas, em que se dava aquelle sitio o nome de Promontorio de Neptuno (?). . . . » (Tomo I, pag. 585).

59. De Atalaya (Beira)

« E para o Nascente, em hum grande oiteiro, se vêem vestigios de uma fortaleza ou castello, que fica desta banda muito levantada, e despenhada sobre a ribeira de Celorico, que de Norte a Sul a vay rodeando ». (Tomo I, pag. 653).

60. De Atei ou Atrim (Trás-os-Montes)

« Junto deste (monte) está outro chamado dos Palhaços, para a parte do Nascente, no qual se achão vestigios de grandes edificios, que dizem ser dos Mouros, ou Romanos; e nestas ruinas está huma cava estreita na boca, e tapada com pedras, pela qual se entra em huma estrada falsa, que corre pela imminecia do monte a baixo, a qual vay sahir ao rio Tamega em hum sitio despenhado, aonde chamão o Furaco, o qual se vê somente quando o rio leva menos agua, e tera de comprimento esta estrada legua e meya; e dizem que deitando-se alguns animaes vivos foram sahir ao rio Tamega »¹. (Tomo I, pag. 656).

61. de Ayamonte (Alentejo)

« Junto a esta Igreja fica hum alto chamado Ayamonte, nome que delle tomou a Freguesia, e dizem ser aqui antigamente habitação de *Mouros*. . . . ». (Tomo I, pag. 703).

62. De Ayre (Alvega, Estremadura)

« E assim he de saber, que onde hoje chamão Alvega, duas leguas de Abrantes ao Sul, o Tejo de permeyo, ha notaveis ruinas, e vestigios de huma populosa Cidade, pela qual passara a estrada real, que vay para Merida. Teria ella então quatro mil vizinhos, conforme o ambito dos muros, que a cingião, em parte argamassados, como mostrão suas ruinas, hoje esta reduzida a huma Aldea situada em campo plano, cercada de terras. . . . »

Acharão-se ja por vezes em seus contornos alicesses de sumptuosas casas, sepulchros, aqueductos, e canos de chumbo, galarias subterra-

¹ [Isto deve considerar-se como pura lenda, pois tenho ouvido contar o mesmo facto a respeito de varios castros.— J. L. DE V.]

neas adornadas de coloridas pedrinhas, como dados, à maneira de azulejos, com figuras e porticos de obra mosaica. E não se mete o arado em parte, que não tirem proveito os lavradores, descobrindo alli o tempo em nossos dias quantidade de moedas Romanas, assim de pedra, como de bronze, das quaes algumas nos vierão as mãos.

E ainda hoje estão em pé muitos pilares, sobre que estribava o famoso cano, por onde a agua vinha ter á Cidade, tirada com artificio de huma caudolosa ribeira que lhe ficava perto, não fallando de outra, que vem do alto buscar ao Tejo, na qual se achou no anno de 1659 huma famosa lamina de bronze muldurada, que está em nosso poder, a qual tem de comprimento dous palmos e meyo, e de alto mais de hum, com quatro buracos nos cantos dos pregos com que estava collocada em logar publico. De que consta claramente (sendo que algumas letras estão em parte gastadas) ser aqui a Cidade Aritiense, tão ventilada dos nossos antiquarios.

Como a dita lamina¹ se achou no districto de Alvega, julgamos haver sido aqui esta famosa Cidade, a qual destruirão os barbaros (como outras muitas) quando senhorearão Hespanha, impondo á nova povoação o nome que hoje conserva de Alvega.» (Tomo I, pag. 704-706).

63. De Ayró (Serra de Entre-Douro-e-Minho)

«No oiteiro eminente à Paroquia de S. Jorge, estão uns penedos, a que chamão os Castellos. . . .

«. . . . Em hum oiteiro, ou padrao desta serra, conforme a vulgar tradicção, houve hum *Castello*, ou Fortaleza em tempos antigos. Hoje se não vê naquelle sitio mais vestigios desta obra que huma planicie com circumvalação capaz e accomodada para ella, e cavando-se na terra se descobrem alguns tijolos, e na superficie da terra se está vendo huma pedra lavrada na parte superior ao picão, formando nella hum largo de nove, ou dez palmos em diametro. Ha poucos annos existia tambem no mesmo sitio hum penedo, no qual, em altura de dez ou doze palmos, estava feita ao picão huma concavidade, como meya laranja capaz de receber dentro em si um homem em pé; porem em nenhuma destas pedras se descobrem figuras, letras, ou inscripções antigas, ou modernas. Chama-se a este sitio o Crasto, dando ainda o seu nome alguma noticia da dita Fortaleza.» (Tomo I, pag. 711 e 712).

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

¹ Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. 22, 172.

Duas lapides funerarias de Olisípo

(Cópia de officios dirigidos ao Sr. Conselheiro José Luciano de Castro,
Governador da Companhia do Credito Predial Português)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Na séde da Companhia do Credito Predial Português, de que V. Ex.^a é muito digno Governador, acham-se casualmente duas lapides romanas, com inscripções funerarias, já publicadas nos seguintes lugares:

Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana, III, 43;

Portugaliae Inscriptiones Romanae, de Levy Maria Jordão, n.^{os} 438 e 498;

Corpus Inscriptionum Latinarum, da Academia de Berlim, II, n.^{os} 206, 220 e 5219;

Lisboa antiga, de Julio de Castilho, II, 92-93;

Revista Archeologica, de Borges de Figueiredo, I, 5-6.

Como a nossa capital é, relativamente á sua grandeza e antiguidade, bastante pobre de monumentos da epocha romana; e como convinha que aquellas duas lapides estivessem collocadas num Museu do Estado, onde pudessem ser examinadas pelo público, e servissem de ornamento archeologico: tomo a liberdade de sollicitar de V. Ex.^a o obsequio de as ceder para o Museu Ethnographico Português, que, alem de ter uma secção muito apropriada para ellas, não possui ainda nenhuma antigualha proveniente da velha Olisipo.

Se V. Ex.^a houvesse por bem acquiescer ao meu pedido, preenchia-se no Museu uma lacuna, e ao mesmo tempo ficava representado nelle o *Municipium Felicitas Julia*.

Deus guarde a V. Ex.^a, Lisboa, 10 de Abril de 1896. — O director do Museu Ethnographico Português, *J. L. de V.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Accuso a recepção do officio de V. Ex.^a, de 15 do corrente, em que V. Ex.^a se digna communicar-me que o Conselho da Administração do Credito Predial offereceu ao Museu Ethnographico Português as duas lapides romanas que existiam na séde d'essa Companhia.

Permitta-me V. Ex.^a que, como director do referido Museu, manifeste a V. Ex.^a e ao Ex.^{mo} Conselho o meu sincero agradecimento por tal offerta.

Num dos proximos numeros d'*O Archeologo Português* se publicará uma noticia em que se indique a natureza do serviço que, com tão boa vontade e dedicação, a Companhia do Credito Predial Português acaba de prestar ao Museu Ethnographico.

Por esta occasião rogo a V. Ex.^a o obsequio de me mandar fazer entrega das lapides.

Deus guarde a V. Ex.^a, Lisboa, 16 de Abril de 1896. = O director do Museu Ethnographico Português, *J. L. de V.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em vista do officio de V. Ex.^a, com data de 20 do corrente, tenho a honra de participar a V. Ex.^a que se acham já neste Museu as duas lapides romanas que lhe foram cedidas pela Companhia de que V. Ex.^a é dignissimo Governador.

Aproveito o ensejo para renovar os meus agradecimentos pela obsequiosa offerta com que o Museu acaba de ser enriquecido.

Deus guarde a V. Ex.^a, Lisboa, 24 de Abril de 1896. = O director do Museu Ethnographico Português, *J. L. de V.*

*

As duas lapides se allude neste numero d-*O Archeologo*, pag. 160, cap. das *Acquisições do Museu*, § 39.

J. L. DE V.

Museu de Faro

(Cópia de officio)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Considerando eu que todos os Museus Archeologicos do país, qualquer que seja a sua feição predominante, se devem reputar natural e necessariamente filiados num *Museu Central*, com que entrettenham solidarias relações de vida commum e onde busquem a orientação que hão mister, em ordem ao systematico desenvolvimento dos estudos scientificos que promovem, tenho o grato prazer de comunicar ao *Museu Ethnographico Português*, que a Camara Municipal de Faro deliberou, em sua última sessão de 18 do corrente, declarar, na quinta-feira de cada semana, a franquia pública do *Museu Archeologico Lapidar «Infante D. Henrique»*, de minha fundação e encargo.

Deus guarde a V. Ex.^a — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Museu Ethnographico Português. — Secretaria do Museu Archeologico Lapidar «Infante D. Henrique», em Faro, 21 de Junho de 1896. = O conservador, Monsenhor Conego *Joaquim Maria Pereira Botto*, socio honorario da Real Associação dos Archeologos Portugueses e Architectos Civis.

Inscrição romana de Moncorvo

Em virtude do obsequio do Sr. P.^o Adriano Guerra, de Moncorvo, que me mandou uma photographia d'onde se fez a gravura junta, posso estampar hoje n-*O Archeologo Português* o monumento em que vem a inscrição publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. XLIV.

O texto dado no *Corpus* é o seguinte :

IOVI
OPTIMO
MAX
CIVITATI
BANIENS
S · VE · · BAS
.....D

O meu texto differe um pouco, principalmente na 6.^a linha, pois é :

1. IOVI
OPT[†]MO
MAX
CVITATI
5. BAN[†]ENS
..L..LNIV
7.D

Linha 1.^a Não offerece nada de particular.

Linha 2.^a O I passa para cima do T, fazendo com este uma cruz.

Linha 3.^a Nada offerece de notavel.

Linha 4.^a O primeiro I está incluído no C.

Linha 5.^a O I é prolongamento da última perna do N. A palavra deve ler-se BANIENTSIVM, pois na inscrição da ponte de Alcantara, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 760, apparece mencionado um municipio com o nome de *Banienses*; este nome é o dos habitantes do municipio, e não o da capital, o que se vê de outros mencionados na mesma inscrição, como *Transcudani*, *Lancienses*, *Igaeditani*, etc. : portanto o nome da capital devia ser *Banium* ou *Bania*.

Linha 6.^a Parece que as letras são: ...L...LNIV.

Linha 7.^a Vê-se apenas a última letra da conhecida fórmula D. D. , isto é, *Dono Dedit*.

Algumas das letras tem pontos; mas serão estes antigos, pois nem todas o tem?

A transcrição da inscrição, é portanto: *Jovi Optimo Maximo, Civitati Baniens(ium) ...l... lniu... [d](ono) d(edit)*.



O monumento foi encontrado em 1845, a 5 kilometros de Moncorvo, no sítio denominado Mesquita. Mede de altura 1^m,5; de largura na base 0^m,55; no centro 0^m,40 de cada lado. Em cima tem uma excavação rectangular de 0^m,15×0^m,14, e de 0^m,10 de profundidade. Esta excavação será um *foculus*, vindo então o monumento a ser uma ara, ou será o encaixe de uma estátua, vindo então o monumento a ser mero cippo? Como não vi o monumento, não posso responder.

Em Bobadella, na Beira-Baixa, appareceu uma inscripção, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, 397, em que se lê tambem o dativo *civitati*, que parece indicar dedicatoria:

.....
 SPLENDIDISSIMAE CIVITATI
 IVLIA · MODESTA · FLAMINI CA

Num caderno ms. de apontamentos do fallecido general Pery, caderno que examinei por favor da Ex.^{ma} Familia do mesmo, vem copiada uma pequena dissertação de Manuel de Quiroga Correia Carneiro de Fontoura, antiquario trasmontano já fallecido, a respeito d'esta inscripção, mas nem a versão da incripção está boa, nem as deducções archeologicas são aproveitaveis: elle suppõe que a cidade mencionada no monumento devia ter a sua séde no local, ou perto, onde este appareceu; mas, sendo BANIENS (*ium*), como parece, o mesmo nome que se lê na inscripção da ponte de Alcantara, não poderá admittir-se tal supposição, pois os *Banienses* da inscripção alcantarensse ficavam, segundo lá se diz, na Lusitania, ao passo que o aro de Moncorvo ficava na Tarraconense.

*

O Sr. General Pery accrescentou á dissertação de Manoel de Quiroga as seguintes noticias:

«O pedestal com inscripção romana, de que trata o artigo antecedente, foi achado nas ruinas de uma capella dedicada a S. Mamede, a uma legoa da villa, sendo mandado collocar por o morgado Francisco Carneiro, homem de bastante erudição e ao favor do qual devo estes apontamentos, no seu quintal dentro da villa.

Encontrou-se o pedestal, em 1845, no angulo interno da direita, á entrada do arco que fazia a da capella-mor d'aquelle pequeno templo, e de baixo d'outras pedras de cantaria que se haviam desmoronado das paredes; mas bem se vê que aquelle não era o seu logar primitivo; e como as paredes cahiram (á excepção da que fica á esquerda entrando por o arco de que ainda existe um pedaço) devia para alli ter sido impellido pela violencia do desabamento, pois se achou mesmo algum tanto enterrado no entulho, que foi o que infelizmente lhe fez desaparecer as duas linhas que obstem á perfeita

intelligencia da inscripção. Tambem poderia para alli ter sido removido o pedestal, quando se consagrou o templo ao culto catholico.

Da dita capella, não existe de sua primitiva architectura romana mais do que os restos da parede do lado do Norte, fazendo angulo com a do Poente, onde estava o arco ou entrada do templo para a dita capella-mor, e cuja parede (romana) teria ainda dez a doze palmos de altura. O arco que dava entrada para o templo do lado do Poente, era de um lavor primoroso de florões, e em volta d'estes uma tarja de um outro lavor mais meudo, muito bem feito: e assentava em duas meias columnas, das quaes existe ainda uma em pé, com os pedestaes e capiteis da ordem corinthia, de uma grande perfeição. Vê-se com evidencia, que o edificio é de origem romana, que era consagrado a Jupiter, e que depois foi convertido em templo catholico. Parece que os Mouros o converteram em mesquita, porque nalgumas pedras da parede se vêem uma especie de meias luas: alem d'isso a tradição, fez com que o vulgo chamasse áquellas ruinas a «Mesquita». Em torno da capella a diversas distancias, vêem-se várias excavações talhadas nas fragas, que parece terem sido sepulcros dos romanos. Numa das fragas vê-se cavada na mesma, uma figura que parece representar uma cabra de oito ou nove palmos. Ao Norte da capella ha um enorme rochedo, para o qual se sobe por uma larga rampa que parece natural, se bem que nalguns sitios se conhece ainda que alli trabalhou picareta ou outro instrumento; no cimo do dito rochedo, em differentes pontos, se vêem excavações de várias fórmas. Por todos os arredores da capella, apparecem pedaços de telhas mui grossas, vêem-se pedaços de paredes, bocados de mós de moinhos de mão, e aqui e alli espalhados bocados de cantaria faciada; com especialidade na base do lado do Sul do grande rochedo, se vêem dois montões de cantaria faciada. Tudo isto demonstra que alli houve antigamente grande povoação.

Encontram-se nalgumas casas proximas d'aquelle sitio, e especialmente na estalagem das Silveiras, no cunhal de uma das portas, uma inscripção latina. Perto da ponte do Sabor na margem esquerda, ha um edificio de ordem toscana, sem dúvida templo gentilico, do genero d'aquelles a que os romanos chamavam *aedicula*, que não tinha portas. Por cima da entrada d'este edificio ha uma inscripção de difficil leitura, no meio da qual se divisa um F inverso; d'este modo ¶; d'onde se vê, que o letreiro ou foi feito por algum operario que não sabia escrever, ou é da epocha romana, do tempo de Claudio Cesar; porque o ¶ foi uma das letras que este imperador accrescentou ao alphabeto, como diz Suetonio na sua *Vida*, cap. XLI; e foram

usadas por alguns, porém só no tempo do mesmo Claudio, valendo então o Γ por V consoante, como dizem os auctores que trataram d'este assumpto.

A architectura d'este pequeno edificio, e tambem a sumptuosidade do templo, convertido em capella de S. Mamede, são uma prova incontestavel de que proximo houve uma importante povoação romana.»

*

Certamente muitas das affirmações transcritas precisam de rectificação; mas eu não estou no caso de a fazer, pois, comquanto já andasse em tempo por aquelles sitios, não examinei os monumentos de que se trata.

J. L. DE V.

Ainda a proposito de «anta»¹

No artigo que escrevi no n.º 25 d-*A Vida Moderna*, de 27 de Fevereiro de 1896, reproduzido n-*O Archeologo Português*, II, 92, a proposito da etymologia da palavra *anta* e de outras questões correlativas, disse eu em resposta a uma nota do Sr. P.º Espanca: «visto que se recorre á glottologia, ou sciencia da linguagem, hão-de respeitar-se-lhe rigorosamente as leis; do contrario anda-se sem methodo».

O Sr. P.º Espanca, voltando ao assumpto no n.º 40 d-*A Vida Moderna*, não respeita as leis glottologicas; por isso eu não estava obrigado a responder-lhe. No entanto respondo-lhe, porque a elle me ligam relações de sympathia pessoal e amizade, e não queria que tomasse o meu silencio por falta de consideração.

De eu ter escripto que podia o Sr. P.º Espanca ter citado *antra*, plural de *antrum*, como origem de *anta* não se conclue que eu, como elle affirma, «não recuse a proveniencia da palavra *anta* como oriunda de *antra*.» Nada de sophismas! A questão é meramente scientifica. O que se procura é chegar á verdade. Se eu me julgasse em mau campo, declarava-o lealmente. A palavra *anta* não póde ter vindo nem de *antrum*, nem de *antra*. Phoneticamente oppõe-se a isso o

¹ Este artigo foi primeiro publicado n-*A Vida Moderna*, de 24 de Junho de 1896.

genio da lingua portuguesa, como mostrei no citado artigo, pois não ha exemplo de cair o *r* nas condições em que elle se encontra em *antrum*, e pelo contrario mantem-se, segundo consta dos factos que apresentei.

Diz o Sr. Espanca que não comprehende como *asellus* venha de *asinerulus*. Nem eu tão pouco! E não sei mesmo a que proposito invoca aqui o *asinus*, e muito menos o disparatado *asinerulus*!

Para me provar que o *r* cae, cita-me o Sr. Espanca estas palavras: *arado*, do latim *aratrum*; *proprio* de *proprio*; *rasto* de *rastrum*.

Mas eu tinha escripto bem claro: «Era impossivel, digo eu, que *antra* dêsse *anta*: NÃO HAVENDO OUTRO *r* NA PALAVRA, um *r* naquellas condições, isto é, entre consoante e vogal, não cae». Ora, se em cada um dos tres exemplos citados pelo Sr. Espanca entra o *r* duas vezes, e se eu tinha prevenido a objecção por conhecer aquelles exemplos, e os ter já citado em varios trabalhos meus, para que vir á carga com taes exemplos? É por força para enredar a questão! O caso é muito simples: se em *antra*, onde ha uma só liquida, esta caisse, havia de cair em palavras analogas. Não ha mais exemplos; logo não se póde dizer que o *r* caiu em *antra*.

Cita ainda o Sr. Espanca *emplasto*, de *emplastro*. Mas aqui ha uma illusão. O povo diz muito frequentemente *emprasto*, que provém de *emprastro*, onde houve mudança de *pl* em *pr*, como em *pruma* de *pluma*, *pranto* de *plactus*, *praino* do radical de *planus*, *prazer* de *placere*, etc., e d'aqui a simplificação. *Emplasto* póde ser influencia da fórma erudita *emplastro* sobre *emprasto*. Nada temos aqui analogo a *antra*.

Diz mais: «Num documento do seculo XVI li já a palavra *pedrestal*, e creio que assim devia ser etymologicamente; mas os proprios technicos lhe supprimem o *r*».

É possivel que alguém no seculo XVI escrevesse *pedrestal*, em vez de *pedestal*, por suppor que a palavra se relacionava com *pedra*. A imaginação tem muito campo. Tambem o Sr. P.^o Espanca suppõe que *anta* nasceu de *antra*! Mas *pedestal* não tem como fórma anterior a palavra *pedrestal*. Em hespanhol diz-se *pedestal*, em francês, *piédestal*, em italiano, *pedestallo*: todas estas palavras teem como origem o latim *pes*, *pedem*, e o ant. alto-allemao *stal*, que significa «posição, assento.» Nada pois ha de commum entre *pedestal* e a nossa *anta*!

Por fim o Sr. P.^o Espanca cita-me a queda do *r* em *lapa*, que, segundo elle, vem de *latebra*; mas, como tal hypothese é absurda, não tenho de a discutir.

Agora pergunto eu: visto que a hypothese de *antra* é contrária ás leis linguisticas, que dúvida tem o Sr. P.^e Espanca em acceitar o latim *anta* e como fôrma originaria de *anta*? Convém com a glotologia, e convém com o sentido.

J. L. DE V.

Notícias várias

Sepulturas antigas

Lê-se n-*O Bejense* de 26 de Março do corrente:

«Nas excavações a que se anda procedendo no largo do Duque de Beja, encontraram-se terça feira, tres sepulturas de tijolo contendo ossos esmigalhados. Os tijolos das cabeceiras das sepulturas são de um typo que desconheciamos — em fôrma de cunha, com os angulos reentrantes. O unico que os cabouqueiros pouparam foi recolhido no museu da camara.»

Lê-se no mesmo jornal, de 2 de Maio de 1896:

«No rocio do Carmo, onde se está procedendo a excavações para extrahir saibro, encontrou-se, á profundidade de 1^m,5, um cemiterio. As sepulturas são construidas de maneira diferente de quantas temos visto por estes sitios, e que não são poucas, louvado Deus.

Na rocha, que é branda, abriram valas de 3 metros de altura, 0^m,48 de largura e de 1^m,70 de comprimento e nellas depositaram os cadaveres uns sobre os outros, mas separados por grossos tijollos, com as pontas quebradas, tendo cada um de comprimento 0^m,50. De uma a outra divisoria de tijollo ha de altura 0^m,44 e as cabeceiras das sepulturas ficam ao oriente. Os tijollos entravam em caixas abertas na rocha.

Nas sepulturas apenas se encontrou um vaso de barro vermelho, semelhante ás nossas tijellas de fogo¹, inclinado sobre o rosto do

¹ A figura n.º 5 do artigo «Noticias de algumas estações romanas e arabes do Algarve», publicado no *Arch. Port.*, vol. 1, n.º 12, pag. 332, representa fielmente o vaso.

cadaver. Os ossos é que foi difficil tira-los porque se desfaziam, com o contacto do ar; ainda assim recolheram-se um femur, duas tibias (fragmentadas) e alguns ossos da cabeça. Vasos e ossos foram offerecidos ao museu pelo Sr. Ildfonso José Crujo. Os tijollos já a camara os tinha do mesmo typo e tambem encontrados no rocio do Carmo ha tres annos.

São os que no grupo A da sala Gomes Palma tem o n.º 47».

Lê-se no mesmo jornal, de 9 de Maio de 1896:

«Ao-Pê-da-Cruz, no sitio dos Lagares, onde o nosso amigo o Sr. Manuel Eduardo Condeça está abrindo caboucos para edificações, encontrou-se, á profundidade de quatro metros, um cemiterio, sendo as sepulturas abertas na rocha. São rectangulares, e numas, na minoria, toscas lages, e noutras grossos tijollos, encostados em si mesmos e concorrendo de face, a formarem angulo, cobrem os cadaveres. Inquestionavelmente a necropole é continuação da que, ha meses, foi descoberta no quintal do predio do Sr. José Pereira, predio que a estrada da circumvalação divide do que vae construir o Sr. Condeça. Como no Museu ha tijollos e lages do typo encontrado nas sepulturas, não se recolheu nelle exemplar algum. Foram porém depositados ossos. Os cadaveres tinham os pés para o oriente».

J. L. DE V.

Inscrição da epocha wisigothica

Segundo se lê n-*O Bejense*, de 9 de Maio de 1896, appareceu nos alicerces do dormitorio de um convento de Beja uma lapide que contém uma inscrição christã e uma inscrição arabe. Evidentemente a inscrição arabe é posterior, o que mostra que se quis aproveitar para ella uma pedra que já tinha outra inscrição. Infelizmente ambas as inscrições estão mutiladas.

O Sr. José Umbelino Palma teve a bondade de me mandar photographias das duas inscrições. Aqui refiro-me apenas á inscrição wisigothica; da inscrição arabe se tratará noutra occasião.

A estampa aqui junta substitue qualquer descripção.

Quanto ás letras, a julgar tanto da photographia, como da informação particular que me deu o Sr. Palma, vê-se na 1.^a linha DEPOS., que deve interpretar-se por DEPOS (*itio*), (o P é

aberto); no fim da 2.^a linha vêem-se claramente as letras MNII, e no principio vê-se parte de DO, o que dá DOMiNII. O sentido é, pois: *Sepultura de Dominio*. O nome proprio *Dominus* é conhecido de varios documentos.



Muito semelhante a esta lapide é a que vem figurada nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, do Sr. E. Hübner, n.º 11.

A inscripção de Beja pertence, segundo creio, ao sec. VI ou VII.

A lapide é de calcareo. Altura da pedra toda, 0^m,45; largura, 0^m,35. Altura do desenho, 0^m,30; largura, 0^m,22.

Foi recolhida no Museu Municipal de Beja.

J. L. DE V.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

S. Alcacer-do-Sal (Estremadura)

Na capella mór do convento de S. Francisco de Evora jaz D. Fr. Manoel dos Anjos «em honorifica sepultura com o seguinte Epitafio

SEPULTURA DE D. FR. MANOEL DOS ANJOS BIS-
PO DE FEZ, INDIGNO FILHO E PROVINCIAL DES-
TA PROVINCIA DOS ALGARVES. FALESEU EM 28
DE SETEMBRO DE 1634».

(Tomo I, fl. 510).

9. Alcaria-Ruiva (Alemtejo)

Castello de «mouros». — Lendas. — Ruínas de casas

«Ao uigesimo quinto interrogatorio: respondo que esta freguezia não he murada nem praça de armas, porem, no seo districto se achão vestigios de hum castello, no sitio onde chamão os Castellos, em sima de huma rocha sobre a ribeyra de Alualar, em distancia de huma legoa d'este pouo pera a parte do sul; e he tradição que foy de mouros». (Tom. II, fl. 5; Vid. *Informações arch. colhidas no «Dicc. Geog.» de Cardoso*, O Arch. Port., I, 157.)

«Ao uigesimo setimo interrogatorio: respondo que não tenho couza memoravel de que dar noticias, só sim que na estrada que uay da villa de Mertola pera a cidadé de Beja, pella *Coua-da-molher*, ha tradição tomara este nome por andar naquelle sitio huma molher feita saltiador, e que hum almocreve se detreminara querendo o roubar, e a matara, e enterrara, e então conhecera ser molher; ainda hoje concerua o nome de *Coua-da-molher*.» (Tom. II, fl. 5.)

«Ao decimo terceiro interrogatorio (*da serra*): respondo que me não consta couza digna de memoria, mais que tão sómente proximo ao fim da serra, destes fojos mais pera o nascente, está huma fonte de boa agoa; a que chamão a Fonte de Matafilhos, dizem alguns ser assim deste nome, porque naquelle sitio huma may matara seos filhos — e na Serra Danes desta Alcaria-Ruyua ha forma de cazas demolidas, dizem ser dos Mouros». (Tom. II, fl. 6.)

! «Ao, duodecimo interrogatorio (*rio*): respondo que por esta freguezia nos confins passa Cobres chamada ribeyra antigamente, he tra-

dição chamar ce o rio Cobrim que he tradição que correrá dias sangue dos Mouros que morrerão na batalha do Serenissimo Rey o Senhor Dom Afonso Henriques no sitio de Sam-Pedro-das-Cabeças, junto a villa de Castro Verde» (Tom. II, fl. 7.)

10. Lapa de Alcherubim (Beira Baixa)

«O rio, que passa junto a esta terra, e freguezia banha e fertiliza os seus campos, chamasse O — Vouga. Nasce de hũa fonte, junto á Lapa memoravel, e conhecida pella milagroza Imagem de N. Senhora, que existe na mesma estancia debaixo de hũa grande pedra, de que procede o mesmo nome, assim para a ditta Imagem, como para o sitio.» (Tom. II, fl. 17).

11. Alcobaça (Estremadura)

Inscrição latina moderna

... «cuja obra da ditta Igreja (*parochial*) he do tempo do Cardeal Jorge, como se viu de huma inscrição aberta e escripta por detraz da Capella Mor, quando se lhe fez a sua elevada e decente tribuna, dizendo a ditta letra: HOC OPUS EXIMIUM TEMPORE GEORGI FACTUM (Tom. II, fl. 23).

12. Aldeia Nova (Trás-os-Montes)

Vestigios de «mouros»

«Tem huma hermidã de São João nas Arribas do Douro, hum quarto de Legua do Lugar, no qual sitio se vem ainda vestigios de a lá abitarem os Mouros. (Tom. II, fl. 181).

13. Aldeia Velha (Beira Alta)

Vestigios de mouros. — Lugar despovoado pelas formigas, patria do Bandarra

«... do sitio chamado Castello (*do qual se vê a povoação*) e tem este nome este sitio por ser castello, em que os Mouros abitaram quoado pessuiram estas terras, e neste tal sitio se vê inda hoje os vestigios da sua abitaçam» (Tom. II, fl. 255).

«No dstricto desta Freguesia ha hum sitio hoje chamado o Nogueirão, onde se diz, que houvera antigamente hum Lugar, o qual se despovoara, porque erão tantas as formigas, que matavão as

crianças nos berços, e por isso se chama a Despovuada.» *Dicc. Geogr.* do P.^e Luiz Cardoso, I, 230)¹.

«Nesta ultima Aldeya para a parte do poente distante de meyo coarto de legoa esta hum sitio chamado o Nogueyram, mato brigozo que nam produz mais que castinheyros, carvalhos, ; e dizem os naturaes que neste bosque fora primeyro a Aldeya, e nella naceu Gonçalo Annes Bandarra aquelle Famoza adevinhador de Feturos etc». Tom. II, fl. 251).

14. Crasto de Aldreu (Entre-Douro-e-Minho)

«Ha hum monte pella parte do Naçente que se chama o Crasto e parte com o monte de Fragozo. Santo Andre, e Sam Saluador de Palme, e este he limitado. . . » (Tom. II, fl. 270).

15. Alemquer (Estremadura)

Inscrições conhecidas. — Ruínas de uma ponte e de muralhas. — Epitaphio de Damião de Goes

«De todo o referido, e do mais que havemos dizer, fica claro, e ainda indubitavel que a Ierabrica esteue no mesmo sitio em que hoje está Alanquer. Quanto mais ainda nesta villa no Bairro de Trianna nas escadas de hũas cazas, junto a fonte do mesmo Bairro, está com pouca estimação outra pedra Romana, e he a mesma que traz com outros autores o do *Sant. Marian.*, tom. 2, l. 2, cap. 33, pag. 347. Tãobem na parede da Igreja dos Cadafaes, termo desta villa de Alanquer esta outra sepultura Romana, e he a mesma que Marinh. l. p., L. 31, Cap. 5, pag. 225 traz e naquelle tempo estaua em outro sitio, tão bem neste termo¹». (Tom. II, fl. 314. Vid. *O Arch. Port.*, I, 157).

« . . . querendo (a rainha Santa Isabel) passar o Rio defronte do mesmo sitio (igreja de N. S. da Assumpção de Triana) para ir a elle, por não haver ali ponte, mandara lançar nelle hũas sinco pedras para por ellas passar, como passou, atravessando o Rio. Cujas pedras ainda hoje se conservão no mesmo lugar immoveis ás enchentes do Rio, que derruba e desfaz edeficios e nunca pode aballar as taes pedras, que bem mostrão a sua antiguidade naquelle sitio. . . (Tom. II, fl. 319).

¹ Á cêrca de factos analogos, antigos e modernos, vid. Leite de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, III, 77.

¹ *Memoria* do Prior de Santiago, Paulo Carneiro da Veiga.

«Por bayxo desta villa, nesta freguezia, no sitio chamado antiga-mente *Villa Vedra* e hoje as *Paredes* ha humas grossas muralhas antiquissimas, que hauiam tradiçam serem principio das de pouoçam que aly se intentara fazer e por isso lhe chamauam *Villa Vedra*: porem dezentulhando se ha poucos annos as ditaz muralhas, se uio que por dentro dellas hia uma calhe ou canno com sua adufa no fim, tudo de cantaria bem laurada, que notoriamente mostraua ser conducto de agoas, que parece que dahy se encaminhauam para o edificio que hoje he a quinta de Santo André, vulgarmente do Brauo que em tempo do Rey Dom Manoel era de Gonçallo Gomes de Azeuedo, Alcayde Mor desta villa, e de presente a pesue Gregorio Serniche de Noronha, Capitam Mor da cidade de Leyria, na qual ainda mostram alguns vestigios de lauor Mozayco, e há poucos annos que della se mudou para outra parte um çipo ou pequena columna redonda com hum Letreiro em breues de Letra romana bem destinta, o qual trasladou e emprimio o dito Frey Agostinho de Santa Maria no *Mariano*, etc.¹ (Tom. II, fl. 388. Vid. *O Arch. Port.* I, 158).

O Prior de Santa Maria da Varzea, João Martins da Silveira, transcreve o epitaphio de Damião de Goes, existente na capella mor da referida igreja, transcripção que é indubitavelmente inferior á do *Dicc. Geog.*, I, 252. (Tom. II, fl. 395):

DAMIANUS GOES EQUES
LUSITANUS OLIM FUI,
EUROPAM UNIVERSAM REBUS
AGENDIS PERAGRAVI,
MARTIS VARIOS CASUS,
LABORESQUE SUBIVI,
MUSAE PRINCIPES, DOCTIQUE
VIRI MERITO ME AMARUNT,
MODO ALANOKERCAE²
UBI NATUS SUM, HOC
SEPULCRO CONDOR,
DONEC PULVEREM HUNC
EXCITET DIES ILLA :
OBIIT ANNO SALUTIS
M. D. L. X. (sic).

¹ *Memoria* do Prior de São Pedro da Silveira.

² *Alankerke*, fórma extravagante, forjada talvez por Damião de Goes, que tendo residido por muitos annos em Flandres e provavelmente conhecendo a lingua flamenga (a allemã sabemos que não), completou o nome antigo da sua

16. Alfayates, (Beira Alta)

Padrões.— Fragmento de uma inscripção latina.— Igreja com relevos que representam animaes e outras figuras

«... a celebrada Serra das Mezas, aonde estão quatro Byzpos sentados a mesa, cada hum no seo Bizpado, dividindo quatro Linhas superficiais do centro aos anguloz... de cada Byspo, que são: o da Goarda, Lamego, Corea e cidade Rodrigo, e pello meio huma Linha divide este Reino do de Castella e há tradição que por padroins esteue esta maravilha patente». (Tom. II, fl. 412.)

Foi esta villa cidade populosa do tempo do Godo,¹ reedificada por Augusto Cezar, Emperador de Roma como se mostra de hum Letreiro gravado em huma pedra que esta ao simo da Praça por asento a porta das casas de Patricio Fernandes e junto ao pelourinho que diz

CIVITAS CAESARIS AUGUSTI IMPERATORIS ROM...²

= estando as mais Letras abolidas.

Mostrão esta antiguidade os vestigios de edificios antigos e calçadas para as estradas de Castella, varias pedras lauradas com letras goticas; na hobreira da porta do forno de Thome Martins na rua da Miziricordia desta villa esta hũa pedra por modo de escudo etc. As casas dos Bexigas junto a Praça tem um sumptuoso portado.» etc (Tom. II, fl. 413.)

«Mostra (*a igreja da Misericordia*) que foi templo de Idoloz dos Godos, porque está cercada por fora de pedras grandez, por modo de cornijas no telhado, firmadas em padroins, em que estão abertas em uulto cabeças de cains, Lobos, Touros, molheres e ontras figuras, que repugnão a modestia catholica, e se conseruão para memoria da antiguidade, a porta principal está da mesma antiguidade com Letras

terra natal de maneira que dêsse Alan-kerke, com a supposta traducção de *templo dos alanos*. Nem os alanos pertenciam a raça germanica (flamengo kerke = all. die Kirche, *igreja*), nem sei em Portugal de nomes germanicos de povoações, a não ser em fórmias populares derivadas do genitivo latino dos nomes proprios dos germanos, senhores de dominios (villas), ex.: *Atanagildi* (Tãgilde), e talvez *Vimaranici* (Guimarães) e *Redecindi* (Rêzende), etc.

¹ Note-se que o auctor da memoria considera o periodo gotico anterior ao romano!

² Esta inscripção é certamente falsa.

goticas na hobreira da porta esquerda, no fronteespicio tem um oculo maravilhoso». (Tom. II, fl. 419).

«Tem hum Pilourinho primoroso, e de maior altura dos do reino de hũa pedra só». (Tom. II, fl. 448).

17. Alfandega-da-Fé (Trás-os-Montes)

Lenda do tributo de donzellas. — Castello

«Tambem ha tradição, que desta Villa, e seo concelho, sahirão homens a expugnar hum Mouro potentado, que tinha o seu domicilio em um monte, que está a vista da villa de Chacim, fazendo-se no dito sitio insolente com os mouros que o cercauão, e o contramuro do Rio Azibro, e Escabroza, que era a entrada do Lugar donde vivia, e desta fortaleza pedia por feudo as Villas circumvizinhas humas tantas donzellas, ao qual os moradores desta Villa, e seo concelho, responderão com as armaz, e unidos com os de Castro Vicente pelejarão com tal vallor que, matando o Mouro, e seos sequazes, desassombrarão os Lugares vizinhos. . . . No lugar em que o Mouro habitaua se erigio huma Ermida com o titolo de Nossa Senhora de Balsemão¹. . . .» (Tom. II, fl. 453.)

«Nesta Villa houve hum castello antigo dos mouros fechado por tres portas e fortes muros de pedra, de que se aproveitarão seos moradores, e ao presente se acha já totalmente desfeito. . . .» (Tom. II, fl. 455.)

18. Alfacedrão (Extremadura)

Castello com inscripções

«He terra aberta, e para a parte do Poente tem distancia de duzentos passos hum Castello alto, grande, e antigo, que está a maior parte delle por terra, e ao meu parecer foi obra dos Romanos, pellas inscrepções que vi nella em pedra que se dedecavão a Senadores Romanos». (Tom. II, fl. 469).

19. Aljubarrota (Extremadura)

Etymologia. — Vestigios romanos. — Inscricção latina moderna apocrypha

«Aljubarrota, que no arabico quer dizer Campina aberta, he huma villa antiquissima, a qual tem seu assento no Bispado de Leyria,

¹ Vid. *Dicc. Geogr.* do Padre Luis Cardoso.

quatro Legoas ao Sul desta cidade, e sem embargo que não ha certeza da sua fundação, poucos annos ha se descubrio junto della huma pedra, da qual já não ha noticia, por onde constava ser a sua fundação do tempo dos Romanos. E em huma sepultura da Igreja Matris da mesma Villa se descubrio tambem huma moeda de cobre, que denotava ser do tempo do Emperador Claudio; porquanto se divizava nella huma figura, a quem circulava huma inscripção que dizia CLAUDIUS IMPERATOR pelo que manifestamente se vê ser anti-quissima esta povoação»¹. (Tom. III, fl. 5.)

«Nesta serra (*das Taijas*) está hum arco de cantaria chamado o arco da Memoria, em cujo lugar, *se dis*, que o senhor Rey Dom Afonso Henriques fizera voto de dar á Ordem Cisterciense tudo o que do dito Lugar se avistasse athe ao mar pela occazião da expugnação da villa de Santarem, como consta de hum Padrão que está no mesmo arco com a inscripção seguinte:²

HIC SCALABIM EXPUGNATURUS ALFON-
SUS PRIMUS PORTUGALIAE REX VOTUM VO-
VIT CHRISTO DATURUM SE ORDINI CISTER-
CIENSI CUNCTA, QUAE OCLUS CERNERE PO-
TEST DECURRENTIBUS AQUIS IN MARE, SI
MERITIS DIVI PATRIS BERNARDI FRETUS,
URBEM CAEPISSET QUOD DUM PATER SANC-
TUS SUIS, SUORUMQUE ORATIONIBUS OBTINET,
REX PROMISSA ADIMPLET. SURGIT ALCOBA
TIAE REGALE COENOBIVM, CUJUS PRINCIPA-
TUS HIC IN ORA MARITIMA TERMINUM HA-
BET. GESTA SUNT HAEC OMNIA DO-
MINI. M. C. XL. VII. DECIMO TERCIO IDIBUS MAIL.

(Id., fl. 23).

«O orago desta Freguezia³ he o Snr. Sam Vicente Martir a qual Freguezia ha duzentos annos que he feita com pouca differença a Igreja aonde agora existe a freguezia; e a que antecedente a esta era Freguezia ficava mais retirada da villa para a mesma parte 300

¹ Vid. *O Arch. Port.* I, pag. 242.

² Sobre o credito que se deve dar a esta inscripção, leia-se a Diss. II de João Pedro Ribeiro, do habito de S. Pedro, tom. I das *Diss. chron. e criticas.* p. 54.

³ Memoria do Cura de Sam Vicente de Aljubarrota, Joseph dos Ramos.

passos, pouco mais ou menos, a qual hoje está destruída e nella se mostrava a munta antiguidade desta terra; porque ha tradição que esta Igreja era a Freguezia dos Povos Vezinhos (?) em distancia de quatro Legoa no qual estaua hũ Letreiro sobre o Alto da Porta Principal em que se lião tres Letras sobre elle as quais erão hum —S (*sic*) hum D— e hum—S, e logo por baixo dezia: *Hic habitant montani Ruciae*; e mais escriptura se continha no dito Letreiro mas só estas são as de que ha memoria; por pouca cautella dos antigos que tirarão esta pedra e a forão colocar com pouco resguardo a Porta da Cappella de Sam João Baptista aonde se teem quebrado, e se não podem já ler mais do que estas, ainda que se sabe pello velhos que hum Provedor da Comarca de Leyria viera tirar este Letreiro quando milhor se podia ler. Alguns querem entender que este Templo era tão antigo que ainda fora consagrado a Diana, intendendo estas tres Letras, e o mais pella Construcção: *Sacrum Dianae sistunt Montanii Ruciae*; intendendo ser gente da Rucia, que para estas partes tinha passado; o que poderia ser antes ou em tempo dos suevos que nestas terras como dis o Epitome de Faria habitarão com outras muntas Nações,¹ que pellas muntas contendias que tinham entre si perdião e tornavão a ganhar muntas destas terras, ora hũas ora outras²; mas pellas vezitas desta Freguezia da era de 1595, em que esta Igreja estava quasi destruída, porque se concervava só hũa Irmida já muito desbaratada que era a Capella mor desta Igreja, Consta que era sagrada pello que o vizitador daquelle tempo mandou que se tenha reparada, mas com a continuação dos tempos e poucas rendas se veyo de toda aruinar como esta concervando só os vestigios com hum grande simiterio cheyo de muntas sepulturas com pedras brancas levantadas cabeceiras com as insignias dos officios de cada hum, ainda que estas hoje estão quebradas, mas ainda se dizia em muntas os signaes». (Tom. III, fl. 32,) cfr. n.º 23.)

«Esta terra não tem privilegios, consta ser munto antiga pella fama, e pello que se colhe do Letreiro do templo... e parece ser já munto habitada no tempo dos Romanos porque se tem achado algũa

¹ Effectivamente suppõe-se que os alanos pertencião á raça slava, que povoam actualmente a maior parte da Russia, que é uma denominação moderna, mas d'aqui chegar ao acima mencionado vae grande distancia. A esta mesma preocupação do povo alano devemos a falsa etymologia de Alemquer (Alano-Kerke).

² Do que fica dito só é verdadeira a leitura *montani*, segundo se lê da cópia tirada anteriormente e que se encontra colleccionada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 355.

moeda em as sepulturas as quais mostravão ser do Emperador Claudio; e tambem porque alguns Edificios que ha nella mais antigos môstra na sua firmeza e formalidade ser obra munto antiga...» (Tom. III, fl. 40).

20. Almendra (Beira)

«Castello de Calabre»

«No seu territorio, e na Eminencia de hum monte junto ao Douro, se acham os vestigios de hũa povoaçam murada, que se dis ser a antequissima Cidade de Caliabria, edeficada pellos Cartiginezes, hoje se chama o Castello de Calabre: e consta pellos concilios Provinciaes ter tambem sido Capital de hum Bispado hoje está absolutamente dezerto; e só se lhe conhese o licerce dos muros, porque tudo o mais = *Durum sensit aratrum*.

Desta Cidade dizem ser natural Santo Apolinario, martir, que floreceu no segundo secullo da Igreja, e padeceo no tempo de Trajano; achase o seu sepulcro em hũa Capella de boa arquitetura, no Lugar de Urros na provincia de Tras-os-Montes.» (Tom. III, fl. 94).

21. Almofala (Beira)

Ruinas da cidade de Combadão pertencente aos mouros

«A ermida de S.^{to} André, que lhe fica em distancia de meya legoa, entre o Norte e Nascente; esta Ermida he de fabrica antiquissima e situada em alto que domina o rio Agueda; e della dizem por tradição somente ser Igreja dos Templarios: junto a ella se descobrem muitos Licerces de cazas, e paredes arruinadas; e por isso dizem haver sido aly a cidade de Combadão, habitada de Mouros, e não consta o tempo, nem por quem fosse arruinada aquella cidade, se he que o foi. O *Anno Historico Portuguez* faz menção della». (Tom. III, fl. 111).

22. Almoester (Extremadura)

Etymologia. — Inscipção latina moderna e outra portuguesa. — Vestigios romanos e godos. — Gruta

«Almoester, nome que denota ser Arabigo, he todavia povoação mais antiga, e mais Christãa, do que o seu nome; ¹ porque de varios

¹ O nome é comtudo bem christão, ou póde ser tomado nesta idéa; a fórma archaica é Almoester que significa o «mosteiro», representando *al* o artigo arabe, e sendo *moester* = *monasterii* (moesteiro, mosteiro): cfr. Leite de Vasconcellos in *Revue Hispanique*, II, 118.

monumentos, e cippos se manifesta que já existia no tempo dos Romanos, e que permanecia com Christandade no dos Godos». (Tom. III, fl. 119).

«Foi a dita fundadora (do mosteiro) D. Beringueira Aires, dama da Rainha S.^{ta} Izabel. . . . com tradição de que se conserva incorrupta no seu tumulo, que está na Igreja daquelle mosteiro, não na Capella de S. João Evangelista, em que se mandou sepultar, mas na de S. João Baptista, atraz do retabulo desta e na parede entre hũa e outra sobre hum cenotaphio fingido de cal á face da mesma parede, esta o seu epitaphio primitivo em Letra gothica aberta em hũa pedra quadrada e he o seguinte :

HIC JACET DNA BERENGARIA UXOR QUONDAM DNI RODERICI
GARCIAE QUAE FECIT ISTUD MONASTE- | RIUM, ET LEGAVIT
OMNIA, QUAE HABUIT ; SPECIALITER LESIRAM SUAM DE AZAM
BUGIA : SUB CONDITI- | ONE QUOD DONNAE TENEANT UNUM
CAPELLANUM PERPETUE PRO ANIMA IPSIUS, ET VIRI SUI ; ET |
HABENT HABERE IN DIE BEATAE VIRGINIS DE RESIDUO UNAM
PITANCIAM : OBIT AUTEM IN HABITU | CISTERCIENSI IN DIE
BEATI ANDREAE. ERA M. CCC. XLVIII : CUJUS ANIMA REQUIES-
CAT IN PACE | AMEN : MENSE FEBRUARIIL».

(Id., fl. 120).

« . . . de que ha illustres memorias e epitaphios, e alli acabou a famosa Pelicana, Violante Gomez, mãi do infeliz Rei ou Pseudo Rei D. Antonio, cuja sepultura diz :

AQUI JAZ A S.^{RA} VIOLANTE

e nada mais tem o epitaphio. . . . Nelle (*mosteiro*) ha hum precioso monumento da antiguidade e christandade daquelle povoação ou de algũa dentro daquelle Couto, de que não ha noticia, mas muitos vestigios em ruinas nobres, de que se dará mais individual noticia nas memorias que agora não se puderão concluir : he hũa cruz de chrystal finissimo de figura pouco differente da que tem agora os Romanos, cuja medida e copia se mandou ha poucos annos a quem em Lisboa tinha a provincia de escrever o Supplemento ao Livro, que sahio destas noticias, que agora se pedem novamente, e tornará a hir nas ditas memorias. Não ha assento de quando foi achado, mas tradição constante de que a achara com o arado hum Laurador junto a este Lugar, e bem parece ser do tempo dos Godos : atrauessaa por dentro em cruz hum varão de ferro que sustenta unidas 4. peças de que se

compoem: o de mais se dirá de outra vez. He provavel se acharia em hum sitio chamado hoje a *Fonte-da-Moura* que esta referto de fragmentos de varias pedras lauradas, e de ruinas de edificios grandes, Igreja, e de Cippos Romanos, e colonias (*columnas*) que tem desfeito a rudeza daquelles povos, e do que permanece se dará depois noticia¹. (Tom. III, fl. 121.)

«A Paroquia está fora de Almoester meio 4.º de Legua. O seu Orago he S. Maria, Imagem da Senhora com o Menino no collo. Diz a tradição que fora antigamente achada perto dalli em hũa brenha ou penhasco onde no caminho de Almoester para alli está hũa boa fonte com bica moderna, e que por isto lhe chamão *Fonte Santa* de que tem que cura as sezões, o que não he certo, mas que tem esta fé os que padecem por dezejarem agua». (Tom. III, fl. 124.)

23. Alqueidão (Extremadura)

Galerias subterraneas. — Ossadas. — Thezouros de mouros. — Lapas

«Quase por todas as partes deste vale toa o chão, quando se anda ou bate, a vão dando mostras de haverem muitas concavidades, como abobedas, e alguas vezes se tem aberto alguns algares ou aberturas fundas, mas piquenas porque sem duvida os pedregulhos subterrados não dão logar a mais e facilmente se tapão². (Tom. III, fl. 196).

«Pela parte de fora da Igreja (*N. S. da Conceição ou da Serra*) se achão algũas pedras como que servirão de campas lavradas ja com rocas, e fuzos, e já com arados e instrumentos de agricultura». (Tom. III, fl. 197, cfr. n.º 19. Em Julho de 1896 noticiou *O Seculo* o apparecimento junto á igreja de Amiaes de pedras identicas).

«No sitio chamado *Papagallinha*, limite do Lugar do Alqueidão, constame por pessoas fidedignas que andando hum homem a arrancar pedra descobrio hũa Lagem grande e cavando mais, e levantando a de hũa parte vio hũa ossada de homem de que atemorizado fogio para o Lugar, e vindo mais gente com elle se achou ser hũa sepultura do comprimento de onze palmos e meyo de craveira, feita toda

¹ Vid. *O Arch. Port.* II, fl. 21.

² No extracto das *Lapas* se dará noticia mais circumstanciada das galerias subterraneas existentes naquella freguezia que fica a pouco mais de meia legua de Alqueidão. Vide *O Arch. Port.* I, 112. O Sr. Visconde de Sanches de Frias publicou recentemente no seu trabalho sobre *Pombeiro-da-Beira* algumas noticias curiosas sobre galerias subterraneas alli chamadas os *Furados*. Devem ser de origem relativamente moderna, assim como as das *Lapas*.

de Lagens sem mais perfeição que de picão, unida com cal e areia, mais estreita da cintura para baixo e para cima mais Larga. O esqueleto occupava toda a sepultura, os ossos todos em seo lugar, mas descarnados de todo, muito grossos com proporção ao comprimento. Os rapazes e gente rustica despedaçarão logo tudo. Não me consta que se lhe achasse nem moeda, nem medalha, nem a campa tivesse Letras, por onde se podesse descobrir maior noticia. Por cima estava mato muito antigo». (Tom. III, fl. 200).

«Tem fama (a serra de Ayre) de haver thesouros dos Mouros, por cuja razão alguns ambiciosos por varias vezes tem hido cavar, e dis se que alguns acharão como pregos de ouro, porem não consta ao certo. Na frontaria do logar de Pedrogão estão na serra duas Lapas subterraneas hũa chamada a *Lapa-da-Moedeira*, hé como hũa caza alta, comprida, e larga, aonde no fim está hũa pedra como altar. Aqui nesta Lapa forão dous homens cavar com o sentido em thesouro, e de baixo de hũa Lagem depois de cavarem acharão muitos ossos, e muito grandes. A outra Lapa chamada a *Lapa-Tacanha* he mais piquena e de peor entrada». (Tom. III, fl. 201).

«... dizer o vulgo destas terras que sempre ouvirão contar que D. João de Castro, que foy cazado com D. Archangela viéra em outro tempo da sua quinta do Paul, onde fazia tabaco, como para lugar mais occulto fazello em hũa grande Lapa que está em *Val-de-Cabrão* no alto da serra: porem como não tenho mais noticia, tenho isto por couza do pouco credito. (Tom. III, fl. 202).

24. Gruta de Alvaro (Extremadura)

«Não ha mais Imagens no sitio desta villa que a do Mosteiro, que a tem, se dis, e está na ponta de hũ braço de Alvellos, perto da ribeira de Oleyros, e na serra da Garaduna sobre Castello-Novo, está a devotissima imagem de Nossa Snr.^a da Serra metida em huma gruta de huma penha com recetaculo de mais de 80 pessoas, he muito frequentada de Romeyros no veram, principalmente em setembro». (Tom. III, fl. 308).

25. Alvega (Extremadura)

Vestígios romanos

«Não tem privilegio algum; antiguidades, ou couzas dignas de memoria que ha, são que antigamente fora chamada esta freguezia de

Alvega a cidade de Euricio, como querem alguns, outros dizem que fora chamada a Cidade de Celeuco, porque tomou o nome do sobredito Martir, que na mesma padeceo, e que foi habitada de mais de sinco mil vizinhos e que por meyo della hia o caminho para a e que disto se vem ainda muitos vestigios, tambem serem ainda hũas pilares feitas de pedra e cal que tem ainda, estando demolidos, mais de quarenta palmos de altura, obra de grande custo por onde passava emcanada sobre hum grande braço do Rio Tejo a agua de hũa ribeira chamada a Lampreia, para regar hũa Lezirea ou campo, que no tempo do Inverno se ve circumdado do mesmo Tejo. Tem se descuberto muitas sepulturas, em que se acharão ossos e muitos candieiros de barro mas não se ve, nem se acha a pedra da Cidade, nem se sabe em que se consumisse, julgasse que toda a Cidade fora feita de adobes e ladrilhos porque disto esta o campo cheyo, excepto os alicerces porque estes forão feitos de pedra e cal, como se está ainda hoje vendo. As casas todas herão pequenas e em hũa grande que se vio se acharão muitos instrumentos de ferro, com os quais laurauão e pulião humas pedras de varias cores de grandeza e tamanho de dados, em tanta copia que se podião medir muitos moios, e destas fazião os habitantes vistosos embrexados¹, como se tem visto. Foi tão grande a Cidade que chegou a outra parte do Rio Tejo: estas são as memorias que ha». (Tom. III, fl. 315.)

26. Padrão de Alvellos (Entre-Douro-e-Minho)

«Finalmente na extremidade desta Parochia pera a parte do Norte, junto da Estrada Rial que a atravessa desde o Norte ao Sul, de Barcellos pera Lisboa se acha para a parte do Poente da dita Estrada forca em signal da jurisdicção alta da Villa Barcellos, que antigamente exercitavão os seus Donatarios, e bem defronte pera a parte do Nascente se acha hum Padrão de pedra quadrada muito antiga com hũa crux em sima com duas Imagens de Christo crucificado hũa olhando para o Norte outra olhando para o Sul, costas com costas. E na haste do Padrão que he muito mais Larga que a da Crux, estão esculpidos de meyo relevo; de hũa parte a figura de hum peregrino, e por sima um gallo, e da outra parte esta a figura de hum enforcado e por sima hum Seraphim, tudo feito muito toscamente. Não pude averiguar com

certeza, nem a origem nem o motivo porque se pos ali o dito Padrão, posto que ouvi algũas tradiçoins que me parecerão historias de velhas a que não dou credito». (Tom. III, fl. 322).

27. Alvito (Alemtejo)

Etymologia popular. — Inscricção christã

«Na praça desta villa ao pé do Castello e palacio tem huma grutta que tem a modo de hum portado, e com as suas aguas moem nove moinhos, e se regam doze ou quatorze hortas. A esta gruta, e principio desta fonte, que recolheo fugido hum Toiro, o qual por ser muito branco lhe chamarão *Alvito*¹, outros dizem, que achado pelos que o buscavão gritarão *Alvitre, cá está o Toiro*, na entrada desta gruta se achava huma Aranha, a qual era de extraordinaria grandeza em forma, que fazia deficultoza a entrada para tirarem o toiro, e daqui vem o serem as armas desta villa hum Toiro com huma Aranha, mas tudo isto não tem mais certeza que huma simplex tradiçãõ». (Tom. III, fl. 368).

«Na praça desta villa está hum arco que vay para o Rocio e campo sobre o qual está hum nincho (*sic*) em que algum dia esteve huma Imagem de S. Roque, por cujo motivo ainda hoje se chama o Arco de S. Roque, nas costas deste nincho está huma pedra, que foy campa de hum servo de Deus, pois tem hum Letreiro e epitafio seguinte:²

A ✠ Ω
TAVMASI
VS FAMVL. ▲
VIXIT ANN L. III
REQUIEVIT IN PAC.
CRISTI ▲
XVIII MARTIAS
ERA DC

(Id. fl. 370).

¹ *Alvito* é nome proprio germanico; tambem se escrevia *Aloito*. É possivel, porém, que não haja relação entre estes dois nomes. Relação entre *v* e *o* encontramos-a ainda em *Geloira* e *Gelvira* (Elvira); ainda ha mais exemplos. [Sendo o etymo de *Alvito* o que o Sr. Azevedo propõe, explicava-se *Alvite* (na Beira-Alta) pelo genetivo *Alviti*.—J. L. DE V.]

² Por lapso n-*O Arch. Port.*, I, 317, no artigo *Alvito* attribuiu-se esta villa ao *Entre-Douro-e-Minho* devendo te-lo sido ao *Alemtejo*.

28. Alvor (Algarve)

Inscrição portuguesa

«Comprovasse o terem havido homens bons nesta villa, pelo Numero grande de Campas que ha nesta Igreja com Lettreiros, antre as quais está huma de desmarcada grandeza, com um Letreyro que diz assim

AQUI JAS O

GRANDE ALVARO DE ATHAYDE, PAY DE TRISTÃO DE ATHAYDE

porem não se sabe quem foçem estes homens, nem de que familias prosedem¹, e menos as mais sepulturas, pello que se supõem muyto antiguas». (Tom. III, fl. 384).

29. Alvorge (Extremadura)

Torre do Tempo de Trajano

«Este Lugar não he murado, nem he Praça de armas. Junto ao Lugar está a Torre-da-Ladeia que está na Quinta, em pouca distancia da qual, nasce a mencionada fonte. Os Romanos² no tempo de Trajano fizerão esta Torre e Casa forte para defeza da fonte... Esta Torre principal tinha no tempo de Pedro de Figueiredo da Guerra tres andares e pela demasiada altura se reduzio a somente dois que ainda existem, com quatro Piramides nos Cantos e o resto da fortaleza a deixou ficar em hum só sobrado fazendo-lhe galaria e ornandoa com a varanda na Entrada... está de posse della Pedro José de Salazar Jordão da Cunha de Eça de Sousa de Azambuja, senhor da casa de Salazar». (Tom. III, fl. 406).

30. Aluviada (Entre-Douro-e-Minho)

Crença popular

«... tem este dito rio de Ovelha coatro pontes de pedra a saber: a ponte de Larim, a ponte de Ovelha, a do Arco, e a da Aluviada

¹ Tornaram-se notaveis estes dois homens no sec. XVI na guerra d'Africa e na India.

² Será talvez difficil provar.

e logo abaixo desta se mete o dito rio no rio Tamega passando todas as suas agoas por baixo de hũa profunda concavidade de Penedos em tal forma que por baixo delles corre o dito rio sem se ver em distancia de coatrocentos passos e por esta rezão o vulgarismo entrou a difamar o tal sitio da ponte da Aluviada por sitio vexado do Demonio¹, em tanta forma, que por todo o reino he noticia bem vaga, o que não consta a seus vezinhos, que em tempo algũ se vio nada naquelle sitio». (Tom. III, fl. 415).

31. Santo Amador (Alemtejo)

Fragmento de inscripção romana

«... tambem á porta da Igreja da parte de fora está huma pedra quadrada que mostra ter principio de columna, que dizem viera de hum sitio que se acha dentro desta freguezia a que chamão o Villar da Poupanna junto á Vaz do Paraizo donde se tem descoberto alguns edificios que parece ter sido convento dista o dito sitio, chamado Villar da Poupanna desta Igreja meya Legoa dentro da mesma freguezia e fica da Igreja para a parte do poente, tem a ditta pedra que bem si conhecem, sinco Letras grandes que dizem o seguinte LULUS». (Tom. III, fl. 420).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, vol. XIII, n.º 1, Janeiro de 1896.

No campo da archeologia contém o seguinte: *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, por F. Martins Sarmiento (noticia das antiguidades pre-romanas e romanas da cidade de Guimarães e seus arredores). No da numismatica: *Catalogo das moedas e medallas portuguezas da Socièdade Martins-Sarmiento*, por Freitas Costa (medalhas do tempo de D. Luis).

J. L. DE V.

¹ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, pag. 312; e Severiano Monteiro, in *Revista Lusitana*, iv, 87.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em **carta registada** ou em **vale de correio**, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

ARCHEOLOGIA INDUSTRIAL PORTUGUESA.

COUSAS ARABICO-POTUGUESAS.

NECROPOLE NEOLITHICA DO VALLE DE S. MARTINHO.

A «CRUZ DE PORTUGAL» EM SILVES.

Este fasciculo vae illustrado com 12 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

AGOSTO E SETEMBRO DE 1896

N.ºs 8 E 9

Archeologia industrial Portuguesa

Os moinhos

É com profunda saudade que vejo desaparecer pouco a pouco os vestigios da nossa antiga actividade, da nossa industria caseira. A machina vae triturando tudo no seu movimento vertiginoso, sem que mão piedosa se lembre de apanhar esses restos, humildes mas gloriosos, depositando-os depois em sitio, onde possam ser cuidadosamente estudados e onde a curiosidade lhes preste o merecido culto. Existe a archeologia da arte, porque não ha de existir a archeologia da industria? É certo que a prehistoria recolhe anciosamente todas as manifestações da civilização primitiva, e tanto considera a gigantesca pedra balouçante como o mais obscuro instrumento do trabalho rudimentar, mas bom fôra que a serie progredisse e que se applicasse o mesmo carinho e o mesmo espirito scientifico a todas as evoluções da industria.

Nas grandes exposições modernas é costume apresentar aos olhos do visitante o desenvolvimente completo por que passa qualquer materia prima em todas as successivas e complicadas metamorphoses, até se converter no mais surprehendente artefacto. Maravilha tanta força de engenho dispendida nos mais aperfeiçoados machinismos, mas mais maravilhado ficaria o espectador se presenceasse todos os processos e todos os instrumentos e aparelhos seguidos e adoptados desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. O Museu que realizasse semelhante ideia seria a escola mais instructiva do mundo. Algumas industrias paralyzaram; atingiram desde certa epoca a sua maior idade, e até muitos processos se perderam completamente. Ha casos em que a industria actual, apesar dos innumeraveis recursos que lhe

forneçam as sciencias, lueta desesperadamente para imitar a perfeição que obtiveram os antigos. A ceramica, os esmaltes e a vidraria cantaram de ha muito o seu triumpho numa orchestra de colorido intenso.

Antes que tudo se perca irremediavelmente, salvemos pela descripção e pela estampa o que ainda nos resta, dilacerado e partido, dos antigos documentos da laboriosidade portuguesa. Que pittoresca romagem a que alguém executasse por esse país fóra, reproduzindo no seu album todas as manifestações da esthetica e do trabalho nacional! Que poesia encantadora nessas tradições da fórma, da côr, do util e do deleitoso! Á sombra da ramada, através da gelosia estreita, ainda descortinareis a mulher do Minho tecendo a sua camisa de estopa ou a sua saia de listas. O oleiro, amoldando graciosamente o barro, transportará a vossa imaginação á Grecia ou á Etruria. Nas festas de aldeia, no enfeite dos andores, vereis até onde alcança o gosto ornamental do nosso povo, de uma garridice e de uma ingenuidade encantadoras. Não é só nos descantes, na linguagem, nas tradições, nos symbolos, nas parlendas, no viver intimo, nos costumes, que o *folklorismo* poderá fazer uma colheita preciosa. A vida material, a vida do trabalho, anda intimamente ligada á vida psychologica, e uma e outra deveriam ser surprehendidas ao mesmo tempo no seu conjuncto harmonioso.

O estudo no terreno devia ser acompanhado do estudo nos archivos, nos antigos tratados technicos, nos livros illuminados. Uma pagina do Apocalypse de Lorrvão do seculo XII é a historia animada da vindima: o lagar que lá vemos desenhado parece não ter soffrido aperfeiçoamento no decorrer de tantas centenas de annos. Em muitas casas de lavoura ainda vereis o mesmo typo, estacionario, de uma longevidade millenaria.

Uma investigação neste sentido seria não só de grande valor technico, mas até de grande valor artistico, porque viria documentar ao mesmo tempo a historia da industria e a historia da arte. É vulgar dizer-se que tal quadro não é obra de artista portugês, porque representa um movel, uma ferramenta, uma construcção, que não está em harmonia com o que conhecemos habitualmente. Quem nos diz, porém, que esse conhecimento é cabal, perfeito, resultado de um estudo de minucia e de consciencia? Quem visse num quadro um moinho hollandês, seria levado a crer que era da escola flamenga e não da escola portuguesa. Pois entre nós tambem houve quem construísse moinhos á hollandesa, como veremos ao dar notícia de um privilegio concedido no tempo de D. João III.

Uma das industrias que mais alta e geral importancia teve entre nós e que tende a desaparecer completamente é a da moagem pela força hydraulica ou pela força do vento. A moagem a vapor não tardará a proclamar definitiva e completamente o seu triumpho. O moleiro perdeu todo o seu prestimo e ninguem faz caso d'elle, quasi reduzido áquelle personagem burlesco da canção brejeira, a quem o diabo reduziu á condição de eunuco. E numa epoca de egualitarismo, em que a democracia devia nivelar todas as classes e todos os homens, os industriaes contemporaneos, pelo contrario, tendem a afidalgar-se e como que se envergonham dos seus epithetos seculares consignados nos regimentos das respectivas corporações. Os mesteiraes da idade media e os mesteiraes de hoje! Que villipendio para um moageiro ser moleiro! e que vergonha ser padeiro para um manipulador de pão!

Tenho pena, confesso-o sinceramente, que a fabrica viesse substituir o moinho. O utilitarismo ganhou, mas a poesia perdeu. Ainda hoje o moinho em ruinas, quer no alto da montanha, quer no fundo do valle, soprando a musica do vento, ou murmurando a musica das aguas, é um dos mais bellos enfeites panoramicos que eu conheço. Uma circumstancia contribue poderosamente tambem para que me sinta arrastado por uma sympathia saudosa para estes curiosos monumentos do trabalho antigo. O moinho podia ser o emblema da minha heraldica. Meu avô materno era moleiro. Se algum aspirante a fidalgo existe na minha familia, que me perdoe esta revelação indiscreta.

Quando eu era criança lembra-me ter ido com minha familia passar um domingo nos arredores do Porto em visita a um moinho. O sitio onde fosse não me recordo; debalde tenho procurado evocar o seu nome, porque desejava agora visital-o outra vez para cotejar a impressão antiga. O que sei é que nunca se varreu da minha memoria o quadro phantastico, que então presenciei e que ainda vive estampado na minha retentiva, como um desenho de Gustavo Doré na atmosphaera nevoenta de Londres. Tinha o que quer que fosse de um castello medieval; e a agua passando por baixo das pontes, lá no fundo, produzia um ruido lugubre, que estonteava com uma attração fatal. Esta melopeia sinistra ouço-a frequentes vezes, involuntariamente, sem mesmo cuidar no passado, mas em vez de me aterrorizar, deleita-me, porque me parece uma canção do *bon vieux temps* embalando melancholicamente todas as recordações da minha infancia.

Dotado de poderosas faculdades affectivas e imaginosas, que se reflectem exuberantemente na sua litteratura, na sua poesia, na sua historia, na sua vida maritima cheia de audacia e de aventura, em compensação o povo portuguez já não possui, no mesmo grau de intensidade,

as faculdades inventivas. Exceptuando os descobrimentos marítimos, em que parece haver-se concentrado toda a sua actividade, no demais não me recordo de nenhum invento português que ficasse marcado assinaladamente nos annaes da sciencia ou da industria. No entanto, esta falta deve attribuir-se tambem em grande parte ao nosso descuido proverbial, que deixa no esquecimento ou que não regista opportunamente qualquer demonstração, mais ou menos notavel, da nossa aptidão scientifica ou do nosso engenho industrial e artistico. Rebuscando os archivos officiaes, ainda se encontram com bastante frequencia documentos comprovativos de que não vivemos sempre na ociosidade e que a nossa imaginação se empregou tambem em alguma cousa de novo ou de util. Uma das preoccupações do nosso espirito foi o aperfeiçoamento dos motores, já hydraulicos, já de outra qualquer natureza. São bastante numerosos os privilegios concedidos nesta especialidade pelos nossos reis, e por agora particularizemos aquelles que mais discretamente se referem á moagem.

Em 1534, D. João III concedia a Balthesar Gomes, morador em Coimbra, privilegio para certos engenhos que inventara para moer pão e azeite, sem necessidade de fazer açudes e sem impedir a navegação nos rios ou ribeiros onde taes machinas se assentassem. Balthesar Gomes havia feito mostras da sua experiencias perante el-rei. O mesmo soberano concedia, em 1545, carta identica a um Affonso Garro, morador na ilha de Porto Santo para uns engenhos, *que nunca foram inventados e sabidos antes d'elle os inventar*, e de tão subtil maneira que moíam o dobró do que costumavam moer todas as moendas até então existentes nos reinos de Portugal e seus senhorios. Era de quatro feições o seu novo engenho: um d'elles moía com uma só besta e com uma só roda, que fazia mover duas mós e dois carreteis; o segundo moía com agua ou besta, tinha duas mós e um rodizio rasteiro de cubos: o terceiro moía com o mesmo rodizio e uma só roda com duas mós: o quarto finalmente era para moer azeite *com duas pedras de perallto*. Declarava o seu auctor que estes engenhos faziam pouca despesa, e que um d'elles já estava funcionando em Porto Santo. Este documento, redigido com uma certa ingenuidade, é o que mais desenvolidamente nos descreve os novos apparatus e por onde se pode fazer mais approximadamente uma ideia da sua estructura.

Em 1571, o doutor João Rodrigues Cardoso obtinha carta de privilegio para um engenho de moer segundo o systema que indicava na sua petição. Em 1589 Paschoal Montanha, quereineiro, alcançava privilegio para um engenho, descoberto por elle, para limpar com

muita facilidade e pouca despesa todas as caldeiras dos moinhos do salgado. Paschoal Montanha era veneziano e fôra nomeado, em 7 de setembro de 1579, mestre das querenas que se houvessem de dar ás naus da India e navios dos armazens reaes. Tinha com este cargo o ordenado de 24:000 reaes por anno. Á cathegoria de Paschoal Montanha pertence igualmente um Maximo de Pina, fidalgo da casa real a quem Filipe II passou carta de privilegio a 16 de fevereiro de 1608 para um engenho que inventara de *alimpar as caldeiras de moinhos somente*. Este Maximo de Pina era homem muito habilidoso, dotado de espirito industrial, pois em seu nome vemos passadas mais tres cartas de privilegio: uma para certos engenhos com que dobrava o uso das aguas das fontes de Lisboa; outra para fazer uns engenhos de amassar, coser e biscoutar pão; a terceira finalmente para o estabelecimento de um forno de vidro.

Do seculo XVI passemos ao seculo XVII e XVIII. Em 1616, Balthesar Soeiro, advogado em Lamego, obtinha carta de privilegio para um engenho para moendas, tirando a agua onde estivesse e fazendo-a subir de logares baixos a altos. Em 1727, D. João V concedia privilégio a Roman de Latorre, castelhano, para dois engenhos que intentara fazer, sendo o primeiro para serrar madeira, sem auxilio de motor hydraulico ou de vento, movido só por um homem, o qual fazia tanto trabalho como dois serradores. O segundo era um moinho para moer trigo, o qual, movido por uma besta, moeria sessenta alqueires em 24 horas. No mesmo reinado, um Domingos Velho Vieira, residente em Evora, inventou uma nova machina de moer pão, pois independente de agua, de vento ou de animaes, e tocada apenas por um homem, podia fazer andar muitas pedras. A respectiva carta de privilegio tem a data de 20 de agosto de 1745¹.

Por estas notas sacadas dos registos officiaes se vê quanto a mechanica do moageiro se havia desenvolvido em Portugal e como em diferentes epochas appareceram inventores a introduzir melhoramentos neste importante ramo da nossa actividade industrial e economica. O elemento estranho não deixaria de exercer a sua influencia e por certo não faltaria quem implantasse entre nós o que lá por fôra houvesse de mais aperfeiçoado. O grande tracto commercial que então sustentavamos com algumas nações da Europa, a influencia de estran-

¹ Tenho copia na integra dos documentos comprovativos d'estes factos, mas resolvo-me publicá-los em monographia especial que trago em elaboração sobre os *inventores portugueses*.

geiros, que concorriam a Lisboa, como o mais importante emporio mercantil do seculo XVI, tudo isto contribuiria por certo para se adoptarem processos mais em voga nos outros povos. Um alvará promulgado em 1552 por D. João III vem confirmar este raciocinio *a priori*. Jeronymo Fragoso, moço de estribeira, obtinha privilegio para construir em Evora um moinho de vento ao modo dos que havia em Flandres. Era o primeiro que então se levantava naquella cidade e seu termo, mas é provavel que já existissem em outras terras do reino¹. Jorge Ervert, allemão, tinha uns moinhos na ribeira de Alcantara, de que pagava de foro ao armazem real quatro moios de trigo por anno. D. João III, em carta de 27 de janeiro de 1527, o isentou d'esta contribuição attendendo aos serviços que d'elle tinha recebido. É natural suppor que Jorge Ervert introduzisse na sua propriedade os melhores processos de moagem adoptados na sua patria².

Reservei para ultimo lugar o dar noticia de uns moinhos, de que hoje não existe, creio, o mais remoto vestigio. Refiro-me aos moinhos em barcas, sobre as aguas do Tejo, e que por certo trabalhariam com a força da maré. Dois interessantes documentos conheço eu relativamente a este assumpto, ambos do mesmo reinado e com intervallo de 17 annos. O primeiro é uma carta regia de D. Affonso V de 18 de maio de 1451, permitindo ao infante D. Henrique, seu tio, que pudesse mandar fazer na alcaçova de Santarem quantos moinhos de vento lhe aprouvesse e o mesmo no Tejo em barcas desde a ribeira de Santarem até á foz de Lisboa. Esta doação era puramente gratuita e se mais alguma pessoa os quizesse fazer, não lhe seria estorvado, contanto que pagassem o respectivo direito, de que el-rei fazia mercê ao infante. Por morte d'este, todos os moinhos, de qualquer natureza que fossem, passariam para a corôa com todas as suas bemfeitorias e pertenças³.

Em 1468 era feita mercê identica a D. Lopo de Almeida, do conselho de el-rei, seu vedor da fazenda, em attenção aos seus serviços e aos de seus antepassados, sobretudo aos de seu avô. Assim foi permitido, tanto a elle como a seus herdeiros e successores, que fizessem no rio Tejo, em Abrantes e todos os seus termos, tanto numa como noutra margem, quaesquer engenhos de moendas que lhes aprouvesse *asy sobre barquas, como por qualquer maneira*. As condições, porém,

¹ Vid. documento n.º 1

² Vid. documento n.º 2.

³ Vid. documento n.º 3.

variavam, porque a mercê não era absolutamente gratuita como fôra a do infante D. Henrique. Lopo de Almeida, e seus herdeiros, pagariam dê foro por moenda, um par de capões e um pato¹.

Em Lisboa diligenciou-se ha annos estabelecer um motor hyraulico no Seixal, aproveitando o fluxo e refluxo das marés, para moagem de cereaes, descasque de arroz, etc. Tentou-se igualmente a formação de uma companhia denominada *Ceres* para explorar a concessão que para aquelle fim fôra feita ao major Jorge Higgs em carta de lei de 24 de abril de 1873. Esta empresa, porém, não foi por diante².

Os documentos em que me tenho estribado para esta noticia historica, se dão uma ideia do impulso geral, não fornecem todavia os elementos indispensaveis para se poder avaliar devidamente a natureza dos inventos ou dos engenhos privilegiados. Se as cartas de privilegio conservassem appensos ou transcrevessem as petições dos interessados, por ali poderiamos acaso colher mais largos pormenores descriptivos. Apenas na carta de Affonso Garro se faz mais detidamente menção da qualidade dos seus engenhos. Por todos estes motivos é que reputo da maior vantagem e da maior necessidade a organização de un inquerito, não puramente estatístico, como os que tem sido dirigidos e organizados pelo ministerio das obras publicas, mas de character archeologico, em que se inventariasse tudo o que ainda existisse relativamente á industria da moagem: a fôrma architectonica do moinho, a sua estructura mechanica, a nomenclatura de todo o seu apparelho e funcionamento, as differenças que em tudo isto se dão de provincia para provincia. A ethnographia, a lingua, a industria, lucrariam indubitavelmente com estes pormenores, a que se poderia dar além d'isso um character poetico e sentimental, recolhendo todas as lendas e tradições, copiando todas as construcções que se recommendassem pelo seu aspecto ou pela sua localização. Em Vallongo, a duas leguas do Porto, tive ha tempos ensejo de observar uns moinhos, cuja situação pittoresca daria motivo a um pintor de talento para o mais delicioso quadro de paisagem. Era na confluencia do Sousa

¹ Vid. documento n.º 4. Este D. Lopo de Almeida foi dos que acompanharam a infanta D. Leonor, irmã de D. Affonso V, imperatriz da Allemanha, na sua viagem de nupcias á Italia. São d'elle as interessantes cartas em que descreve a el-rei os episodios d'este consorcio.

² Veja-se *Memoria descriptiva e historia documentada do motor hyraulico «Seixal»*, pelo major Jorge Higgs, Lisboa 1879.

e do Ferreira, correndo entre montanhas alpestres, que pareciam debruçar-se curiosas e ciumentas para assistir ao noivado dos dois rios. Um idyllo de Florian num scenario de Salvador Rosa.

É tempo de proceder a este inventario, enquanto não se anniquilam as memorias ainda existentes, e que nos poderiam servir de guia seguro no labyrintho do passado. Não evoquemos estas ruinas para amaldiçoar o presente, porque é bem sabido que a obra do homem, ainda mais que a obra da natureza, está sujeita a profundas modificações, que redundam, na maioria dos casos, no seu constante aperfeiçoamento. Nesta lucta porfiosa inclino-me com saudade para os vencidos, mas não posso deixar de reconhecer que os vencedores ganharam heroicamente a palma do triumpho. A sua victoria, porém, ha de ser ephemera como a de seus antecessores, pois novos rivaes lhes virão disputar a primasia. A todos porém é reservado um lugar honroso na historia, porque todos contribuíram para o bem estar social, e se acaso a humanidade soffreu algum abalo inquietador, a perturbação passa, a serenidade revive e a confiança renasce. Nem sempre as phases novas representam melhora, antes se podem considerar como retrocesso, mas a formula geral da civilização nem por isso perdeu a intensidade do seu brilho, nem a grandesa da sua pujança. Os sobresaltos causados pelos novos descobrimentos na vida activa de um povo são por vezes sensiveis e dolorosos, mas os desastres são generosamente reparados e as perdas amplamente resarcidas.

Se no fundo do nosso coração modula tristemente a flauta de Theocrito accordando os eccos extinctos das paisagens arcadicas, nos nossos labios rebenta impetuosa a canção dos novos Tyrtheus, soltando o côro do trabalho, ao silvo das locomotivas e ao rugido impetuoso da orchestra das fabricas!

No seu conjuncto, a superioridade da industria moderna é indiscutivel, não tenho dúvida em repeti-lo, mas essa supremacia geral não dá direito a olhar com desdem, lançando num offensivo esquecimento, todos os antigos processos e conhecimentos mechanicos. Na actualidade está-se suscitando uma propaganda de reacção contra o systema a vapor de moagem, não faltando quem pretenda rehabilitar, como mais hygienico e salutar, o systema da mó. O trigo sae mais alvo dos cylindros modernos, mas o que ganha em apparencia perde em elementos nutritivos, segundo affirmam diversos individuos que se teem dedicado ao estudo da materia, embora outros sustentem doutrina opposta. O desfecho d'esta campanha só poderá ser ou a rehabilitação do antigo moinho, convenientemente modificado, ou a modificação completa dos cylindros actuaes.

Por todos estes motivos, é que julgo de suprema vantagem um inquerito e um inventario industrial, em que a archeologia, a mechnica, a economia e a sciencia em geral apresentem os resultados das suas investigações e emittam o seu voto auctorizado.

Quem sabe se o ruído lamentoso da azenha, longe de ser o derradeiro canto do cysne, não é senão a magoada voz preventiva, que nos avisa de algum perigo que estejamos correndo?

Ouçamo-la enternecidamente, compassivos, mas ouçamo-la tambem reflectidamente, attentos, como quem tem necessidade de receber um conselho e de escutar um oraculo!

Documentos

I

Carta regia de D. João III, de 1 de agosto de 1552, concedendo privilegio a Jeronymo Fragoso, para a construcção de um moinho hollandês em Evora.

Eu el-Rey faco saber a quantos este meu aluara virem que Jeronimo Fragoso, meu moço destribeira, me enuiou dizer que elle queria fazer hum moinho de vento na cidade d'Evora ao modo dos que ha em Frandes. E porque a tal obra hera ãnobrecimento e proucito da cidade e nella não ouuera nunca moinho de vento desta maneira, me pedia que ouuese por bem que pesoa algua não podese fazer outro moinho desta calidade na dita cidade nem em seu termo sob as penas que me bem parecessem. E visto seu requerimento e avendo respeito ao que diz, e por lhe fazer mereê, ey por bem e me praz, fazendo e acabando elle na dita cidade o dito moinho de vento ao modo dos de Frandes, de maneira que este moente e corrente dentro de tres annos, que começarão da feitura deste, que pesoa algua de qualquer calidade que seja não possa dhy em diante fazer outro moinho de vento na dita cidade nem em seu termo da calidade e maneira do que elle asy fazer sob pena de o perder pera o dito Jeronymo Fragoso, e pagar cinquôta cruzados, ametade pera os catiuos e a outra metade pera quem os acusar. E mando ao corregedor da comarqua da dita cidade. . . . Jorge da Costa o fez em Lisboa ao primeiro dia dagosto de mill bº cinquenta e dous. Manuel da Costa o fez escrever.

(D. João III. *Privilegios*, L.º 1, fol. 128 v.)

II

Carta regia de D. João III, de 27 de janeiro de 1527, isentando Jorge Ervert, allemão, do pagamento do fôro de uns moinhos que tinha em Alcantara.

Dom Joham &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aos serviços que tenho recebidos e ao diante espero receber de Jorge Ervert, allemã, e queremdohe por iso fazer graça e merce, tenho por bem e me praz que deste mees de janeiro deste ano presente em diante elle não pague em dias de sua vida os quatro moios de trigo, que cada ano pagava e he obrigado

pagar de foro ao meu almazem dos seus moynhos que tem em Alcantara, e esto em dias de sua vida. Porem mado ao almoxarife ou recebedor do dito meu almazem que do dito dia em diante nã constranga nem mado constranger o dito Jorge Ervert a pagar o foro dos ditos quatro moyos de trigo, que ate aquy pagou e he obrigado pagar dos ditos moynhos, por quanto lhe faço deles merce em dias de sua vyda, como dito he. E esta se treladara nos livros da dita casa per hum dos esprivães della pera se saber como lhe tenho feita a dita merce. E por firmesa dello lhe mandey daar esta carta per mym asiuada e aselada do meu sello. Dada em Lixboa a xx bij dias de janeiro — Antonio Paaez a fez — de mill bº xx bij.

(D. João III, *Doações*, L.º 30, fol. 11).

III

Carta regia de D. Affonso V, concedendo licença ao infante D. Henrique para construcção de moynhos na alcaçova de Santarem, e em barcas sobre o Tejo — 18 de maio de 1451.

D. Affonso &c. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e merce ao Ifante dom Hemrique, meu muito preçado e amado tio, teemos por bem e damoslhe lugar e licença que elle possa mandar fazer na alcaçova da nossa Villa de Santarem moynhos de vento, quantos lhe prouuer, e auer o proneito delles pera ssy em sua vida, e que outrossy possa mandar fazer moynhos, quantos quizer, no Tejo, em barcas, des a ribeira de Santarem ata a foz de Lixboa, e que se algũa pessoa ou pessoas no dito rio os fazer quizerem que os possam fazer com condiçom que paguem a nos nosso direito, do qual fazemos merce ao dito meu tio, e que, quando a Deos prouuer de leuar da vida deste mundo o dito Ifante, que os ditos moynhos, asy os que elle fezer na alcaçova como os outros, fiquem liuremente e aa coroa de nossos reynos com todas ssuas bemfeitorias e pertenças. E porem mandamos aos veedores de nossa fazenda e contadores e a quacesquer outros, a que esto perteneer, que leixem assy mandar fazer ao dito meu tio os ditos moynhos ou a quem elle mandar e rrecadar pera ssy o dito dereito comprindo esta carta como em ella faz mençom ssem poendo ssobrello outro algum embargo. Dada em Almeirim x bij dias de maio — Gonçallo Cardoso a fez — ano de nosso seõor de mil iiijº e lj anos. E eu Lourenço de Guimarães a fiz escrepuer¹.

(D. Affonso V, L.º 11, fol. 51 v.).

IV

Carta regia de D. Affonso V fazendo concessão identica á anterior a D. Lopo de Almeida.

D. Affonso &c. A quantos esta nossa (falta *carta*) virem fazemos saber que consyrando nos os muitos e grandes e continuados seruiços que atee o presente recebidos temos e bem asy ao diante esperamos receber de Lopo dAlmeida, do nosso conselho e veador da nossa fazenda, e iso mesmo os muitos e grandes ser-

¹ Este documento já foi publicado no *Instituto*, vol. xli, pag. 571, pelo nosso amigo e distincto investigador Sr. Brito Rebello, num seu estudo sobre o infante D. Henrique.

niços que os Reis nossos antecessores tem recebidos dos antecessores e avoo do dito Lopo dAlmeida, e querendolho agrardoloar em algũa parte, conhecendo que qualquer merce e bem que lhe façamos nos tem bem merecido, temos por bem e damoslhe lugar e licença que elle e todos seos erdeiros e soceores que depos elle vierem posam fazer em o rio do Tejo, em Abrantes e em todos seos termos, de hũa parte como da outra, quaes quer engenhos de moendas que lhes prouuer e por bem teuerem, asy sobre barquas como per qual quer maneira que lhes prouuer e em quaces lugares do dito limite que elle quiser, asy de hũa parte do Rio como da outra, e queremos que daquy em diante nem nosos soceores que despoes nos vierem nem outra algũa pesoas per nossa nem sua auteridade nom posam fazer em o dito rio dentro das ditas marqas de Abrantes e seos termos de nenhũas das partes do Rio nenhuus engenhos de moendas que se em ele posam fazer, porque nossa vontade he lhe fazermos pura irrenogauell doaçom do nosso motu proprio, liure vontade, certa ciencia, poder asoluto, sem nollo por elle pedir nem outrem por elle, do vso ou fruto das ditas moendas do dito Rio, segundo per nos he demarquado, asy e tam compridamente como nos podemos e a nos de direito pode pertencer ou pertença e melhor se o elle melhor poder teer e aver, por que queremos que elle e os ditos seos herdeiros ajam pera todo sempre o dito husso e fruto e todo proueito das ditas moendas pera sy em saluo sem nos nem os ditos nossos soceores delle nem dos ditos seos herdeiros avermos coussa algũa, saluo hũu par de capoães e hũu pato, que o dito Lopo dAlmeida e seos herdeiros pagarõ a nos e a todos nossos soceores em cada hũu anno de foro e em nome do senhorio de cada hũu engenho de moenda que asy fizer em o dito Rio e limite per nos demarquado, e tresmudamos em o dito Lopo dAlmeida e herdeiros toda propiedade, auçam e senhorio que em o dito Rio temos e avemos e poderemos teer e aver de direito pera fazer as ditas moendas no dito limite asy per nos demarquado, e lhe damos lugar e licença e aos ditos seos herdeiros que elles posã dar e doar, trocar e escãbar a quem quiserem e por bem teuerem o dito direito e propiedade pera fazer as ditas moendas, de que lhe nos fazemos merce e irrenogauell doaçom pura e per todo sempre sem pera ello lhe ser neçãria nossa auteridade e licença nem dos ditos nossos soceores, por que nossa merce he que o dito Lopo dAlmeida e erdeiros façã dello o que lhe aprouuer como de sua coussa propia e isenta, contanto que aquelles que delle onuerem ou dos ditos seos herdeiros a dita propiedade e direito de moendas, per qual quer guisa que seja, paguem a nos ou aos ditos nossos soceores em cada hũu ano o dito foro e trabuto em nome do senhorio — s — os ditos dous capoães e hũu pato de cada hũu engenho de moer, que se em o dito Rio fezerem em o dito limite per nos demarquado, e acontecendo que nos ou os ditos nosos soceores em algũu tempo dermos lugar e licença alguas pesoas pera em o dito Rio fazerem algũus engenhos de moer em o dito limite ou as pera nos querermos fazer nom sendo desta carta de doaçom nembrado ou per quall quer outra maneira que seja, queremos e nos praz que fall licença seja nenhũa e de nenhũu valor per qual quer guisa que sejam feitas, posto que desta façã expressa mençã, e que nos nem os ditos nossos soceores sem outra algũa auteridade nossa nem dontra algũa pessoa posam roubar e diribar e destrõir os ditos engenhos que asy fizerem sem embargo de quaces quer nossas hordenações e direitos que em contrairo sejã feitas, os quaes nos avemos quanto a este caso por expresos e os denegamos a esta doaçom ante poemos nossa autiridade e queremos que valha e tenha como em ella he contheudo, soprindo em ella que defeito que for achado de feito ou direito por que nos prometemos per

nosa fee real em nosso nome e dos ditos nossos socesores de teer e mâteer esta nossa carta de doaçom ao dito Lopo dAlmeida e erdeiros por lhe fazermos graça e merce pellos muitos seruiços que delle temos recebidos como dito he. E por esta mandamos ao nosso contador da dita comarqua que faça registrar esta nossa carta em os liuros dos contos della pera per o dito registo se reeadar o dito foro em cada hñu ano e se saber em todo tempo como esto temos dado e outorgado ao dito Lopo dAlmeida e erdeiros e elle tenha por sua guarda esta nosa carta, per nos asynada e asellada do nosso sello pendente. Dante em a nossa mui nobre e sempre leal cidade de Lixboa — G^o Roiz a fez — ano de nacimiento de nosso Senhor Ihũ X^o de mill e iiij^o lxxiiij annos.

(D. Affonso V, *Doações*, L.^o 28, fol. 10).

SOUSA VITERBO.

Cousas arabico-portuguesas

1. A inscripção arabe do cofre da Sé de Braga

Com este titulo publicámos anteriormente n-*O Archeologo* (I, 273) um artigo que, por conter algumas inexactidões, vamos rectificar. Affirmámos que esta inscripção ainda não tinha sido publicada no seu original; ora ella já o havia sido pelo Sr. Don Rodrigo Amador de los Rios no seu trabalho *Memoria acerca de algunas inscripciones arábicas de España y Portugal*, pag. 281. A leitura da inscripção tambem está incorrecta numa palavra e incompleta noutra. O Sr. Amador de los Rios lê يدى onde nós lemos لدى, e não ha dúvida de que a sua é a verdadeira; o ي d'esta palavra tem no original a fórma de um ل, como nas outras palavras يين etc., alem de que é fórma muito corrente nas inscripções. A palavra seguinte é por este Sr. lida الفتا (por الفتى), no que concordo plenamente, porque o original não o contradiz. Parece-nos inutil dizer que مسعادة (como no nosso texto impresso) por سعادة é um erro de impressão, que nos escapou na revisão das provas.

Seja-nos permittido agora fazer algumas ligeiras observações ao texto tal qual foi publicado pelo Sr. Amador de los Rios. Este Sr. repete a palavra الله depois de امره الله separando-as por ponteados indicando uma lacuna no original; ora a inscripção é contínua nessa parte, sem interrupção de texto, nem tão pouco de sentido. O mesmo Sr. lê امر يعمل (mas nós بعمله); ora isto parece-nos incorrecto porque o verbo امر se construe ou com ب ou com أن e conjunctivo, assim امر بعلمه ou امر ان يعمل. Tambem lê este Sr. العامرى;

não ha dúvida de que S. Ex.^a tem razão, e escusado é dizer porquê, mas a inscripção não permite tal leitura. O ع é nella inicial, igual ao de على e de عزه e não ao de سعاده e de بعهد; não ha vestígios de آل, é verdade, porque a quebra se deu justamente junto ao ع, mas este não tem a fórma que deveria ter se tivesse junto o artigo.

Tambem contestámos ao Sr. Soromenho base para as suas inferencias historicas no que respeitava á identificação d'este Seifadaula, mas agora estamos convencidos de que o que elle diz é verdadeiro; mas as razões d'esta nossa mudança não estão no seu artigo, para o qual mantemos o que dissemos, mas sim porque o Sr. Amador de los Rios publica no mesmo trabalho duas outras inscripções de cofres. Ora na do cofre da Sé de Pamplona (pag. 282) vem todo o nome d'este Seifadaula, i. e., Seifadaula Abdelmélique Benalmangor; e porque o stylo d'elles é o mesmo.

A nossa traducção tem de ser ligeiramente alterada: A difficuldade está só na traducção da phrase على يدي que occorre frequentemente em documentos epigraphicos. O Sr. Amador traduz: «bajo la dirección»; mas o Sr. Codera, de Madrid, que nos fez favor de escrever á cêrca do caso, traduz de outro modo: «á costa de», sustentando esta sua interpretação num artigo de que S. Ex.^a nos mandou uma separata. No primeiro momento pareceu-nos esta traducção boa, e assim o communicámos áquelle Sr., mas hoje não propendemos muito para tal, ainda que nos não satisfazem completamente as outras, incluindo a nossa. A sua traducção diz: «. . . . felicidad y fortuna (sean) para el hachib Çeifodaulah de lo que fué mandado hacer á costa de», e é talvez um pouco estranho que o individuo offerente se exprima d'aquelle modo. A minha é a seguinte: «Em nome de Deus. A benção de Deus, felicidade e fortuna sejam com o hágibe Seifadaula —glorifique-o Deus!— por ter mandado fazer esta obra ao seu servidor amirita».

O Sr. Amador traduziu esta última parte assim: «. . . . Esto es de lo que mandó se hiciera bajo la dirección del paje (ó servidor) el amirita».

2. Inscripção lapidar arabe existente no Museu Districtal de Beja

A pedra tem os bordos bastante damnificados, e no angulo superior da direita soffreu uma pequena quebra. A inscripção é em cufico e bem gravada. A ella se faz referencia n-*O Arch. Port.*, II, 175.

Diz assim em caracteres vulgares :

[بِسْمِ] الله الرحمن [الـ
رحيم] وصلى الله على محمد
هاذا قبر محمد بن مفي
[?على] بن حود رحمه الله
تدفن يوم الاحد في ربيع
الاول سنة احدى¹ وستين
وخمس مائة

A traducção é :

Em nome de Deus clemente, misericordioso; e Deus abençoê Mohamede. Esta sepultura é de Mohamede filho de filho de Hude, Deus tenha compaixão d'elle. Morreu em uma segunda-feira do (mês) de rabi primeiro, do anno um e sessenta e quinhentos [561].

(I. e., quarta-feira, 5 de Janeiro de 1166 de J. C.).

Esta inscripção é, pois, em vista da data, já do tempo do dominio portuguez, porque foi em 1162 que os christãos se assenhorearam de Beja. Cf. A. Herculano, *Historia de Portugal*, I, pag. 399.

3. Inscripção de Mertola, pertencente ao Museu Ethnographico Portuguez

Esta inscripção (cf. *O Arch. Port.*, I, 221) está incompleta na parte esquerda, faltando-lhe para o fim um pedaço indicado pela ausencia de ponteados. Só pudemos ler algumas palavras; outrem mais perito conseguirá ler mais.

بِسْمِ الله الرحمن...
هاذا قبر.....
.....
.....
.....

Traducção :

Em nome de Deus clemente Esta sepultura

¹ Por احدى.

4. Inscripção de Friellas (arrabalde de Lisboa)

[Na casa de campo do Sr. Castanheira das Neves. Estudada numa photographia do Sr. José C. das Neves].



الدائم! الله
 ترحم
 بمصلكت يا
 واقفا وانظر
 مكانا دفعة
 الله هو....

Traducção :

Deus é eterno. Sê compassivo com o teu [bem] superfluo, ó tu que me estás vendo, e contempla um logar que é um dom do proprio Deus

¹ Pareceu-nos dever ler assim; mas não estamos bem certo da nossa leitura.

5. Inscripção de Goa

(No atrio da Sociedade de Geographia de Lisboa)

Esta inscripção foi trazida de Goa pelo Sr. Conselheiro Ferreira do Amaral, Presidente da Sociedade de Geographia, com o relicario de Affonso de Albuquerque, e a viga lavrada do palacio dos Viso-Reis. É uma lapide de marmore branco; os caracteres arabicos são magnificamente gravados. Da parte ornamental da lapide nada diremos por não termos competencia para isso; nem nos foi possivel obter a gravura d'ella para até certo ponto supprirmos tal deficiencia. A inscripção é anterior a 1562: e serviu de campa a uma sepultura, porque do lado opposto ha uma inscripção portuguesa que diz assim: *Esta sepultura é de Rvi Freire e jaz nella sua molher que faleceo na era de 1562*. Deve, sem dúvida, ter pertencido a alguma mesquita de Goa durante o dominio muçulmano. Esta cidade foi tomada ao rei de Bisnagá pelo da dynastia Bahmanida em 1469, e, por acabamento d'esta, passou ao Hidalção até ao anno de 1512 em que Affonso de Albuquerque definitivamente a senhoreou. A inscripção arabe não tem um só dado historico directo, mas apenas versiculos do Alcorão.

1. بسم الله الرحمن الرحيم*

2. لا اله الا الله الحى القيوم لا تاخذه سنة ولا نوم لد ما فى السموات وما فى الارض من ذا الذى يشفع عنده الا باذنه يعلم ما بين ايديهم وما خلفهم ولا يحيطون بشئ من علمه الا بما شاء وسع كرسيه السموات* 3. والارض ولا يوده حفظهما وهو العلى العظيم لا اكراه فى الدين قد تبين الرشد من الغى فمن يكفر بالطاغوت ويؤمن بالله فقد استمسك بالعروة الوثقى لا انفصام لها والله سميع عليم*

4. امن الرسول بما انزل اليه من ربه والمؤمنون كل آمن بالله وملائكته وكتبه ورسله لا تفرق بين احد من رسله وقالوا سمعنا واطعنا غفرانك ربنا واليك المصير لا يكلف الله نفسا الا وسعها لها ما كسبت وعليها ما كسبت ربنا* 5. لا تواخذنا ان نسينا او اخطانا ربنا ولا تحمل عليها اصرا كما حملته على الذين من قبلنا ربنا ولا تحملنا ما لا طاقة لنا به واعف عنا واغفر لنا وارحمنا انت مولانا فانصرنا على القوم الكافرين*

6. يبسّرهم رتبهم برجة مند ورضوان وجنتات لهم فيها نعيم مقيم
 7. خالددين فيها ابدا انّ الله عنده اجر عظيم*
 8. وقل رب انزلنى منزلا مباركا وانت خير المنزلين*
 9. شهد الله أنه لا اله الا هو والملائكة واولو العلم قائما بالقسط لا
 اله الا هو العزيز الحكيم ان الدين عند الله لاسلام وما اختلف الذين
 اوتوا الكتاب الا من بعد ما جاءهم العلم بغيا بينهم ومن يكفر بايات
 الله فان الله سريع الحساب*

Traducção:

«1. Em nome de Deus clemente, misericordioso. [*Princípio de todos os capitulos ou suras do Alcorão*].

2. Não ha mais que um Deus vivo, eterno. Não ha somno que o domine. Elle é senhor do que está nos céus e na terra. Quem póde interceder junto d'elle sem a sua permissão? Elle sabe o que existirá depois dos homens, e o que existiu antes d'elles: os homens só sabem o que elle quer. O seu solio é formado pelos céus 3. e pela terra; e para rege-los não precisa esforço, porque elle é o Deus sublime, grande. [*Alcorão, cap. II, vers. 256*]. Não forceis á crença, pois o caminho da virtude é bem distincto do do êrro; e aquelle que renega os idolos, e crê em Deus, em verdade, segura um esteio inquebravel, porque Deus tudo ouve e sabe. [*Alcorão, II, 257*].

4. O Propheta acreditou no que o Senhor lhe revelou; e todos os crentes acreditaram em Deus, nos seus anjos, nos livros santos e nos prophetas sem differença entre elles. Elles disseram: Senhor, nós te escutámos e temos obedecido; concede-nos o teu perdão, Senhor, porque todos iremos para ti no dia final! [*Alcorão, II, 285*]. Deus só obriga segundo o que póde cada um; e este terá por si o seu bom procedimento e contra si o mau. 5. Senhor, não nos castigues se nos esquecermos ou pecarmos; não nos opprimas com o fardo com que opprimiste os nossos paes; não nos opprimas superiormente ás nossas forças; perdoa-nos, sê-nos indulgente, sê compassivo, porque tu és nosso amo: faze-nos vencedores dos infieis! [*Alcorão, II, 286*].

6. O Senhor promete-lhes [aos fieis] a sua misericordia, contentamento e jardins [do Paraizo] em que reinará a bemaventurança eterna; [*Alcorão, IX, 22*]. 7. em que elles viverão eternamente: a recompensa de Deus é immensa! [*Alcorão, IX, 23*].

8. E diz ao Senhor: abençôa o meu desembarque [de Noé, depois do abaixamento das aguas do diluvio] porque tu és o melhor guia. [*Alcorão, XXIII, 30*].

9. Deus testemunhou que não ha outro senão elle; e os anjos, e os sapientes em verdade são constantes em affirmar que não ha mais que elle, poderoso, sabio. [*Alcorão*, III, 16]. A crença em Deus é o islamismo; aquelles que receberam o Livro [Santo] só o negaram depois que o saber os illuminou, e foi este que os levou ao êrro; e aquelle que renegar a palavra de Deus, Deus o renegará. [*Alcorão*, III, 17].

DAVID LOPES.

Necropole neolithica do valle de S. Martinho

1. Notícia descriptiva.—Fôrma dos monumentos

Num mato, propriedade do Sr. Manuel Joaquim de Oliveira, a uns dois kilometros a NE. da villa de Sintra, no sítio que chamam o valle de S. Martinho, descobriram-se, ao fazer-se allí uma sorriba, algumas ossadas humanas; junto d'essas ossadas acharam-se fragmentos de ceramica do typo conhecido das estações neolithicas, alguns rolos de calcareo semelhantes aos que foram encontrados nas estações prehistoricas de Licêa e de Bellas¹, e muitos calhaus rolados, alguns de grandes dimensões, tudo envolvido na terra até mais de 1 metro de profundidade.

O Sr. Dr. Alfredo Bensaude, tendo tido conhecimento d'estes factos, communicou-os ao director do Museu Ethnographico Português, a quem apresentou o Sr. Oliveira. Este cedeu amavelmente para o Museu os objetos que havia recolhido, e permittiu no seu terreno as explorações que por conta do Museu depois se fizeram, e de que o presente artigo dá conta; alem d'isso ministrou valiosos esclarecimentos: por tudo isto merece a nossa mais sincera gratidão.

As explorações foram começadas avançando a excavação segundo o côrte que allí se havia já feito no terreno, continuando a descobrirem-se ossos humanos, restos de ceramica do typo de que fallámos, e algumas armas e instrumentos neolithicos.

A presença das ossadas humanas numa área consideravel de terreno, coexistindo com o mobiliario neolithico, revelava a existencia naquelle local de uma necropole d'aquelle periodo lithico, mas de que não restava sequer a mais pequena noticia na tradição.

¹ Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos em Portugal*.

A área em que tem até ao presente apparecido vestígios da necropole é de mais de quinhentos metros quadrados e occupa parte da vertente esquerda, de pequeno declive, do valle de S. Martinho. O terreno que se achava coberto de mato apresentava-se unido e plano. O córte feito pelos trabalhos agricolas revelou, sob a camada delgada de terreno vegetal da superficie, uma outra, de terra revolvida, com mais de 1 metro de espessura, na qual se encontravam muitas pedras de mistura com as ossadas e mobiliario neolithico de que fallámos, evidenciando-se assim que as sepulturas haviam já sido destruidas.

Para pôr a descoberto alguma d'essas sepulturas, ou o que d'ellas restasse, e recolher o mobiliario que porventura, nellas estivesse enterado, proseguiu-se no córte que o terreno apresentava, e a pouco trecho deparou-se uma especie de parede de pedra solta, de contorno curvilineo, de cêrca de 1 metro de altura, que se reconheceu fechar

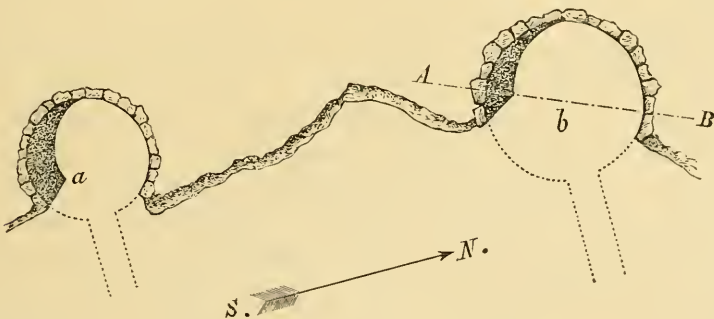


Fig. 1

um recinto circular, como se vê na fig. 1. Na planta, que esta figura indica, está representado o recinto a que acabamos de nos referir,



Fig. 2

em *b*, o qual mede de diametro 4^m,20, e para o Sul d'elle vê-se outro analogo, de menores dimensões, em *a*. Ambos elles se achavam já cortados pela excavação que antes se havia feito no terreno, achando-se por isso destruida a parte do monumento que pelo Nascente o completava, o que figuramos na nossa planta.

Se examinarmos o corte vertical segundo a linha *AB*, que do recinto *b* damos na fig. 2, notaremos que no muro circular, que o contorna, cada fiada fórma sacada sobre a que lhe fica subjacente, de modo que o seu diametro interno diminue de baixo para cima, o que dá ao recinto a fórma de um tronco de cône. Esta mesma disposição se observa no recinto *a*, que, como o primeiro, apresenta apenas parte do muro circular. Suppomos que tanto um como o outro tinham sido cobertos, e pela disposição a que acabamos de nos referir pôde concluir-se que o systema de cobertura era analogo ao do monumento do Monge, na serra de Sintra, explorado e descripto por Carlos Ribeiro ¹.

Consistia o processo em formar fiadas de pedras sobrepostas em toda a circumferencia, cujo diametro ia diminuindo successivamente para cima, havendo o cuidado ao mesmo tempo de carregar a cauda das pedras com terra e outras pedras, para as manter em equilibrio, e quando se tinha um vão assás reduzido, para poder ser coberto com uma só pedra, era a crypta fechada com uma grande lage. Julgamos que a crypta assim fechada devia ter sido coberta por *tumulus*, como succede nos monumentos de Alcalar, no Algarve, com alguns dos quaes estes tem bastante analogia ²; e suppusemos que, como aquelles, tinham tido uma galeria, pondo a crypta circular em communicacão facil com o exterior, através da mamôa de terra que a envolvesse toda. Com effeito, fomos informados que haviam sido destruidos uma especie de canaes cobertos de lagedo, ondo foram encontrados tambem alguns ossos humanos, informacão esta que mais accentua a nossa supposiçãõ. E, a proposito, diremos de passagem que a explicacão que se nos afigura melhor a respeito da existencia da galeria neste genero de monumentos, bem como nas antas que suppomos terem sido todas cobertas de *tumulus*, é a de por esse meio se obter accesso facil na crypta, que a mamôa recobria por todos os lados. Sem a galeria, cada vez que para sepultar fosse necessario entrar na camara, ser-se-hia obrigado a desaterrar em grande parte o monticulo, e d'ahi a adopçãõ d'aquella.

Na planta que damos na fig. 1 vão indicadas, com linhas pontuadas, as galerias que suppomos terem existido pelo lado do Nascente e que já haviam sido destruidas.

¹ *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*, pag. 74.

² Estacio da Veiga, *Antig. monum. do Algarve*, vol. III, monumentos n.ºs 4, 5, 6 e 7, pags. 183, 226, 234 e 237.

As cupulas que cobriam os monumentos sepulcraes, bem como as mamôas que os envolviam, foram por certo destruidas em epocha muito afastada, pois que, como dissemos, não resta na tradição a menor noticia a respeito da existencia d'aquella necropole.

As pedras das cupulas desmoronadas e a terra que as recobria entulharam todo o recinto da sepultura, indo na sua queda esmagar as ossadas e quebrar muitos dos objectos do interessante mobiliario funebre que alli foi encontrado. Em muitos ossos notavam-se evidentes signaes de esmagamento produzido pelo entulho.

2. Dados anthropologicos. — Modo de inhumação

Os cranios que foram encontrados no recinto sepulcral em *b*, em numero de cinco, achavam-se todos despedaçados, não se tendo por isso podido recolher senão parte de um frontal, em que se observa uma accentuada saliencia das arcadas supraciliares.

Todos os ossos se achavam profundamente alterados, intimamente envolvidos pelos entulhos, e em tal estado de fragilidade que só foi possivel obter algumas dyaphises de humeros, de femures e de tibias.

Pelo exame d'estes ossos notámos numa tibia, a unica de que se podia determinar o indice, o seu typo eurhycnemico, correspondendo-lhe o indice 68, tomado ao nivel do buraco de nutrição.

Entre as poucas dyaphises de femures que puderam ser recolhidos nenhum accusa accentuada saliencia da linha aspera; a média dos indices, muito proximos, medidos em tres d'essas dyaphises, deu-nos o número 108.

Estamos, pois, longe do typo de raça, que se apresentou com caracteres tão distinctos em Cro-Magnon.

O pavimento das cryptas era revestido de lages, pelo menos parcialmente, tendo-se encontrado tanto em *a* como em *b*, sobretudo nos pontos onde eram descobertas as ossadas, os restos d'este pavimento. Em *a*, os ossos em pequeno número e em grande desordem, e os restos da ceramica muito fragmentada e dispersa no entulho, levamos a crer que este recinto sepulcral havia sido violado, o que não succedia, porém, no recinto *b* onde, a não ser a destruição que attribuímos á queda da cobertura do monumento, a posição das peças do esqueleto e o seu numero justificavam bem a hypothese de não ter sido revolvido. Notava-se mais ou menos, á medida que se punham a descoberto as ossadas empastadas nos entulhos, que os cranios occupavam a parte superior, achando-se em torno e por baixo d'elles os ossos dos membros e do tronco, e pudémos mesmo observar num

caso, que na parte inferior se achavam as tibias com as cristas voltadas para baixo, e logo sobre ellas os femures, tendo as cabeças voltadas no mesmo sentido, o que nos leva á hypothese de que o modo de sepultar, como tem sido já reconhecido em outras estações neolithicas, consistia em collocar o cadaver acororado, isto é, tendo o busto direito e as pernas em flexão, o que explica perfeitamente a posição relativa das diversas partes do esqueleto, como apontámos.

Na parte superior do entulho que enchia o recinto *b*, e por baixo de uma grande lage que havia naturalmente desmoronado da cobertura da crypta, achavam-se alguns carvões, convindo notar todavia que nenhum dos ossos apresentava signal algum de incineração.

3. Mobiliario votivo

Ceramica.— Dos entulhos do recinto *a* (vid. planta), retiraram-se muitos restos de ceramica caracteristicamente neolithica, uns pertencentes a vasos de paredes lisas, outros com variada decoração; em todos se nota a constituição grosseira da pasta argilosa, e em alguns é evidente a ausencia do uso da roda do oleiro.

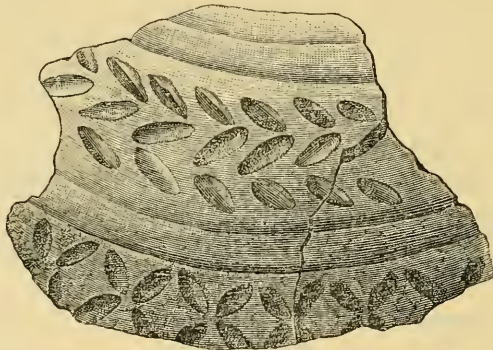


Fig. 3

Nas figs. 3 e 4 reproduzimos dois dos especimes mais interessantes que alli colhemos. O da fig. 3 pertence a um vaso de paredes delgadas, de uma só curvatura até á bocca, que termina em bisel, tendo exteriormente uma ornamentação formada por sulcos profundos combinados em fôrma de silvado, numa zona superior, perto da bocca do vaso, e formando losangos na faixa que lhe decora o bojo.

Nas figs. 3 e 4 reproduzimos dois dos especimes mais interessantes que alli colhemos. O da fig. 3 pertence a um vaso de paredes delgadas, de uma só curvatura até á bocca, que termina em bisel, tendo exteriormente uma ornamentação formada por sulcos profundos combinados em fôrma de silvado, numa zona superior, perto da bocca do vaso, e formando losangos na faixa que lhe decora o bojo.

O fragmento representado na fig. 4 pertencia a um vaso de bocca muito ampla, formado de uma pasta negra, apresentando-se a colora-

ção vermelha devida a oxydação pela cozedura, apenas nas superfícies interna e externa, que mais directamente soffreram a acção do calor.

Entre os exemplares collidos uns ha, que, pela fórma do bordo e parte do bojo, se reconhece pertencerem ao typo dos grandes vasos descobertos em Palmella¹, os quaes são em fórma de callote esphérico de bojo muito ornamentado, e tendo um largo bordo decorado por linhas cruzadas.

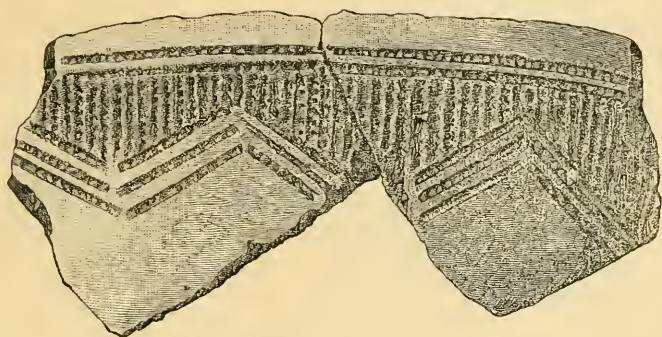


Fig. 4

Armas e instrumentos.—Dos entulhos do recinto *a*, além dos restos de ceramica foram retiradas algumas armas e instrumentos de silex, como uma ponta de flecha, de fórma triangular, excavada na base e apresentando um angulo muito agudo no vertice, uma pequena faca de delicado retoque, de 0^m,04 de comprimento, e uma lamina de ponta de lança pedunculada na base.

No mesmo recinto foi encontrado um machado de diorite, de secção subtrapezoidal, apresentando uma grande fractura do lado do gume, e um pequeno percutor de calcareo.

Na crypta do monumento *b* foi encontrada, já fracturada, a lamina de uma faca de silex, de grandes proporções, de secção triangular, medindo 0^m,20 de comprimento e 0^m,03 de largura, e o fragmento de outra de menores dimensões, de secção trapezoidal, feita de silex vermelho acastanhado.

Além d'estes instrumentos tinham apparecido, quando se procedia á sorriba, duas laminas retocadas, de silex branco, um percutor de granito rosado, o qual apresenta duas faces de percussão, e um calhau

¹ Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, fig. 160, pag. 125.

de diorite, a que se tinha procurado dar a fôrma de machado, medindo uns 0^m,13 de comprimento e apresentando uma superficie polida, que vae terminar em gume num dos extremos. O outro extremo irregularmente acuminado apresenta um entalhe obliquo.

Na estação neolithica de Tres Cabezas, em Hispanha, tambem foram encontrados machados que apresentam aquella disposição particular do entalhe¹.

Objectos de osso.—O osso apparece trabalhado, como de ordinario nas estações d'este periodo, servindo principalmente para a execução de objectos de arte decorativa.

A fig. 5 representa um objecto de fôrma annular, de osso, apresentando uma ranhura circular por cima da qual se destaca o rebordo, que o termina superiormente. Este objecto e outro analogo, de que se não poude obter senão dois fragmentos, foram encontrados no fundo do recinto *b* junto de uma ossada.

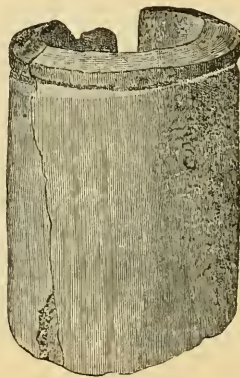


Fig. 5

Alem dos objectos de que acabamos de fallar, foram encontrados dois outros, tambem de osso, massiços, um subcylindroide de 0^m,07 de altura e de 0^m,015 de diametro na parte média, sendo terminado nos extremos por topos parallellos, o outro, que se acha muito mutilado, em fôrma de cylindro, das proporções aproximadamente do antecedente e terminando numa extremidade por uma gola excavada circularmente, encimada por um rebordo cuidadosamente affeiçoado.

¹ *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne*, Siret, pag. 23.

Não é nova, nas estações neolíticas, nenhuma d'estas fórmulas de objectos de osso. O da nossa fig. 5 e o outro que lhe é analogo, de que fallámos, são semelhantes a um que foi encontrado no dolmen do Monte-Abrahão¹, e o último é perfeitamente identico a outro que foi encontrado por Carlos Ribeiro na estação de Liceia².

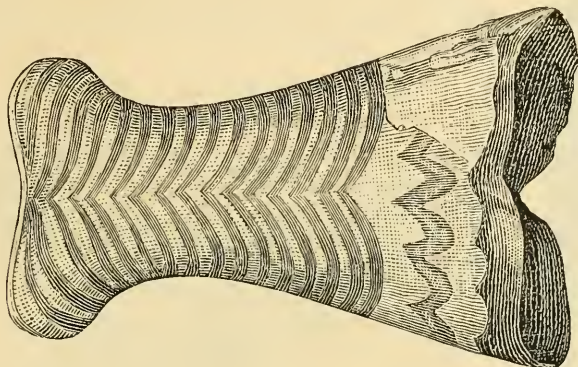


Fig. 6

A fig. 6 representa um dos objectos encontrados na crypta *b*, e que é dos mais interessantes do mobiliario votivo, pela raridade e correcção da sua fórmula artistica. É uma phalange de animal, ornada de traços curvilineos em toda a sua superficie, fazendo lembrar, pelo natural contorno da peça ossea e pelo desenho, a intenção de nelle representar a cauda de um peixe.

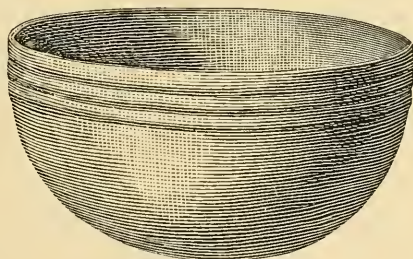


Fig. 7

Na obra antes citada do Sr. Siret vem, sob o n.º 57 da estampa 10.^a, o desenho de uma phalange encontrada na estação de Campos, apresentando tambem, como aquella, trabalho humano.

¹ *Estudos prehistoricos em Portugal*, II, 1880, fig. 63, pag. 56.

² *Estudos prehistoricos em Portugal*, I, 1878, fig. 123, est. 20.^a, pag. 34.

Objectos de calcareo.—Como a princípio dissemos, durante as excavações a que se havia procedido nos trabalhos agricolas, por diversas vezes se tinham descoberto nos entulhos, que constituem uma espessa camada immediatamente subjacente á terra vegetal da superficie, ossadas humanas e uns troços cylindricos de calcareo, de superficies lisas e de uma regularidade de fôrma que despertou natural attenção.

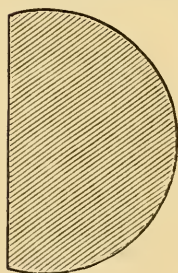
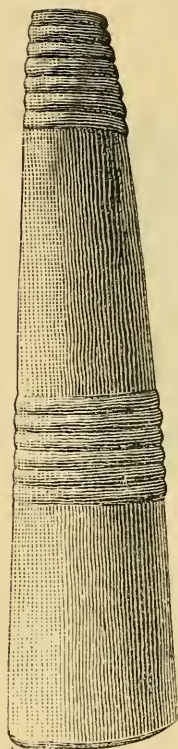


Fig. 8

A exploração do recinto *b* ministrou, no nivel onde foram descobertas as ossadas humanas, alguns d'estes exemplares, entre elles um subcylindroide de 0^m,15 de altura e 0^m,04 no bojo; os outros são todos cylindricos, de varios tamanhos, em numero de oito, tendo de altura o de maiores proporções 0^m,165, com o diametro medio de 0^m,05, e medindo o menor 0^m,075 de altura e 0^m,28 de diametro.

Em diversas estações neolithicas da Estremadura tem sido encontrados especimes d'este typo, dos quaes vemos muitos nas collecções peleoethnologicas da Direcção dos Trabalhos Geologicos do Reino.

Indicaremos tambem aqui o apparecimento de duas esferas de calcareo, uma de superficie rugosa e irregular, medindo 0^m,068 de diametro, e outra lisa, apresentando num ponto da sua superficie uma pequena depressão, e tendo 0^m,06 de diametro. A primeira provém tambem da exploração do recinto *b*. e a segunda, que foi offerecida ao Museu pelo Sr. Oliveira, é perfeitamente identica a outra encontrada no dolmen da Pedra-dos-Mouros (Bellas)¹.

Ainda no fundo do recinto *b* foram descobertos outros exemplares de mobiliario votivo, muito interessantes pela correcção do seu trabalho verdadeiramente artistico. Refiro-me aos que vão figurados com os n.^{os} 7, 8 e 9. O primeiro é um vaso proxima-mente hemispherico, de calcareo, de paredes delgadas e grande regularidade de fôrma; o seu bordo é decorado por tres traços ou sulcos parallelos.

¹ Carlos Ribeiro, *Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*, 1880, pag. 8, fig. 12, est. 2.

A fig. 8 representa um objecto de calcareo analogo ao que foi encontrado no jazigo neolithico da Folha-das-Barradas, explorado por Carlos Ribeiro¹. Toda a peça tem as superficies regulares e bem determinadas; servem-lhe de adorno duas ordens de cordões em relêvo, que cingem a superficie conica.

De todos estes objectos, porém, o mais interessante é o representado na fig. 9. É de calcareo erystallino e apresenta o contorno geral semelhante ao de outros dois que existem na referida collecção

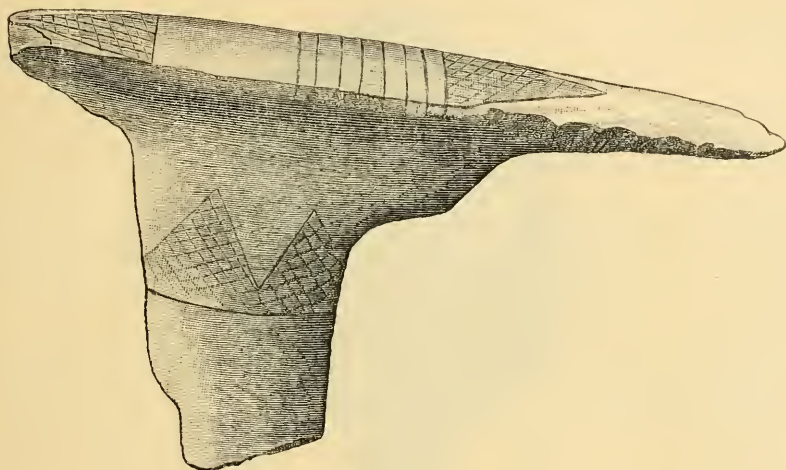


Fig. 9

da Direcção dos Trabalhos Geologicos, um proveniente do dolmen da Estria², e o outro encontrado numa gruta de Cascaes, com qualquer dos quaes este tem perfeita analogia. O nosso especime é de perfeito acabamento, e apresenta ornamentação variada, tanto na superficie superior onde se vê uma serie de traços parallelos, como nas duas faces da parte que forma angulo com a primeira. Este exemplar presta-se tambem á explicação dada pelo Sr. Cartailhac a propósito dos outros dois de que fallámos³. O conjuncto representa um machado neolithico ligado ao cabo de madeira formando um angulo superiormente no ponto de ligação, ficando o gume do machado num plano perpendicular ao plano de symetria do instrumento.

¹ *Op. cit.*, pag. 83, figs. 87 e 88.

² *Op. cit.*, pag. 66, est. VII, fig. 1.

³ *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 108, figs. 133-136.

Os outros dois exemplares, com os quaes comparámos este, apresentam tambem a serie de traços parallellos na superficie superior, e que, segundo a interpretação do Sr. Cartailhac, representam as voltas de uma corda ou especie de correia que ligava o machado ao cabo. Um especimen dado pelo Sr. Cartailhac de um machado de pedra encavado, das ilhas Kadiak, na America do Norte, justifica perfeitamente a hypothese enunciada por aquelle illustre archeologo.

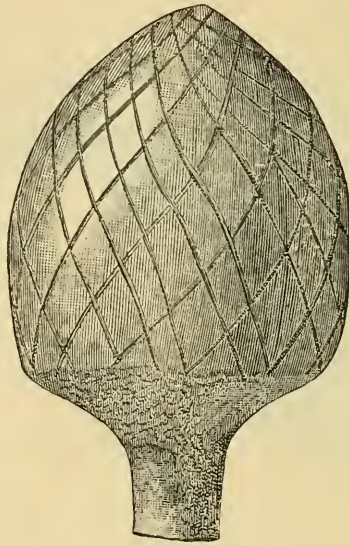


Fig. 10

A fig. 10 representa outro objecto de calcareo não menos interessante que o antecedente. Offerece o contôrno geral de uma pinha, tendo a superficie sulcada de traços, que se cruzam em losangos mais ou menos irregulares. O torneado d'esta peça e o alizamento da sua superficie, notavelmente regulares, dão-lhe um aspecto de singular acabamento.

Outros objectos.—As excavações ministram tambem uma conta ovoide de ribeirite, do typo muito conhecido das estações prehistoricas da Peninsula, e uma lasca de ardósia que julgamos ser o fragmento de uma placa neolithica de schisto, que tão bem caracteriza esta epocha no nosso país.

4. Considerações geraes

Como dissemos já, o campo do valle de S. Martinho é uma necropole da epocha neolithica. Attesta esta asserção a coexistencia com as ossadas humanas do mobiliario funebre que corresponde áquelle periodo.

As manifestações da arte adeantada que se pôde verificar pela execução da peça de osso indicada na fig. 6, e dos objectos de calcareo, principalmente os das figs. 7-10, bem como da ceramica de ornamentação opulenta e de fórmas aprimoradas, tudo nos leva a considerar esta estação como pertencendo aos fins do periodo raubenhauziense.

Até ao estado actual das explorações o mobiliario é neolithico puro; não se encontrou o menor vestigio de metal. Não podemos, porém, ainda affirmar que esta estação não pertença ao periodo de transição do neolithico para a epocha dos metaes; mais só o apparecimento de algum objecto de metal nos poderá legitimamente levar a essa hypothese.

A fórma dos monumentos sepulcraes é indicação favoravel para despertar esta última hypothese. Com effeito, estas pelo seu typo aproximam-se muito dos monumentos alcalarenses, e na necropole de Alcalar, a par do mobiliario muito semelhante ao que descrevemos, foram encontrados alguns instrumentos de cobre.

Presumimos que novas excavações feitas no campo do valle de S. Martinho, onde fizemos esta exploração, não só poderão vir enriquecer consideravelmente a collecção interessante com que foi engrandecido o Museu Ethnographico Português, mas que hão de trazer novas luzes para esclarecer tantos pontos de ethnographia antiga, que por enquanto se não podem definir positivamente.

Lisboa, 30 de Julho de 1896.

MAXIMIANO APOLLINARIO.

A «Cruz de Portugal» em Silves

Ao forasteiro que fôr de S. Bartholomeu de Messines a Silves deparar-se-ha, depois de passada a ribeira de Enxerim, uma antiga, porém linda, Cruz de marmore branco, com 6^m,0 de alto, tendo, numa

das faces a Imagem do Redemptor e na outra, sobre um capitel e encostada á Cruz, a Imagem de Nossa Senhora da Piedade¹.

A tradição e os livros só nos dizem ser esta Cruz antiga, de tempo immemorial e ser conhecida pelo nome de *Cruz de Portugal* e marcar o centro da antiga cidade².

A belleza d'este monumento, a sua antiguidade, despertam curiosidade ao mesmo tempo que veneração. Chamar-se-lhe *Cruz de Portugal* parece ser explicação de ter ella ido de Portugal, ou para ali ter sido levada por gente de Portugal.

Quando foi para ali aquella Cruz e qual foi o fim d'ella?

Ignora-se.

Sabe-se que, no fim de cinco seculos inteiros de denominação arabe, foi a cidade de Silves conquistada (em 1189) por El-Rei D. Sancho I, instaurando nella a Cathedral do Algarve, que tivera outr'ora a sua séde na antiga *Ossonoba*, que havia sido destruida pelos mouros.

Sabe-se igualmente que em 1191 (no fim de anno e meio) tornou a passar para o poder dos mouros, e que no fim de quarenta annos (em 1232 e seguintes), foi no reinado de El-Rei D. Sancho II, reconquistada pelos Cavalleiros de Sanct'Iago, commandados pelo illustre D. Paio Peres Correia, então Commendador de Alcaccer do Sal; e que Sylves continuou a ser séde da Sé Algarvia até 1557, epoca em que foi transferida para Faro, onde tem estado e está.

Datará a Cruz de Portugal da tomada de Silves, no reinado de El-Rei D. Sancho II, e commemorará este acontecimento? ou commemorará o local onde foi restabelecida a Sé ossonobense?

A resposta não está facil, pois *em tanta antiguidade não ha certeza*.

Ordinariamente, erigiam-se cruces nos cemiterios ou nos logares onde, por qualquer circumstancia, se tinham feito enterramentos; porém essas cruces eram geralmente simples, sem imagens, salvo algumas excepções. Na idade media levantavam-se muitas vezes cruces de pedra nas encruzilhadas dos caminhos, no meio das praças publicas.

¹ Na estampa lithographica junta, cópia de um desenho feito pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Ema Nobre, de Silves, está representada a imagem do Redemptor e as partes visiveis do capitel do lado opposto.

² *Memorias do Bispado do Algarve*, por Silva Lopes, 1848.

Chorographia Moderna do Reino de Portugal, vol. v 1876 (artigo *Silves*).

Tambem muitas vezes as cruzes serviam para commemoração de acontecimentos notaveis, e eram algumas d'ellas mais ou menos ornamentadas.

*

Das diversas especies de cruzes temos exemplos entre nós.

Não falando nas cruzes dos cemiterios ou dos logares onde se fizeram enterramentos temos:

A Cruz das Vendas (em Azeitão) que é antiga, floreada, tendo numa parte a imagem de Christo crucificado, na parte opposta a imagem de Nossa Senhora, e no pé, que é oitavado, uma inscripção¹. Foi ella levantada por um cavalleiro para recommendar á piedade do viajante a sua memoria.

Na praia de Belem, defrontando o templo do mosteiro de Belem, existiu, segundo a tradição, até 1836, *um cruzeiro* que commemorava a partida de Vasco da Gama para a descoberta da India e marcava o sitio em que se fizera o embarque².

O Padrão de Arroyos mandado levantar pelo Senado da Camara de Lisboa, no largo de Arroyos, ainda então arrabalde da cidade, para memoria do logar onde El-rei D. Dinis reunira a sua hoste e de onde partira a frente d'ella para ir castigar o filho rebelde³.

*O Cruzeiro em frente da Egreja de Nossa Senhora da Lapa em Villa Viçosa*⁴, no sitio denominado o rocio do *Carrascal*.

¹ A inscripção vem transcripta no *Diccionario Geographico* de Luis Cardoso, tom. 1 e pagina 733, e é a seguinte:

Vasco Queimado de Villalobos, fidalgo da Casa del Rey e Guarda mór que foy do Infante Dom Pedro, e Camareiro, e do Conselho dos Duques Felippe, e Carlos de Borgonha, mandou pôr aqui esta Cruz era IMCLXXIV annos. Rogae a Deus por sua alma

² Veja-se *Vasco da Gama e a Vidigueira*, estudo historico por A. C. Teixeira de Aragão, pag. 559.

³ O desenho e uma interessante noticia se eneontra nos *Monumentos de Portugal*, por Ignacio de Vilhena Barbosa, pag. 479.

⁴ No vol. v, e n.º 143, do *Occidente* vem um desenho d'esse cruzeiro e nelle se lê: «..... Entretanto um sabio antiquario explica-nos este facto, achando a razão d'elle, em ser este monumento, obra dos Duques de Bragança, cuja divisa é um dragão».

Este Cruzeiro se compõe de uma cruz de *bardilho azul*, com uma serpente alada ou dragão, que della pende, tendo na bocca uma maça. Essa cruz está erigida sobre um pedestal de alvenaria.

Segundo informação¹ do Rev.^o Prior da freguesia de S. Bartholomeu de Villa Viçosa, o sr. J. Espanca, erudito escriptor das antiguidades de Villa Viçosa, sua terra natal: «Esse Cruzeiro é obra dos Frades Gracianos do Convento de Villa Viçosa e é do tempo de El-Rei D. João V ou de El-Rei D. José I, tendo sido levantada nesse convento por occasião das importantes obras que então se fizeram.

Foi feita para uma cascata da cêrca do convento, onde esteve, e a agua saía em dois fios pelas ventas da serpente vindo pelos furos que a cruz tem no interior.

Pelo anno de 1852 foi transferida da cêrca do Convento para o local fronteiro á igreja de Nossa Senhora da Lapa.

Por vezes tem sido oleada a serpente de verde, no dorso, e de vermelho na bocca e na lingua farpada».

Segundo o Rev.^o P.^o Espanca, a serpente representa a figura do Christo crucificado para remedio das culpas dos homens como elle disse e refere S. João (Capitulo III e v.^o 14)².

*

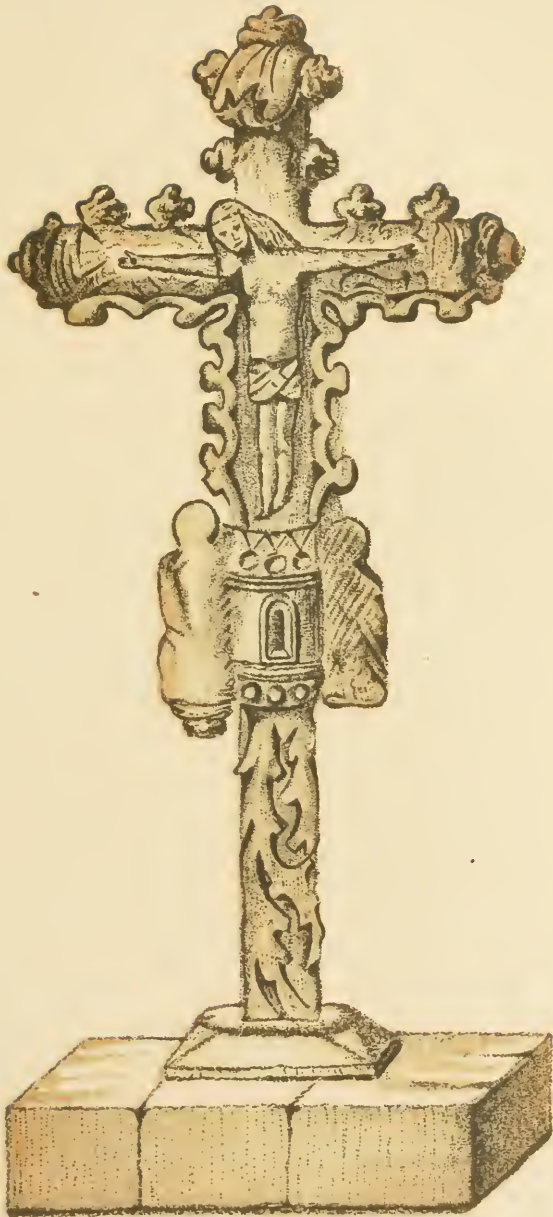
Procurar por todos os meios a conservação dos monumentos existentes nos municipios, ainda mesmo dos mais singelos, deve ser o empenho das camaras, e de todas as pessoas a quem a historia patria possa interessar, e para quem a arte não seja uma palavra vã, — a fim de não lhes acontecer o que se deu com o Padrão de Arroyos, (que foi desmanchado para ser recolhido na igreja de S. Jorge, onde não tem a mesma significação), e de não experimentarem a mesma sorte que grande numero de documentos commemorativos da fé, da piedade e do civismo dos nossos antepassados.

C. DA CAMARA MANOEL.

¹ Informação particular dada em maio de 1896 em carta.

² Esta historia, segundo consta e afirma o sr. P.^o Espanca, não se acha ainda escripta.

O mesmo sr. P.^o Espanca conheceu a cruz na cêrca dos Gracianos e ouvira de seu avô e de seu pae a narração d'ella e assistiu á sua transferencia para o rocio do Carrascal feita pelo coronel de cavallaria n.^o 3, José Julio do Amaral.



A Cruz de Portugal
(em Silves)

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em **carta registada** ou em **vale de correio**, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

UM MONUMENTO NACIONAL.

AS LOUÇAS PINTADAS DO CASTRO DE SANTA OLAYA.

ANTIGO AQUEDUCTO DE LISBOA.

ANTAS DOS ARREDORES DE MACHÊDE.

AULA DE NUMISMÁTICA DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA.

DOLMENS DO CONCELHO DE VILLA POUCA DE AGUIAR.

MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ.

QUESTIONARIOS ARCHEOLOGICOS.

NOTÍCIA DAS ANTIGUIDADES PREHISTORICAS DO CONCELHO DE AVIS.

GRUTA DA SENHORA DE CARNAXIDE.

PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA.

ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.

SEPULTURA DE PEDRA.

NOTA Á CÊRCA DAS FONTES.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

ANTAS E CASTROS DO CONCELHO DE ALIJÓ.

BIBLIOGRAPHIA.

A EXPOZIÇÃO DE VIANNA DO CASTELLO.

MUSEU EM VILLA REAL.

Este fasciculo vae illustrado com 5 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1896 N.ºs 10 E 11

Um monumento nacional

Neste verão procedi á exploração de alguns dolmens neolithicos no districto de Viseu, uns situados em terreno baldio, outros em terreno particular. Entre os dolmens situados em terreno baldio encontrei um que chamou particularmente a minha attenção, já pelo seu estado de conservação, pois consta de camara coberta, galeria inteira (quasi toda, porém, descoberta), e mais de metade da mamoa, já por conter em alguns dos seus esteios pinturas: fica no sitio dos Juncaes, perto da aldeia da Queiriga, no concelho de Sátão.

Entendi que este dolmen devia ser considerado como monumento do Estado, e nesse sentido dirigi-me ao digno Chefe da Repartição de Minas, o Sr. **Prof. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro**, que, com o seu costumado zêlo por tudo quanto é do serviço público, e em especial do serviço da archeologia portuguesa, que á boa vontade, intelligencia e sollicitude d'aquelle distincto funcionario muito deve, immediatamente obteve de S. Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Publicas, **Conselheiro Dr. Campos Henriques**, auctorização para em volta do dolmen dos Juncaes se fazer um muro de vedação, como consta da Portaria de 5 de Outubro de 1896, pela qual o director das obras publicas do districto de Viseu foi encarregado de mandar proceder á respectiva obra. Louvores, pois, sejam dados ao nobre Ministro, que assim testemunhou tambem mais uma vez o apreço que lhe merece a conservação dos nossos antigos monumentos!

Não foi o dolmen dos Juncaes o unico que me revelou exemplos de pintura neolithica; outros dolmens achei na Beira nas mesmas circumstancias. Enquanto não trato do assumpto em artigo especial, deixo aqui menção do facto, que é por ora neste genero o primeiro assignalado nos annaes da arte noolithica de Portugal.

J. L. DE V.

As louças pintadas do castro de Santa Olaya

Laboriosas investigações, feitas durante tres annos, levaram-nos á persuasão de que o monticulo de Santa Olaya, situado sobre os campos da margem direita do Mondego, entre Maiorca e Montemor-o-Velho, foi um castro lusitano, cujos habitantes receberam o baptismo da civilização romana.

Tinhamos já explicado a presença de muitos artefactos, principalmente os ceramicos, com feição primitiva, que faziam lembrar os tempos neolithicos, e de outros que poderiam pertencer á primeira epocha da idade dos metaes, chegando á conclusão de que todos, indistinctamente, pertenciam em realidade á plena epocha de ferro, quando o dominio romano avassalou a peninsula.

Mas um facto restava inexplicavel para nós: era a presença de louças finas, trabalhadas á roda, algumas com fórmãs exóticas e pintadas externamente. Tinhamos restaurado parte d'um grande vaso sem collo, com duas asas de fórmula elliptica medindo no diametro interno da bôca 0^m,16 aproximadamente, cujo bojo augmentava gradualmente de diametro da bôca para a parte inferior, apresentando a restauração a fórmula de um grosso cone truncado, mas sem vestigios do fundo: e esse vaso conservava na superficie externa restos de faxas pintadas a vermelho e branco, que seguiam o contôrno do bojo.

Tambem tinhamos restaurado o boccal de outro grande vaso, medindo no diametro interno 0^m,19, com uma pequena porção do bojo, assim como uma parte d'este em separado, que apresentavam a superficie externa listrada transversalmente a vermelho e negro.

Alguns fragmentos de outros vasos eram inteiramente pintados a branco, outras a cinzento e com uma faixa vermelha junta ao bordo, e um em parte ornamentado com faxas vermelhas e brancas e noutra com traços vermelhos cruzando-se sobre fundo branco e formando lozangos.

A estrutura da pasta d'estas louças, a sua semelhança com outras não pintadas e a fórmula da segunda peça restaurada pareciam denunciar uma origem romana; mas a fórmula indicada pela primeira restauração e a pintura? Tal era o nosso problema.

Essa fórmula não nos appareceu em estações genuinamente romanas do Algarve. Pertenceria só aos primeiros tempos do dominio romano, em que o castro foi habitado? Seria uma fórmula caprichosa e excepcional? A primeira hypothese não repugnava, porque em Santa Olaya tambem ainda não apparecia essa ceramica coberta de uma especie

de verniz vermelho, com apparencia de coral, que alguns archeologos estrangeiros denominaram *samiãna*, e que era imitação da ceramica de Arezzo. A ceramica aretina é do seculo I antes de Christo, e as imitações só posteriormente parecem ter-se generalizado em todas as provincias romanas. Nós encontrámos vestigios d'ellas em Marim e na Bôca-do-Rio, em Budens, e vasos inteiros ou quasi inteiros na necropole da Fonte-Velha, em Bensafirim, estações evidentemente posteriores á de Santa Olaya.

Entretanto de colorido em vasos reconhecidamente romanos só tínhamos visto os exemplares com esse verniz. Estacio da Veiga dizia ter encontrado no Algarve, entre louças romanas, restos de vasos de fina argila vermelha, pintados de preto interna e externamente, e de outros vasos pintados de amarello com veios vermelhos nos dois lados¹. Seriam effectivamente romanas? Nós tambem tínhamos recolhido á superficie do solo, proximo á area da necropole romana de Fonte-Velha, alguns fragmentos de um vaso de argila vermelha, bastante fina, pintado externamente de negro, que podia ser alguma urna cineraria; mas a verdade é que nos depositos funerarios d'essa necropole não recolhemos exemplar algum de semelhante louça.

Por outro lado o mesmo Estacio da Veiga pensava que os arabes tambem tinham usado na peninsula louças pintadas, visto ter encontrado restos de vasos de argila amarella com pinturas, que classificara como arabes². Nem isto surprehende, porque a pintura das louças era antiquissima no Oriente, já os phenicios tinham espalhado esta ceramica na Syria. Perrot e Chipiez, referindo-se, por exemplo, a vasos d'essa especie encontrados no subsolo de Jerusalem, exprimem o seguinte conceito: «Or ces motifs, lignes parallèles qui donnent des bandes alternativement claires et foncées, lignes qui se coupent sous divers angles, points blancs qui s'enlèvent sur la teinte sombre, carrés, lozanges, triangles et méandres, sont de ceux que nous a offerts, bien des fois répétés, la poterie cypriote. On ne saurait refuser de reconnaître ici des ouvrages phéniciens, soit importés des villes du littoral, soit fabriqués à Jérusalem même par des artisans étrangers³».

Seriam arabes as louças pintadas de Santa Olaya? A affirmativa tambem não repugnava. Allí existiu um castello, que foi occupado pelos arabes: pertencia á linha das fortificações avançadas que defendiam Coimbra.

¹ *Antiquidades monumentaes do Algarve*, II, 352.

² *Ob. cit.*, II, 425.

³ *Histoire de l'Art*, IV, 456.

Nestas dúvidas fomos surpreendidos pela noticia de que na necropole romana da Mony-Bury haviam apparecido muitos vasos pintados¹. A noticia podia não ter novidade em França e noutros países onde se tem estudado a fundo a archeologia romana: mas para Portugal o caso era diverso, porque todos aquelles a quem tinhamos interrogado sobre a pintura nas louças romanas nada puderam informar-nos.

Foi então que proseguimos com mais ardor a exploração do *crasto*, a leste do Casal da Serra, na freguesia da Brenha, estação contemporanea da de Santa Olaya, recolhendo com todo o cuidado quantos fragmentos da ceramica appareciam, a fim de procurarmos entre elles algum exemplar com pintura; mas não obtivemos resultado.

Em seguida fomos explorar o sítio das *Chães*, a uns 200 metros para o norte da Brenha, onde descobrimos quasi na planicie outra estação contemporanea d'aquellas. Ali é que tivemos a fortuna de recolher, entre os rebotalhos de uma ou duas habitações, uns fragmentos de pratos romanos com vestigios de pintura vermelha.

O deposito, no nivel em que estes objectos foram encontrados, estava virgem de remeximentos. Nenhuma dúvida nos ficou de que eram contemporaneos da outra louça, característica dos castros lusoromanos, alli recolhida: o que não podiamos dizer com segurança dos exemplares de Santa Olaya.

D'este modo, se o nosso problema não ficou inteiramente resolvido, é certo, pelo menos, que as louças pintadas de Santa Olaya podem agora, com muita probabilidade, reputar-se romanas.

Isto servirá de aviso aos que explorarem estações da mesma epocha em Portugal, devendo advertir que, sendo as pinturas raras e estando geralmente muito deterioradas, convem aproveitar todos os fragmentos de ceramica mais fina que se encontrarem nas explorações, e lavar com o maximo cuidado principalmente aquelles que tiverem a pasta avermelhada e muito macia.

A. SANTOS ROCHA.

«.....o estudo do passado não é uma vaidade inutil».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 122.

¹ *Revue Encyclopédique*, anno vi, n.º 131, pag. 170.

Antigo aqueducto de Lisboa

«Vestígios de antigas construcções observadas em poços, escadas e galerias abobadadas, que existem nas ruas dos Retrozeiros, da Prata e da Magdalena, e tambem no caminho das Aguas-Livres, á Porealhota, Almarjão e Rascoeira, e o exame da composição do cimento encontrado nestas ruínas, levam a crer que em remotas eras foi construído um aqueducto para conduzir a Lisboa algumas das aguas que nascem nas alturas superiores á cidade pelo lado do norte. Parece sem contudo poder affirmar-se, que esta obra teria sido construída no tempo em que os Romanos occuparam a Península. . . . Confirma esta opinião o testemunho de Leonardo Torreano, o qual, tendo vindo a Lisboa por ordem de Philippe III, para estudar o caminho por onde devia ser conduzida a Lisboa a fonte das Aguas-Livres, no seu projecto datado de 26 de Setembro de 1620, depois de indicar tres caminhos differentes (para a conducção das aguas) diz: «El quarto y ultimo camino, es por el aqueducto antiguo de los romanos»; e o engenheiro Carlos Ribeiro, em um relatório que publicou na *Revista das Obras Publicas*, em Outubro de 1879, diz: «pela minha parte dou tambem testemunho de haver encontrado vestígios de um aqueducto, que parece ter sido edificado parallelamente ao actual, mas 2 ou 3 metros mais baixo, e o qual, passando nas vizinhanças da porta do Principe, ou do Almarjão e Rascoeira, está representado por lanços de parede e de canalização, feitos de argamassa e fragmentos de tijolo da antiga fabrica romana.»

A. P. DE MIRANDA MONTENEGRO.

(Da *Revista de Obras Publicas e Minas*, xxvi, 359-360).

Antas dos arredores de Machêde

(Concelho de Evora)

1. Ha uma anta na herdade do Paço: consta apenas de camàra baixa, com a entrada difficil, por estar obstruída.
2. Na mesma herdade, perto do *monte* do Perdigão, ha outra, tambem reduzida a camara, mas maior e mais alta que a antecedente.
3. Na herdade de Bencafêde ha outra, muito maior que a antecedente; tambem consta só de camara.

4. Na herdade de Parede, perto de um curral de bois, ha outra, de que só resta a camara.

5. Na herdade das Camaras, para poente de Machede, perto da estrada real que vae de Evora ao Redondo, ha a camara de outra, muito grande, já destruida em parte, e que mostra ter sido explorada, ou pelo menos mexida.

CESAR PIRES.

Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa

Anno lectivo de 1894-1895

Neste anno lectivo o curso constou de 44 lições.

Parte do tempo foi consagrada ao estudo da Numismatica geral: assumpto da Numismatica; divisões d'esta sciencia; nomenclatura numismatica, exemplificada em várias moedas antigas e modernas, a proposito das quaes se deram as necessarias indicações historicas, paleographicas, etc.

Outra parte foi consagrada ao estudo historico de diversas moedas romanas dos imperadores julianos e flavianos.

Os alumnos não só examinaram todas as moedas cujo estudo constituia propriamente cada lição, mas classificaram por escrito muitas outras.

Livro de texto: o de H. Cohen.

Anno lectivo de 1895-1896¹

O curso d'este anno constou de 47 lições.

Dividiu-se em quatro partes:

Parte I.—Numismatica geral: objecto da Numismatica²; nomenclatura desenvolvida; noções sobre falsificações; toque das moedas.

Parte II.—Elementos de história da republica romana; estudo de várias moedas relacionadas com esta história.

Parte III.—De como o estudo das moedas da republica romana póde auxiliar o conhecimento da ethnographia e da história da Peninsula Iberica:

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, 1, 303.

² A lição, em que se tratou do objecto da Numismatica, foi publicada n-*O Arch. Port.*, 1, 305 sqq.

a) preliminares sobre a história e ethnographia da Iberia, e especialmente da Lusitania, desde os tempos prehistoricos até á epocha romana;

b) moedas consulares que se relacionam com a Iberia.

Parte IV. — Revisão da materia ja dada; distribuição chronologica das series numismaticas; história summária da Numismatica. — Sobre a distribuição d'aquellas series cfr. *Elencho das lições de Numismatica*, I, 20. Na historia da Numismatica considerei estes pontos:

1. Collecções:

a) particulares;

b) museus publicos.

2. Sociedades, viagens e congressos.

3. Ensino official e particular;

4. Bibliographia:

a) tratados;

b) publicações periodicas;

c) catalogos de moedas e de obras litterarias.

5. Comércio de moedas destinadas a collecções e a estudo.

O desenvolvimento da Historia da Numismatica abrange:

Introducção (antiguidade classica);

1.^a *Epocha* (da idade-média até o sec. XVIII);

2.^a *Epocha* (de Eckhel até os nossos dias).

J. L. DE V.

Dolmens do concelho de Villa Pouca de Aguiar

N-*O Arch. Port.*, I, 36-37, falla o Sr. P.^e Raphael Rodrigues em especial de dois dos dolmens de Carrazedo do Alvão, no concelho de Villa Pouca de Aguiar. O Sr. Abbade Manoel de Azevedo, de Villa-Real, teve a bondade de me enviar photographias d'esses dolmens, as quaes, reproduzidas pela gravura, são hoje publicadas n-*O Archeologo*.

A gravura da fig. 1 corresponde ao dolmen mencionado em primeiro lugar no referido artigo, isto é, ao que consta de camara (composta de sete esteios) e galeria.

A gravura da fig. 2 corresponde ao dolmen mencionado em segundo lugar no mesmo artigo. Foi neste dolmen que appareceram as curiosas figuras de pedra a que se refere *O Arch. Port.*, II, 1-2 e 142.

J. L. DE V.

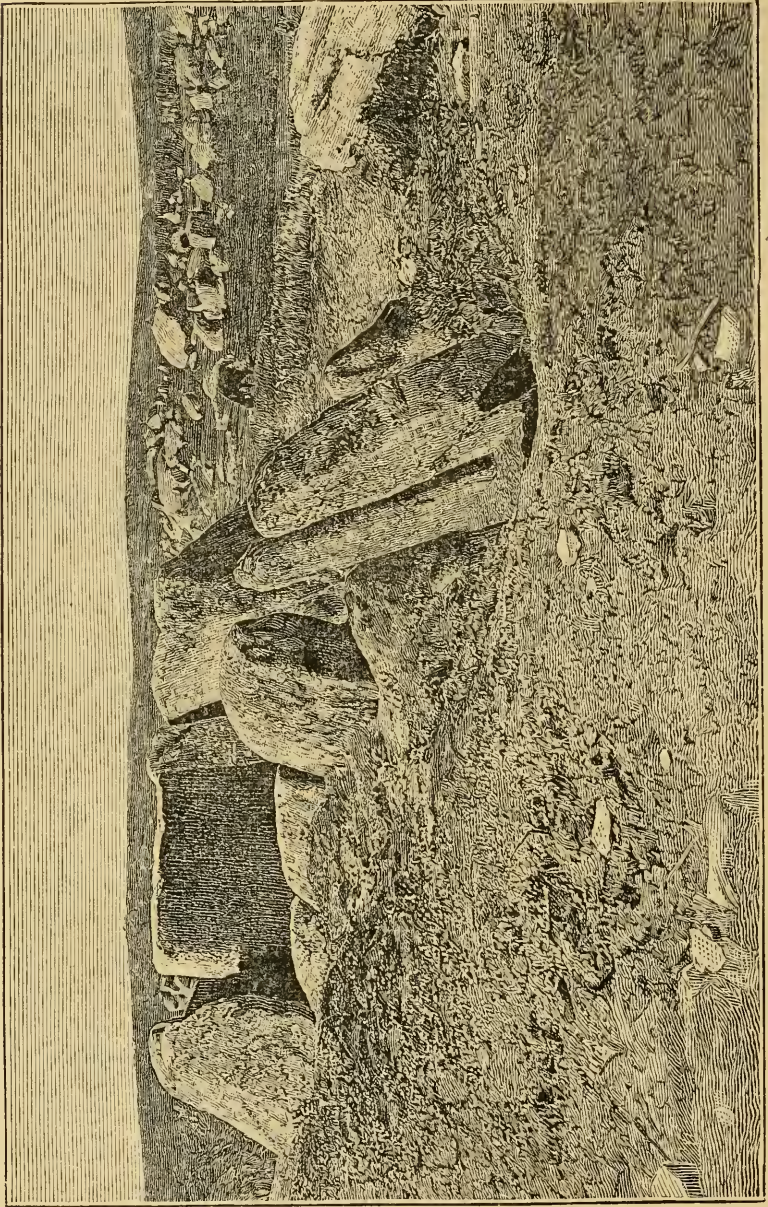


Fig. 1

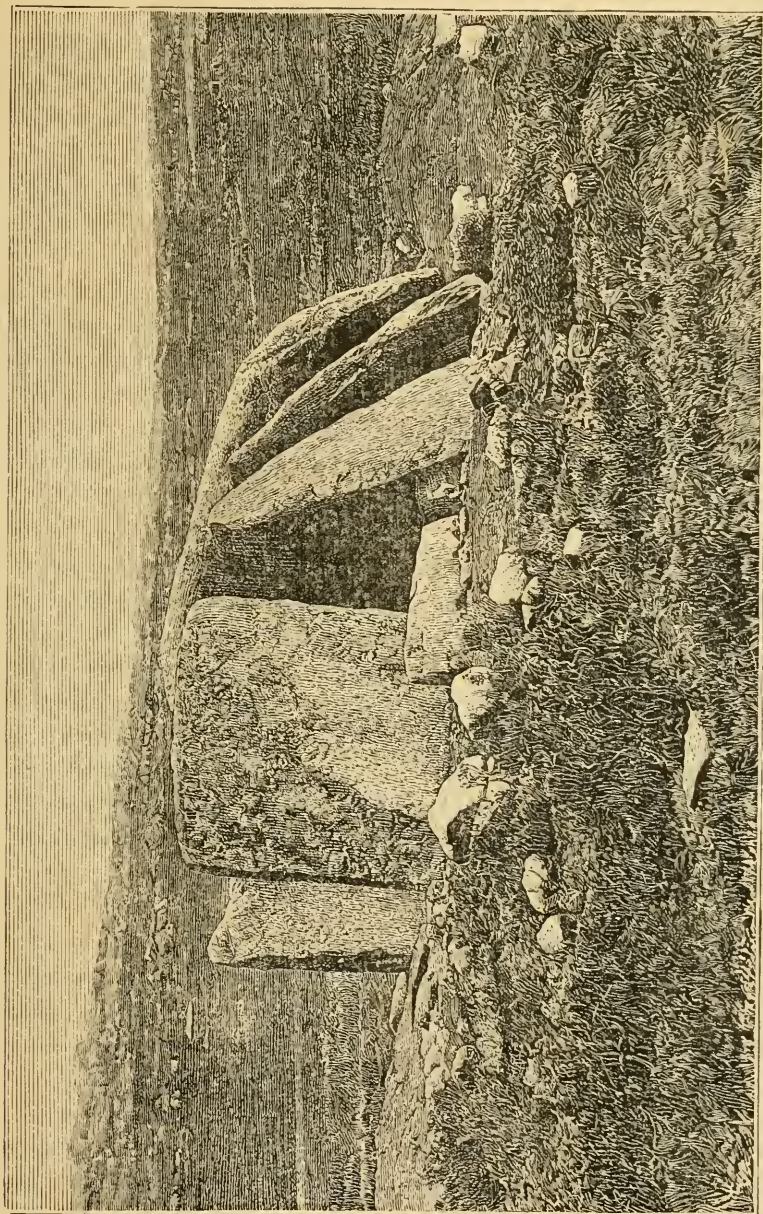


Fig. 2

Museu Municipal da Figueira da Foz

Fundado em 1894, por iniciativa e dedicação do illustre archeologo, Sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha, seu digno conservador, cujos trabalhos são já bastante conhecidos, secundado pela Ex.^{ma} Camara Municipal, de que é presidente o Sr. Dr. Joaquim Pereira Jardim, e por varios particulares, o Museu Municipal da Figueira da Foz é já um estabelecimento importante, e que merece ser visitado por todas as pessoas que, mais ou menos, se interessam pela historia do nosso país.

O Museu está provisoriamente installado no magnifico paço dos Condes da Figueira. Em frente do edificio ha um bello parque, no centro do qual foi montado o tumulo-dolmen da Cabecinha, explorado, assim como todos os outros d'este concelho, pelo Dr. Santos Rocha.

Os objectos do Museu estão distribuidos por uma galeria de entrada e por quatro salas, denominadas, segundo as secções, *industrial*, *de archeologia historica*, *de comparação* e *de archeologia prehistorica*.

GALERIA DE ENTRADA.— Nesta galeria estão varios objectos de archeologia historica, taes como um retabulo restaurado, do seculo XVI, que pertenceu ao mosteiro de Leigo; dois tumulos, um de lages calcareas, e outro de telha romana (*tegulae* e *imbrices*), encontrados no cemiterio luso-romano do Ferrestello, proximo de Maiorca. Ambos estes tumulos contém esqueletos na posição em que foram encontrados. Tambem nesta galeria se acham varios exemplares de ceramica romana (amphoras, etc.) e os dois cippos romanos, provenientes das explorações de Marim, no Algarve, descriptos pelo Dr. Rocha n-*O Archeologo Português*, I, 198 e 199.

1.^a SALA (*Secção industrial*).— Acham-se nesta sala os productos industriaes do concelho: vidros, e outros artigos da Empresa Exploradora das Minas e Industrias do Cabo Mondego; obras de tanoaria, ceramica, fundição, carpinteria, marceneria, etc. Na parede ha elegantes trophcus de instrumentos de pesca e da safra do sal.

2.^a SALA (*Archeologia historica*).— Encontram-se nesta sala objectos de bastante valor real e scientifico. Entre outros: uma collecção de moedas e medalhas, offerta do abbade de Quinchães, o rev.^{do} Fortunato Casimiro da Silveira Gama, ha meses fallecido; varios quadros e tapetes; uma linda pintura em vidro; varios vestuarios do seculo XVIII

e do princípio do actual; leques e adornos femininos; ceramica portuguesa (boiões de botica, tinteiros, etc.); diversas esculturas de pedra e de madeira; obras de talha, do seculo XVI, dos conventos de Seiga e Santo Antonio de Figueira; armas; ferros de picota, e um padrão de pesos de bronze, com a data de 1499, pertencente á camara de Montemór-o-Velho; loiças de Inglaterra, Saxe, China, Talavera de la Reina, etc.; os foraes de Buarcos e Tavarede, e varios outros pergaminhos.

Das epochas *pre-romana* e *luso-romana*, encontram-se aqui muitos fragmentos de argamassa das citanias de Briteiros e de Alto de Santa Luzia (em Vianna do Castello), varias amphoras, uma das quaes de estylo greco-romano, proveniente de Valencia del Cid, e offerecida ao Museu pelo Sr. D. Francisco Cobes, um dos benemeritos d'este estabelecimento, e seu presidente honorario; muitas amostras de argamassas, tijolos, telhas; alguns vasos restaurados, taes como urnas cinerarias, vasos de vidro do genero *alabastrum*; uma espada ou adaga, pregos (*clavi*), restos de mosaicos romanos do Algarve, de Montemór-o-Velho, etc. Grande numero d'estes objectos são provenientes das estações romanas de Marim e de S. João da Venda, no Algarve, exploradas pelo Sr. Dr. Santos Rocha.

3.^a SALA (*Comparação*). — Nesta sala estão, elegantemente dispostos, productos indigenas da Asia, Africa e America, taes como armas, instrumentos musicos, tecidos, artefactos de palha e de madeira, etc.

Serve esta sala, como o seu nome indica, de comparação dos productos dos actuaes povos de civilização inferior com os artefactos que foram produzidos pelos homens das primeiras idades.

Tambem nesta sala se acha uma bem coordenada collecção de molluscos d'este littoral, organizada e offerecida pelo nosso amigo e collega o Sr. Augusto Goltz de Caryalho, de Buarcos, membro da commissão administrativa do Museu; esta collecção é de grande interesse para o estudo das conchas que tão abundantemente apparecem nas sepulturas e estações do homem prehistorico.

4.^a SALA (*Archeologia prehistorica*). — Nesta ultima sala encontra-se, devidamente installada, em oito armarios e tres mostradores, uma preciosa collecção de armas, instrumentos e restos de ceramica dos tempos prehistoricos, paciente e trabalhosamente organizada pelo Sr. Dr. Santos Rocha.

No armario n.^o 1 estão moldagens dos celebres cranios de Furfooz, Cro-Magnon e Constadt e das maxillas de Naulette, Furfooz e

Uro-Magnon. Encontram-se tambem as moldagens de varios objectos achados pelo distincto geologo o Sr. Nery Delgado, nas grutas da Casa da Moura; e varios ossos humanos, um dos quaes com vestigios inequivocos de trepanação, provenientes do tumulo de Santo Amaro da Serra, e recolhidos pelo nosso amigo Goltz.

No armario n.º 2 estão os objectos grosseiros: nucleos, lascas de silex, martellos, etc.

Nos n.ºs 3 e 4, alem de muitos fragmentos de instrumentos de pedra, nucleos e instrumentos mais ou menos apurados, está uma magnifica collecção de instrumentos neolithicos, taes como pontas de lança e de flecha, facas, raspadores, punções, agulhas, um collar de cristal de rocha e ribeirite, e uma bellissima ponta de lança triangular, de silex, fracturada na ponta, e que mede até esta fractura, 0^m,32.

No armario n.º 6 está uma collecção de machados, alguns dos quaes de tamanho e belleza admiraveis.

Nos armarios n.ºs 5, 10 e 11, encontram-se alguns vasos de loiça primitiva, bastantes fragmentos de outros da mesma epocha, mós, collares, verticillos (fusaiolas), varios objectos de bronze, entre os quaes uma especie de *argola* que guarnecia uma manilha, da primeira idade dos metaes, como parece provar-se por varios descobrimentos feitos no Algarve.

Nos mostradores encontram-se muitos ossos humanos, conchas, etc.

Tambem está nesta sala, embora não pertença a esta secção, uma interessante inscripção iberica, bem como varios ossos e collares de contas de vidro esmaltado, tudo proveniente da celebre necropole protohistorica de Fonte-Velha, de Bensafrim (Lagos), explorada pelo Sr. Dr. Santos Rocha.

*

Terminando aqui a nossa resumida descripção do Museu Municipal da Figueira da Foz, cumprimos o dever de fazer conhecido este estabelecimento, e os esforços do seu benemerito conservador. Oxalá que as outras municipalidades, que ainda não possuem museus, procurem a exemplo da d'esta cidade, por todos os meios ao seu alcance, colleccionar todos os objectos e documentos da sua historia, para que, depois de reunidos, se possa conhecer mais a fundo a historia do nosso país, e a dos povos que em differentes epochas vieram a esta parte da Península Iberica!

Figueira da Foz, Julho de 1896.

Questionarios archeologicos

A Commissão dos Monumentos Nacionaes fez imprimir, em 1894, e distribuir por diversas pessoas, os seguintes questionarios, com o fim de collhêr elementos para o estudo da archeologia portuguesa.

J. L. DE V.

1. Questionario geral

Monumentos prehistoricos; antas ou antinhas; pedras levantadas, ou grandes marcos a que se liguem tradições: mamoaes ou mamunhas; cavernas ou grutas onde se encontrem vestigios ou testemunhos da passagem do homem, armas, ceramicas ou ossadas; cercas muralhadas; pedras de raio, armas ou utensilios de pedra lascada ou polida, achados isoladamente; ardosias lavradas.

Noticia de thesouros achados casualmente.

Antiguidades romanas, restos de povoações, edificios ou casas isoladas. Mosaicos, aqueductos, estradas e pontes, marcos de estrada, inscrições ou lettreiros em pedras, templos e fortalezas, moedas, ceramicas ou objectos de barro, tijolos e telhas com marcas de oleiros, amphoras, objectos de vidro, etc.

Tradições locaes; designações locativas, nomes de logares, aldeias, casaes, montes, ribeiros.

Antiguidades romanicas e gothiccas. Igrejas, torres, castellos. Signaes de constructores ou canteiros gravados nas antigas silharias. Sepulturas. Inscrições. Moedas.

Monumentos arabes. Fortificações ou edificios attribuidos a mouros, na voz do povo. Moedas. Designações locativas ou nomes de logares que pareçam de origem mourisca.

Monumentos portugueses. Igrejas e ermidas, palacios, mosteiros, castellos. Solares de antigas familias. Tumulos. Cruzeiros. Padrões. Brazões. Sellos. Moedas. Objectos de mobiliario. Ornatos. Imagens notaveis em pedra, barro, madeira ou metal. Pinturas em madeira ou em téla. Ourivezaria, custodias, cruzes, calices, navetas, etc. Antigas baixellas. Tapeçaria. Bordados. Entalhados. Ferragens artisticas. Sinos. Pelles lavradas ou pintadas. Peças de vestuario. Relogios de torre e de parede notaveis. Cofres. Arcas. Bandejas e tableiros. Relicarios.

Antiguidades a que se não possa marcar origem conhecida.

Noticia de retratos, estampas ou cartas geographicas, antigas.

Notas sobre o estado de conservação dos objectos mencionados.

2. Questionario militar

Montes fortificados, coroas, *castellos* e castros. Por exemplo: Cítania de Briteiros, no Minho; Tintinholo, proximo da Guarda; S. Romão de Ceia; Colla e Castro Verde, districto de Beja. Se tem uma, duas ou tres cêrcas. Avenidas, corredouras ou carreiras de cavallos. Calçadas. Vestigios de povoação. Se no recinto se encontram manufacturas, objectos de barro, de pedra, etc.

Muralhas romanas, torres quadradas, reparando no apparelho, silharia, cimentos. Fossos. Portas de volta redonda. Exemplo: Muralhas de cêrca velha, e arco de D. Isabel, em Evora.

Se ha torres ou muralhas em sitios hoje ermos ou sem povoado importante, ex.: o castello real de Vallongo.

Se nas proximidades tem apparecido moedas, inscripções lapidares ou outros objectos.

Cêrcas muralhadas apresentando modificações, juxtaposições, etc. Torres, bastiões ou cobellos, encostados ás muralhas, de construcção posterior.

Material empregado e seu apparelho; alvenaria sem ordem e construcção por fiadas parallelas.

Se no material empregado nas muralhas se descobrem elementos lavrados que mostrem ter pertencido a construcções mais antigas, por exemplo, muralhas de Faro e outras muitas.

Escadas no interior das torres, escadas de caracol, etc.

Pontes. Portas fortificadas. Portas de castellos. Designações locais e tradições que possam ter relação com o uso particular de torres, exemplo, a torre de *Míhora*, no castello de Montemór-o-Novo. Torres de castellos com usos municipaes, relogios, sinos da camara, etc. Castellos portuguezes. Couraças. Cisternas. Barbacans. Caminhos subterraneos. Postigos. Poternas. Entradas. Ameias. Seteiras. Frestas. Angulos ou dentes de serra flanqueantes. Portas de cidade. Parapeitos sobre cachorros e vãos para artificios, guaritas e vigias. Ermidas, igrejas ou mosteiros isolados, com torres, ameias, etc.

Fortificações ou castellos a que se liguem factos historicos. Castellos que tenham servido de prisões do estado, S. Julião, Belem, etc. Castellos a que estejam ligados nomes de artistas, exemplo, S. Filippe de Setubal, a torre de Belem. Castellos comprehendendo edificações notaveis, Guimarães, Leiria, Montemór-o-Novo. Inscriptões de importancia militar, romanas, medievas ou nacionaes. Torres de solares antigos, por exemplo, a Torre dos Coelheiros.

Noticia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis

3. Anta da herdade do Assobiador

Alem das *antas* exploradas no concelho de Avis, e de que muito resumidamente me occupei nos n.^{os} 5 e 8 d-*O Archeologo Português*, I, 120 e 214, ha ainda outras; na primavera de 1893, procedi a excavações noutro monumento da mesma especie, embora menor, situado na herdade do Assobiador, margem esquerda da ribeira de Avis, a 15 kilometros pouco mais ou menos NO. d'esta villa.

Nesta herdade e na de S. Martinho, que com ella confronta, sei da existencia de cinco *antas*, presumindo que será ainda maior o número d'ellas, sem comtudo o poder precisar, porque, alem do terreno ser muito accidentado e pedregoso, acha-se em grande parte coberto de mato difficilimo de romper.

Como as minhas occupações me não permitiram explorá-las todas, dirigi os meus trabalhos simplesmente para aquella de que vou tratar, que mais me impressionou pelas differenças que notei entre ella e as que por mim já tinham sido exploradas.

Tem a fórma de um quadrilongo, ao contrario das outras, que são do feitio de palmatoria. Os seus esteios, de 0^m,50 de altura fóra da terra, a avaliar por um que entendo estar perfeitamente inteiro, eram seis de cada lado, norte e sul, quatro do poente e dois do nascente, formando uma porta de entrada.

Não encontrei nella vestigios alguns de galeria, e nas proximidades não me foi possivel descobrir o chapen, nem parte d'elle.

A exploração d'esta *anta* foi incompleta, porque, fazendo-a quando a terra, de barro forte, estava muito humida, era impossivel a crivagem, e por este motivo a colheita dos pequenos objectos, que por ventura ella tivesse, e que só o crivo póde dar. Ainda assim, fiz juntar toda a terra do recinto da *anta*, reservando para tempo conveniente a conclusão dos meus trabalhos. Infelizmente fui precedido pelo arado do lavrador, que a misturou com a outra, e destruiu quasi por completo este velho monumento.

Não obstante, consegui colhêr os seguintes objectos, ora existentes na minha collecção.

Ceramica.—Um vaso incompleto de barro grosseiro, sem vestigios de qualquer ornamentação, medindo 0^m,21 de diametro e 0^m,08 de altura; tem o fundo convexo e os bordos inclinados para dentro;

denota ter prestado muito serviço, attendendo a que as suas paredes, de espessura irregular, se acham gastas nalguns pontos, e aos muito visiveis signaes da acção do fogo.

Não foi empregada nella a roda do oleiro.

Machados. — Cinco machados de schisto (?) de secção trapezoidal, variando o seu comprimento de 0^m,07 a 0^m,13, a sua largura de 0^m,03 a 0^m,045 e a espessura de 0^m,028 a 0^m,04. Todos estes tem o gume sensivelmente plano e as suas faces mais ou menos polidas.

Um machado de schisto (?), de secção elliptica, de 0^m,11 de comprimento, 0^m,05 de largura junto ao gume, de 0^m,025 de largura no topo e de 0^m,037 de espessura. É polido em toda a sua superficie e tem o gume convexo.

Dois machados de schisto (?), alongados, de secção circular, de 0^m,15 de comprimento, 0^m,055 e 0^m,045 de largura e 0^m,04 e 0^m,032 de espessura. Tem as superficies mal polidas, os gumes convexos, um ligeiramente obliquo, e os topos fracturados.

Dois machados de schisto (?) verde, de fórma triangular, gumes ligeiramente convexos e faces bem polidas. Medem 0^m,103 e 0^m,08 de comprimento, 0^m,05 e 0^m,042 na maior largura e 0^m,012 de espessura.

Todos os machados tem os gumes tão apurados que parece terem sido afiados na occasião em que foram enterrados.

Objecto de silex. — Um pequeno fragmento de faca de silex escuro, de secção trapezoidal, com as arestas muito fracturadas.

Objectos de cobre. — Uma ponta de lança em bom estado de conservação, a não serem uns pequenos estragos na ponta, devidos certamente á humidade, cuja lamina tem 0^m,05 de comprimento e 0^m,023 na maior largura, e o cabo 0^m,055 de comprimento; a sua espessura é insignificante.

Uma ponta de lança como a antecedente, mas mais pequena, pois que apenas mede na lamina 0^m,035 de comprimento e 0^m,015 na maior largura, e no cabo 0^m,03 de comprimento.

Um objecto tambem de cobre, alongado, de secção circular, mais espesso no meio e com as extremidades um tanto deterioradas. Mede 0^m,06 de comprimento e 0^m,004 na maior espessura. Seria instrumento cirurgico?

Ponte-de-Sôr, Agosto de 1896.

M. DE MATTOS SILVA.

Gruta da Senhora de Carnaxide

N-*O Arch. Port.*, I, 182-189, publiquei um artigo em que creio ter deixado assente que a gruta da Senhora de Carnaxide, nos arredores de Lisboa, não passa de sepultura prehistorica transformada pela piedade christã em santuario de Nossa Senhora: facto este semelhante a muitos outros em que abundam os agiologios. No mesmo artigo indiquei os trabalhos que conhecia á cêrca da gruta. Como complemento d'essa indicação, e ao mesmo tempo como illustração bibliographica do assumpto, publico aqui os seguintes mimosos versos de um poema que o Sr. Thomás Ribeiro está elaborando, nos quaes se relatam as circumstancias maravilhosas do descobrimento da gruta:

Esse templo que alveja sobre a rocha
na margem do Jamor
tem por baixo uma gruta escura e fria,
onde uns moços da aldeia, acaso. um dia,
encontraram a Mãe do Salvador.

Imagem pequenina: miniatura
da oriental celeste formosura
que fôra Virgem, Mãe, Fonte d'amor.
Olhos tristes, mãos postas, face terna;
tinha um manto de seda já desfeito
pela humidade morna e pestilente
da lobrega caverna.

Ao pé, jarra de flores desvidrada,
além, não longe, em frente,
apodrido esqueleto,
desconjunctado, carcomido, abjecto!

Este quadro sombrio e fragmentado,
visto á luz vacillante d'uma tocha
pelo bando infantil que entrou de rojo
no lobrego covil da esconsa rocha,
mostra, nas stalactites d'esse fojo,
vividros, tremulantes,
mil prismas iriados de diamantes
em torno á Mãe de Deus.

Grinalda argentea num docel de estrellas!
Fragmento augusto de equatorios ceus!
E quantas d'essas joias debruçadas
alem, sobre os destroços d'esse morto,
que ella guardava attenta e desvelada,
iam—estrella a estrella desmaiada—
calhindo, como lagrimas da noite,
em cima d'essa dôr inconsolada.

Ó Mãe de Deus, que o viste ali morrer,
 e na hora derradeira lhe assististe
 sem teres já sequer,
 um manto onde o miserrimo se acoite,
 como o teu rosto era velado e triste!
 Os romeiros gentis, que deslumbrados,
 foram com brilhos taes, tanta agonia
 viram na Mãe de Deus, que ajoelhados,
 entoaram em côro :

— «Ave, Maria,
 cheia de graças mil, Deus é contigo,
 fulge em teus olhos a divina luz:
 és bemdita entre todas as mulheres;
 bemdito o filho teu, doce Jesus.
 Santa Maria que de Deus és Mãe!
 agora e quando findem nossas dôres,
 roga, pede por nós, os peccadores,
Amen!

E um grupo de aldeãs que entrado tinha
 atrás dos filhos seus, naquelle instante
 prostrando-se temente e supplicante
 em côro respondeu :

— «Salve, Rainha,
 Mãe de misericordia, nossa vida,
 esperança e doçura, ouve estes brados
 dos pobres filhos d'Eva, os degradados
 neste valle de lagrimas e abrolhos!
 Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
 pharoes de tanta luz,
 advogada nossa! e após tamanhas
 penas, miserias, maldições d'um erro,
 ao cabo do desterro,
 oh! mostra-nos Jesus,
 filho das tuas virginaes entranhas!
 e, dignos das promessas do Senhor,
 consegue-nos a paz e o seu amor.

Depois, um *Laus-perenne*: a invia gruta,
 uma d'immensas ignoradas tumbas,
 um misero ossuario,
 tornou-a a fé sublime em sanctuario,
 como foram de Roma as catacumbas.

Depois de longa porfiada lucta,
 em honra da —*Senhora Aparecida*—
 á Sancta Mãe do amor
 ergueu-se o egregio templo,
 a capella risonha que contemplo
 sobre a rocha na margem do Jamor.

.....
 THOMÁS RIBEIRO.

*

Estes versos foram publicados primeiro no *Correio Nacional* e depois no *Norte Transmontano*, de cujo n.º 77 (Setembro de 1896), para aqui se transcreveram.

J. L. DE V.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

1. Excavações na Persia

«El Gobierno Persa ha concedido à Francia el privilegio exclusivo de praticar excavaciones en toda la extensión del imperio Persa. Los sitios santos y de veneración, como las mezquitas, capillas, cementerios, etc., están esceptuados é intangibles. Un delegado del gobierno del Shah concurrirá á los trabajos de los exploradores, facilitará la execución de los trabajos y velará para que las condiciones de la autorización sean respetadas. Un miembro de la legación francesa asistirá igualmente á los trabajos de excavación».

(Da *Revista de la Asociación artístico-arqueológica barcelonesa*, 1, 70-71).

2. Sociedade de Archeologia christã de Athenas

As primeiras tentativas de colleccionação e conservação de antiguidades na Grecia datam de 1813. Depois que os Turcos foram expulsos do país, uma lei de 22 de Maio de 1834 regulou a conservação dos monumentos e as excavações archeologicas.

A princípio o que absorvia os espiritos era o estudo da antiguidade classica; só posteriormente veio a ideia de estudar tambem os bellos vestigios da arte christã bizantina.

Em 1885 fundou-se em Athenas uma Sociedade de Archeologia christã, com o fim de criar um museu archeologico e artistico, estabelecer uma bibliotheca, e, emfim, estudar todas as antiguidades christãs achadas na Grecia.

A Sociedade teve como director o Dr. Lambakis, e recebeu o apoio da rainha Olga.

O seu museu, postoque começasse modestamente, já em 1893 contava mais de mil e oitocentos objectos; as viagens que com fins philanthropicos o Dr. Lambakis fez pelo país contribuíram muito para enriquecer o museu, ao qual o Ministro de Instrucção Pública concedeu em 1890 a posse dos objectos que conviesse colhêr nos museus e nas igrejas, á excepção dos manuscriptos que iriam para a Bibliotheca Pública. Contém o Museu actualmente quadros, vistas e planos de templos, paramentos religiosos, vasos sagrados, sellos, cruces, etc.

A Sociedade fez uma exposição hagiographica em 1891; tem como órgão uma publicação periodica; e entre outros serviços prestados ao país contribuiu para o resguardo e restauração dos ricos mosaicos do convento de Daphni, proximo de Athenas, que são obra do veneziano Novo.

Extrahi estas noticias do jornal inglês *The Athenæum*, n.º 3591, de 22 de Agosto de 1896.

3. Estudos archeologicos no Norte da Africa

O Ministerio da Instrucção Pública de França patrocina a publicação intitulada—*Musées et collections archéologiques de l'Algérie et de la Tunisie*, de que, até 1895, tinham sahido a lume os seguintes volumes: *Musée d'Alger* (1890), *Musée de Constantine* (1892), *Musée d'Oran* (1893), *Musée de Lambèse* (1895), *Musée de Cherchel* (1895). Naquella data estavam-se preparando catalogos com relação a Philippeville, Thebessa, Tlemcem, etc.

Vide *Revue Archéologique*, 3.^a serie, xxvi, 200.

* 4. Inscrições do Baixo-Danubio

O Sr. Téglás, com o auxilio do Ministro das Obras Publicas da Hungria, o Sr. Lukás, tambem erudito e archeologo, aproveitou a occasião de se fazerem trabalhos technicos nas cataractas do Baixo-Danubio, e restabeleceu definitivamente o texto das inscrições latinas gravadas nos rochedos. As inscrições eram tres, e já conhecidas ha dois seculos, mas, por causa de muitas difficuldades, tinham ficado

inaccessíveis. Téglás descobriu mais outras. Estas inscripções referem-se a trabalhos de viação, e datam do tempo de Tiberio, Vespasiano e Domiciano.

Vide *Revue Archéologique*, 3.^a serie, XXVII, 381.

5. Trabalhos da Sociedade de Archeologia de Bruxellas

Do *Annuario* de 1896 (tomo VII) do Sociedade de Archeologia de Bruxellas consta que esta benemerita Sociedade, durante o anno de 1896, mandou proceder a diversas excavações archeologicas em Anderlecht, em Masnuy-Saint-Jean, Campine, Chameleux, alem de outros trabalhos que empreehendeu.

No mesmo *Annuario* se dão agradecimentos aos Ministros da Fazenda e das Obras Publicas da Belgica, e ao burgomestre de Laeken, pelos auxilios por elles prestados á Sociedade, no campo da Archeologia.

*

Essas e outras noticias semelhantes, que irei publicando, devem servir de estímulo aos nossos Governos e corporações officiaes e scientificas, para não descurem o estudo das antiguidades nacionaes, que precisa de ser amplamente desenvolvido, enquanto é tempo, enquanto o camartello destruidor não acaba de apagar o que nos resta do passado.

J. L. DE V.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

45. Adquiriram-se para o Museu, por compra feita ao Sr. juiz de direito Dr. Bernardo de Albuquerque Silva e Amaral, de Mangualde, os seguintes objectos:

a) uma pequeno figura de bronze que representa um animal do genero *Bos*, deitado;

b) um pedestal da mesma substancia, em fórma de pé de calix.

Estes objectos foram achados ha annos em excavações feitas em Safára, comarca de Moura. Parece serem da epocha luso-romana.

44. Comprou-se e entrou no Museu o seguinte:

a) uma conta de vidro romana;

- b) um fragmento de vaso de vidro romano, com ornatos;
- c) um sinete de bronze.

Os dois primeiros objectos foram achados em Beja, ao pé da estação do caminho de ferro, num local em que tem apparecido outros objectos romanos. Do terceiro objecto, que é muito posterior á epocha romana, ignora-se a procedencia.

45. O Sr. **Gouveia Hortas**, da Aldeia da Mata (Crato), enviou para o Museu, como offerta:

a) quatro placas de schisto ornamentadas (prehistoricas), achadas na anta da herdade da Lameira;

b) um *pondus* romano, de barro, achado perto da Aldeia da Mata.

O Sr. Gouveia Hortas permite, com a maior generosidade, ao director do Museu Ethnographico a exploração da referida anta, e este procederá a ella na primeira occasião disponivel.

46. Entraram no Museu dois machados de pedra polida, encontrados nos campos de Liceia (Barcarena). Ao pé de Liceia ha um castro neolithico: cfr. *O Arch. Port.*, I, 5.

47. Monsenhor Conego **Pereira Botto**, conservador do Museu de Faro, offereceu ao Museu um pequeno cylindro prehistorico de calcareo, achado no «castello» de Pragança.

48. Da estação luso-romana de ao pé da quinta do Cidral (Alguber, antigo concelho do Cadaval), explorada pelo adjunto do Museu Ethnographico, o Sr. Maximiano Apollinario, em Novembro de 1895, vieram para o Museu os seguintes objectos:

a) sete *pondera* de barro, uns inteiros, outros fragmentados (um d'estes com marca);

b) diversos fragmentos de barrô saguntino, alguns já sem verniz (de um dos vasos recompõe-se theoreticamente a fórmula).

Esta estação archeologica foi descoberta pelo Sr. **José Maria Fogaça**, de Alguber, que logo communicou o facto á direcção do Museu Ethnographico.

49. Das antas neolithicas de Carrazeda do Alvão vieram para o Museu, em Outubro de 1895, outros objectos, alem dos mencionados n-*O Arch. Port.*, II, 142, n.º 28; são elles:

a) uma pequena figura de pedra, que representa uma cara, ao que parece, humana;

- b) um pequeno percutor de pedra;
- c) uma pedra arredondada, que parece tambem percutor;
- d) varios fragmentos de percutores e outras pequenas pedras.

O objecto do § *a* foi offerecido pelo Sr. P.^e Raphael Rodrigues; os outros objectos foram encontrados na occasião em que visitei a necropole, em Setembro de 1895.

50. Da *orca* dos Fiaes (na Beira-Alta) veio para o Museu uma ponta de setta de pedra, encontrada pelo Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu.

51. Do concelho de Mangualde trouxe o director para o Museu:
- a) um machado de pedra, achado em Lobelhe;
 - b) outro menor, achado em Vallongo, ao pé de Gandufe.

52. O Sr. Dr. Horacio Ferrari enviou para o Museu quatro objectos da idade da pedra, dos typos que vulgarmente se chamam *machados*, — sendo um proveniente do Monte-Lavar (Sintra), e tres de Atougua das Cabras (abas da Serra de Monte-Junto, concelho de Alemquer).

53. Entraram no Museu tres machados neolithicos, adquiridos pelo director nos arredores de Setubal.

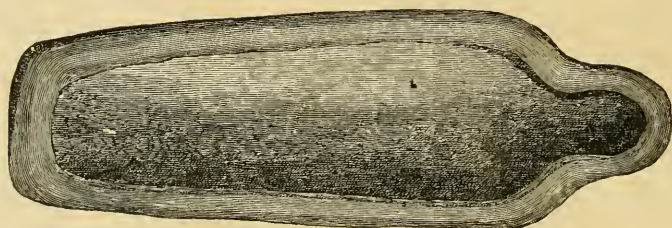
54. Do *castro* pre-romano da Rotura, nos arredores de Setubal, explorado pelo adjunto do Museu Ethnographico, o Sr. Maximiano Apollinario, em Março e Abril de 1896, com auctorização do dono do terreno o Sr. Antonio Maria de Almeida Garcia Fidié, de Setubal, vieram para o Museu os seguintes objectos:

- a) diferentes fragmentos ceramicos, com ornamentação variada;
- b) tres fragmentos de pesos de barro;
- c) tres pontas de setta, de silex;
- d) uma faca de silex, varios fragmentos de outros instrumentos, e diversos estilhaços;
- e) dois tubos de paus do ar, um ornamentado e outro liso, — e dois fragmentos;
- f) uma conta de ribeirite, e metade de outra;
- g) um pequeno pingente;
- h) duas laminas de metal (cobre ou bronze) serrilhadas, e um fragmento (gume) de instrumento cortante.

Sepultura de pedra

Por várias vezes se tem fallado n-*O Archeologo Português* de sepulturas de pedra, umas avulsas, em fôrma de pias, outras abertas em rochedos naturaes: vid. o indice do vol. 1, s. v.

Havendo-me sido permittido percorrer um Relatorio que o engenheiro Sr. J. H. von Hafe enviou em 1883 ao Ministerio das Obras Publicas á cêrca das ruinas de Panoias, de lá extráio para aqui o desenho de uma que aquelle engenheiro encontrou ao pé do Assento de Val de Nogueiras, termo de Villa Real de Tras-os-Montes. Lê-se no Relatorio: «Vi tambem uma pedra sôlta, em parte enterrada, tendo uma fôrma especial, que parece de sepultura. Existem várias pedras com esse feitio na Lixa do Alvão, e em mais pontos do concelho de Villa Pouca de Aguiar».



Escala — 1 : 18

Não ha dúvida que taes pedras são sepulturas. Nos lugares que o Sr. von Hafe indica, isto é, junto do Assento e no concelho de Villa Pouca de Aguiar, vi tambem eu em 1895 sepulturas de pedra analogas.

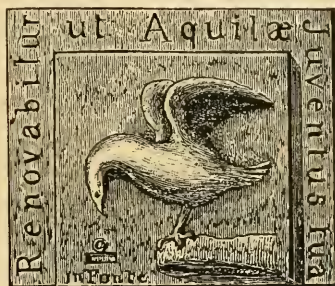
J. L. DE V.

Nota á cêrca das fontes

Ha no nosso país grande variedades de fontes, ao que já me referi na *Revista Lusitana*, III, 228 e 234. A este proposito umas regiões offerecem mais materia de estudo do que ontras. Numa viagem que em Agosto e Setembro do corrente anno fiz pela Beira tive occasião de observar muitas fontes, de architectura curiosa: umas, com um arco, tendo em cima uma cruz entre duas pyramides; outras com braços de armas, da familia a que pertencem.

Em Junho de 1894 estive na quinta de S. Mamede da Rôliça (concelho de Obidos) pertencente ao Sr. Francisco Guilherme de Castro, e ali vi uma fonte do seculo XVI com uma inscripção latina; a água sae da bôca de uma carranca, e em volta d'esta lê-se: VT VNDA VNDA PELITUR DIES DIE 1580, o que significa: «Um dia é impellido por outro dia, como uma onda por outra onda», isto é, — o tempo vae passando como a água que corre.

Na célebre fonte do Satyro, da cêrca do convento de Bemfica, ha tambem uma inscripção que, se não é igual á precedente, é muito semelhante. Na impossibilidade de ir agora a Bemfica copiá-la, o que farei na primeira occasião disponivel, contento-me com transcrever para aqui o que diz Fr. Luis de Sousa: «E porque entre gente, que professa lettras, é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso, a quem folga de o ver com um verso latino



Escala — 1 : 7

entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar, nem tornar a trás, ao modo d'aquelle licor, que lhe sae das mãos»¹.

Num relatorio manuscrito, enviado pelo engenheiro Sr. João Henrique von Hafe ao Ministerio das Obras Publicas á cêrca das ruinas de Panoias, vem o desenho de uma pedra de grés que elle encontrou no lugar do Assento de Val-de-Nogueiras, termo de Villa-Real de Trás-os-Montes, e que suppõe ter pertencido a uma fonte. Publico aqui o desenho; nelle se lê a inscripção: *Renovabitur ut Aquilæ Juventus tua in Fonte*, que significa: «nesta fonte se renovará a tua mocidade, como a da aguia». A primeira parte da inscripção, isto é, *Renovabitur ut*

¹ *Historia de S. Domingos*, Lisboa 1767, Parte II, liv. II, cap. 3, pag. 95.

aquilae juvenus tua, pertence ao psalmo CII de David, que dirige tal expressão á sua alma. O artista deu vulto ao versículo, figurando uma aguia a dirigir o bico, segundo parece, para a argola da tampa de uma fonte ou poço. O que não posso dizer é se a phrase *in fonte*, que foi acrescentada á sentença biblica, se lhe encorpora, constituindo esta assim uma applicação mais clara á água, ou se serve apenas de rotulo, para indicar que allí está uma fonte. Foi na primeira hypothese que traduzi a inscripção por inteiro. O mais provavel porém é que o artista quisesse indicar os dois factos, collocando pois o resto da inscripção junto da propria tampa do reservatorio de agua, para que não houvesse dúvida á cêrca do sentido, — ser tão boa a água, que de velhos fazia moços. Aquelle passo do propheta David foi interpretado por Santo Ambrosio como significando a graça do baptismo: assim como a aguia renova as pennas, e alcança idade provecta, assim a alma, pela graça do baptismo, póde libertar-se do peccado, e como que rejuvenesceer. Ponho aqui as proprias palavras do santo: «*Ut autem intelligas quia de gratia baptismatis Propheta loquitur, innovationem ipsam aquilae comparavit, quae avis assidua commutatione habitus sui longam ducere fertur aetatem, et vetustis jam fatiscenibus plumis nova pennarum successione juvenescere, ita ut depositis antiquitatis exuviis, rediviva indumentorum nativitate se vestiat*»¹. Vê-se como, sob o aspecto mystico, era justa a comparação da água da fonte com a do baptismo, por intermedio da aguia. Quem desejar ainda mais alguns desenvolvimentos sobre o assumpto consulte a erudita obra de Aldrovandi, intitulada *Ornithologia* (em latim), Bononiae 1599, lib. 1, pag. 67 e 68. — Assim fica explicado o sentido da esculptura e da inscripção da fonte do Assento, que não é anterior ao seculo XVI; se gastei poucas palavras na explicação, porque não me sobra tempo para palavreados, nem por isso deixei de trabalhar algumas horas: valha-me ao menos o ter trabalhado entre livros santos!

Innumeros outros exemplos de fontes com versos e sentenças se podiam aqui inserir; mas por agora limito-me a estes, deixando outros para novo artigo. Entretanto, se a algum leitor aprouver enviar para *O Archeologo* notas interessantes sobre o assumpto, de boa vontade se lhe publicarão.

O costume de adornar as fontes com symbolos e versiculos é degeneração de outros mais antigos, de epochas em que as fontes se poetizavam e divinizavam. Não ha ninguem que não conheça as fontes

¹ D. Ambrosii *Omnia quotquot extant opera*, Basileae 1567, III, 280.

de Arethusa, da Castalia, de Aganippe, de Bandusia. Este costume, porém, ao contrário de outros paralelos que existem no país, tem origem erudita, vem immediatamente para nós no tempo do Renascimento: nessa epocha o latim era em tal abundancia, que até jorrava da bôca das fontes! Os costumes paralelos a que me refiro são os das fontes santas e fontes mythicas, muito enraizados na tradição popular, e que provém, sem interrupção, da antiguidade.

Uma das fontes sagradas mais notaveis do nosso país, na epocha preromana, era a do deus bracero *Tongoenabiagus*, que ainda hoje existe em Braga, e de que publicarei proximoamente n-*O Archeologo* um estudo desenvolvido; o nome d'este deus, cuja leitura correctã eu fui o primeiro a dar, será de origem celtica, e revela na divindade attributos curiosos. Dos tempos romanos temos, por exemplo, a fonte santa de Bencatel, consagrada aos deuses *Fontanus* e *Fontana*. Com a introdução do Christianismo, e as successivas mudanças de civilização, as fontes pãgãs receberam designações christãs (*Fonte de S. Gualter*, *Fonte da Senhora do Carmo*) e outras um tanto diversas das primeiras (*Fonte da Moira*); mas, pelo conhecimento geral da historia das religiões, pelas lendas e pelas superstições adjuntas (banhos santos, por exemplo), recompõe-se o seu caracter primitivo.

Do que acabo de dizer, conclue-se que as fontes do nosso país, dignas de estudo pelo seu caracter tradicional, se classificam, como me parece, em:

- a) fontes com caracter mythico (exs.: as *Fontes das Moiras*);
- b) fontes com caracter christão (exs.: as *Fontes Santas*, as fontes com paineis, cruces, imagens);
- c) fontes com caracter litterario (exs.: as de S. Mamede, Bemfica e Assento).

As duas primeiras classes são, como notei, mais antigas: o seu caracter provém directamente da antiguidade, embora fontes haja modernas que o recebessem por analogia com as outras. A última classe, com quanto em algumas fontes se leiam sentenças de caracter moral, o que aproxima as classes *c* e *b*, tem origem moderna, na epocha do Renascimento.

Levando mais por longe o estudo das fontes, poderiamos ainda considerar outras classes: como «fontes com caracter mais ou menos historico», por exemplo, a *dos Amores*, em Coimbra.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

32. Amarante (Entre-Douro-e-Minho)

Etymologia. — Inscriptões da ponte

«... a sua antiga fundação querem os auctores fosse dos Turdetanos da Lusitania, 360 annos antes da vinda de Christo, sem lhe descobrirem outro nome; athe que ocupando os romanos os poucos Bacraros (*sic*), a cuja Jurisdição esta villa pertencia, o Cappitam Amaranto¹ lhe deu o seu nome que athe o presente conserva. Iaz sepultado este nobre Cappitam romano no hospital de Sam Marcos da cidade de Braga, com esta Letra:

AMARANTVS SENEÇIONIS

· H · S · E ·

«No ancho da ponte (*de Amarante*) para a parte desta villa dizem que antigamente estavam humas Letras que se mandaram picar sem se saber para que motivo que deziam assim

ESTES PILARES FES

P.º F.º ANO DE 92.

Ha tradição que Sam Gonçallo principiou a mandar fazer esta ponte no anno de 1247 e que durou 30 mezes a sua factura.

Dizem que no meyo della estaua hum Padram que hoie nam apparece que tinha letreyro seguinte:

PONS ISTE CHRÕ² SERVAT ·

MARIA MATRI VIRG. DEI

IPSI S FAVENTIBUS AB SO-

LVTVS XXV · OCTOB. AEA

M · CC · XL · IX

¹ Parece effectivamente *Amarante* provir do nome proprio *Amarantus* (vilam Amaranti). *Amaranthus* era nome relativamente vulgar vid. *C. I. L.* Tom. II, indice. A inscripção transcripta tem o n.º 2472, vem já no *Dicc.* de Cardoso-donde o auctor da memoria, provavelmente o mesmo que lhe offerecera os apontamentos, copia em grande parte. Outro nome de povoação derivado de nome romano parece ser *Sever* (*Severi*).

² Christo.

POST MENS XXX A SVA IN-
CHOATIONE.
CHRE DEVS SERVA PONTE-
MTVM IN HONOREM ET CO-
MMODVM SERVORVM TVO-
RVM ADEFICATVM AMEN DEO
GRS

33. Amares (Entre-Douro-e-Minho)

Crastros.—Estrada da Geira

«Contiguo e sobre eminente a esta freguezia está hum pequeno monte acastellado e fragoso chamado *Crastos-de-Amares* que no alto delle se acha hum pillar quadrado de doze palmos e pedra tosca levantado sobre huma penha, a cujo sitio chamão os moradores desta freguezia—A Santinha—. E havendo pessoas que passão de noventa annos não se acordão, nem ainda de ouvida de que servisse o tal pillar; e porque no alto delle se acha por forma, que mostra teve em si alguma couza engastada, persuadome, que nelle estaria alguma Imagem ou braço de Crux.

Deste Lugar se avistão seis para sete Legoas para o Poente e para o Nacente duas legoas, para o Norte mea legoa, e para o Sul huma Legoa aonde se descobre a famoza hermidã com a invocação da Senhora do Pillar situada em hum alto pinaculo de hum monte a quem produzio a natureza para ameias e emminencia e para muralhas humas altas e despenhadas fragoas, e no mesmo sitio se acha tambem dantigo e pello luguar inexpugnavel Castello-de-Lanhoso, edificio que muitos lhe dão a sua origem desde o tempo, que os Mouros occuparão esta Provincia». (Tom. III, fl. 480).

«Por entre esta freguezia e a de Sam Pedro de Figueiredo houve huma estrada, que a diligencia dos lavradores por lhe não chamar ambição, tem confundido com a agricultura. Os naturais da Terra lhe dão o nome—da Geira¹—e os escriptores a apelidão—dos Ro-

¹ No cod. 1054 do *Archivo Nacional* a fl. 209 encontra-se uma copia com o seguinte titulo: «Estrada Militar do Gerez e antiguidades que comprehende a Geira»; não tem nome de auctor. Provavelmente foi d'aqui que se tirou uma nova cópia para a impressão na *Revista Litteraria* do Porto. O estudo que mencionamos contem 38 inscrições. Sobre este assumpto vid. *C. I. L.* II, p. 639. Logo em seguida vem «Noticia da freguezia de S. João do Campo». Este codice pertence a uma numerosa colleção que um denominado Pinheiro copiou por sua mão em grande numero de cartorios e bibliothecas.

manos—que do Reyno de Galiza fizeram para a cidade de Braga; e como para aquella cidade havião de atravessar o Rio Cavado, he crível o fezerão por hum sitio chamado —Porto— donde vem o attribuirselhe a factura da Ponte chamada —do Porto— pois da fundação della não ha outras noticias, acresendo que huma inscripção que se acha na mesma Ponte se asemelha a muitas que estão lavradas em alguns padroins que se achão na mesma Estrada desde a freguezia de Sam João da Balança até entrar no Reyno de Galiza, pella Portella de Homem». (Tom. III, fl. 484).

34. Ameixial (Algarve)

Tradições de mouros

«O sitio do Azinhal lhe chamão o Azinhal dos Mouros, porque nesta Aldea habitavão e assistião os mouros, e o sitio do Alagar da Serra, tambem assistião os Mouros, e ahi tinham seu lagar de sera que hoje não ha vestigios, e so dizem, que no mesmo lugar estão humas cazas, em que vive hum morador». (Tom. III, fl. 515).

35. Ameixoeira (Extremadura)

Etymologia popular. — Mouros

«O Lugar da Amixoeyra ou Mixoeira (como alguns dizem) ha tradição que sua ethymologia he de Amixo, nome de hum mouro. que habitava nelle, e outros de sua nasção: . . . (Tom. III, fl. 517).

«Em o principio, e alto do Lugar da parte do Leste, sitio que chamão das Covas (porque nelle se achavão as em que os Mouros¹ metião os seus fruttos) ha a Ermida de Jesus Maria José. . .» (Tom. III, fl. 522).

36. «Castello» de Amendoa (Extremadura)

«Nam he murada, só tem pegado a villa hum grande penhasco guarnecido de paredes velhas que se chama o Castello». (Tom. III, fl. 531).

37. Aramenha (Alentejo)

Ruinas de Medobrega. — Memorias para a Academia de Historia. — Cova da Moura

«Perto desta Parrochial Igreja para a parte do sul se estam vendo na mesma planice os vestigios da Cidade da Aramenha, os quais são assentos de torres alicerses de casas, e muralhas com muntas cantarias,

¹ Tambem os christãos. como ha exemplos innumerados pelo menos até o sec. XVI.

fabricadas com tam bem fabricados materiaes, que não he facil o fazer lhe despedir as pedras delles, por mais deligencia que se faça; nesta Cidade assistião os Arminios gentios, e por hum instrumento feito pello Escrivão da Camera que servio ha muitos annos na dita villa de Marvão consta que o Reverendo Padre Mestre Doutor Joan Garção, religioso que foi da Companhia, lhe affirmou, quando se tirou informação semelhante a esta para a Academia deste Reino, tinha hum Livro em que constaua que a ditta Cidade fora conquistada e demolida pello Emperador Julio Cesar, trinta annos antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Christo, haverá trinta e oito annos que deste citio levaram para a villa de Castello de Vide hum grande portado de cantaria bem lavrado, que mostraua ser a principal da ditta Cidade, o qual puzeram na porta principal que de novo se fes para a dita villa, e fica para a parte do Sul, e se chama a porta da Aramenha; estaua esta Cidade contigua a ribeira que a cercaua pella parte do Nascente e do Sul; a terra em que esta Cidade estaua cituada está reduzida a cultura e nella se produs bom trigo e senteio. . . .¹» (Tomo IV, fl. 186).

«No principio deste matto (*da Cadeira*) para a parte do Poente se acha no alto de huma das dittas pedreiras hum buraco de sinco palmos de largo pello qual se desce em profundidade de vinte palmos seupre por pedra firme e deste nasce hum fojo que se encaminha para a parte do Sul com dobrada largura, pello qual descendo outra tanta profundidade se entra em hum vão que terá mais de vinte palmos de largo e trinta de comprido com bastante altura e vai profundando se com semelhantes descidas sempre por entre pedra viva. No meio do mesmo matto em outro cabeça de outra pedreira junto a hum forno se acha huma coua grande chamada *a da Moura*, a qual ainda que está já munto entullhada, tem de profunda oitenta e quatro palmos e de largo do Norte ao Sul sincoenta e seis, e do nascente ao Poente quarenta e dous e para a parte do Norte tem hum foyo grande e largo que segundo as antigas tradiçõens he muito comprido e foi feito para mineral de ferro segundo os vestigios que naquelle citio se tem visto; dentro desta cova nasce por entre a pedra viva a erva chamada *Lingua servina*, muito util para quem padeça inchasos no estomogo». (Tomo IV, fl. 188).

¹ Borges de Figueiredo, «A archeologia nos Lusíadas», in *Revista Archeologica*, IV, 25 sqq., na parte que trata de Viriato, dá um excellente resumo das antiguidades de Aramenha e da sua identificação com a cidade de Medobrega. No n.º 43 (*Areias*), d'esta collecção tambem se fala das ruínas da *Torre-do-Azinhal* identificadas com Medobrega. Cfr. *O Arch. Port.*, II, 54.

38. Arca (Beira)

Dolmen ¹

«A vista desta Igreja, perto della distancia de hum tiro de espingarda, bem proximo a estrada, esta hum grande Lapam [= lapão] de pedra groça suspensa no ar sobre outra tres pedras postas ao alto, que sam da mesma qualidade de pedra grossa e muar (*sic*)², e tem de altura as postas ao alto doze palmos e meyo, e a dita pedra ou cobertura tem de comprimento vinte e hum palmos e de largura quinze palmos e meyo, e tem por nome a *pedra de Arqua*, e sempre conservou o mesmo nome the onde chega a memoria dos homens». (Tomo IV, fl. 215).

39. Arcos³ (Entre-Douro-e-Minho)

Antonio de Araujo de Azevedo, investigador de antiguidades

«Item. Floreceu nesta freguezia Antonio de Araujo de Azevedo, Cavalheyro da ordem de Christo, Cappitam de Infantaria, morador que foi na sua caza de Morilloens, famigerado em Literatura, compondo dois tomos das antiguidades da Provincia». (Tomo IV, fl. 243).

40. Arcos⁴ (Entre-Douro-e-Minho)

Castello-da-Formiga

«Esta situada pello pe de hum monte que se chama o Castello da formiga delle se descobre muitas serras e montes e a villa de Ponte de Lima e a beyra mar são Bartolomeu do Mar que dista coatro legoas». (Tomo IV, fl. 249).

41. Arcos⁵ (Beira)

Crasto

«Está situada esta terra em Campina, pegada em hu piqueno monte chamado de Crasto donde se descobre a Freguezia de Santiago da Mouta que dista a esta meio coarto de Legoa». (Tomo IV, fl. 254 a).

¹ Deve-se talvez juntar ás designações já conhecidas para o termo *dolmen*, a de *arca*. Cfr. *O Arch. Port.*, II, 55; note-se que as medidas dadas ali pouco differem d'estas. — [No meu livro *Religiões da Lusitania*, vol. I, que está no prelo, trato d'este assumpto com algum desenvolvimento, e ahi fallo de *anta*, *orca*, *arca*, etc. — J. L. DE V.].

² [De certo *muar* está por *moar* = lat. *molaris*; cfr. *molaris lapis*. — J. L. DE V.].

³ Igreja de S. Paio da Villa dos Arcos.

⁴ Termo de Ponte-de-Lima.

⁵ Termo da Villa de Avelans-de-Cima.

42. Ardãos (Trás-os-Montes)

Fortaleza dos romanos. — Minas de mouros

«Há nos lemites desta freguezia quatro licerces de muros, que dizem ser antigamente fortalezas dos Romanos, hũ se chama o Muro da Murada outro o Muro da Malhõ, outro o Muro de Cunhas, outro o Muro da Ribeyra. Ha tambem humas concavidades que são em dois sitios, hum se chama as Batolas, e outro as Freytas, que dizem serem antigamente Minas dos Mouros e não me consta que nellas se tenha achado ouro, nem prata, nem que para isso se fizesse deligencia». (Tomo IV, fl. 316).

43. Areias (Alemtejo)

Ruínas de Medrobega

«No districto desta Freguezia, entre a fonte de que asima se fallou e Ribeiro do Val do Cano, se achã o sitio a que chamam torre do azinhal, aonde hera a Cidade de Medrobega (*sic*), da qual ha ainda vestigios grandes, que são alicerces de cazas e parte de huma torre grande com hum arco, e todo o terreno esta hoje reduzido a terras, em que se samea pam, e se tem tapado muntas; da destruição desta cidade não achei noticia por ser munto antiga, mas parese foi tambem habitasão de gentios, estava formada em huma meya costa para a parte do nascente e perto da Ribeira sobredita que lhe fica a vista e dentro da situasão da dita Cidade se acha inda hoje hua fonte de Cantaria bem feita¹». (Tomo IV, fl. 360).

44. Arega (Beira)

Cabeça murada

«.....e entre estas trez villas (*Pampilhosa, Alvaro e Alvares*) se esta vendo hum alto monte chamado a Cabeça murada, onde fas divisão o Bispado de Coimbra, o Bispado da Guarda e o Priorado do Crato, de sorte, que no mais alto do dito monte, podem estar os ditos trez Prelados a huma Meza e qualquer delles no seu bispado²». (Tomo IV, fl. 364).

45. Arguil (Beira)

Cidade de Argos?

«Sempre foy tradissam fora no sitio de Sam Pedro, em toda a sua planicie que he grande, a cidade de Argos, e por algumas partes desta

¹ Cfr. n.º 37 d'esta collecção.

² Cfr. n.º 16 d'esta collecção.

planícia se tem achado sepulturas de pedra e outras couzas. Esta planícia fica junto as Margens do Rio Alua, citio muito acomodado para ser cidade, e por esta tradição dizem se derivou da cidade de Argos esta villa de Arganil». (Tomo IV, fl. 440).

46. Argeriz (Trás-os-Montes)

Muralhas de Mouros

«Nam he esta freguezia murada, só sim o pê do Lugar de Ribas desta freguezia ha em hum alto humas muralhas ja demolidas que dizem os antigos fora cerqua de Mouros; nam ha Castello nem torre». (Tomo IV, fl. 466).

47. Ariz (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas

«Esté aquelle monte (*de Santiago de Aradas*) que servio de capa, lá no principio da Liberdade aos Barbaros Mouros, que nelle se esconderão, quando perseguidos do valerozo Moninho Viegas, nas batalhas que lhe deo em Villa Boa do Bispo. . . . Neste monte se conservão ainda alguns monumentos que por razão dos tempos, e outros mais principios se achão prostradamente demolidos. No qual se erigio Ermida de Santiago. . . .» (Tomo IV, fl. 504).

48. Arnoya (Entre-Douro-e-Minho)

Inscrição sepulchral latino-portuguesa. — Buraco dos Mouros

«Ha nesta Freguezia hum Mosteiro; he de Relligiosos Benedictinos, cõ seu Prellado Triennal, e cõ elle fasem o numero de quinze Monges; Foi fundado por Deus Monio Monis, como se collige de hũ Epitaphio da sepultura do dito Monio Monis, escripto no anno de mil settenta e dois:

VITA FUNTUS DOMINUS MONIUS
NIUS MONIS HIC JACEC' IN SUO MONASTERIO.

(Tomo IV, fl. 551)

«Tem hũ Fojo no lugar e Sitio dos *Vieiros*, a que o vulgo chama *Buraco dos Mouros*». (Tomo IV, fl. 557).

49. Arvore (Entre-Douro-e-Minho)

Vestigios de sepulturas dos cavalleiros de Malta

«.tãobem se prezume ter sido tumulo de pessoas illustres, porquanto vindo em vizita o Ex.^{mo} e R.^{mo} Senhor Dom Frei Jozé Maria Evora, Bispo do Porto, de glorioza memoria, e mandando, por

justos motivos, demolir o alpendre ou cabide que estava junto á porta da Igreja, executando-se esta ordem de tão egregio Prellado no anno de 1748; se descobrirão no pavimento e allicerses das paredes varias sepulturas huas mayores, e outras menores, com tampas de pedras, sem inscripção alguma; mas em todas gravadas a Cruz que tem por diviza a sagrada Rellição de Malta, e outras figuras de differentes riscos abertos que mostrão ser insignias particulares, ainda que hoje occultas ao nosso conhecimento por cujos indicios se conjectura ser o referido lugar jazigo de alguns cavalleyros daquella esclarecida Rellição, conservando-se ainda para memoria, no adro da Igreja as mesmas pedras». (Tomo IV, fl. 694).

50. Atei (Trás-os-Montes)

Vestigios de muros e casas

«.....em muitos outeiros pouco accessiveis aparecem vistigios de muralhas, e principalmente em os dos Palhaes e Mesquita aonde appareceu vistigios de muros e casas:.....»¹ (Tomo V, fl. 747).

51. Avidos (Entre-Donro-e-Minho)

Tradição

«Não tem de antiguidade nem de especial memoria so sim huma tradição vulgar que correm entre as pessoas desta freguezia de que por baixo do altar da capella de São João se acha huma columna, aberta por dentro, cuberta com hum prato de pedra, sem que se saiba o que nella se encobre; e dizem vulgarmente que antigamente a quizera examinar hum Parocho desta freguezia e que de repente ficara sego, valha a verdade». (Tomo V, fl. 897).

52. Azeitão (Extremadura)

Noticia de inscripções.—Lapa

«Alguns Letreiros que se concervão em sepulturas de pedra na capela mor desta freguezia se deixa ver foi esta terra habitada de pessoas muito illustres». (Tomo V, fl. 968).

«Ha nesta Serra a Imagem de N. Senhora de Arrabida, muito milagroza, e a Lapa de Santa Margarida, que he hua concavidade digno de aduiração, em que esta o altar da sancta debaixo de hum

¹ Cfr. P.º Cardoso, *Dicc. Geographico*, I, 656.

grande monte, resguardado com sua grade de páo, junto ao dito altar se acha humurna fuma, na dita Lapa se acomoda o sirio do Seixal; e tem algumas columnas, que sustentam o tecto desta Lapa feitas pela natureza; cervindo lhe de entrada pela parte do mar hum boqueirão donde chegam embarcações pequenas, e outra da parte da Terra com hũa escada de pedraria que terá des ou doze degraus». (Tomo v, fl. 972)¹.

53. Azinhoso (Trás-os-Montes)

Inscrição portuguesa

« hum Letreyro de Letras goticas e antigas que se acha em hum arco de cantaria que servia de adorno a hum carneyro de sepulchro de cantaria e ainda no dito arco se conservam as ditas Letras que vestem o mesmo arco em roda, e justando por varias vezes alguns homens doutos pára as ler, nunca achey quem as lesse, poreu eu (o Parocho abayxo assignado) pello desejo que tive de as ler continey frequentando a deligencia por repetidas e multiplicadas vezes, e li nellas o seguinte:

AQUI JAZ JOÃO LUIS DE MADUREYRA, VIGARIO GERAL
DO SENHOR DOM FERNANDO, ARCEBISPO DE BRAGA.²

(Tomo v, fl. 1040).

54. Azões (Entre-Douro-e-Minho)

Crasto

« Ao pé desta capella, e lugar de Sobradelo, para a parte do Sul, está humurna alta pennedia, e logo ao pé desta hum plano onde antiguamente se virão fraumentos (*sic*) de tijolos; a este cittyto chamão os payzanos *o redouço* que creyo he voocabulo corruto de Reducto, os naturaes assim o entendem; Porem não ha memoria de que em nenhum tempo fosse construido por arte, mas desta circumstancia inferem os ditos Payzanos fora algum dia Castello dos Francos, que dizem habitavão antigamente neste monte segundo a tradição que entre elles corre; este Redouso ou Reduto fica descobrindo para a parte do sul todo o valle de Penella » (Tomo v, fl. 1061).

¹ [Não ha motivos para se dizer que algumas das grutas mencionadas nesta serie, como, por exemplo, a de Santa Margarida, sejam archeologicas; todavia mencionam-se, para que algum dia sejam exploradas, e então se saiba ao certo que titulo lhes pertence, se o de prehistoricas, se o de meramente naturaes. — J. L. DE V.]

² O *Dicc. Geogr.*, I, 740, traz apenas: *Aqui jaz Luiz Annes de Madureira.*

55. Baldreu¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Estrada militar romana

«... Cham de Portella de Homem (Neste sitio se achão varios padrões romanos)— aqui se fas a divisão de Portugal e Galliza se passa a via militar da Geira que edificou Vespesiano a qual corria de Braga para a Astorga aqui se achavão gravissimas quatro pontes romanas chamadas Ponte do Arco, Ponte de Monção, Ponte de Alvergaria, Ponte de S. Miguel. Estas quatro pontes ficão todas no espaço de meya Legoa, e neste piqueno espaço passava se quatro vezes a via militar o rio Rio Homem, oje das tais pontes existem somente os nomes porquanto no anno de 1642 a gente do Conselho de Bouro as derubou em razão da mayor segurança a respeito das guerras que se moverão com Castilla». (Tomo VI, fl. 93).

56. Balazar (Entre-Douro-e-Minho)

Craatos

«Não tem mais de que se faça menção, so sim ahonde esta çituada a hermidã de Santa Marta de que asima faço menção haver huns vallos grandes de terra redondos a modo de fortalezas e nelles ahinda apparesem alguas pedras pequenas mas bem lavradas, terão estes vallos de comprido seiscentos passos e de largo outro tanto, ha tradição que algum dia fora habitação de mouros e delles se descobre para todas as partes do poente, nacente, norte, sul, mais de dez legoas»². (Tom VI, fl. 70).

¹ O parochio diz: «está situada no meio de hu monte ou para millhor dizer de hu valle—nome mais proprio que suponho seria esta a causa de se chamar Valldreu». Não é muito provavel; ha no norte do país muitas povoações com a terminação *eu* e *ei*, que provém de *-edu* e *-edi*. O nome primitivo poderia ser *Balderedu* (no *Port. Mon. Hist., Dip. et Ch.*, pag. 89, vem um individuo com o nome *Balderedo*, no anno 984). O mesmo se dá com *Guilhabreu* (*Viliabredu*). A terminação *-ellos* que se encontra nalguns nomes de povoações, como *Barcellos*, *Gondifellos*, *Mancellos*, *Grimancellos* e *Vasconcellos* parece denotar diminutivo. *Vasconcellos* que se tem pretendido derivar de *Vasco Gonçalves*, por intermedio de *Vascogoncellos*, que se encontra realmente, se não é uma etymologia popular, parece provir de **Vasconicellos*, derivado de **Vasconici*, por sua vez derivado de *Vasçõnes*, conservado, com mudança de accento, em *Vascões*. — [Já ha muito tempo me tinha tambem occorrido, attenta a facilidade da explicação phonetica, o parallelismo entre *Vasconcellos* e **Vasconicellos*, de *Vasconici*; mas a fórma antiga *Vascogoncellos*, que parece ser realmente a immediata anterior de *Vasconcellos*, faz suppôr que não é aquella a verdadeira etymologia. — J. L. DE V.]

² Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 18.

57. Balugães (Entre-Douro-e-Minho)

Fragmento da inscripção da sagração da igreja. — Crastos

«He esta Igreja sagrada, como consta de huas palavras esculpidas nas pedras da porta principal: SACRAVIT ISTAM ECCLESIAM». (Tomo VI, fl. 125).

«Toda esta freguezia está situada nas fraldas de hum monte chamado Carbona ou Caramona, ficando este da parte do Poente, e aquella da parte do Nascente; neste Carbona ou Caramona esteve antigamente hũa cidade de Mouros; e ainda hoje nelle se divizão os vestigios de algumas casas e muros. . . .»¹ (Tomo VI, fl. 126).

«Na fralda deste monte Carbona para a parte do sul esta hum pequeno (*sic*) chamado o Monte dos Crastos, neste haverá 54 annos appareceo Nossa Senhora a hum mentecato. . . .» (Tomo VI, fl. 126).

58. Barcellos (Entre-Douro-e-Minho)

Inscripção latina, moderna

«. . . . Foi instituida esta capella (*de S. Bento*) pelo Dr. Gaspar Pinto Correa, Conego, Cura da Insigne Collegiada desta villa, bem conhecido Heroe que nesta villa floreceo pelos annos de 1660, tempo em que fundou a dita Capela, e nella está sepultado em Campa raza que foi aos 4 de Mayo do mesmo anno, e na sepultura mandou por o Epitafio seguinte:

HIC JACET, HIC TACITUS LOQUITUR SINE VOCE MAGISTER.
MULTA LOQUENDO DEDIT PLURA TACENDO DOCET.
MULTA DEDIT CALAMO ET LINGUA DOCUMENTA PER
ORBEM, SED MAJORA BREVIS DAT DOCUMENTA LAPIS.
QUI MALE VIXIT ERIT POST MORTEM MORTUUS IDEM.
POST MORTEM VIVUS SI BENE VIXIT ERIT.
ARS BENE VIVENDI ET MORIENDI EST UNA
VIATOR. . . IN AETERNUM VIVERE DISCE MORI.

(Tomo VI, fl. 237).

59. Barcos (Beira)

Cabeço dos Mouros. — Notícia de sepulturas

«. . . . Tem huma Igreja que he Parochial da Freguezia de Pynheyros chamada a Igreja de nossa Senhora de Saborozo sita em

¹ Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 27.

Lugar Ermo juncto de hum monte e cabeça e ha noticia que em este cabeça assistirão os Mouros, e tam antiga que foi a Parochial desta freguezia de Barcoz e de outras asim vezinhas, e distantes, pois ali se mandavão e vinhão sepultar varias pessoas, ao parecer illustres, como se ve nas insignias e armas que se achão gravadas nas pedras das sepulturas tanto dentro da Igreja, como na grandeza do sen Cemiterio. . . . »¹ (Tomo VI, fl. 296).

60. Barreiro (Beira)

Inscrição em signaes desconhecidos. — Fonte romana. Investigadores de thesouros. — Castros

«Tem esta Ermida (*da Senhora Verde ou da Ribeira, e mais tarde do Rozario*) na porta principal em hũa pedra que esta no meio do portal, quando se entra á mam esquerda humas Letras que se dis serem mouriscas para mostrar sua antiguidade que constando só de coatro tem os caratheres seguintes:

1.23.1.7.

donde se ve e prova sua antiguidade. . . . »² (Tomo VI, fl. 344).

«E porque me occorre humna memoria que me dizem nam vay descripta na freguezia do *Guardam* a meterei aqui, visto estar no rio, ou principio do rio que do *Carambo* vem a este lugar da *Tojoza* e hé que junto ao seu principio entre a ponia de *Pedrogo* e lugar das *Laceiras* está em hum Ermo hũa fonte memoravel pello artificio que tem lavrada e com sens letreiros para cuja fabrica ha varias opinioens; porque huns dizem fora fabrica dos romanos, outros dos Mouros que assistiram muitos nestas terras, e aqui tiraram muitos metaes especialmente ouro, prata e estanho de que deyxaram grandes Thezouros, de que muitos se tem aproveitado, e o mostram os fossos, e muitos indícios que nesta freguezia se admiram, e nas circumvizinhas, abrindo se brechas em pedras marmores que elles sem duvida por arte diabolica fazião, donde se tem achado neste districto: outras se acham sem nada. Sendo que o mais certo sobre a dita fonte — he — que certa pessoa Nobre dos confins da Serra da Estrella por fugir ao rigurozo do castigo que sens crimes mereciam veyo para este dezerto, e serra e como fazia habi-

¹ Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 48.

² Estes signaes tem grande semelhança com os seguintes caracteres arabes [١٣٨٦] que significam «1386». Este numero só pode representar o anno de Christo ou a era de Cesar, pois actualmente (1896) estamos no anno 1313 da hegira.

taçam junto aquella fonte quis eternizar sua memoria com a fabrica della, e com os caratheres e letreiro que nella deixou¹; não sei mais cousa de memoria desta freguezia só sim que foy habitada de Mouros, e o mostram as apparencias de huns circulos que se acham sobre o lugar da *Tojoza* em tres outeiros: o primeiro chamado a *cabeça*, outro a *Fervença*, junto ao porte do Crasto, outro defronte aonde chamam a *Panasqueira* que todos tem indicios de terem sido murados: ou fosse dos Mouros ou dos christaons que para se defenderem subiam a estes sitios e nelles habitavam, o que mais creyo; » (Tomo VI, fl. 347).

61. S. Bartholomeu (Alemtejo)

Ponte romana

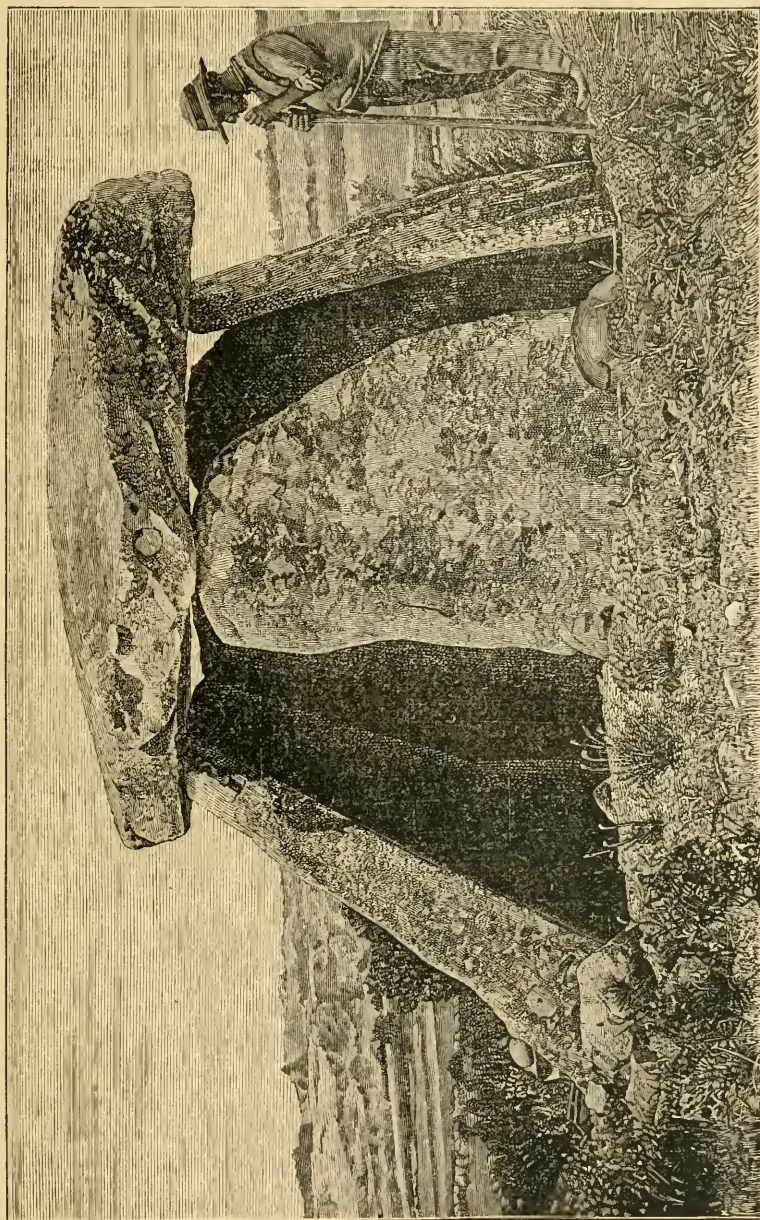
« na ditto ribeyra (*de Caya*) se acha huma — Ponte — por nome — Ponte Velha — cuja antiguidade se não sabe, porem suposse fora feita no tempo, que os Romanos habitaram as Espanhas, dizem fora feita pello Emperador Trajano com huma calçada que se dis hia direitta a Madrid que pella mesma freguezia se descobrem em algumas parttes muita parte da calçada: esta a ditto ponte aruinada que tam somente tem tres arcos, e segundo parece era de extraordinaria grandeza; a factura della de pedra de cantaria e está por numero encaçando humas pedras e noutras sem que houvessem materiaes alguns segundo se descobrem nos tres Arcos, que ainda presentemente conserva; igualmente eram os alicerces a correspondencia da factura da mesma ponte, passa a dita Ribeyra como ja disse pello meyo dos Baldios. . . . » (Tomo VI, fl. 412).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Antas e castros do concelho de Alijó

Ao lado direito da estrada real do Populo para Alijó (antiga districtal n.º 17), a 300 metros, no sitio chamado Fonte Coberta, no termo de Villa Chã, descobre-se a anta de que aqui se dá uma gravura,

¹ O P.º Carvalho da Costa, *Corografia Port.*, II, fl. 192, diz ser este fugitivo o pretendente D. Antonio, Prior do Crato; e o parochio de Guardão, que fala na fonte, affirma estar gravada nesta o anno 1580. O caso, porem, não é plausivel.



feita segundo uma photographia tirada no dia 29 de abril proximo pelo meu amigo Francisco A. Martins, muito digno guarda-livros do Banco de Villa Real, a quem, os que se interessam por cousas antigas da provincia de Tras-os-Montes, devem esta photographia e mais tres outras das antas de Carrazedo do Alvão, aonde teve a amabilidade de me acompanhar, assim como á Chã.

Este dolmen apresenta-se com os restos do *tumulus* ainda bastante pronunciados para o sul, com uma mesa formada por uma enorme lagea que sobresaie 0^m,3 a 0^m,4 em toda a extremidade superior da construcção, como se vê da photographia, e era constituido por oito esteios, dos quaes estavam em pé seis, e dois tombados (o da porta, ou melhor, entrada, e o segundo á direita). A altura dos esteios regula por tres metros, e dá-se a circumstancia da mesa assentar apenas em tres d'elles, ficando entre os outros tres e aquella um espaço de 0^m,25 que devia ter sido cheio por pedras mettidas de permeio. A largura dos esteios é de 1^m,50 a 1^m,80.

Explorada a crypta com todo o cuidado, nada se encontrou alem da extremidade estreita de um machado polido de schisto avermelhado.

Esta anta foi devassada e explorada pelos lavradores com o fim de encontrar *thesouros encantados*. É possivel que nos restos do *tumulus* se encontrassem alguns objectos que os aldeãos desprezassem. Não se encontram na veiga da Chã outros dolmens nem vestigios, o que é devido muito provavelmente á altura dos terrenos da grande planura que circumda por todos os lados a anta.

Nesta região existem outros dolmens em varios pontos sendo dignos de menção e exploração tres em Villarelho, termo de Alijó e dois ou tres nas proximidades de Carlão.

*

Alem das antas merecem a attenção dos archeologos muitos *castros* que por aqui abundam, sendo mais importantes os de Villarelho, Bor-meira, Castorigo, Populo e Valdemil.

Neste castro encontrei á superficie da terra um machado de schisto negro, e vi alem de varias mós de moer grão, tijolos, uma pedra cylindrica de granito da grandeza e fórma de caixa de rufo, objectos encontrados ao plantar-se uma vinha no sopé do castello, a nascente. O dono da vinha informou-me de que por varias vezes se tem encontrado no predio d'elle, e noutros, algumas moedas de cobre romanas.

Villa Real, 13 de Maio de 1896.

HENRIQUE BOTELHO.

Bibliographia ¹

MILLIARIOS DO CONVENTVS BRACARAVGVSTANVS EM PORTV GAL,— reliquias de epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos pelo P.^e Martins Capella, Professor do Lyceu de Vianna-do-Castello. Porto 1895, 272 pag.

Ha uns annos a esta parte tem-se manifestado em Portugal certo movimento no campo da Archeologia: começaram-se, e com muito brilho, os estudos prehistoricos; procedeu-se a numerosas excavações em todas as provincias do país; fundaram-se alguns museus em várias cidades e villas; publicaram-se revistas especiaes: quasi todos os ramos da Archeologia estão sufficientemente representados. Isto é bom symptoma de renascimento social, porque a vida de um povo não depende só das condições economicas, mas tem tambem importante base nas condições scientificas.

O Sr. P.^e Martins Capella, professor no Lyceu de Vianna-do-Castello, contribuiu do seu lado para activar este movimento com a publicação do livro intitulado *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, que foi apresentado á Academia como titulo de candidatura do seu Auctor a socio correspondente.

Divide-se o livro em tres capitulos: um, faz de prologo; outro serve de introdução, pois contém umas generalidades de historia e epigraphia; outro encerra a descripção dos marcos milliarios. Alem d'estes tres capitulos, a obra tem ainda umas páginas que lhe servem de remate, com addições e correções.

CAPITULO I. O Auctor, no prologo, expõe o plano da sua obra, as circumstancias em que a escreveu, e as razões porque se dedicou á Archeologia. Nascido na região do Gerês, onde, desde criança, contemplou as velharias da via romana da Geira; educado no latim por sacerdotes que lhe encheram de «feitiços classicos a imaginação»; tendo vivido, durante a infancia, no poetico mundo das lendas das Moiras encantadas, e posteriormente entregue ás leituras do Brito e do Argote: achou-se pouco a pouco possuido da paixão archeologica, que se exacerbou quando na Bibliotheca Municipal do Porto pode compulsar e estudar a parte do *Corpus Inscriptionum Latinarum* que se refere á Peninsula Hispanica. D'esta paixão resultou agora, como primeiro, mas sazonado fructo, o livro cujo titulo se apontou a cima.

¹ Paracer apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

CAPITULO II. Este capitulo consta de quatro paragraphos:

§ 1.º—Viação romana—, ou noticia geral á cêrca dos marcos milliarios e da construcção e especie das vias romanas,—noticia baseada em parte no estudo do país.

§ 2.º—Hispania romana—, ou considerações summárias sobre a romanização da Peninsula.

§ 3.º—Bracara Augusta—, ou descripção bastante minuciosa do trajecto provavel das estradas militares que partiam de Bracara na epocha romana, e que eram quatro ou cinco: uma (ou duas) por onde se ia a *Lucus Augusti*, isto é, Lugo; duas por onde se ia a *Asturica Augusta*, isto é, Astorga; outra por onde se ia a *Scallabis Praesidium Julium*, isto é, Santarem.

§ 4.º—Epigraphes—, ou explicação de algumas fórmulas que se encontram nas inscripções.

CAPITULO III. Este capitulo é que constitue propriamente a obra, porque é nelle que o A. descreve os marcos milliarios e estuda chronologicamente as inscripções. Subdivide-se em vinte e cinco paragraphos, correspondentes a outros tantos imperadores romanos. Cada paragrapho é precedido de uma pequena introdução com a biographia do respectivo imperador. As inscripções estão copiadas com todo o cuidado. O Sr. Martins Capella foi aos locaes onde ellas existem, examinou-as detidamente, notou-as, mediu-as, emfim, cumpriu todos os preceitos que se exigem nos estudos da Epigraphia. Muitas das inscripções não haviam ainda sido archivadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, o que realça em muito o valor do livro, que assim ministra elementos novos para a historia da epocha romana em Portugal, principalmente no que se refere á viação.

Algumas breves observações se podiam fazer, comtudo, em certos pontos. Assim, o paragrapho sobre a *Hispania Romana* é resumido de mais, e ha pouca precisão no que se diz da área geographica da Lusitania a pag. 45; o A. tambem não refere datas que orientem o leitor. O paragrapho sobre *Bracara* podia ser muito mais amplo, não obstante querer o A. insistir sobretudo na parte epigraphica.

Porém estes e outros senões analogos não desvirtuam em nada o trabalho valiosissimo que o Sr. Martins Capella acaba de prestar á sciencia portuguesa. Intelligente cultor da Archeologia, e ao mesmo tempo escriptor elegante, o Sr. Martins Capella, que andou percorrendo á sua custa os montes e os valles do Norte do país, unicamente movido do interesse de bem servir a sciencia e a patria, e que por fim condensou num livro claro, que se lê com prazer e com proveito, o resultado das suas laboriosas e conscienciosas investigações, apre-

sentadas singela e modestamente, sem alardes de erudição inutil, e inspiradas nos methodos modernos, tem, no nosso entender, todo o direito de receber o diploma de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Sala das sessões da Academia, em 28 de Maio de 1896. — *Antonio Candido Ribeiro da Costa* = *A. C. Teixeira de Aragão* = *J. Leite de Vasconcellos*, relator.

A Exposição de Vianna do Castello

A nossa Exposição de Arte Ornamental retrospectiva permaneceu aberta de 17 de Agosto a 26 do mez seguinte de Setembro.

Nas seis salas do palacio da Escola Industrial se arrumaram as diversas secções dos objectos do districto, todos expostos pela primeira vez, alguns de bastante raridade.

Apontaremos succintamente os mais notaveis.

A ourivesaria sacra appareceu bem representada, chamando a attenção:

— O grupo de custodias das villas dos Arcos de Val de Vez, Monção, Ponte de Lima e freguesias de Pias, Covas, Perne, S. Martinho da Gándara e Santa Maria de Vinha de Areosa, todas do seculo XVII, no genero de *ciborios*, desde a monumental de Monção, que embora na altura seja inferior á de Val do Vez, pois apenas mede 0^m,95, lhe sobreleva na traça e execução; a unica datada é a de Areosa, a mais singela de todas, e que no rebordo interno da côpa apresenta o anno de 1655.

— Os dois calices dos Mareantes, de Caminha e de Vianna são ambos um primoroso trabalho nacional do primeiro quartel do seculo XVI, aquelle talvez um pouco mais antigo que este nosso; em volta da copa mostram uma inscripção adequada ao sacrificio da missa, tendo a patena no centro uma rodella movel com o *Ecce-Homo* em busto nigellado sobre um esmalte verde, circumdado tambem por uma legenda.

Estes calices resentem-se do pouco cuidado com que se servem d'elles, e devido ao grande peso que tem e aos volumosos castellos do meio da hoste, que difficultam o seu manejo.

— Um pequeno relicario de prata dourado, com um espinho da coroa de Christo; a parte principal pertenceu outr'ora a um triptico gothico, adaptando-lhe no seculo XVII um pé, o remate crucial e tenen-

tes lateraes com pingentes; a pureza do estylo e o minúsculo allemão dos lettreiros no-lo fazem reputar do seculo xv.

— A cruz processional da freguesia de Covas, no concelho de Caminha, com os remates em flor de lis e lobulados do seculo xvi, sobre um monstruoso castello com seus botareus e tintinabulos, mas já deturpado na reforma posterior.

— As cruces de Carrêço e Portella Suzã são dous bellos modelos da Renascença.

— Uma naveta em forma de galeão.

— A *porta-caeli* ou *par* da capella de Sabbadão, obra hespanhola dos fins do seculo xvii.

— Um cofre de prata estampada, estylo mosarabe, com labores no genero do ferrolho da porta do Perdão em Córdoba, assentes as laminas sobre tartaruga, e que me pareceu trabalho do seculo xv ou mesmo do xiv.

— E dos outro cofre do mesmo metal com os requintes do estylo fins do seculo xvii, exemplar excellente.

A ourivezaria profana apresentava alguns modelos, sem grande merecimento artistico, mas dignos de exame, especialmente:

— Um grande prato redondo de prata dourada, trabalho rebatido de origem allemã, no centro com um medallhão de rosca com o escudo de armas dos Henriques de Castella e dos Vascoscellos. Faz jogo com um grande gomil da epocha de Luiz xiv, bastante elegante, asa bem lançada, e com labores de cercadilho pelo bojo; deve ser mais moderno que o prato, e ambos pegas puramente decorativas.

— Um toucador de viagem, de prata defumada, composto de 22 peças finamente buriladas, que julgamos dos fins do seculo xvii, e de igual origem ao anterior.

— Uma grande concha de prata, de baptisterio, com a marca maltesa, ostentando um brazão com as cinco estrellas do Grão-Mestre portuguez Manuel Pinto da Fonseca.

De joialheria apenas um pequeno mostrador no centro da primeira sala, com aneis, medalhas, relogios, broches, pulseiras e collares de brillhantes, diamantes, esmeraldas, topasios, amethistas, crysolithos e pedras finas, sobresahindo um antigo laço de filagrana de ouro, nacional, talvez do meado do seculo xvii, como o denuncia o lapidado das pedras.

Na segunda sala dispostas pelas paredes, sobre os contadores hispanhoes e credencias, bellos modelos de faianga nacional das extintas fabricas de Lisboa, Coimbra, Porto e Vianna, desde o começo do seculo xvii ao meado do actual; tornou-se notavel a colleção da nossa

fabrica de Darque composta de 255 peças, de bastante estimação e das mais raras que conhecemos, desde a meia porcelana, de extrema tenuidade á modelagem imitativa da ceramica franceza de Ruão e Moustiers, não só com o azul intenso de Delft, mas mesmo com execução polychroma, tratada em bonitas cambiantes, especialmente pelo amarello tostado e verde vegetal, que caracterizou a faiança viannense.

Demais um grande deposito de agua benta, formando a taboa um portico de columnas torsas com seus anjos, que consideramos da mão do *Brioso*, de Coimbra, com a data de 1659 na penha de S. Francisco.

Ainda devemos mencionar uma duzia de pratos, imitação do Japão, de um esmalte compacto de tom lacteo, com os desenhos a azul e roxo, que cremos de fabricação portugueza dos meados do seculo XVII (1638-1690).

No meio da sala das faianças armaram os medalheiros com duas collecções de numismatica de Portugal e possessões, desde o morabifino aureo de D. Sancho á barreta de Moçambique. Algumas medalhas e poucos bronzes romanos.

Na sala grande e na immediata apparatuso mobiliario de pau santo, colchas da India bordadas a matiz. ouro e ponto de cadeia, boas telas e tropeus de reliquias historicas nas paredes; destacavam-se um contador hispano-arabe, dois grandes armarios, sendo um do seculo XVI, uma arca tambem de respeitavel idade, quadros gothicos de talha e tela, e no centro da quarta sala um galeão dos fins do seculo XVI, pertencente aos mareantes d'esta cidade.

Bronzes poucos: um padrão de pesos de 1499, uma lápide e braço de Tavoras, de 1615, dois machados typo grande do Minho, dois soberbos candelabros, estylo Imperio e um relógio da mesma epocha.

Na sala da *India* agglomeravam-se os preciosos objectos orientaes, colchas da China, as mais valiosas, pratos de todas as dimensões, de mimosos e relevados coloridos, vivos e metalicos, abundando entre elles os symbolicos chrysanthemos da apreciada porcelana japonesa.

Na ultima sala estavam os paramentos e mais indumentária sagrada, distinguindo-se pela sua antiguidade duas casulas e uma capa de asperges, de gosto gothico, como as da Sé de Portalegre, e seriam preciosas se não se apresentassem tão deterioradas: um lindo frontal de gosto persa, varias imagens de marfim e esculpturas em miniatura, certamente orientaes.

Nas estantes, cavalletes e mostradores exemplares de livros raros e alguns pergaminhos; d'aquelles citaremos o *Theatro del Orbe de la Tierra*, de Abrahão Ortello, magnifica edição antuerpina de 1602, e d'estes o Foral dado pelo rei D. Manuel á nossa Villa da Foz do Lima.

Finalmente um pequeno cofre de ferro rendilhado, trabalho hispanhol de Toledo, que deve contar os seus quinhentos annos.

*

Em summa, a Exposição não apresentava muitos objectos, pois o *indicador* ou guia que apressadamente escrevemos consta apenas de 454 numeros, porém na sua maioria eram dignos da attenção do amator, e julgamos que os seus quatro mil visitantes foram bem impressionados; organizada em seis dias não houve tempo de percorrer o districto para remover certas difficuldades na obtenção de outros exemplares que nos pareceram dignos de figurar no certamen.

Agora trata a Commissão de reproduzir pela phototypia os objectos mais notaveis, acompanhando este album com o respectivo catalogo, que deverá apparecer nos principios do proximo anno.

Novembro de 1896.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Museu em Villa Real

N-*O Archeologo Português*, I, 37, sqq., publiquei um programma para se fundar um museu regional em Villa-Real de Tras-os-Montes, e chamei a attenção da Ex.^{ma} Camara Municipal d'aquelle concelho para o assumpto. A ideia de se organizar em Villa-Real uma collecção archeologica já porém tinha sido formulada em 1888 pelo procurador á Junta Geral do districto, o Sr. José Homem, como consta da seguinte noticia que ultimamente li no *Progresso do Norte*, de 28 de Novembro de 1888:

A Junta Geral, em sessão de 20 de Novembro, «approvou tambem por unanimidade, sob proposta do mesmo procurador, que na distribuição das salas do edificio em construcção da Junta Geral d'este districto se reservasse uma sala, para nella se criar um museu archeologico districtal».

Mas nem Junta nem Camara nada por ora fizeram ainda.

J. L. DE V.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignatūras, em **carta registada** ou em **vale de correio**, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA.

SEPULTURAS ROMANAS DE BENCAFEDA.

O ARCEBISPO DE EVORA E A ARCHEOLOGIA.

NOVAS MOEDAS DE SALACIA.

MUSEU ARCHEOLOGICO DA BIBLIOTHECA DE EVORA.

A «PORCA» DE MURÇA.

A ARCHEOLOGIA NOS JORNAES PORTUGUESES.

UMA NOTÍCIA ARCHEOLOGICA.

INSCRIPÇÃO DE UMA CASA EM BRAGANÇA.

NUMISMATICA.

PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA.

NOTÍCIAS VÁRIAS.

BIBLIOGRAPHIA.

PROGRESSOS DO MUSEU LAPIDAR DE FARO.

DOLMENS NO CONCELHO DE VILLA-REAL.

ERRATA.

RUINAS DE S. MAMEDE (VIMIOSO).

MUDANÇA DO NIVEL DO OCEANO.

ERRATA.

ARCHEOLOGIA EBORENSE.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

ARTE ROMANA.

A ARRABIDA.

Este fasciculo vae illustrado com 8 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

DEZEMBRO DE 1896

N.º 12

Secção de archeologia do Instituto de Coimbra

Museu de antiguidades

Data de 1851 a fundação do *Instituto de Coimbra*.

Tendo por fim a cultura das sciencias, letras e artes, é certo que, ainda mesmo nos periodos de seu maior vigor, nunca esta sociedade prestou grande e especial attenção ás artes, a não ser a arte dramatica. A sciencia e a litteratura absorviam-lhe toda a actividade.

As sciencias historicas alguns serviços de valor devem ao *Instituto de Coimbra*. Percorrendo as paginas dos 42 volumes publicados da revista da sociedade, deparam-se-nos por lá disseminados numerosos e interessantes artigos historicos, escriptos por socios d'esta agremiação.

Só, porém, muito tarde é que a archeologia começou a attrahir em especial as attensões de um certo nucleo ãe socios. Nenhuma das tres classes, em que se acha dividida a sociedade, comprehendia uma secção archeologica.

É verdade que logo no principio se tentou obviar em parte a este mal, propondo o director da classe de litteratura e bellas artes, em sessão de 19 de fevereiro de 1853, «que se nomeasse uma commissão de cinco membros, para examinar os principaes monumentos de architectura, existentes nesta cidade; acompanhando a descripção d'elles da designação da epocha da sua fundação, e mais noticias historicas; e outra commissão de tres membros para examinar as principaes obras de pintura, que existem em Coimbra, com o juizo crítico sobre o seu merito e eschola; noticia historica da epocha e logar em que foram feitas, e nomes dos seus auctores; podendo cada uma d'estas commissões convidar, para as coadjuvar nestes trabalhos, as pessoas

que pela sua illustração e conhecimentos especiaes julgar mais competentes»¹.

Esta medida de caracter transitorio não preenchia certamente a lacuna; mas a commissão alguma cousa poderia fazer, inventariando os numerosos monumentos e os muitos quadros de valor, que então havia em Coimbra, e chamando para elles a attenção do público. Mas infelizmente a boa semente não caiu em terreno preparado; não germinou.

Emquanto a audacia ignara destruía até os alicerces o bello templo românico de S. Christovão, para no seu logar construir um reles theatro, nem da parte do *Instituto*, nem da parte de nenhuma pessoa illustrada de Coimbra, se levantava o mais leve protesto contra tal desacato.

Como aquelle, outros muitos monumentos, outras muitas preciosidades, foram desaparecendo pouco a pouco, sem que uma voz amiga intercedesse a seu favor.

*

Em sessão da classe de litteratura e bellas artes, de 5 de Março de 1873, sob proposta do Dr. Augusto Philippe Simões, resolveu-se:

1.º que se nomeasse uma commissão de archeologia;

2.º que numa das salas do *Instituto* se dêsse cabida aos monumentos archeologicos e epigraphicos, que esta associação pudesse adquirir, e que se chamasse a attenção dos que prezam as investigações archeologicas².

Eis o ponto inicial dos valiosos trabalhos archeologicos, que ultimamente tem sido a principal manifestação de vida do *Instituto de Coimbra*.

A commissão archeologica foi nomeada na mesma sessão. Eram seus membros os seguintes socios:

Dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto.

Dr. Antonio Xavier de Sousa Monteiro.

Dr. Augusto Philippe Simões

Dr. Augusto Mendes Simões de Castro.

Dr. João Correia Ayres de Campos.

Conselheiro João José de Mendonça Cortês.

P.º Manuel da Cruz Pereira Coutinho.

Dr. Miguel Osorio Cabral de Castro³.

¹ *O Instituto*, I, n.º 23 (Março 1, 1853), pag. 361 da 1.ª edição, ou 235 da 2.ª

² *O Instituto*, XVI, n.º 12 (Março de 1873), pag. 288.

³ *Ibid.*

Organizou-se logo um pequeno museu, que ficou installado em duas salas do rés-do-chão do edificio occupado pelo *Instituto*. Os primeiros objectos que alli deram entrada foram umas inscrições lapidares romanas, e outros dos principios da monarchia, que estavam depositados na Universidade.

Não tardaram a convergir para o museu do *Instituto* muitas outras reliquias de maior ou menor valor historico, umas offerecidas, outras confiadas em depósito por corporações e por particulares. Em breve o museu despertava interesse nos poucos homens que então se occupavam de antigualhas.

Havia na commissão cinco homens, que por sua apaixonada dedicacão eram os principaes agentes da benefica empresa: Ayres de Campos, Philippe Simões, Miguel Osorio, Pereira Coutinho e Simões de Castro.

A esta commissão faltava, contudo, a garantia de permanencia e perpetuidade; não tinha em si meio de regularmente se renovar.

Para se obviar a isto eriou-se em assembleia geral de 28 de Janeiro de 1874 a *Secção de archeologia do Instituto de Coimbra*. A 4 de Julho do mesmo anno approvou-se o regulamento especial, que á nova secção garantia vida propria, e a 16 de Janeiro de 1875 foi eleita a sua primeira direcção.

*

Nos dez annos que se seguiram desenvolveu-se muita actividade na acquisição, classificacão e catalogação de objectos de arte antiga. Nesses trabalhos continuaram distinguindo-se entre todos os socios da secção os mesmos cinco a cima nomeados.

O museu foi-se enriquecendo, e o catalogo, que ali corre impresso, dos objectos nelle existentes até 1883¹, prova exuberantemente que se trabalhava com amor, desinteresse e competencia.

Muitas preciosidades se salvaram da ruína e do desaparecimento; muitas outras, pertencentes a particulares, se reuniram no museu, onde poderiam ser consultadas e estudadas. Os trabalhos de classificacão e catalogação eram feitos por Ayres de Campos, cuja dedicacão, saber e honestidade são bem revelados no mencionado catalogo, por elle elaborado.

Em 1882, a convite do vice-presidente da Camara Municipal de Coimbra, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, elaborou a *Secção*

¹ *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, e Supplemento n.º 1* (dois opusculos).

de *archeologia do Instituto* um inventário minucioso e muito interessante dos monumentos historicos e artisticos de todas as ordens, existentes em Coimbra e no seu concelho. Foi um bom serviço que se prestou.

É neste documento, que pela vez primeira se chama a attenção pública e a das auctoridades para a preciosissima arcada do claustro de Cellas, até então desconhecida, e hoje em risco imminente de se perder por um desabamento, que seria muito facil evitar!

O relatorio respondia a um questionario formulado pela *Commissão dos monumentos nacionaes*, e foi pela Camara Municipal enviado áquella sábia collectividade¹.

Após dez annos de trabalhos e de prosperidade para a secção de archeologia, veiu a decadencia, e por fim o abandono completo. Os principaes influentes morreram; outros cansaram e desanimaram vendendo-se sós.

As direcções do *Instituto* várias vezes tentaram dar, pelo menos, um simulacro de vida á secção de archeologia, mas nada conseguiram. O museu transformou-se numa espelunca immunda, onde as aranhas e o caruncho trabalhavam á sua vontade; ultimamente destinara-se a depósito de moveis inutilizados, de caixotes, etc.

Á vista de tal abandono, uma parte dos socios do *Instituto* animou-se de toda a sua boa vontade, tratando-se então de reorganizar a serio a secção de archeologia, introduzindo-lhe sangue novo. Sollicita-se e obtem-se a intervenção efficaz do Ex.^{mo} Prelado da Universidade e de todos os socios do *Instituto*, e começam as obras nas duas salas do museu.

Em breve se achavam estas inteiramente transformadas, e revestidas de mobilia adequada. Na distribuição e disposição dos objectos ninguem interveiu senão Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, este vice-presidente da secção, aquelle segundo secretario e conservador do museu. Os dois talentosos artistas e archeologos distinctos para lá enviaram as suas collecções, que, juntas ao que havia e ao mais que se obteve, tornaram o museu summamente interessante.

O talento artistico de Gonçalves, coadjuvado por Teixeira de Carvalho, soube tornar bello e muito agradável, pelo conveniente arranjo e disposição, esse agglomerado de pedregulhos, inscrições, sarcophagos, estatuas, fragmentos de columnas, e muitas outras antigualhas,

¹ Foi publicado n-*O Instituto*, xxx, n.º 4 (Outubro de 1882), pag. 179,

que lá havia, e que, se chamavam a attenção do archeologo pelos segredos que nellas sabia ler, é certo que não attrahiam, antes repeliam, o que o não era, mal podendo servir para educar e bem orientar o artista.

Hoje qualquer profano, que entre no museu, sente-se attrahido e é naturalmente alliciado á observação e ao estudo. E é prova d'isto a gente que alli vae em visita repetida todos os domingos e dias santificados. Vão e demoram-se; lêem os rotulos e consultam o conservador, que, sempre prompto a responder, lá gasta horas esquecidas, emquanto o museu permanece aberto.

Continuam de dia em dia augmentando as collecções. As duas salas são já insufficientes, e trata-se de obter do Ex.^{mo} Reitor da Universidade, á qual pertence o edificio, a conveniente preparação de uma tereceira sala, para onde possa estender-se o museu. Espera-se que de aqui a alguns meses esteja prompta.

Depois far-se ha o catalogo geral, methodico e illustrado.

A inauguração do museu, depois de reorganizado, fez-se com toda a solemnidade no dia 26 de Abril do corrente anno, sob a presidencia honoraria dos Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. Bispo-Conde e Reitor da Universidade. A ambos deve muito o museu: a este pelos serviços a que a cima faço allusão, áquelle pela concessão de valiosos objectos, e pela coadjuvação efficaz que sempre está disposto a prestar á direcção em todos os empreendimentos.

*

Antes de concluir esta rapida noticia, pede a justiça que aqui deixe mencionados os nomes dos actuaes directores da *Secção de archeologia do Instituto de Coimbra*, que por seus bons serviços merecem rasgados elogios. São os Senhores.: Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Antonio Augusto Gonçalves e Dr. José Antonio de Sousa Nazareth¹.

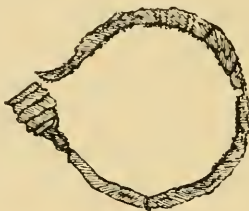
Que o seu zêlo não esfrie, apesar de todas as contrariedades, e que a nova direcção, que brevemente vae ser eleita, continue com igual dedicacção e competencia, eis os meus votos sinceros.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

¹ [Pede a justiça que eu diga que entre os benemeritos do museu se conta tambem o proprio signatario do artigo, que é archeologo consciencioso e dedicado. — J. L. DE V.]

Sepulturas romanas de Bencafede

Na herdade de Bencafede, pertencente á freguesia de Nossa Senhora de Machêde, do concelho e districto de Evora, numas excavações que se fizeram para a construcção de um forno de tijolos e telhas, foram encontradas, um metro a baixo do nivel do terreno, umas campas



construidas de *ladrilhos*, um dos quaes, tem de comprimento 0^m,37 e de largura 0^m,27, regulando os outros pelas dimensões d'este. Dentro das campas appareceram esqueletos e juntamente alguns objectos, entre os quaes se notam dois lacrimatorios, um que partiram e outro com que o dono da herdade presenteou um individuo de Evora, um prato de vidro que os trabalhadores partiram, algumas lucernas, das quaes inteira só ha uma, duas argolas de ferro, um *anulus* ou *inauris* de cobre ou bronze (de que se dá a estampa em tamanho natural), differentes objectos de ceramica de varios tamanhos e feitios que os trabalhadores partiram, um *clavus*, etc.

N. B. Todos os tijolos teem desenhos que differem entre si.

CESAR PIRES.

O arcebispo de Evora e a archeologia

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Augusto, Arcebispo de Evora, dirigiu em 21 de Dezembro de 1896 aos seus parochos um officio-circular que foi publicado n-*O Manuelinho de Evora*, n.º 801, de 28 do mesmo mês, d'onde se extraem os seguintes periodos por dizerem respeito á archeologia :

« não repugna, antes se casa perfeitamente com a natureza das funcções do ministerio parochial, o amor e interesse pelos progressos dos estudos que mais de perto se relacionam com o culto divino,

Entre elles, merece particular attenção o da archeologia religiosa, que, alem de ensinar a distinguir e a apreciar as epochas, os estylos, o destino, a significação e o valor historico ou artistico dos monumentos, das imagens, dos quadros, dos vasos sagrados, paramentos e alfaias do culto, póde fornecer, e tem muitas vezes fornecido, elementos preciosos para a fixação de datas e a resolução de problemas attinentes á historia, á liturgia, ao dogma ou á disciplina da Igreja Catholica

. não devemos jámais, os que somos ministros da Egreja, hesitar em auxiliar e favorecer os sinceros esforços dos sabios na investigação do passado

Inspirado por esta ordem de idéas, determinei já que na cadeira de Theologia Pastoral do Seminario d'esta Metropole sejam ensinadas aos alumnos as noções elementares de archeologia e iconographia christã; e agora venho recommendar muito a V. S.^a o seguinte:

1.^o Todas as vezes que na freguesia a seu cargo se tratar de obras a fazer em alguma templo ou outro edificio com character religioso que se recommende por sua antiguidade ou príncipal artistico, procure V. S.^a obstar efficazmente a demolições ou modificações que o desfigurem, e empenhe-se sempre em lhe conservar zelosamente o estylo e a feição primitiva, não permittindo que se pintem ou dealbem cantarias ou ferragens de merecimento, que se arranquem azulejos, etc.

2.^o Tenha o maior cuidado e vigilancia na conservação de todos os objectos do culto, e não auctorize jámais a alienação, por qualquer fórma, ou inutilização de alfaias antigas, embora a pretexto de serem substituidas por outras melhores, sem averiguar se aquellas tem ou não merecimento archeologico ou artistico.

3.^o Se tiver conhecimento ou forem descobertos nessa freguesia alguns objectos antigos (moedas, medalhas, vasos, roupas, armas, instrumentos e utensilios, inscrições lapidares, etc.), fará bem se o communicar ao Ex.^{mo} Conservador da Bibliotheca Publica d'esta cidade; e, se esses objectos não pertencerem ao culto ou não houver outro inconveniente, promova a remessa d'elles para o *Museu Cenaculo* annexo á mesma Bibliotheca».

*

Bem haja o illustre Prelado Eborense, que, qual outro Cenaculo, concorrerá assim para o progresso dos estudos archeologicos na sua diocese!

J. L. DE V.

Novas moedas de Salacia

N-*O Archeologo Português*, I, 81 sqq., occupei-me de umas curiosas moedas em que se lê em caracteres indigenas *Eviom*, nome da cidade ou do povo a que ellas pertenciam. Zobel de Zangrónis estabeleceu com toda a clareza na *Revue Numismatique*, 1863, 378-379, com razões que os que se lhe seguiram¹ não conseguiram refutar, que taes moedas pertenciam a Salacia. Ás razões dadas por Zobel juntei eu outras n-*O Arch. Port.*, *ib.*, 83. O Sr. Dr. Hübner tambem apoia Zobel in *Monum. ling. Ibericae*, pag. 136.

A boa estrella archeologica, que até hoje me tem sempre acompanhado nas minhas investigações, offereceu-me novo ensejo de poder reforçar os argumentos de Zobel, como se vae ver.

No Natal de 1895 voltei a Alcacer do Sal, e os meus amigos Correia Baptista e P.^o Galamba mostraram-me várias moedas de cobre ali apparecidas ultimamente, que elles não conheciam, e que



Fig. 1

tambem a mim me pareceram muito estranhas. Dando voltas á memoria, lembrei-me que o meu amigo Dr. Teixeira de Aragão me havia em tempo mostrado uma moeda semelhante a estas, achada no Alemtejo, não longe de Elvas, e, logo que regressei a Lisboa, foi meu primeiro cuidado ir a casa do Sr. Aragão para verificar o facto, que realmente verifiquei.

Todas as moedas que observei se reduzem a tres typos:

1. Cavallo marinho ou hippocampo á esquerda. Legenda retrógrada EVIOM . Restos de circuito granulado em baixo.

R. Duas espigas de trigo (á esquerda) entre dois crescentes, um com ponto, outro sem elle. Restos de circuito granulado em baixo.

Vid. a fig. 1. Esta moeda pertence ao Sr. Dr. Teixeira de Aragão.

¹ Por exemplo o Sr. Berlanga no *Nuevo metodo* de Delgado, II, 371 sqq.

2. Hippocampo á esquerda, já com a cabeça safada. Granulas como na primeira.

R. Igual ao da fig. 1 e 3, só em maior número os granulos do circuito do que na fig. 3.

Vid. fig. 2. Esta moeda pertence ao Museu de Alcaecer.

3. Hippocampo á esquerda. Contramarca S junto das pernas. Já não se percebe circuito granulado.

R. Analogo ao da fig. 1, mas já sem granulos.

Esta moeda foi-me offerecida pelo Sr. Correia Baptista. Ha outras no Museu de Alcaecer.



Fig. 2



Fig. 3

Ao todo existem sete moedas. O pêso oscila entre 5^g,2 e 6^g,2. Com excepção da do Sr. Aragão, todas foram achadas em Alcaecer.

A moeda da fig. 1 foi já publicada, mas imperfeitamente, e sem explicação nenhuma, a titulo de mero enfeite, na capa-prospecto de um livro insignificante. As outras estão absolutamente ineditas.

Não ha duvida nenhuma que estas moedas se relacionam com a serie publicada n-*O Archeologo*, I, 83. A moeda n.º 1 liga-se pela legenda ás já conhecidas; as de n.ºs 2 e 3 ligam-se á de n.º 1 pelos typos. A authenticidade de todas é indubitavel.

O typo das espigas apparece tão frequentemente nas moedas ibericas, que não vale a pena fazer citações. O typo do hippocampo é mais raro, mas encontra-se em moedas da região emporitana, como se pôde ver no *Nuevo metodo* de Delgado, III, est. CXXXVIII e CXLIV.

Alem da novidade dos typos d'esta serie de moedas, tem de se notar tambem a contramarca S que se vê nas de n.º 3. As contramarcas não são raras nas moedas ibericas: se algumas vezes o seu sentido é por ora indecifavel, outras vezes ellas contém as iniciaes dos nomes das cidades, como as de *Caesar Augusta* que tem C C A = C(*olonia*) C(*aesar*) A(*ugusta*), as de *Cascantum* que tem C e CAS; outras vezes contém DD que significa D(*ecreto*) D(*ecurionum*). No nosso caso não sei dizer precisamente a significação do S: com quanto se possam dar várias explicações, como, por exemplo, a de inicial do nome de um dos magistrados que, ao que parece, figuram em alguma das moedas já conhecidas, todavia inclino-me antes a crer que o S não será senão a primeira letra de *Salacia*, vindo assim a confirmar-se plenamente a attribuição de taes moedas a esta cidade lusitana: a contramarca teria por fim dar curso, sob o dominio romano, a uma moeda de procedencia indigena.

Em todo o caso ahí ficam tres documentos novos, que contribuem para o conhecimento da numismatica da Iberia. Os juizes competentes dirão agora a sua opinião.

J. L. DE V.

Museu Archeologico da Bibliotheca de Evora

No louvavel empenho de engrandecer este Museu, que está junto da Bibliotheca Publica, o digno conservador da mesma, o Sr. Dr. Thomás Gomes Ramalho, enviou aos presidentes de todas as camaras do districto o seguinte officio-circular:

«Ex.^{mo} Sr. — A archeologia, universalmente reconhecida como verdadeira sciencia, estreitamente relacionada com as sciencias naturaes, e auxiliar das sciencias historicas, e sociaes, está hoje chamando a attenção não só dos poderes publicos, mas tambem de muitos homens cultos do nosso país.

Principiada a entrada do seculo XVIII por Winckelmann, que foi o primeiro que das suas observações formulou principios fundamentaes de uma theoria, depois aperfeiçoada por Visconti, a ella se deve o conhecimento da existencia dos povos prehistoricos, e não só a confirmação mas tambem a rectificação dos factos importantes relativos a tempos historicos, desfigurados pelos historiadores. Com effeito: pelo estudo attencioso de velhos monumentos, moedas, medalhas, inscrições, vasos, roupas, armas, instrumentos e outros antigos uten-

silios, tem o archeologo podido conhecer e apreciar os habitos, artes e costumes de antigos povos, avaliando pelos seus vestigios o seu estado de desenvolvimento, e determinando com rigorosa exactidão epochas e datas importantes da vida de um povo.

Animar, quanto possivel, o estudo d'essa sciencia, que actualmente se inicia no nosso país com enthusiasmo, é um imperioso dever que a todos se impõe, e para o desempenhar na parte que me toca, ousou contar com o poderoso auxilio de V. Ex.^a

Nesta Bibliotheca, actualmente a meu cargo, existe uma importante collecção de objectos archeologicos, na maior parte, legados por Cenaculo, o seu benemerito fundador.

Posteriormente lhe foram addicionados muitos outros, adquiridos pelos distinctos bibliothecarios, meus antecessores, entre os quaes destacam os vultos proeminentes de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Augusto Filippe Simões, ambos de memoria muito saudosa para esta Casa, e para as letras patrias. Recentemente tem augmentado a collecção archeologica por via de valiosos donativos, generosamente dispensados por dedicados protectores d'este Estabelecimento, e póde ainda crescer consideravelmente a sua importancia, se os homens illustrados do nosso districto prestarem o auxilio que solicito.

Não faltam, de certo, na nossa provincia, exemplares curiosos de archeologia. Em qualquer reconstrucção de velhos edificios, ou qualquer escavação em o nosso solo, apparecem com frequencia preciosos exemplares que teriam consideravel valor para o estudo da archeologia, se, em vez de convenientemente guardados em um museu especial, acessivel aos estudiosos, não ficassem, na maioria dos casos, reconditamente occultados; ou abandonados á acção destruidora do tempo, succedendo-se o extravio, quando a ignorancia do seu valor, lhes não faz alterar sua peculiar feição, empregando-os em construcções novas, que encobrem já bastantes monumentos lapidares!

Archivar todas essas preciosidades, devidamente acondicionadas, em local apropriado, de facil accesso ao archeologo estudioso, constitue a primeira necessidade que convem desde já attender; e nenhum outro lugar se apresenta mais apropriado do que o museu d'esta Bibliotheca, aonde brevemente se installará uma secção archeologica, formada dos preciosos exemplares, que já possui. Em qualquer outro lugar, a sua collocação demandaria despesas relativamente importantes, que aqui se evitam, facilitando o confronto dos objectos archivados com os que de novo se lhes aggregarem.

Tendo, pois, em vista o fim que deixo exposto, ousou rogar a V. Ex.^a, com muito interesse, que da sua parte envide todos os esfor-

ços para que a esta Bibliotheca sejam enviados os objectos antigos, que a Ex.^{ma} Camara, a que V. Ex.^a dignamente preside, por ventura possua, e sejam proprios para o estudo da archeologia; bem como aquelles que, de futuro sejam encontrados em quaesquer obras municipaes, pedindo tambem com igual interesse a V. Ex.^a a sua poderosa coadjuvação para se poderem alcançar aquelles objectos que forem encontrados em qualquer obra particular, afim de seguirem destino identico.

Convencido de que V. Ex.^a acolherá benignamente este meu pedido, desde já, muito reconhecido, consigno aqui os meus cordeaes e sinceros agradecimentos a V. Ex.^a, que considerarei como um dos mais prestimosos protectores d'este Estabelecimento.

Deus Guárde a V. Ex.^a—Bibliotheca Publica de Evora, 4 de Dezembro de 1896.—O conservador, *Thomás Gomes Ramalho*.

*

Oxalá que todos os srs. presidentes das camaras correspondam, como devem, ao appêllo que em nome da sciencia e da patria acaba de lhes ser feito!

J. L. DE V.

A «porca» de Murça

Tanto o *Branco e Negro*, n.º 32, de 8 de Novembro de 1896, como *O Occidente*, n.º 646, de 5 de Dezembro corrente, trazem gravuras da «porca» de Murça; mas nenhum d'esses jornaes se refere á que foi publicada n-*O Arch. Port.*, I, 236.

Temos, pois, publicadas em jornaes, pelos menos já tres gravuras do célebre monumento.

Como nota ao que se escreve no *Branco e Negro*, lembrarei que, apesar de mais de uma vez se achar associado o mostrengo a pelourinhos, nada tem com elles: os nossos pelourinhos são uns da idade-média, outros posteriores, ao passo que os monumentos da natureza do de Murça datam dos tempos pre-romanos, e relacionavam-se com as ideias religiosas dos antigos habitantes da Peninsula Iberica, por cuja área, na região septentrional, se encontram bastantes monumentos semelhantes ao de que se trata.

J. L. DE V.

A archeologia nos jornaes portugueses

Sem fallar nos jornaes artisticos, muitos outros publicam de vez em quando artigos archeologicos ou historicos com gravuras de monumentos.

Por exemplo :

- a) *O Seculo* em muitos dos seus numeros, geralmente ao domingo;
- b) *A Voz de Chaves*, que tem publicado estampas de monumentos d'aquella villa (a ponte, a capella de S. João de Deus);
- c) *O Manuelinho de Evora*, que no seu n.º de 28 de Dezembro de 1896, publicou uma gravura do antigo baculo (quinhentista) dos arcebispos da Igreja de Evora.

J. L. DE V.

Uma noticia archeologica

Castro de Avellãs

«Com a devida venia transcrevemos do nosso collega *O Nordeste* o interessante artigo de cuja epigrapha nos servimos, que é devido á penna do habil tenente de caçadores 3, Sr. Albino Pereira Lobo, um dos poucos que nesta cidade sabe aproveitar com vantagem a sua lucida intelligencia no estudo das sciencias archeologicas, o que lhe tem grangeado as sympathias de todos aquelles que tem amor pelas sciencias historicas e que sabem prestar homenagem aos que sacrificam uma grande parte da sua vida procurando a luz que deve illuminar a historia das gerações passadas.

Segue o artigo :

É notavel a quantidade de castros, que existem nas immedições de Bragança, restos na maior parte de povoações mortas, dignos da attenção de todos os que se dedicam ao estudo das sciencias historicas, e principalmente da historia militar.

A tres kilometros a oeste d'esta cidade, no monte denominado *Cabeço de Castro de Avellãs*, que serve de espaldão á carreira de tiro d'esta guarnição, ha vestigios, bem distinctos ainda, de uma fortaleza, que, pelas apparencias, construcção e extensão, grandeza, fôrma,

parece ter sido um *oppidum* de habitação ou de refúgio dos primitivos povos d'esta região.

Tudo leva a crer que foi este *castro* ou fortaleza quem deu o nome á pequena povoação de *Castro de Arellãs*, a *Alvelina* dos foraes, que se vê na proximidade da vertente oeste do monte; povoação tão mesquinha pela sua grandeza e singeleza das suas habitações, como notavel pelos vestigios archeologicos que apresenta, por isso que ainda se vêem nella abundantes monumentos da dominação romana, e as ruínas de um famoso mosteiro de beneditinos, que, segundo as antigas chronicas, foi edificado no meado do seculo VII da era christã.

D'onde provém que, se geographicamente passa despercebida, não lhe succede o mesmo historicamente, pois entre os chorographos tem-se levantado grande discussão se teria sido neste local que existiu a famosa *Brigantia* ou *Juliobriga*¹, por isso que monumentos epigraphicos attestam a estada aqui da tribu dos Zoelas ou de uma sua colonia.

O *Castro do Monte de Arellãs* é uma extensa fortaleza, cuja muralha, formada de pedra solta e defendida por um largo fosso, segue proximamente a crista militar, sendo, nas partes mais accessiveis, reforçada por outras ordens de muralhas em andares. No seu interior parece divisarem-se restos de habitações circulares, e, na parte voltada a norte ha indícios que dão a suspeitar a existencia de uma ampla cisterna.

Todo o monte está coberto de carvalhos; e este ponto, tacticamente considerado, é dos que nestes sitios offerece melhores condições de defesa: as suas encostas, quasi por todos os lados, são bastante escarpadas, divisa-se d'elle um horisonte admiravel em todas as direcções, e domina completamente os valles que o rodeiam.

Este *castro* é um bello exemplar de uma estação archaica para cujas ruínas deve convergir a attenção dos que quizerem indagar a situação da *Brigantia* de que falla o foral de D. Sancho I dado á Quinta de Bemquerença, e dos que pretendem marcar as estações da via militar de Braga a Astorga, que devia passar por aqui ou nas proximidades, visto a posição estrategica d'este ponto em relação ás

¹ [A opinião dos que sustentam que foi aqui *Juliobriga* ou *Brigantia* (= *Brigantium*) não tem fundamento: cfr. Forbiger, *Handbuch der Alten Geographie*, parte II, pag. 62 e 65; a *Brigantia* de que provém a actual Bragança é outra, como se dirá no proximo numero. — J. L. DE V.]

posições geographicas das duas importantes e antiquissimas cidades de Astorga e Zamora.

Se se chegar a confirmar que no Monte do Castro houve povoação, como parece, ella é anterior ao dominio romano, pois pelos vestigios que se divisam nada faz erer que este povo estacionasse alli; não se dando o mesmo caso com os outros castros das immediações, aonde, na maior parte, se vêem sobejos indicios da sua passagem; e que foram formados, provavelmente, depois que a dominação romana obrigou os primitivos povoadores a deixar os altos para irem habitar e a cultivar os valles.

Vê-se a grande importancia que ha em achar a certeza do que estas ruinas foram, e a utilidade dos estudos archeologicos como subsidiarios da historia, o que só é negado pelos espiritos ignorantes e mesquinhos, ou pelos que não encaram a vida por outro lado a não ser em procurar a melhor maneira de especular a humanidade. = *A. L.*»

(Extracto do *Norte Transmontano*, n.º 83, de 15 de Outubro de 1896).

*

Ao Sr. tenente Albino Pereira Lopo se deve a ideia da fundação do Museu Municipal de Bragança, de que se fallará no n.º 1 do vol. III d-*O Archeologo*; por esse serviço, e pelos outros que tem prestado á archeologia do districto de Bragança, lhe deu a Associação dos Archeologos Portugueses de Lisboa, numa das suas ultimas sessões, um voto de louvor.

Á cêrca das antiguidades de Castro de Avellãs e dos Zoelas tem-se já publicado muitas noticias e dissertações, como se póde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. 363, e *Supplem.*, pag. 901-910, onde o Sr. Dr. Hübnér cita tudo o que ha sobre o assumpto.

J. L. DE V.

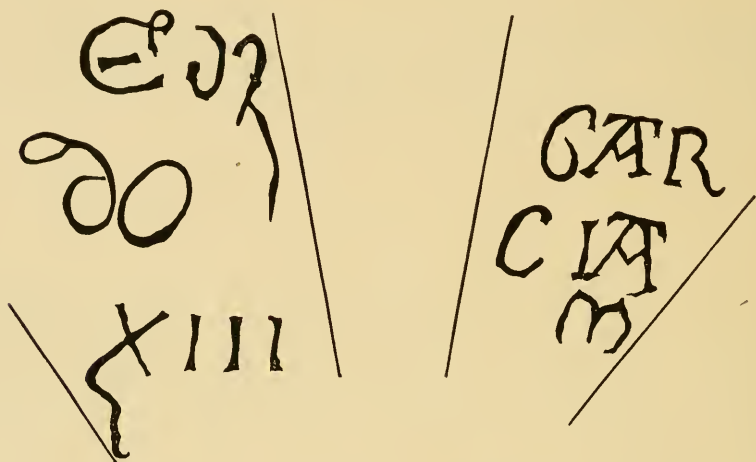
Inscrição de uma casa em Bragança

No cimo da rua da Costa Grande e do lado direito, a quem vae da cidade para a cidadella, vê-se, no fecho do arco que fórma a porta de uma pobre casa, a inscrição que adeante publico.

O arco da porta é todo de granito grosseiro e apresenta um trabalho em ornatos que faz suspeitar ter servido para alguma capella;

suspeita que se torna ainda maior em presença de certos indícios que ainda se divisam nas paredes da casa. Em monumentos antigos é esta a unica inscripção que se encontra em Bragança, pelo menos que eu conheça.

Eu tenho tido todo o interesse em saber o que foi noutros tempos esta casa, porque desejava esclarecer uma dúpida que me suggeriu o desenho da cidadella tirado por Duarte de Armas, no reinado de D. Manoel: qual foi de apresentar, na vista de Oeste dentro da fortaleza tres templos ou ermidas. Ora um sabe-se que era a actual igreja de Santa Maria, que já existia no reinado de D. Affonso III;



e o outro a capella de S. Tiago, de que houve aqui uma confraria importante instituida por D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, e que ainda existia em 1676, pois lemos num documento, quasi de todo inutilizado, que encontrámos na Camara, que a 26 de Julho d'este anno ainda fôra eleito para capellão Baltar de Moraes Sarmiento, e para mordomo-mór Francisco Ferreira Moraes.

A capella de S. Tiago desapareceu de todo, ignorando-se até o sitio aonde ficava, mas é opinião assente que ficava no interior da cidadella.

Seria a nossa casa o terceiro templo, que Duarte de Armas, por um erro de perspectiva tão triviaes nas suas plantas, collocou no interior da fortaleza, da entrada da qual dista apenas sessenta passos? E se o foi, qual o santo da sua invocação? Eis o que conviria saber.

Bragança, Dezembro de 1896.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Numismatica

No n.º 2, do vol. II, d-*O Archeologo*, publicou o Sr. Dr. Sousa Viterbo um interessante artigo sobre a lavra da moeda em Beja no tempo de D. João III; sobre outro ponto da historia numismatica d'esta cidade achámos nós um documento que por varios titulos nos pareceu curioso. O documento que vimos é cópia manuscrita de um impresso que o diz ter sido em Sevilha na Imprensa Maior, e consta de duas partes.

A primeira é um requerimento cujos passos principaes são os seguintes: *Juan José Mascareñas de Azavedo y Silva, corregedor que fué de la Ciudad de Beja y su Comarca representa á V. E. que siendo el suplicante Presidente de la Junta Suprema de dicha Ciudad, y Provincia, en tiempo de la feliz restauracion de su Patria, determinó cuñar moneda Portuguesa en dicha Ciudad en nombre de su legitimo Principe y Señor para proveer las Tropas, y acudir á las demas necesidades , etc.* Para esse fim mandou o corregedor fazer em Sevilha cunhos, e dera como modelos uma moeda de doze vintens e outra de cruzado novo; isto em Julho de 1808, sendo dada ordem pela Junta Suprema de Sevilha para se fazerem os cunhos em 20 d'esse mês; em 11 de Agosto de 1809 pede lhe passem certidão da verdade d'estes factos e do que se continha nos cunhos por elle mandados fazer.

A outra parte do documento consta da certidão passada pelo director da moeda de Sevilha; e por ella se conhece que as moedas enviadas para modelos eram: uma moeda de doze vintens do Principe Regente, emissão de 1807; e um cruzado novo de D. João V, emissão de 1748. Diz a certidão: *como arreglo a los se grabaron los ocho Troqueles pedidos, Matrices y demas necesarios para el fin ; etc.*

Mas agora nos deixa a certidão indecisos sobre saber se estes cunhos chegaram a servir e onde; pois diz: *todo lo qual existe en la oficina de grabado de esta Real Casa.*

Pareceu-nos digno de registo este documento, ainda quando a lavra da moeda se não chegasse a realizar, e por isso o deixamos archivado nesta revista; não o encontrámos em nenhuma das collecções de documentos d'aquella tormentosa epocha, não achando tambem lei ou ordem que auctorizasse o corregedor a tomar tal medida, a não ser a maxima — *Salus populi, suprema lex.*

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

6. Gabinete de archeologia na Universidade de Messina

O Sr. Dr. Giacomo Tropea, illustre Director e fundador da importantissima *Rivista di Storia Antica*, cujo vol. II está em via de publicação, e Professor de Historia Antiga, e encarregado da de Archeologia, na Universidade de Messina, de que é um dos ornamentos, propôs á Faculdade de Lettras a criação de um Gabinete Archeologico annexo á cadeira de Archeologia, o qual fosse como que um laboratório para os seus alumnos, e um centro de iniciação de explorações systematicas naquella zona siciliana. A proposta foi apresentada pelo activo e intelligente Reitor, o Sr. Professor Stampini, ao Ministro da Instrucção Pública, que não só a approvou, mas muito a louvou. Este Gabinete, pôsto, como está, sob a direcção de uma pessoa tão competente como o Sr. Dr. Tropea, torna-se um valioso subsidio do ensino, e, estabelecido numa região ainda quasi inexplorada, pôde prestar grande serviço á sciencia.

Por toda a parte, os estudos archeologicos vão pois em augmento, e recebem patrocínio dos Governos centraes e dos locaes, e das corporações scientificas. É que a archeologia não constitue uma simples curiosidade de ociosos ou de *dilettanti*, mas responde a um dos muitos problemas que o espirito humano formulou na sua ansia infinita de se conhecer melhor e de se satisfazer.

7. Acquisições do Museu do Louvre

Na sessão de 28 de Agosto de 1896 da Academia das Inscriptões (França), «M. Henzey rend compte des résultats de sa mission à Constantinople, d'où il a rapporté au Musée du Louvre les monuments chaldéens que M. Paul Cambon, ambassadeur de France, a obtenus de la générosité du sultan Abdul-Hamid, monuments qui, pour la plupart, remontent aux plus lointaines origines de la civilisation asiatique. En voici la nomenclature: 1^o, un bétyle ou galet sacré autour duquel Eannadou, le roi de la stèle des Vautours, a inscrit la relation de son règne; 2^o, une grande lame de bronze ou de cuivre, en forme de fer de lance et ayant 90 centimètres de longueur, portant un lion gravé avec le nom d'un très ancien roi du pays de Kish; 3^o, une tête de taureau en bronze aux yeux incrustés de nacre et de lapis; 4^o, deux

fragments d'une stèle sculptée, dont l'inscription contient le nom de la ville d'Agadé; 5º, quatre grandes tablettes d'argille, de la deuxième dynastie de la ville d'Our; 6º, un choix de vingt tablettes plus petites, mais d'un intérêt historique exceptionnel en ce qu'elles fournissent, pour la première fois, plusieurs dates authentiques des règnes de Sargon l'Ancien et de son fils Naram-Sin, qui vivaient vers 3800 avant J. C. Ce fait est établi par un travail opéré sur plusieurs milliers de fragments, et à ce sujet, M. Heuzey prend date en lisant une note dans laquelle M. François Thureau-Dangin, attaché à sa mission, déchiffre et traduit la plupart de ces documents».

(Da *Revue Archéologique*, 3.ª serie, xxix, 377).

S. Congresso historico e archeologico de Malines

No verão de 1897 deve realizar-se na cidade belga de Malines um congresso de Historia e Archeologia, para o qual se enviou a diversas sociedades e musens o seguinte officio-circular, que tambem foi enviado ao Museu Ethnographico Português:

«Nous vous prions de vouloir nous faire parvenir *le plus tôt possible*, les questions que votre compagnie désirerait soumettre au prochain Congrès Historique et Archéologique de Malines.

De l'avis général, le programme de certains congrès antérieurs était trop chargé, et plusieurs questions n'ont pu, faute de temps, recevoir une solution satisfaisante.

Le nombre de questions devra donc être assez limité, et il serait désirable, croyons-nous, qu'aucune question ne soit proposée sans avoir été, pour son auteur, l'objet d'une étude sérieuse et approfondie.

Dans l'espoir, Monsieur le Président, que vous voudrez bien nous réserver votre appui et assurer ainsi la réussite du Congrès, nous vous présentons l'assurance de nos sentiments les plus distingués. — Pour le comité: *Louis Stroobant*, secrétaire général; — *G. van Caster*, président».

J. L. DE V.

«.....no estudo da historia patria cada povo.....vai buscar o conhecimento dos progressos da civilização nacional, as experiencias lentas e custosas que seus avós fizeram, e com as quaes a sociedade se educou, para chegar de fragil infancia a virilidade robusta».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 135.

Notícias várias

1. Thesouro de moedas romanas

Lê-se no *Economista*, n.º 17, do vol. v, 2.ª serie, de 25 de Outubro de 1896:

«Dizem de Santo Thyrsó que nas excavações a que se anda procedendo no monte dos Sultos, freguesia de Sequeiró, foi encontrado um vaso com cêrca de quatrocentas moedas de cobre romanas, quasi todas da epocha de Constantino. Ha differença na cunhagem, mas o tamanho não excede o das nossas moedas de 5 réis. São muito semelhantes ás que appareceram ha annos no bairro das Travessas, d'essa cidade».

Trata-se evidentemente de *pequenos bronzes*.

2. Cruzeiro antigo

Lê-se no *Esposzendense*, n.º 223, de 25 de Outubro de 1896:

«No sítio chamado das Cruzes, ao sul da villa (de Barcellos ou de Espozende?), quasi á margem do Cávado, existe um cruzeiro que foi demolido em 1894 para o cemiterio municipal. Esse cruzeiro foi alli collocado na era de 1287, tendo por tanto, á data da sua demolição, a bagatela de 607 annos.

Este cruzeiro era de construcção elegante e achava-se assente em tres ordens de escadas, em quadrado; e ainda conserva no cemiterio em que existe o mesmo aspecto archeologico.

Pertencia á igreja matriz e era um dos paços do lendario terço que em antigos tempos se rezava, durante a quaresma, á noite.

Outras cruces existem ainda por ali embutidas nas paredes dos predios, nas ruas por onde o terço fazia o seu giro habitual.

Velharias archeologicas e religiosas».

3. «Oppidum» do Cabeço de Avellãs

Lê-se no *Commercio do Porto*, n.º 253, de 24 de Outubro de 1896:

«Bragança, 22 de Outubro. — É devéras notavel, pelo seu tamanho o castro ou, talvez, o *oppidum*, descoberto pelo Sr. tenente Lopo, director da escola de tiro, no sítio chamado Cabeço do Castro de Avellãs, a uns tres kilometros a oeste d'esta cidade.

São bem distinctos os vestígios de uma fortaleza que, pela sua construção, fôrma e dimensões, devia ser habitação de algum povo, talvez, se não certo, anterior ao domínio dos romanos. A crista do monte, diz-nos pessoa bem informada, é uma grande fortaleza, cercada de muralha, formada com pedra sôlta e defendida por fossos, encontrando-se nos pontos mais accessiveis do monte diversas ordens de mais muralhas, em fôrma de andares.

No interior da fortaleza parece existirem indícios certos não só de habitações circulares, mas até de uma cisterna.

Nestas paragens tem apparecido diversos castros, mas nenhum, segundo informações dignas de credito, se parece com este, e por isso seria de grande utilidade que alguém descobrisse que ruínas seriam estas»¹.

4. Acquisições do Museu Municipal da Figueira da Foz

No mês de Novembro, entrou a seguinte collecção de artigos gentílicos, colligidos em Loanda, e offerecidos pelo Sr. Antonio de Oliveira e Silva Junior:

Ceramica.—Nove vasos de barro feitos pelos negros de Cabinda, no Colungo-Alto, a saber: uma panella grande (*imbéaza*), em que se fabrica o *inzua*, bebida fermentada, duas panellas mais pequenas (*imbia*) para comida, dois pratos pequenos (*sanga á menha*), uma garrafa para agua (*binda*) e tres pucaras (*cope á menha*).

Objectos de palha.—Dois cestos (*barra*) fabricados pelos negros de Pung'andongo, outro (*ridéja*) fabricado pelo gentio de Tamba e uma boceta (*barra á mungua*) feito pelo mesmo gentio.

Tecidos.—Alguns pannos (*tanga*) fabricados pelo gentio de Quiçama, e um cinto de malha (*ponta á quitore*) feito pelos negros de Zeuze.

Objectos diversos.—Uma rede de pescar, feita pelos negros Muchiloandas, um vaso de côco (*ricaco*), tres amuletos, sendo um muito curioso em fôrma de pente, doze brincos de metal (*bichas*) fabricados pelos negros Mubires, tres tangas feitas de fibras vegetaes, das mulheres de Quiçama, uma zagaia e dois machados e tres frascos que contem em alcool duas serpentes e um morego.

¹ [A pag. 285 sqq. dá-se uma noticia mais desenvolvida d'este castro.—J. L. DE V.].

Um dos machados tem o gume transversal, isto é, perpendicular ao cabo, como as enxós; fórma interessantíssima e que pela primeira vez apparece no Museu.

5. Novas aquisições do Museu Municipal da Figueira

Entraram em Dezembro de 1896 os seguintes objectos:

Prehistoria. — Uma machado de pedra, uma placa ornamentada e alguns fragmentos de ceramica.

Comparação. — Do Sr. Bernardo Augusto Lopes, quinze bellissimas zagaias, quatro machados, um arco, tres settas e uma bengala, provenientes da Africa Oriental Portuguesa.

Archeologia historica. — O Sr. A. Goltz de Carvalho, de Buarcos, offereceu diversas peças fragmentadas de um interessante retabulo de pedra, attribuido ao seculo XVI. Estes objectos estavam empregados no pavimento da igreja de S. Pedro de Buarcos (matriz), voltadas para baixo, e mettidos em argamassa. O grupo superior tem parte da cabeça do Padre Eterno, quebrada na occasião em que foi descoberta. O grupo inferior, que provavelmente continha o Christo, estava completamente destruido, restando apenas as molduras do retabulo.

*

O Sr. Abilio de Brito Amaral, de Nellas, enviou para o Museu uma especie de clava de pedra polida, medindo 0^m,72 de comprimento e pesando mais de 4,5 kilos. É furada numa das extremidades. O exemplar está completo e foi recolhido em Villar Secco.

Este objecto deu entrada no Museu em fins de Novembro.

6. Collecções de moedas portuguezas

O Sr. J. Schulman, de Amersfoort (Hollanda), distribuiu os seguintes catalogos:

Catalogue d'une collection remarquable de monnaies du Brésil, de Goa et de Din et de quelques médailles du Brésil, du Portugal, et d'une série de monnaies des Indes Néerlandaises et Britanniques, de Syrie et de Parthie, provenant d'un amateur distingué à Paris, dont la vente aura lieu le 5 et 6 Octobre 1896, à Amsterdam, dans la salle au premier de l'Hôtel Krasnapolsky, Warmoesstraat 175-183. — Contém notícias de moedas nossas do Brasil e da India, do tempo de D. Pedro II,

D. João V, D. José, D. Maria I & D. Pedro III, D. João VI, D. Miguel, D. Pedro IV, D. Maria II, D. Pedro V e D. Luís; e é acompanhado de duas estampas.

Collection fort intéressante de monnaies des Indes Portugaises et Britanniques, formée par un amateur à Bombay, dont la vente aura lieu Jeudi le 8 Octobre 1896, immédiatement après la vente de la collection de monnaies du Brésil, de Goa, Diu et des Indes de M.^{me} la Vicomtesse de C. — O catalogo tem a seguinte nota: «Cette collection de monnaies anciennes des Indes Portugaises mérite bien l'attention des amateurs. Il y a dedans des monnaies fort curieuses et de la plus haute rareté. J'ai suivi la liste du propriétaire de Bombay, qui m'est parvenue trop tard pour faire la reconstruction.»

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, vol. XIII, n.º 4, Outubro de 1896. — *Materiaes para a Archeologia do concelho de Guimarães* por F. Martins Sarmiento (antiguidades pre-romanas e romanas de S. Vicente de Mascotellos; lendas do monte da Senhora do Monte, analogas a outras conhecidas, e noticia de duas mamôas; noticias de penedos com signaes e cavidades, e de várias lendas; antiguidades romanas de Pedráuea, em Cerzedello, onde appareceu a ara do deus indigena Coronus, e uma inscripção consagrada a Juppiter¹). *Artistas e artífices de Guimarães* (noticia documentada) por Sousa Viterbo (os documentos referem-se aos seculos XV a XVII).

J. L. DE V.

¹ Escreve o Sr. Sarmiento, a pag. 165, nota: «Segundo Strabon e outros, o deus principal dos nossôs antepassados era Marte». Como o Sr. Sarmiento tira d'esta affirmacão uma deducção historica, notarei que, se tem em vista o que diz Estrabão no liv. III, III, 7, este não diz que Marte era o principal Deus dos Lusitanos, mas o seguinte: «[os Lusitanos] sacrificam a Ares (= Marte) um bode e os prisioneiros de guerra e cavallos» (*cavallos* provavelmente tambem de guerra).

D'entre os muitos deuses dos Lusitanos, Estrabão falla especialmente de um (que identificou com Ares), por ter collido a respeito d'elle algumas informacões circumstanciadas.

Progressos do Museu Lapidar de Faro

A julgamento de quem bem entenda deve, pelo que respeita á glyptica e á ethnographia, ser classificada de primorosa a cabecinha humana de marmore cujo desenho se vê em tamanho natural na figura junta. Foi encontrada nos terrenos de Estoi, em que assentam as desoladas ruinas thermaes de Milreu (Algarve) e offerecida a este Museu pelo Sr. Manoel Baptista. Não é um assombro esculptural, como o revelado na subtilissima cinzeladura, que ostenta o assumpto venatorio ou sacrificial do formoso *crater* oriundo da mesma procedencia, vaso



marmoreo de subido merecimento em posse do Sr. Paulo Cumano d'esta cidade: é, todavia, trabalho capituladamente artistico; proporciona revelações ou permite presumpções, que sobremaneira importam ao estudo da archeologia e simultaneamente corroboram o ensinamento relativo a determinados ademanes luso-romanos. É typo de mulher, de farta cabelleira (*comata*), de rosto com ar lancinante e triste, cabellos volumosamente espargidos á frente (*crinis passus*), como era de uso então ao ser-se ferida por alguma fatalidade, sem topete no alto, á laia do *crobylos* atheniense ou em fôrma do *tutulus* sacerdotal das graduadas flaminicas de Roma, com trança armada

na parte posterior, circuitadamente repregada com alfinetes d'este officio, *acus comatoria* ou *crinalis*, — que bem podiam ser de metal, marphim ou simples madeira (de bronze ha um vistoso exemplar na sala 2, mostrador B, n.º 66, collido no espolio tumular de uma garrida mulher balsense). A limitada e basilar perfuração no pescoço e o alisamento da base collar, tambem de origem, mais provavelmente accusam a effracção capital de uma estatueta e o ulterior enfiamento d'esta suggestiva reliquia em suporte destinado a aproveitall-a. Talvez mesmo que a effigie de que se trata residisse algum tempo em alguma *aedicula* — nicho volante, que, nos atrios das casas (*domus*) das grandes familias romanas, guardava em cêra (*cera*) e excepcionalmente em pedra os personagens queridos de familia (*imagines majorum*), bem como ostentava as divindades tutelares á piedosa veneração dos crentes. Este precioso documento vale por um criterio a mais para o reconhecimento da luxuosidade do povo ossonobense, que descuidadamente se banhava e fortalecia de espirito e corpo nos variados regalos d'essas pequenas mas sumptuosas *thermas*, cujas eloquentes ruinas, sem proveito para ninguem, tendem a desaparecer da admiração e do estudo publico, restando-lhes apenas a planta e notas relativas, que eu icnographicamente me apressei a elaborar e guardar numa das salas d'este museu.

*

Continúa, vagarosa mas ininterrupta e systematicamente, o enriquecimento das differentes secções d'este nascente Instituto. Á hora, em que escrevo, acabo de catalogar e dispôr um médio bronze romano na sala 2, mostrador B, n.º 145, padrão recommendavelmente distincto, collido por mim no cerro de S. Miguel. Tem no anverso uma *biga* tirada, não á maneira ordinaria por cavallos, mas serenamente atrelada a dois bois. Refere-se incontestavelmente ao periodo mais feliz da historia do imperio romano; accusa o governo pacifico de Antonino Pio, o *segundo Numa*, a quem o insuspeito Goldsmith, na sua *Roman History*, encomiasticamente chama «one of the most excellent princes for justice, clemency and moderation». Este curioso monumento numismatico achava-se afincadamente em posse do camponês José da Graça, com o cabalístico apódo de ... uma moeda da *Anna Bolena!*

*

A sub-secção dos antigos pesos de botica, que, com as dos pesos do tabaco, do sabão e da polvora, hão de ir constituindo a nossa

secção metrologica, foi dotada, agora mesmo, pelo reverendo prior de Moncarapacho, Sr. Francisco Ignacio dos Reis, com sete exemplares metallicos, em excellente estado de conservação.

Secretaria do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique», em Faro.

Monsenhor Conego — J. M. PEREIRA BOTTO.

Dolmens no concelho de Villa-Real

Interrompendo a rapida descripção dos dolmens dos concelhos de Villa Pouca e Alijó, que continuaremos logo que nos seja possivel ir verificar, nos sitios em que se encontram, umas notas, que possuímos, passamos aos do concelho de Villa-Real.

Temos conhecimento de que se encontram dolmens nas freguesias da Campeã, Mongós, Mondrões, Lamares, Pena e Quintã, não podendo até hoje percorrer as outras freguesias do concelho.

Freguesia de Campeã.—No sitio chamado Sardoeira, em terreno chão, encontram-se:

1.º A 200 metros ao norte da estrada real de Villa-Real a Mondim uma mamôa de 15 metros de diametro e de 3 de altura com dois esteios apenas, de granito de 2^m,20 de altura, 0^m,81 de largura e de 0^m,25 de espessura, não tendo apparecido no sitio da camara nenhum instrumento, nem qualquer objecto antigo;

2.º Á mesma distancia da estrada, outra mamôa das mesmas dimensões, sem esteios, nem objecto algum no centro (logar da camara);

3.º A 250 metros da mesma estrada, outra mamôa de dimensões eguaes ás das duas e tambem como ellas em terreno chão, tendo-lhe sido tirados, ha poucos annos, os esteios para um poço por um individuo chamado Antonio Rolo;

4.º No sitio das Vendas, em um outeiro denominado Picoto, uma mamôa sem mesa, nem esteios, de 12 metros de diametro.

Na *Freguesia de Quintã*, limitrophe da da Campeã, vêem-se:

1.º No sitio do Côtó, fralda de um monte que domina a norte e nascente a chã da Campeã, uma mamôa de 6 metros de diametro e 3 de altura, sem esteios, e sem objecto algum no centro;

2.º A pequena distancia do primeiro encontra-se outra mamôa com um esteio de granito de 2 metros de altura e 0^m,60 de largura e de 0^m,35 do meio para a base, e de 0^m,25 do meio para a extremidade superior, sendo negativo o resultado da exploração.

Estes dois dolmens estão situados a 10 metros da antiga estrada real de Villa-Real para o Porto, um á direita e outro á esquerda. Nas explorações a que se procedeu removeu-se apenas a terra e pedras do centro dos dolmens, no local que devia ser occupado pela camara, e não se fez em toda a mamôa por ser esse trabalho longo e dispendioso.

Na maior parte dos dolmens que temos visto a procura de *haveres encantados* tem feito que elles tenham sido devassados por muitas vezes, indo os credulos procurar na camara as riquezas. Do facto de atacarem o centro dos dolmens resulta necessariamente a saída dos objectos que lá estavam, tendo-se perdido parte e outra tendo sido aproveitada para defender do raio as habitações e para outros usos.

Dos objectos que desprezaram ou que não quebraram, devem encontrar-se alguns na mamôa e nos terrenos proximos.

É exploração difficil, é certo, por causa dos volumes que é preciso remover, mas de resultado provavel, senão certo.

Possuimos dois machados encontrados um á superficie de uma mamôa e outro num campo proximo.

Villa Real (Trás-os-Montes), Dezembro de 1896.

HENRIQUE BOTELHO.

Errata

Na noticia dos dolmens do concelho de Alijó (pag. 266, l. 23) onde se diz *altura* deve ler-se *cultura*.

A cultura dos terrenos tem dado cabo de muitas antas. No concelho de Alijó, em Parafita, lá vi no anno passado os esteios de dois dolmens estendidos no meio de uma veiga de centeio.

HENRIQUE BOTELHO.

Ruinas de S. Mamede (Vimioso)

De um artigo do *Norte Trasmontano*, de 3 de Setembro de 1896, extráio os seguintes periodos:

«A 1 kilometro de distancia, pouco mais ou menos, de Santullhão (Vimioso), existem as ruinas de uma povoação, chamada S. Mamede,

que alguns dictionarios se limitam a indicar como aldeia extincta entre Paradinha e Matella, e que ultimamente visitámos como meros curiosos. . . . Segundo a tradição popular, a povoação de S. Mamede foi abandonada pela grande quantidade de formigas que ali appareceram, que tudo destruíram, chegando até a comer as crianças deitadas nos berços.

Tem apparecido grande quantidade de sepulturas, quasi á flor da terra, com pequenas pedras dos lados, e uma tampa a cobri-las. Algumas das pedras que cobrem estas sepulturas são de marmore despolido com alguns arabescos, cruzes e canneluras.

Tambem ali foram encontradas algumas moedas de cobre e prata do feitio de meios tostões., e que os illustres antecessores do nosso particular amigo, Sr. Dr. José Marcellino de Sá Vargas, puderam haver, e as levaram para Lisboa, talvez para enriquecer com ellas algum museu numismatico.

Os habitantes de Santulhão suppõem (*sic*) que S. Mamede seria destruido ha trezentos ou quatrocentos annos.»

*

O auctor do artigo, que creio ser o meu amigo Pires Avellanos, de Bragança, termina chamando para as ruinas a minha attenção, e convidando-me a visitá-las quando eu voltar àquelles sitios. Muito agradeço estas indicações, e farei o que se me pede.

Entretanto lembro desde já a conveniencia de conservar todas as pedras que contém esculpturas, e de mandar desenhos d'ellas para *O Archeologo*. Caso valha a pena, podem tambem as pedras ser recolhidas no Museu Municipal de Bragança. Talvez se trate de monumentos da epocha romana; mas nada ousou assegurar a este respeito, sem ter mais elementos de estudo.

Quanto á lenda das formigas, ella apparece noutras regiões: cfr. *O Arch. Port.*, II, 178-179 e nota.

J. L. DE V.

«. . . .no estudo da historia patria cada povo vai buscar a razão dos seus costumes, a santidade das suas instituições, os titulos dos seus direitos».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 135.

Mudança do nível do oceano

1. Convite geral aos leitores d-O Archeologo

Provas geologicas e historicas dão testemunho indubitavel de que nas nossas costas se tem effectuado mudanças de nível do oceano.

Citaremos como exemplos: em geologia os vestigios de antigas praias em um nível que o oceano já não attinge actualmente (Vianna do Castello, Porto); em archeologia as ruinas romanas das costas do Algarve.

Expor-nos-hiamos, porém, a grandes erros se quisessemos formular conclusões geraes, tomando por base qualquer d'estes factos, pois elles frequentes vezes parecem fallar em sentido contrário.

Só o conhecimento de observações effectuadas em toda a extensão das costas permittirá chegar a conclusões geraes.

Seria pois necessario percorrer toda a costa, colhendo observações, escutando as tradições, trabalho este forçosamente incompleto, porque ha grande numero de factos que escapariam ao observador transitorio, sendo aliás conhecidos de um ou outro habitante da localidade.

Dirigimo-nos, pois, por meio do *Archeologo Português*, a todas as pessoas de boa vontade, pedindo que nos enviem o que souberem á cêrca d'este assumpto.

Queiram dar-nos a maior cópia de pormenores possivel, e provas positivas quando as conheçam, mas não temam indicar-nos factos aparentemente insignificantes, já que esses mesmos podem adquirir grande importancia aproximados de outros factos analogos. Indiquem-nos tambem as observações ja descriptas, communicando-nos o titulo e a pagina da obra ou do jornal que as contém.

A nossa intenção é reunir nesta revista tudo quanto diz respeito a este assumpto, quer sejam observações novas, quer factos já publicados. Segundo a importancia das communicações que nos forem feitas, publicá-las-hemos immediatamente, ou aguardaremos que outros factos venham corroborá-las e dar-lhes maior importancia.

PAUL CHOFFAT.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Errata

Na pag. 208, linha 16, em vez de *1512*, leia-se *1510*.

DAVID LOPES.

Archeologia Eborensis

(Vide *O Archeologo Português*, I, pag. 289)

4. As ruínas do antigo convento de S. Francisco de Evora

Curiosos são os objectos encontrados nas excavações e demolições feitas nos restos do antigo convento de S. Francisco de Evora, para a sua substituição, como ha tempo dissemos, por elegantes e commodas habitações, com que o Sr. Dr. Francisco de Barahona concorrerá para o aformoseamento da cidade de Evora.

A maioria d'esses objectos são vasos de barro, de fórma, feitiço e dimensões diversas, e, em geral, em perfeito estado de conservação. Os exemplares dos principaes typos são os representados na estampa junta, e estão recolhidos na Secção Archeologica da Bibliotheca Publica de Evora, onde poderão ser examinados.

Todos esses objectos de ceramica são bem modelados e cozidos, e alguns d'elles (figs. 1 a 5) tem os fundos sensivelmente abaúlados ou convexos, dando mostra de terem sido feitos independentemente dos vasos, e applicados depois a elles, porém antes de irem ao forno.

O vaso representado na fig. 1 foi, com outros do mesmo feitiço, encontrado nos rins da abobada de berço, que cobria o antigo claustro, e os outros vasos acharam-se misturados com os entulhos, com que fôra tapada, como dissemos noutra logar, uma das entradas do antigo palacio, para o prolongamento do andar superior á *capella dos ossos*, occupado por cellas.

A fórma de alguns d'esses vasos ainda é hoje a adoptada pelos oleiros, tanto de Evora como de Estremoz, como por exemplo as fórmas representadas pelas figs. 2 e 6.

O vaso representado pela fig. 14 parece ser um *gral* e o objecto representado pela fig. 21 parece ter servido para castiçal, em vista da sua parte vertical ser ôca.

Todos estes objectos de ceramica, ou pelo menos a maior parte d'elles, parecem não ter tido uso.

Como explicar a existencia de tamanha porção de ceramica? A tradição não o diz, e não me consta que a chronica da ordem seraphica o diga tambem.

*

No meio dos entulhos, foi encontrado um pequeno frasco de vidro da fórma e grandeza representada na fig. 22. O gargalo parece ter sido maior. A sua côr é branca, embaciada e tirante a verde.

Tambem foi achado um objecto de latão da grandeza e feitio representado na fig. 23. Será espevitador ou peça de toucador? Como na maioria dos casos, teremos de contentar-nos com a interrogação.

Foi tambem recolhido na Bibliotheca Publica de Evora um garfo de chumbo, com tres dentes, e do comprimento de 0^m,13, tendo na extremidade do cabo uns ornatos já gastos, e no verso uma flôr de lis dentro de uma ellipse, encimada por uma corôa aberta.

*

Foi recolhida na Bibliotheca tambem, e ali armada, uma janella do estylo *manuelino*, geminada, apresentando a curiosidade de ter na sua bacia incrustados azulejos de 0^m,10 de lado, postos nun mesmo alinhamento (fig. 24). Esta janella é toda de marmore branco, com alguns lavores e tem cada vão 0^m,67 de largo e 2^m,02 de pé direito, e as vergas são em arco pleno com 0^m,33 de raio.

Esta janella estava no topo oriental do corredor da ala sul do convento, que fizera tambem parte do palacio, e que ao depois fôra occupada por cellas.

Igualmente foi recolhida e armada na Bibliotheca (Secção Archeologica) uma linda janella de peito, de estylo *Renascença* com 1^m,22 de alto por 0^m,87 de largura, com a verga e peitoril lavrados. Os ornatos d'esta janella e a sua semelhança com as janellas do segundo pavimento da torre existente, no Passeio junto á parte restante do chamado palacio de D. Manoel, fazem crer que estas janellas são coevas d'ella.

Foi tambem recolhido na Bibliotheca um capitel das columnas que ornavam uma das entradas do palacio, que, como dissemos, fôra entulhada pelos frades. Essas columnas eram, assim como é o capitel, de marmore branco, e eram semelhantes ás columnas que ainda se vêem hoje no pateo do antigo edificio da Inquisição e num portão do quintal de um predio, que pertenceu a um individuo chamado José Maria Penedo, e está situado na antiga rua do Collegio, hoje denominada rua do Conde da Serra da Tourega. O capitel é simples, notando-se nelle oito *vieiras* symetricamente dispostas (fig. 25).

*

Ao ser demolida a casa que fica ao lado do claustro, que se diz ter servido para casa do capitulo do convento, foram descobertos dois lindos *ediculos* mettidos na espessura da parede e contiguos, porém já sem

os *sarcophagos*, e, superiormente a elles, uma janella geminada, de granito, meia mutilada, de estylo manuelino, e tapada exteriormente por uma grossa parede de alvenaria ordinaria. Nas partes da parede comprehendidas entre as ombreiras e o *mainel* existia uma pintura de côres vivas, representando uma meia figura de mulher, de cujo tronco partiam diversos ramos mais ou menos caprichosos, que se elevavam até a parte superior do vão, e no meio d'esses ramos se destacava uma figura de homem, como se representa ordinariamente Mercurio. Por um distincto e intelligente desenhador-amador, o Sr. Augusto Salgado, natural e residente nesta cidade, foi tirada copia d'essa pintura, para ser guardada na Bibliotheca. Esta pintura é semelhante a uma outra encontrada na parte do palacio, demolida em 1869, denominada *galeria das damas*, e da qual tinha uma cópia o Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que lhe fôra offerecida pelo professor de desenho do lyceu o Sr. Joaquim Lopes da Cruz, hoje tambem fallecido.

*

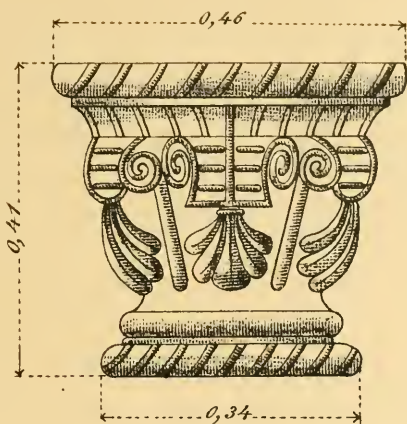
As cantarias, os azulejos e as pinturas que se descobrem nas demolições das ruínas do convento levam-nos a imaginar que muito linda deveria ter sido a sua primitiva fábrica, e que a ignorancia dos frades ou a necessidade de cedencia da parte do convento para ampliação do palacio, em virtude das exigencias dos monarchas, levaram os frades, para os commodos ou serviços da commuidade, a transformar o edificio do convento numa disgraciosa massa de alvenaria, escondendo no seu interior bellezas que artistas de então, animados pela Fé, tinham criado, e que quando se descobrem, nos encantam sempre.

*

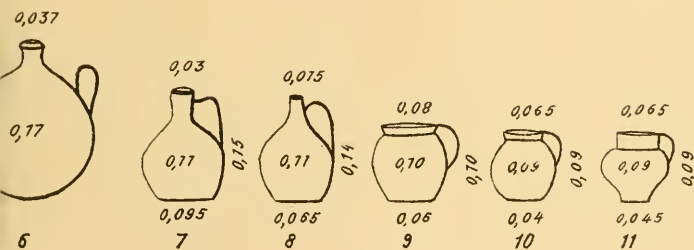
Na casa do capitulo do convento de S. Francisco de Evora, é aonde, segundo dizem os livros da nossa historia, fôra enterrada pelos frades D. Joanna Peres Ferreirim, abbadessa do mosteiro de S. Bento, morta pelo povo da cidade em 1384¹.

C. DA CAMARA MANOEL.

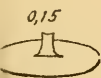
¹ O Sr. Antonio Francisco Barata no seu livro *A Monja de Cistér*, publicado em 1896, e nas *Noites de Evora*, fasciculos n.ºs 1 e 2, dá noticia circumstanciada d'esta desditosa senhora.



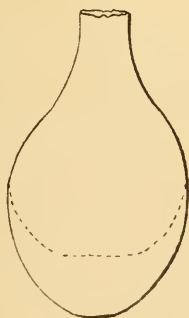
25



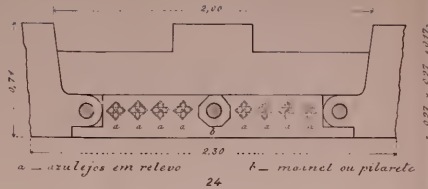
Vidro
tamanho natural



21



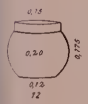
22



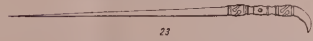
Ceramica'



Ceramica'



*Metal
lamanho natural*



*Vidro
lamanho natural*



Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

62. Bayões (Beira)

Crastos. — Exploradores de thesouros

« á dita hermida (*Nossa Senhora da Guia*) concorrem alguns devotos, em romagem na primeira oitava da Paschoa da Ressurreição, e se faz naquelle sitio huma feira de pouca consideração e concurso. Há tradição nestes povos vizinhos que o dito oiteiro fora antigamente receptaculo de Mouros no tempo que possuhiam Hespanha, e ajuda a esta credulidade verse ainda nas rayzes do oiteiro vestigio de muro, couza mui tosea, e antiga, e outro mais junto á hermida, que bem se vê ser hum e outro feito por arte e não pella natureza, mas em sima não ha signal algum de Castello ou cousa semelhante; e por esta tradição ha ainda hoje nestas partes alguns curiozos, ou para mais propriamente fallar, loucos, que cavam em varias partes do dito oiteiro, persuadindose acharão algum thezouro, que os Mouros por ali deixariam escondido, e muitas vezes se vê cavado de fresco junto a penedos em modo que bem se infere ser aquelle trabalho dirigido ao fim mencionado¹». (Tomo VI, fl. 502).

63. Beja (Alentejo)

Inscrição latina, moderna. — Noticia de inscrições já conhecidas

« sempre fes particular apreço (Beja) do Levita e Martir Sezinando tributando-lhe o Culto de Padroeiro, como se ve na Igreja que referi dedicada por seus moradores a este Ilustre Filho, a qual sobre a porta tem hum fermoço jaspe, e nelle a seguinte inscrição:

DIVO SEZINANDO PATRONO AC ALUMNO SUO PRO
CHRISTI NOMINE DIE VIGESSIMA QUINTA JULII COR-
DUBAE JUGULATO. HAC EADEM DOMO, INQUA NATUS
EST, TEMPLUM HOC IN MEMORIAM TANTI NATALITII
SEMPITERNAM ERECTUM PAX JULIA DIDICAT ET CON-
SECRAT. ANNO DOMINI MILESSIMO SEXCENTESSIMO
SEPUAGESSIMO NONO.

(Tomo VI, fl. 531).

¹ Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 118.

«Deste tempo (*de Julio Cezar*) se conservão ainda nesta Cidade diferentes Lapidés, dandolhe o nome de Pax Julia e varias cabeças de touro, que diz a tradição ser obra daquelle tempo».

«Do tempo de Comdo Emperador, filho de Marco Aurelio, que morreo no anno 194 de Christo está nesta cidade huma Lapide»

«No tempo de Diocleciano e Maximiano ouverão grandes contendas entre Evora e os de Beja a respeito dos limites, as quaes veio compor Daciano, Presidente das Espanhas, e para não haver mais duvida mondou por hum padrão que ainda hoje existe na Oriola» (Tomo VI, fl. 549).

64. Belver (Beira)

Lapa

«Ha no termo desta Villa no sitio da Ribeira de Canas hũa Cova chamada Lapa-de-Monis com boa entrada; porem vay-se estreitando para dentro, e não ha memoria, que alguem lhe chega-se ao fim por cauza do grande escuro e receyo de bichos que se prezume habitarem dentro, ha porem tradição que fazendo-se-lhe hũa grande fogueira a porta fora sahir fumo perto de hũa Legoa para o nascente» (Tomo VI, fl. 530).

65. Bendada (Beira)

Castello dos mouros

«E no que respeita aos itens do 2.^o interrogatorio acerca da Serra, tem este povo, ou lugar a Serra chamada da Senhora do Castello que lhe fica ao norte, e o lugar contiguo ás fraldas della e se chama da Senhora por estar nella a Ermida da Senhora da Roza¹, e do Castello por ser antigamente murada, e estar nella fortificação pelos vestigios que ainda hoje se vem, assim de muros, como de casas, mas não consta de que tempo, e dizem alguns ser prezidio do tempo que os saracenos existirão nas Hespanhas, etc.» (Tomo VI, fl. 650).

¹ Não está ainda hoje bem esclarecida a origem do nome da Serra da Estrella. É provavel que este nome venha da existencia de uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, «uma Senhora com uma estrella». E realmente encontra-se naquellas regiões uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, com grande romaria outr'ora. Cfr. *Rev. Arch.*, IV, 67, e ainda o *Relatorio* do secção de ethnographia da expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881, pag. 77 e sqq., onde o sr. L. F. Marrecas Ferreira colligiu diversas opiniões a respeito no nome da Serra.

66. Bertianos (Entre-Douro-e-Minho)

Padrão romano com letras douradas

«Tem hum Padron de altura de quinze palmos e de grande grosura com hum letreiro¹ de letras douradas que significavão ser aquelle Padrão do tempo que governava o Emperador Julio Sezar e para se conduzir ao lugar donde está havia de passar pella Ponte de Ponte de Lima, de que succedeo opporence as Justiças e povo a que não passaria pella Ponte sem primeyro fazer huma Escriptura os S.^{tes} da Caza de Bertianos obrigandosse nella cazo que se aroinasse a dita Ponte a porem no seu primeiro estado, cuja Escriptura se acha no cartorio da Camara da dita villa». (Tomo VII, fl. 769).

67. Beringel (Alentejo)

Inscrição moderna em latim. — Castro

«O Parocho he Prior apprezentado pelo Marquez das Minas que he o Padroeyro da mesma Igreja, e tem, no frontispicio della, as suas armas, e logo por baxo ha hũa inscrição em breves Romanas que diz:

XPUM DOMINUM QUI BEATUM HODIE
CORONAVIT ESTEFANUM VENITE ADOREMUS.»

(Tomo VII, fl. 756).

«Ha perto desta villa hũ Outeyro de bastante eminencia que chamão o Outeyro do Circo; e junto de seu eume ha em roda hũ muro de pedra antigo, que os Mouros chamarão Crastro, e hoje os Militares entrincheiramento. Está ja em parte totalmente razo e pairesse foy obra dos Mouros na sua retirada». (Tomo VII, fl. 758).

68. Bessa (Trás-os-Montes)

Etymologia de Barroso. — Lenda da torre do ladrão Gaíam.

«Chamace Barroso, nam pellos muitos Barros de que sejiã abundantes, antes as terras todas sam soltas e como arientas e de pouca correia propriedade do Barro; ha tradiçam que havendo cinco annos de ceca na provincia do Minho que confina com ella para a parte do

¹ É certamente a inscrição que tem o n.º 4870 do *Corp. Inscr. Lat.*, II.

Sul, os moradores desta provincia obrigados da cede se retiraram para esta situaçam por ser mais alta e abundante de agoas e nella edificaram suas choupanas de Terra para se abrigar dos temporais que sam grandes neste sitio». (Tomo VII, fl. 777).

« em Carraens se acha hũa Torre com bastante altura e largura a porçoam, arruinada para a parte do Sul, nam se sabe com certeza o Autor della, alguns dizem ser obra do Ladram Gaiam, que procedeo da caza dos sete infantes chamados os Gralhos, Cavalleiros de nacença e foi o caso que parindo uma mulher senhora sete filhos de hum ventre e receando que o Marido lhe emputase sete pays mandou por uma negra afugar seis e encontrando o marido a negra nestas exosecoçoens lhos tirou e mandou vistir todos da mesma libre com o que tinha em caza, e fazendos hum dia de festas e entrando todos na mesma caza nam se conheciam uns dos outros e vendo a Mãi esta confizaem e dizendo lhe o marido que todos eram seus filhos cabio morta¹ para sempre, e destes sete sahio o Ladram Guiam que dizem fabricar a Torre de Carraens, para se hir a furtar e roubar os passageiros, e nisto algum credito se lhes pode dar, por ser a Torre vezinha da estrada, outros dizem fora hum dos doze pares da Inglaterra, porem como me mandam passar esta descriçam debaixo de juramento e que a nam mandacem era o mesmo nada d'isto afirmo por certo, porque conheço que ha muitas Torres neste Reino, que padecem a mesma infamia, e nem nesta Torre, nem em outra couza alguma nesta freiguezia fez algum damno o Terramoto » (Tomo VII, fl. 781).

69. Besteiros (Entre-Donro-e-Minho)

Fortalezas dos «mouros». — Etymologia de Besteiros. — Cova da Moura

«A ermida he sitta para a parte do Poente, no alto do monte de S. Domingos, com a invocação do mesmo Sancto, bem celebre entre os mais, que conthem a cronica da Religião do Santo, pella memoravel batalha em que no tal sittio vencerão os Christaos aos Mouros em quem executaram inteiramente a victoria, nos que não morrerão fazendo-os fugir athé a Cidade que tinhão na Serra de Vandoma, distante $\frac{3}{4}$ os de Legoa; aonde ainda existem claros vestigios das suas fortalezas, como dirá o Reverendo Abbade da freguezia. Acode pelo discurso

¹ Na lenda, publicada num dos *Almanachs de Lembranças*, são sepultados a mãe e os filhos juntamente, com o seguinte letreiro:

AQUI JAZ MARIA MANCELLA COM OS SEUS 7 FILHIOS AO REDOR DELLA

do anno á dita capella ou Ermida de S. Domingos bastantes pessoas com inteyra fé no patrocínio delle. . . . ». (Tomo VII, fl. 820).

«Não ha aqui memoria de que sahsem desta freguezia homens insignes por Letras nã virtudes, só sim a tradição e vaidade dos nasionais de que a Etimologia do Nome de Besteiros, e ser esta freguezia cabeça da companhia da ordenança. . . . dos singulares e grandes feitos de armas que seus asendentes obrarão não só na batalha do monte de S. Domingos. . . . mas na rezistencia aos Mouros, e sua expulsão da Cidade que tinhão na Serra de Vandoma distando só $\frac{3}{4}$ os de Legoa desta Freguezia uzando elles do seu arco e bésta de que se lhes conserva a companhia dos Besteyros; e o nome da freguezia». (Tomo VII, fl. 822).

«Não he Praça d'armas, nã tem Muro, Fortaleza ou Castello so sim nos Limittes da freguezia para a parte do Poente ainda existem huns vestigios de hũa Torre ou Castello (o que já se não pode averiguar) de que se acha hum Cunhal, que corre da parte do Norte para o Sul de 30 palmos de comprido, em altúra de onze palmos de Cunhal a Cunhal e neste hũa abertura de sorte que fica differente de outro cunhal, que corre do Poente para o Nascente de comprimento de dezasete palmos, e da mesma altura, e da parte do Nascente tem hum ambito redondo, de que mais se infere seria Castello ou fortaleza dos Mouros, o que se confirma por arredado couza de 300 passos haver um sítio chamado a *Cova-da-Moura*; é tradição de que hera estrada cuberta, por baixo do monte e contão alguns velhos que a tal cova hera medonha, e alguas pessoas que a quizerão averiguar não chegarão ao fim; e de presente se acha intupida». (Tomo VII, fl. 824).

70. Bico (Entre-Douro-e-Minho)

Columna e louça achada em excavações. — Ruínas da cidade de «Coria»

«Ainda hoje se está vendo na quinta da Pereira desta freguezia servir de pes a hũa grande meza de pedra hũa colluna não grossa de pedra fina e bem laurada que não ha muitos annos acazo se descobriu debaixo da terra em citio a que chamão o Telhado. Menos annos ha que abrindoçe no Lugar de Luzio ou Tunio sen arabalde hũ posso para tirar agoa se achou quantidade de Louça de porçollana branca ainda com algum Lustro, e não tão quebrada que se não dese ainda serventia a algũa o que mostra ser Louça ali de prepozito encerrada¹. Entre os Lugares do Padrahido e Luzio ha hũ certo citio

¹ Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 182. Freguesia da comarca de Valença.

a que ainda hoje chamão os naturais Galdegai huns, outros Coroa de Rey nome que tambem se acha escripto em papeis antigos, que asim os referidos inventos como os nomes de Telhado, Valdegai e Coroa de Rey emculcão haver no sitio em que esta freguezia se acha alguma povoação antiga. Parece que não pode duvidar-se. Qual esta fosse discorrão outros mais versados na Historia. O que affirmão he que comprehendendo a tal povoação os referidos Lugares, pello que estes distão huns dos outros necessariamente havia de ser grande e pello conceguinte populoza e capital algũ tempo como enculcão os nomes Valdegai ou Coroa de Rey. E acreçento que sendo asim que antigamente ouve nesta terra hũa çidade chamada Coria que com pouca corrução deu o nome ao Rio Coura como alguns disserão aqui foi, porque só sendo aqui adonde o dito Rio principia, como abaixo direi, he que milhor lhe podia dar o nome. Temos exemplo no rio Lima asim chamado por nascer na Limia, Reyno de Galliza»¹. (Tomo VII, fl. 841).

71. Bobadella (Trás-os-Montes)

Cidadonha, fortaleza dos «mouros»; suas ruínas

«Respondo que este povo esta situado junto a hũa brea (*vereda?*) pella qual passa hũa Estrada que principia em Villa Real e passa pella Serra de Sam João de Monte Negro e vay findar ao Reyno de Galiza esta estrada terá de comprido quinze ou dezaseis legoas he tudo brea (*sic*) e terra plana e não tem costa alguma nem se encontra nella povoação alguma só sim de huma parte e outra e para se acomodarem os passageiros saem fora da Estrada e entre tres Cabeços que esta hum para a parte do nascente e outro para a parte do Norte e outro para a parte do Nascente digo do poente de seu nome ou apelido Cidadonha (*sic*) por tradiçam se conta que foi Fortaleza de Mouros tanto de comprido como de largo que terá trezentos braços em seu comprimento e outras tantas de largo demostra que teve duas entradas e saídas, não tem indicios já de muros de pedra nem de outro material tem (*sic*) de mostrar donde ouve cazas; tem humas barreyras grandes que em partes não se podem subir tem dous fogos em seu contorno com seus baluartes está esta fortaleza chea de aruores silvestres como sam Carbalhos e outras mais. . . . »². (Tomo VII, fl. 911).

¹ O caso talvez se dêsse ao contrario.

² Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 192.

72. Bobadella¹ (Trás-os-Montes)

Minas dos romanos

«Perto da corrente deste Rio, no termo do lugar de Nogueyra desta freguezia onde chamão As Freytas ha hũa *Laqua e casas* (?) ao pe della que dizem forão minas, que os Romanos tirarão dellas ouro ou prata». (Tomo VII, fl. 923).

73. Bobadella (Beira)

Grande eidade no tempo dos godos (*sic*)

«Ha memoria antequissima que esta villa de Bobadella foi cidade no tempo dos godos aonde hove hum homem grande chamado Regullo de Bobadella». (Tomo VII, fl. 929).

74. Boivão (Entre-Douro-e-Minho)

Castello de Fernã

«Esta terra não he murada nem Praça de armas, somente no mais elevado do monte ha hum Castello de Penedos que por antiga tradiçam se chamava Castello de Fraam que agora corrupto vocabolo se chama Castello de Fernã. . . .» (Tomo VII, fl. 967).

75. Borba (Alentejo)

Inscrição portuguesa. — Etymologia lendaria de Borba e seu esendo. — Cabeça de pedra chamada «Maria de Borba»

Inscrição existente na Igreja Matris d'esta villa: «. . . pedra quadrada, imbutida na parede do corpo della da parte de dentro ao lado direito. . .»

ESTA : EGIA : HE : DA : ORDÊ : DAVIZ : E :
 MANDOUA : FAZER : O : NOBRE : SENHOR :
 DÒ : FERNÃ : ROIZ : DE : SEQIRA : ME :
 DA : CAVALARIA : DA : DITA : ORDÊ : E : FOI :
 FEITA : HO : ANNO : DA : ERA : DE : MIL : IIIJ^c :
 E : L : VIIJ^o : AVIZ : AVIZ : SEQIRA :
 SEQIRA :²

(Tom. VII, fl. 992).

¹ Termo de Montalegre.

² Esta inscrição indica a data do anno de Christo 1420 (em 1422 da nossa era terminou o emprêgo da era de Cesar). O *Dicc. Geog.*, II, 206 dá, alem de ou-

«Seus primeiros fundadores lhe derão o nome de Barbo, em razão de haverem achado dois desta especie em hum Lago aonde hoje esta o Castello, os quaes tomarão por armas da mesma Villa mandando-os esculpir em alguns logares, porem, ao prezente só se vem retratados nos espaldares das cadeiras da Camara. Pelo decurso do tempo se veio a corromper o nome «Barbo» em «Borba». (Tomo VII, fl. 989).

«Sobre a principal porta que está ao Norte, se vê huma Cabeça de pedra de forma humana, a que o vulgo chama Maria de Borba, tam gasta que se lhe não percebem as feiçoens, e de baixo da mesma está hua tosca lamina de pedra, cuja escriptura pella mesma causa se não lê». (Tomo VII, fl. 993).

76. Bougado (Entre-Douro-e-Minho)

Via militar romana e ponte

«A sexta he a ponte da Langoucinha no sitio da freguezia de Sancta Marinha de Louzado ponte Romana que a reedificou Dona Goncinha pela qual antigamente hia a estrada do Porto para Braga cortando pelas faldas da Serra da Corviam e passando pela freguezia de Esporaes e Coutada dos Arcebispos se metia pelo postigo de São Sebastiam na dita cidade de Braga, e por ali hera a via militar que de Braga hia para Lisboa e hũa das sinco que refêre o Itenerario de Antonino Pio, a qual ponte ha muytos annos a esta parte pouca serventia tem.» (Tomo VII, fl. 1085).

77. Braga (Entre-Douro-e-Minho)

Inscrição portuguesa. — Achados no campo de Sant'Anna

« e no da Epistola esta o magnifico tumulo do senhor Infante Dom Affonço filho primeiro do grande Rey Dom João Primeiro deste Reyno: he de cobre dourado com seu sobreceo, obra primorosa feita em Flandes que de lá lhe mandou a Senhora Dona Isabel que casou com Felipe, terceiro Conde de Flandes e de Henao (*Hainaut*) e Duque de Borgonha, e faleceu nesta cidade quando o Rey seu (*pai*) convocou cortes nesta cidade, e ainda que o Senhor Dom Rodrigo da Cunha

tras variantes, o anno da era de 1401 (Ch. 1363); ora D. João I, mestre da ordem de Avis anterior sem lacuna a Fernão Roiz, começou a reinar em 1385 da nossa era, em cuja epoca, pouco mais ou menos, cessou de exercer as funções de mestre. A cópia que a memoria apresenta tem pois mais probabilidade de ser exacta no anno do que tem a do impresso. Com Fernão Roiz de Sequeira termina o ultimo mestre não pertencente á familia real.

diga na segunda parte da Historia de Braga que o Letreiro fora pintado, e que se não podia ler comtudo examinado por Valerio Pinto de Sá, celebre antiquario desta cidade, o leo e achou embutido em letra gotica serrada e dis o Letreiro:

AQUI JAZ O INFANTE DOM AFFONÇO A QUEM DEOS PERDOE
FILHIO DO NOBRE REY DOM JOÃO, E DA RAINHA DONA FELIPA
DE LANCASTRO.»

(Tomo VII, fl. 1116).

«Achanse no referido campo de Sancta Anna juncto á referida Cappella dos Sanctos Passos de Sancta Anna doze columnas com seus letreyros dourados que contem os Livros de Dom Jeronimo,¹ nos quaes se podem ver, que porisso não repito. E novamente no anno de 1751 murando-se a cerca das Religiosas de Nossa Senhora dos Remedios suburbios desta mesma cidade que discorre pellos limites desta freguezia a quatorze palmos de altura se acharam duas pedras das sepulturas dos Romanos, enjas pedras por ordem do Serenissimo Senhor D. Joseph, Arcebispo Primas que nesse tempo foi deste arcebispado se collocaram no Muro da mesma cerca, donde se acham»². (Tomo VII, fl. 1138).

78. Branca (Beira)

Cidade do tempo dos «mouros» e suas ruínas. — Exploração moderna de ruínas

«Ha tradiçam antiga que nesta Serra (*de S. Julião*) no tempo dos Mouros estava situada huma cidade a que chamavam Langobria, e ainda agora se vem no alto da serra alguns vestigios, donde se tiraram as pedras das muralhas. . . . No meyo desta serra no sitio do Pallhal junto do Rio Caima³ haverá 15 annos se descubrio hũa mina de prata, chumbo e cobre, na qual se trabalhou por espaço de 5 ou 6 annos por conta de alguns homens de negocio na Cidade de Lisboa, dos quaes era caixa geral hum Ingles chamado Guilhelme Mauman etc.»⁴. (Tomo VII, fl. 1190).

¹ Contador de Argote.

² Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 264.

³ Nos documentos em latim escrevia-se *Kania* ou *Camia*.

⁴ No *Dicc. Geog.*, II, 278 vem mencionado como existente nesta freguesia o lugar de *Cristello*, que deve ser talvez uma fôrma derivada de *Crastello*, de *Crasto* ou *Castro*. No ms. apparece a fôrma *Crestello*. Cfr. *O Arch. Port.*, I, 3, *Castros*. O mesmo *Dicc. Geog.*, II, 756, apresenta alem do nome já indicado mais tres povoações com a denominação CRISTELLO na provincia de Entre-Douro-e-Miúho.

79. Briteiros (Entre-Douro-e-Minho)

Ruínas de Citania

Freguesia do Salvador. — «Está em hum valle na rais do celebre monte Citania ou Cinania, que comprehende a melhor parte delle o districto da freguezia». (Tomo VII, fl. 1227).

«Dentro desta freguezia em pouca distancia de Igreja entre o Lugar da Mata e o do Carvalho dá principio hũa Calsada para o Monte Citania na coroa do qual se conservão vestigios evidentes de que foy povoação grande, pois rompendo esta Calsada pello monte assima no fim dela se encontra hum muro, o qual cercava esta antiqua povoação para o Poente e Sul e para o Nascente não necessitava de muro por ser o monte desta parte despinhado; pella parte do Norte linda se ve o muro unido com a terra, e em muitas partes estão pedras levantadas; para baixo corre hũa calsada, que vay cahir junto a Levada do Passo: terá em todo este circuito setecentas braças: encontra-se outra calsada que rodeando o monte se mete na freguezia de Pedralva para a parte desta freguezia se vem ruínas de fortalezas, das quaes se descobrem os primeiros fiados de pedra, em partes de tres palmos e em outras de maes. Encontra-se outra muralha que mostra ser muito maes forte que as maes que se descobrem, por ser de pedras grandes. No alto do monte mostra terceira muralha que ainda em partes tem nove palmos de alto, cercão o monte pella parte do norte e Poente e por entre os muros da parte do Norte e Nascente se vem muitos alicerces de cazas que ao parecer erão redondas e piquenas e de grandes montes de pedras que se achão devididos neste citio se infere serião tambem cazas maiores; o que tudo fas grande corroboração a tradição de que aqui foy a povoação de Citania etc.»¹ (Tomo VII, fl. 1228).

Freguesia de Santo Estevão. — «. . . . ficando lhe fronteiro hum monte chamado da Citania, celebre pelas tradições e vestigios que se descobrem na formatura de ruas e alicerces de muros: para o adro desta Igreja se transportou hũa grande pedra ornada de varios labores trazida de Citania com muito trabalho e se acha suspensa em columnas não muito compridas con grossura sufficiente para a sustentar»². (Tomo VII, fl. 1237).

¹ Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 288.

² Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 289.

80. Budens (Algarve)

Ruínas descobertas pelo mar em 1755

«Na occasião do Terremoto do anno de 1755 junto á fortaleza de Almadna, sahindo o mar do seu curso lançando fora as areas de hũa pequena praya que havia junto a hũa limitada abertura por onde entra mar, a qual chamam o rio da Almadna se descobrirão fundamentos de avultada Povoação que continuava para a parte do mar, pois no abrir das ondas se divesavão a montes as pedras soltas de destruidos edificios que com o continuo dos tempos submergirão as agoas e na pequena parte que perto das ondas as areas descobrirão vi e observei muitas pedras de Canteria bem fabricadas, e principios de edificios que ao paresser e modo guardavão a Povoação das inundações e marés naquelle tempo; e hoje se acha tudo novamente cuberto de area como antes, e se prezume ter sido hũa antigua cidade de Buda donde tomou o nome esta freguezia de Budens, mas disto não vi escritos»¹. (Tomo VII, fl. 1309).

81. Burgães (Entre-Douro-e-Minho)

Tumulo supposto do tempo dos godos

«Não ha nesta terra cousa digna de memoria menos hum tumulo antiquissimo que se diz ser do tempo dos godos: está elle mettido dentro de hum arco de altura de 16 palmos e vinte de comprido: o remate são tres pedras redondas soffrivelmente lavradas nas duas das partes se achão esculpidas duas cruzes perfeitas e hum signo salomnico na do meyo. O tumulo está mettido dentro deste arco tem nove palmos de comprido e quatro de largo perto de cinco. Todo este sepulcro não tem letras algũas nem divizas e tão pouco há tradição de quem nelle esteja enterrado. A injuria dos tempos poz por terra se já não fosse a barbaridade da gente rustica da freguezia se aproveitar das pedras. Assim esteve este monumento muitos annos athé que João da Cunha de Sotto-Mayor Sarmiento e Mendonça, Abbade desta Santa Igreja de Burgaens, herdando de seu Pay Pedro da Cunha de Sotto-Mayor, Fidalgo da Caza de Sua Magestade Fidelissima, Professo na Ordem de Christo, Alcaide mor de Braga, Coronel de Infantaria e Acaademico da Academia Real de Historia Portugueza, e prezar as bellas letras, curiosidade e estimulação das cousas antigas, á sua custa o

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, II, 77.

mandou reedificar com as próprias pedras que dantes formavão o tumulo no que teve immenso trabalho para junta-las, tirando-as das paredes, em que seus freguezes as tinhão constituido. Está este monumento juncto a hũa estrada publica na agra da Cancellia chamada da Cruz, contigua a hũa aldeya a que chamão Sarnado»¹. (Tomo VII, fl. 1337).

82. Burgo (Beira)

Castello dos «mouros»

«Ao vigesimo segundo e vigesimo terceiro que nam constam antiguidades dignas de memoria supposto ha tradição que houve no citio de San João de Valinhas que he da Freguezia de Sancta Eulalia hum Castello que fora dos Mouros, mas delle não ha vestigio algum». (Tomo VII, fl. 1347).

83. Cabana Maior (Entre-Douro-e-Minho)

Lenda da Bouça-das-Donas

«No fim desta freguezia ha hũ morro com o titulo de Outeiro Mayor que fica para o Poente conforme muitas pessoas que tem notiça das Serras de Portugal affirmão que he o mais alto de todo o Reino nas faldas delle esta o lugar de Boussas (*sic*) Donas cujo nome dizem lhe vem de hũa molher filha de Pais illustres outros que era princeza que vindo fugida ali fizera seu domicilio por ser naquelle tempo sitio muito solitario e por isso ficara ao lugar o nome Boussas das Donas. . . . » (Tomo VIII, fl. 19).

84. Cabeça-de-Mouro (Trás-os-Montes)

Lenda da fonte de Cabeça-de-Mouro

«Tem este lugar no alto delle ao pé da Igreja huma fonte com hum grande nascente de agoa que nunca secou donde os moradores se seruem e regam suas ortaz no verão chamada a fonte de Cabeça de Mouro e dizem que por urigem de seu nome e tradição que no tempo dos Arabes, quando dominavão estaz terraz que achandosse hum mouro e hum christão ao pé desta fonte convidandosse hũ ao outro a beber nella duvidara o cristão fazello por haver muntas viboraz nestes contornos e temer que o mordessem ou que estivesse a agoa invenenada dellaz; o mouro lho facelitou dizendo tinha incantado todos

¹ Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 305.

os bichos venenozos em todaz as terras que deste sitio (que he levantado e iminente) lhe estavam a vista, e seja verdade ou não esta tradição, a experiencia o tem mostrado que havendo neste sitio e seu contorno imensidade de viboraz, não ha noticia que offendessem a pessoa alguma»¹. (Tomo VIII, fl. 57).

85. Cabril (Trás-os-Montes)

Etymologia supposta do nome da ponte de Mizarella

«O Rio da Mizarella que eu saiba tem duas [pontes] hũa a mesma de que toma o nome da Mizarella, *corrupto vocabulo* que o seu proprio nome he a ponte do Miserere, cujo alcançou por meter terror aos que a paixão *saltem* a primeira vez, asim por ser munto alta e de hum so e bem antigo arco, como por ser estreita, e estar edeficada em hum sitio medonho, aonde as agoas cahindo de alto em penedos concavos levantão fumaceiros ao ar, a qual se acha no districto do lugar de Cidroz. . . .» (Tomo VIII, fl. 139).

86. Cadaval (Extremadura)

Etymologia popular do Cadaval

«Está situada em parte alta ou em hũa collina que entre dous valles se levantam do Norte para o Sul aonde fenecem, os quaes desaguam (*sic*) para o Norte. Dos quaes diz a tradição nascera a Ethymologia do seu nome; pois perguntando o que deu principio a sua fundação aonde haveria agua lhe foi respondido: que em cada valle que sincopado (*sic*) he Cadaval». (Tomo VIII, fl. 184).

87. Caldas-da-Rainha (Extremadura)

Ruinas de Eborobricio

«No tempo dos Romanos, Vandalos, Suevos e Allanos houve indicios de que já esta villa fora povoada por ocazião dos mesmos banhos sendo o mais provavel as ruinas que se descobrião junto ás ditas agoas quando se fundou o Hospital asim como naquelle tempo se con-

¹ É una tradição em que se revela a união entre os lendarios mouros e serpentes (mouras encantadas). *Cabeça* deve ser considerado no sentido de *cabeçor* como, por exemplo, *Matacões* no de *Mata-de-cães*. Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 324.

cervão as memorias de ruinas antiguas em Arrayolos, Evora de Alcobaga, Povos e Alfizerão que he constante fora a celebre cidade de Eborobricio». (Tomo VIII, fl. 240).

88. Calheiros (Entre-Douro-e-Minho)

Castro

«Não acho nada que diga neste artigo, só no monte do Castello que da parte do Nacente em piquena parte que parte a freguezia de Refojas com esta freguezia se acharão cabando os labradores da freguezia de são Thiago de Brandará alguas pedras bem lauradas e covicolos debaixo do chão feitos a modos de cazas tudo de pedra lavrada». (Tomo VIII, fl. 288).

89. Calvelhe (Trás-os-Montes)

Castellos dos «mouros»

«Houve neste termo trez Castellos de Mouros de que ha ainda Bestigios hum para a parte do Poente que se chama Urreta fermoza; e dous para a parte do Nascente, hum que se chama Castello Sanguinho, e outro no fim da Urreta, Avilheyra»¹. (Tomo VIII, fl. 304).

90. Cambas (Alemtejo)

Minas de prata

«Ao septimo digo que nesta serra ouue antigamente minas de metaes e de prata pelo que mostra assim em varias conas que se achão na dita Serra (*de S. Domingos*) como por outros signais que se diuisão nela». (Tomo VIII, fl. 353).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

«.....este exame miudo [dos factos historicos], feito com consciencia, tem grande applicação, e ainda em si é importante».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 103-104.

¹ Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 372.

Arte romana

Chamavam os romanos *personae*, entre outros objectos, ás carrancas fontanarias, que ainda hoje se empregam para o mesmo uso¹. A que a gravura representa é de bronze e pésa, incluindo o chumbo que tem adherente á concavidade interna, 1^k,005.

Parece-me que este objecto não póde ser considerado como gárgula para aguas de telhado, não só porque as gárgulas eram de barro ou de pedra, para servirem taubem de ornamento á cornija, mas ainda porque as dimensões da bôca são exiguas para tal serventia.



A carranca mede de alto a baixo 0^m,12 e a bôca 0^m,02 × 0^m,032. É perfeito o seu estado de conservação; está porém coberta da pátina característica.

Como se vê, deve ser obra romana de bom estylo, provavelmente proveniente de algum centro importante de população, aonde florescessem as artes e as industrias. Não me consta que, nesta região, hajam apparecido vestigios de qualquer povoação importante da epocha romana.

Sei apenas d'este objecto que foi encontrado ha annos quando se rompia a estrada que une as duas villas dos Arcos-de-Val-de-Vez e Monção. Ignoro o mais que importa saber.

Parece representar o rosto de uma bacchante, toucada com o *corymbus* de folhas e bagas da hera, pendendo-lhe das fontes rolos opulentos de cabello (*antiae*).

¹ Veja-se Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines*, pag. 476.

A concavidade da parte posterior está ainda quasi toda occupada pelo chumbo que serviu para fixar a carranca á extremidade do conducto da agua¹.

F. ALVES PEREIRA.

A Arrabida

Esta formosissima serra, cortada de tantos valles, e possuidora de tantas grutas, é possivel que fosse aproveitada como estação pre-historica.

Com o fim de ali descobrir alguns vestigios archeologicos, visitei-a em Agosto de 1895; comtudo, apenas colhi algumas noticias vagas.

Um camponês encontrou lá um instrumento neolithico, da classe das «pedras de raio»; este facto, se por si não basta para classificar a Arrabida como estação pre-historica, não se póde todavia desprezar. Tambem soube que um dos muitos onteiros da Serra (ao qual porém não fui) se chama *Jogo dos Moiros*; provavelmente trata-se de algum local archeologico.

Grutas apenas pude ver a de *Santa Margarida*, aberta perto do mar, e tão ampla, que constitue só por si uma capella, onde, além de muito espaço para os fieis orarem, cabe um altar e um pulpito. Se a gruta nos tempos pre-historicos serviu de habitação, ou de catacumba, não se póde dizer, sem se praticarem primeiro excavações no solo.

A Arrabida precisa, pois, de ser explorada methodicamente, a ver se o alveão do archeologo chegará acaso a confirmar os versos de Herculano²:

Essas penhas, que lá, no alto das serras,
Nuas, crestadas, solitarias dormem,
Parecem imitar da sepultura
O aspecto melancolico e o repouso...

não sepultura de macerados monges arrabidos, mas de activas gerações pre-romanas, que ali deixassem curiosos documentos de energia e de trabalho.

J. L. DE V.

¹ [No *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v. *fons*, vem figuradas várias carrancas (de animaes) da especie das de que se trata no texto. — J. L. DE V.].

² *Poesias*, Lisboa 1886, pag. 53.

Fim do anno

Como fiz, quando terminou o 1.^o vol. d-*O Archeologo Português*, agradeço a todas as pessoas que, quer com a sua distincta, util e desinteressada collaboração, quer por outros modos, concorreram para que esta publicação conte mais um anno de existencia.

Segundo se vê de um lance de olhos dado ao indice methodico que acompanha o volume, muitos foram os assumptos tratados, tendo-se alargado um pouco os nossos conhecimentos a respeito de varios pontos da archeologia portuguesa.

*

Aos periodicos scientificos que foram mencionados n-*O Archeologo Português*, I, 357-358, e que se dignaram trocar com elle, tenho agora de juntar mais os seguintes:

- Annuaire de la Société d'Archéologie de Bruxelles*, Bruxellas;
- A Nova Revista*, Rio de Janeiro;
- Bulletin de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, Anvers;
- Bulletin et mémoires de la Société des antiquaires de France*, Paris;
- Bulletin de la Société Neuchateloise de Géographie*, Neuchatel;
- Bulletino di paletnologia italiana*, Parma;
- La Gazette Numismatique*, Bruxellas;
- Nachrichten über deutsche Alterthumsfuunde*, Berlim;
- Numismatisches Literatur-Blatt*, Hildesheim;
- Revista de la Asociación Artístico-Arqueológica*, Barcelona;
- Revista de Menorca*, Mahón;
- Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, Berlim;
- Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim.

*

Alem das notícias summárias que dos artigos d-*O Archeologo Português* deram algumas revistas com que este troca, o Sr. Dr. Emilio Hübner, o eminente epigraphista e professor, por quem a archeologia portuguesa é sempre tão estimada, e a quem tanto ella deve, e todos os que nella trabalhamos, publicou um extenso artigo á cêrca da nossa revista na *Deutsche Litteraturzeitung*, n.^o 18, de 2 de Maio de 1896.

J. L. DE V.

INDICE

ACQUIZIÇÕES do Museu Ethnographico Português: 142, 158 e 245.

ANTIGUIDADES LOCAES:

I.—Por ordem chronologica

A) Prehistoricas:

- Novos testemunhos da civilização neolithica (arte zoomorphica): 1.
- Placas de schisto ornamentadas: 5.
- Dolmens: 54 (Antas de Penalva), 55 (Arca), 61 (Vianna do Castello), 81 (Villa-Pouca-de-Aguiar), 84 (Paços de Ferreira), 229 (de Machêde), 231 (estampa de dolmens de Villa-Pouca-de-Aguiar), 239 (Avis), 264 (Alijó, com estampa), 298 (Villa-Real).
- Á cêrea das antas em geral: 92, 172.
- Machado de pedra do Algarve: 106.
- Necropoles: 60 (Campina), 210 (Sintra, com estampa).
- Pintura neolithica: 225.

B) Protohistoricas:

- Estátuas de guerreiros lusitanos (com estampas): 29.
- Xorcas: 17 (de Sintra, com estampa), 86 (de Oliveira de Azemeis).
- A «porca» de Murça: 284.

C) Luso-Romanas:

- Salacia: 5, 143.
- Esculpturas romanas (com estampas): 8, 9 e 296.
- Povoação romana de Alferrar: 10.
- Lucerna romana (com estampa): 27.
- Antiguidades de Balsa (statera, speculum, com estampas): 55.
- Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve: 65 (com estampas).

- Do aro de Tavira (com estampa): 152.
 Do valle do Mondego e immediações: 154.
 Aqueducto de Lisboa: 229.
 Sepulturas de Bencafede: 278 (com estampa).
 Carranca fontanaria (com estampa): 319.

D) Da epocha wisigothica:

- Inscrição: 175 (com estampa).

E) Da epocha arabe:

- Noticia de algumas antiguidades romanas e arabes do Algarve: 66.
 Cousas arabico-portuguesas: 204.

F) Portuguesas propriamente ditas:

- Cofre de ferro da Bibliotheca de Evora (com estampa): 95.
 Os moinhos: 193.
 A «Cruz de Portugal» em Silves (com estampa): 221.
 As fontes (com estampa): 248.
 Convento de S. Francisco de Evora (com estampas): 302.
 Pedra do Museu Cenaculo (com estampa): 161.
 Cruzeiro antigo: 292.
 Vide mais no Indice Geral: ACQUIZIÇÕES, ANTIGUIDADES LOCAES, BIBLIOGRAPHIA, CURSOS ESCHOLARES, EPIGRAPHIA, NOTÍCIAS VÁRIAS, NUMISMATICA.

II. — Por ordem geographica

A) Alentejo:

- Adissa (antiguidades diversas; lendas): 89.
 Alandroal (antiguidades diversas; inscrições): 136.
 Alcaria-Ruiva (ruínas, lendas): 177.
 Alvito (inscrição christã): 190.
 Amador (Santo) (inscrição romana): 192.
 Aramenha (ruínas): 54, 254.
 Areias (ruínas): 257.
 Avis (antiguidades prehistoricas): 239.
 Ayamonte («Mouros»): 164.
 Bartholomeu (S.) (ponte romana): 264.
 Beja: 49 (casa da moeda), 54 e 174 (sepulturas antigas), 80, 161 (museu), 161 (inscrição wisigothica), 205 (inscrição arabe), 305 (inscrição latina moderna).
 Bencafede (sepultura, com estampa): 278.
 Beringel (antiguidades várias): 307.
 Borba (vária): 311.
 Cambas (minas): 318.
 Elvas (museu): 2.
 Evora: 95 (cofre de ferro), 284 (museu), 302 (convento de S. Francisco).
 Machêde (antas): 229.
 Mertola (inscrição arabe): 206.

B) Algarve:

- Alvor (incripção portuguesa): 191.
Ameixial: 254.
Bensafrim: 65 (antiguidades diversas), 106 (machado de pedra).
Boca-do-Rio (ruínas romanas): 77.
Búdens: 77 e 315 (ruínas).
Campina: 296.
Faro: Vide *Campina*.
Marateca (necropole): 68.
Marim (epoca romana): 25.
Milreu: 296.
Silves: 221.
Tavira: 55 (antiguidades romanas de Balsa), 152 (antiguidades romanas das Antas).

C) Beira:

- Agueda (inscripções romanas): 91.
Alcherubim (lapa): 178.
Aldeia-Velha («Mouros»; lendas): 178.
Alfaiates (antiguidades diversas): 181.
Almendra («castello»): 185.
Almofala (ruínas): 185.
Antas de Penalva (dolmens): 54.
Area (dolmens): 55, 256.
Arcos («castello»): 162, 256.
Arega (castro): 257.
Arganil: 163 (cova), 257 (ruínas).
Atalaia («castello»): 164.
Barcos (antiguidades várias): 262.
Barreiro (antiguidades várias): 263.
Bayões (castro): 305.
Belver (lapa): 306.
Bendada (castello): 306.
Bobadella (cidade): 311.
Branca (várias): 313.
Burgo («mouros»): 316.
Coimbra (museu): 273.
Figueira da Foz: 154 (antiguidades romanas), 234 e 293 (museu).
Olaya (Santa) (castro): 226.
Oliveira de Azemeis (xorcas): 86.
Queiriga (dolmen): 225

D) Entre-Douro-e-Minho:

- Abbação (castro): 63.
Abbedim (castro, lenda): 63.
Aldreu (castro): 179.
Aluviada (crença popular): 191
Alvellos (padrão): 189.
Amarante (inscripção): 252.

- Amares (castros): 253.
 Antão (Santo) (dolmens): 61.
 Arcos («castello»): 162, 256 (bis).
 Arcos-de-Val-de-Vez (carranca fontanaria): 319.
 Ariz (ruínas): 258.
 Arnoya (antiguidades diversas): 163 e 258.
 Arvore (sepultura): 258.
 Avidos: 259.
 Ayró («castello»): 165.
 Azões (castro): 260.
 Balazar (castro): 261.
 Baldreu (estrada romana): 261.
 Balugães (antiguidades diversas): 262.
 Barcellos (inscripção latina moderna): 262.
 Bertandos (padrão): 307.
 Besteiros (vária): 308.
 Bico (várias): 309.
 Boivão (castello): 311.
 Bougado (via militar): 312.
 Braga (inscripções): 58, 116, 204 e 312.
 Briteiros (castro): 314.
 Burgães (tunulo): 315.
 Cabana Maior (lenda): 316.
 Calheiros (castro): 318.
 Fafe (estatua): 31.
 Jorge de Vizella (S.) (estatua): 32.
 Leça do Balio: 149.
 Paços de Ferreira: 83 (monumento antigo), 84 (dolmen).
 Paredes de Coura: Vide *Rubiães*.
 Porto (inscripções leoninas): 146.
 Rubiães (dolmens): 61.
 Sequeiró (moedas romanas): 292.
 Vianna do Castello: 32 (estatua), 61 (dolmen), 269 (vária).

E) Extremadura:

- Abiul («castello»): 64.
 Alcacer do Sal: 5 (antiguidades romanas), 143 (idem), 177 (inscripção portuguesa), 280 (moedas).
 Alcobaça (inscripção latina moderna): 178.
 Alemquer (inscripções; ruínas): 179.
 Alfaccirão (castello): 182.
 Alferrar (ruínas romanas): 10.
 Aljubarrota (antiguidades diversas): 182.
 Almoster (antiguidades diversas): 185.
 Alqueidão (antiguidades diversas): 187.
 Alvaro (gruta): 188.
 Alvega (ruínas): 164 e 188.
 Alvorge (torre): 191.
 Ameixoeira («mouros»): 254.

- Amendoa («castello»): 254.
 Arrabida: 163 (ruínas), 320 (vária).
 Ayre: Vide *Alvega*.
 Azeitão (antiguidades várias): 259.
 Bemfica (Satyro): 249.
 Cadaval (etymologia popular): 317.
 Caldas-da-Rainha (ruínas): 317.
 Carnaxide (gruta): 241.
 Cascaes (grutas): 112.
 Cintra: Vide *Sintra*.
 Lisboa: 166 (inscripções romanas), 207 (inscripção arabe), 229 (aque ducto romano).
 Mamede (S.) de Obidos (fonte): 249.
 Setubal: Vide *Alferrar*.
 Sintra: 17 (xorca), 210 (necropole neolithica).

F) Tras-os-Montes:

- Adeganha («castello»; fundição de metaes): 64.
 Aldeia-Nova («mouros»): 178.
 Alfandega da Fé (castello; lenda): 182.
 Alijó (antas e castro): 264.
 Ardãos (ruínas): 162, 257.
 Argeriz (muralha): 258.
 Argosello («castello»): 163.
 Armadello («castello»): 163.
 Atei: 259. E vide *Atrim*.
 Atrim (ruínas): 164.
 Azinhoso (inscripção portuguesa): 260.
 Bessa (vária): 307.
 Bobadella (vária): 310 e 311.
 Bragança: 287 (inscripção portuguesa).
 Cabeça de Mouro (lenda): 316.
 Cabril (etymologia supposta): 317.
 Calvelhe («mouros»): 218.
 Castro de Avellãs: 285, 293.
 Mamede (S.) (ruínas): 299.
 Moncorvo (inscripção romana): 134 (inscripção romana), 168 (idem e antiguidades diversas).
 Val de Nogueiras: 248 (sepultura), 249 (fonte).
 Villa-Pouca-de-Aguiar (dolmens): 1 (arte neolithica), 81 (dolmens), 231 (dolmens, com estampa).
 Villa-Real (dolmens): 298.

BIBLIOGRAPHIA:

- Inscripções e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguesias ruraes, de Albano Bellino*: 58.
Revista de sciencias naturaes e sociaes: 60.
Milliarios do Conventus Bracaraugustanus, do P.º Martins Capella: 97 e 267.

Inscripções romanas de Braga (ineditas), de Albano Bellino: 116.
Revista de Guimarães: 192 e 295.
 Bibliographia epigraphica portuguesa: 11.
 A archeologia nos jornaes portugueses: 285.

BIOGRAPHIAS:

Joaquim Possidonio Narciso da Silva: 113.

CASTROS:

De Santa Olaya: 226.
 De Alijó: 264.
 De Avellãs: 285, 292.
 Vide no Indice geral: ANTIGUIDADES LOCAES e NOTÍCIAS VÁRIAS.

CURSOS ESCOLARES:

Cadeira de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa: 230.

DESENHOS (OS) DE FRANCISCO DE HOLLANDA: 33.

DIVINDADES:

Juppiter: 168.

EPIGRAPHIA:

A) Inscripções romanas:

1. LAPIDARES:

- a) funerarias: 25 (Marim), 80 (Beja), 134 (Moncorvo; com estampa) 130 (Tras-os-Montes).
- b) religiosas: 168 (Moncorvo; com estampa).
- c) indeterminadas: 144 (Alcaacer).

2. MARCAS FIGULINAS: 144 (Alcaacer).

B) Inscripções christãs latinas:

De Beja: 175.

C) Arabes:

Do cofre da sé de Braga: 204.
 De Beja: 205.
 De Mertola: 206.
 De Friellas: 207.
 De Goa: 208.

D) Inscripções em versos leoninos: 145.

E) Inscripção portuguesa:

De uma casa de Bragança: 287.

F) Factos diversos :

Bibliographia epigraphica portuguesa : 11.

Milliarios do Conventus Bracaraugustanus : 97.

Lapides de Olisípo : 166.

Vide tambem no Indice geral: **EXTRACTOS, BIBLIOGRAPHIA e ANTIGUIDADES LOCAES.**

ERRATAS : 144, 299, 301 e 331.

EXPOSIÇÃO :

Archeologica em Vianna do Castello : 269.

EXTRACTOS :**A) Notícias archeológicas :**

Da «Memorias parochiaes de 1758» : 62, 89, 136, 177, 252 e 305.

Do «Diccionario Geographico de Cardoso» : 54, 162.

B) Maximas e reflexões :

De A. Herculano : 228, 300 e 318.

FIM DO ANNO : 321.

GRUTAS :

De Cascaes : 112.

De Carnaxide : 241.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA PORTUGUESA :

A) Bibliographia ;

B) Biographias ;

C) Cursos escolares ;

E) Questionarios archeologicos ;

D) Museus.

Para todos estes assumptos vide no Indice Geral as respectivas palavras, e alem d'isso: **EPIGRAPHIA, EXPOSIÇÕES e NOTÍCIAS VÁRIAS.**

MUDANÇA DE NIVEL DO OCEANO : 301.

MUSEUS :

Museu Ethnographico Português : vide **ACQUIZIÇÕES** no Indice Geral.

De Elvas : 2.

De Faro : 25, 167 e 296 (com estampa).

Da Figueira da Foz : 234 (descripção geral), 293 (acquições).

Em Villa-Real (projecto) : 272.

Do Instituto de Coimbra : 274.

De Evora : 282.

NOTÍCIAS VÁRIAS:

- Sepulturas antigas: 54 (Beja), 174 (ibidem), 248 (Val de Nogueiras).
 Ruínas de Aramenha: 54
 Monumento da Mourinha: 83.
 Antiguidades dos arredores de Moncorvo: 170.
 Louças pintadas do castro de Santa Olaya: 226.
 O arcebispo de Evora e a archeologia: 278.
 Ruínas de S. Mamede (Tras-os-Montes): 299.
 A Arrabida: 320.

NUMISMÁTICA:**A) Iberica:**

Novas moedas de Salacia (com estampas): 280.

B) Romana:

Denarios da familia *Decimia* (com estampas): 104.
 Achado de diversas moedas: 292.

D) Portuguesa:

Medalhas do Conde da Ribeira Grande: 28.

E) Factos diversos:

Estudos numismaticos (casa da moeda em Beja; minas de cobre e azougue; ceitis de D. João III): 49.
 Cunhagem de moedas em Beja: 289.
 Vide no Indice Geral tambem: HISTORIA DA ARCHEOLOGIA PORTUGUESA,
 NOTÍCIAS VÁRIAS e ANTIGUIDADES LOCAES.

PROTECÇÃO dada pelos Governos, corporações officaes e Institutos scientificos á Archeologia.

1. Excavações na Persia: 243.
2. Sociedade de Archeologia christã de Athenas: 243.
3. Estudos archeologicos no Norte da Africa: 244.
4. Incripções do Baixo-Danubio: 244.
5. Sociedade de Archeologia de Bruxellas: 245.
6. Gabinete de Archeologia da Universidade de Messina: 290.
7. Museu do Louvre: 290.
8. Congresso archeologico de Malines: 291.

QUESTIONARIOS ARCHEOLOGICOS: 237.

ERRATA

Entre outros erros de somenos importancia, emende-se, a pag. 152, na antepenultima linha, *Tiberio* em *Claudio*.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em **carta registada** ou em **vale de correio**, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.



GETTY CENTER LINRARY



3 3125 00675 5116

